

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Mariana Xavier

Sistemas de Organização do Conhecimento sobre mulheres: parâmetros para sua construção e avaliação a partir da realidade do movimento de mulheres

São Paulo
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Mariana Xavier

Sistemas de Organização do Conhecimento sobre mulheres: parâmetros para sua construção e avaliação a partir da realidade do movimento de mulheres

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Área de Concentração Cultura e Informação.

Linha de Pesquisa Organização da Informação e do Conhecimento.

Orientadora Professora Doutora Nair Yumiko Kobashi.

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Xavier, Mariana
Sistemas de Organização do Conhecimento sobre
mulheres: : parâmetros para sua construção e avaliação a
partir da realidade do movimento de mulheres / Mariana
Xavier; orientadora, Nair Yumiko Kobashi. - São Paulo,
2023.
274 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação / Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão corrigida

1. Movimento de Libertação de Mulheres. 2. Feminismo.
3. Organização do Conhecimento. 4. Tesouro. 5. Ciência da
Informação. I. Kobashi, Nair Yumiko . II. Título.

CDD 21.ed. - 020

AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DO TRABALHO

Eu, Mariana Xavier, aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, não autorizo a divulgação de minha tese por mídia impressa, eletrônica ou qualquer outra, assim como a reprodução total desta tese após publicação, para fins acadêmicos desde que citada a fonte.

Prazo de liberação da divulgação da tese após a data da defesa:

- Imediato
- 06 meses
- 12 meses
- Não autorizo a divulgação

Justifique:

Será publicado em formato de artigo.

São Paulo, 6 de fevereiro de 2023

.....

Aluna Mariana Xavier

De acordo:

Orientadora Professora Doutora Nair Yumiko Kobashi

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS - CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

RESULTADO DA DEFESA DE TESE DOUTORADO

NOME DA ALUNA: MARIANA XAVIER

DATA DO EXAME: 06./10/2023

BANCA EXAMINADORA: Professores Doutores

NOME	Assinatura	Aprovada	Reprovada
Nair Yumiko Kobashi			
_____	_____	(x)	()
(Presidente)			
Luciana de Souza Gracioso			
_____	_____	(x)	()
Marcelo dos Santos			
_____	_____	(x)	()
Michely Jabala Mamede Vogel			
_____	_____	(x)	()
Míriam Gontijo Moraes			
_____	_____	(x)	()

DECISÃO FINAL: APROVADA (x) REPROVADA ()

Comentários da Banca (opcional):

AGRADECIMENTOS

Manifesto profundos agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos de doutorado concedida para desenvolver esta pesquisa e também à minha orientadora Nair Y. Kobashi pela paciência, orientação e generosidade.

Agradeço às voluntárias Gabriela, Tainah e Marina Klautau que abriram as portas do Coletivo Mulheres da Luz e disponibilizaram documentos e seu tempo para realização da presente pesquisa. À Cleone Santos, *in memoriam*.

Me desliguei do Coletivo Mulheres da Luz, mas a paixão pela ação e o sonho de modificação das realidades das mulheres pelo acesso ao conhecimento e preservação da memória do Movimento de Libertação das Mulheres é algo que levarei para a vida.

À equipe da Biblioteca da ECA onde parte dessa pesquisa foi realizada, Marina Macambyra, Walber Lustosa, Tiago Murakami, Ana Paula Lingner, Francisco Manoel de Lima, Gilberto Clanisa Mancini, Paulo Roberto Alves, Sheila Santana e Robson Pedrozo Rocha. A biblioteca da ECA nos últimos 14 anos foi minha primeira casa quando não havia casa. Ao Departamento de Fofoca da ECA.

Agradeço imensamente à Professora Asa Fujino que desde a qualificação de mestrado até a qualificação do doutorado fez contribuições valiosas a este trabalho. Expresso agradecimentos às Professoras Michelly Jabala Vogel e Luciana Gracioso pelas contribuições na banca de defesa de mestrado que abriram novos horizontes para a elaboração e desenvolvimento do projeto de doutorado. Todos os Professores do PPGCI - USP contribuíram para meu crescimento como aluna, pesquisadora, professora e sujeito político ativo, mesmo que não saibam: Marilda Lopes Ginez de Lara, Marcelo dos Santos, Cibele Araújo Camargo Marques dos Santos, Marivalde Moacir Francelin, Giovana Deliberali Maimone, Alan César Belo Angeluci, Rogério Mugnaini, Marcos Luiz Mucheroni, Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira e Ivete Pieruccini.

Agradeço às minhas amigas Adaci, Bê, Aline, Flávia, Lilian Salles, Carol, Julia Francisca, Letícia, Grazi, Letícia e Lila. Aos amigos João, Robson, Dino, Felipe, Ernesto e Abraão. Aos professores companheiros de trabalho na ETEC Parque da Juventude: Alexsandro Menezes Da Silva, Bruno Almeida dos Santos, Winderson Jesus Gomes, Wellington Ferreira Rodrigues, Elvirley Freires Rodrigues De Oliveira, Paula Almeida Morato De Laet, Paulo Gomes Da Silva, Suelen Camilo Ferreira, Daniela De Oliveira Correia, Gilberto Jorge Fernandes e Marcia Loduca Fernandes.

Agradeço à minha mãe que sempre esteve presente incentivando e apoiando e ao meu irmão Bruno Vicente Marques. Especiais agradecimentos à minha psicanalista Viviane Mottin.

Este trabalho foi o maior desafio de toda a minha vida. Mesmo quando não estava sentada escrevendo, estava pensando nele. Quando escrevia, parecia que nunca daria conta. Há muitas lacunas e correções, porém a coragem de tentar já é motivo de celebração.

Este trabalho teve apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - Programa de Demanda Social.

Não é fácil conversar sobre a questão feminista. As pessoas se sentem desconfortáveis, às vezes até irritadas. Tanto os homens como as mulheres não gostam de falar sobre o assunto, contornam rapidamente o problema. Porque a ideia de mudar o *status quo* é sempre penosa.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RESUMO

XAVIER, Mariana. **Sistemas de Organização do Conhecimento sobre mulheres:** parâmetros para sua construção e avaliação a partir da realidade do movimento de mulheres. 2023. 265 p. Tese (Doutorado em Ciências - Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O **tema** em discussão nesta pesquisa são os sistemas de representação de conhecimentos e de informação utilizados para acesso à produção teórica sobre mulheres, numa perspectiva de mudança social. O trabalho parte da seguinte hipótese: que as atuais pautas de luta das organizações e grupos de mulheres poderiam indicar as categorias de temas efetivamente importantes para representar informação sobre mulheres. O problema da pesquisa parte da indagação: como, no âmbito da Ciência da Informação, contribuir para que o conhecimento produzido por e para mulheres não seja perdido e possa ser acessado. Esse percurso, organizado e inscrito de modo adequado, em dispositivos de informação, sejam trazidos para o presente e abram caminhos para a produção de novos conhecimentos. Sabe-se, ainda, que a inscrição de informações em dispositivos requer um sistema de representação de informações sintonizado com a linguagem do campo em estudo. O **objetivo geral** da pesquisa é propor parâmetros para a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs) sobre mulheres que reflitam as pautas contemporâneas de luta das organizações e grupos de mulheres. A área da Ciência da Informação tem discutido o tema sob alguns pontos de vista: aspectos éticos na organização do conhecimento, crítica à lógica hierárquica dos sistemas e à abordagem do homem como categoria universal e neutra. Essas abordagens apontam a necessidade de atualização de tesouros e outros SOCS sobre mulheres. A análise de domínio, garantia literária e epistemologia para analisar as relações sociais de sexo presentes nos SOCs. Esta pesquisa propõe a necessidade de ampliação e aprofundamento das questões sobre as mulheres e um método para construir e manter tesouros mais adequados ao domínio em análise. A apresentação do percurso da pesquisa e os resultados obtidos estão organizados em seis seções: começamos com os procedimentos metodológicos para deixar claro para o leitor o que se discute e como foi feito o trabalho. A seção 3 trata do Movimento de Libertação das mulheres e consciência feminista com questões sociológicas, antropológicas e históricas/historiográficas. Nesta seção elaboramos um quadro de definições importantes para a discussão que será realizada. Na seção 4, discutem-se os Sistemas da Organização do Conhecimento - SOCs. São categorizadas a normas de produção, avaliação e uso de SOCs e discutidos os trabalhos que abordam Socs e produção do conhecimento de e sobre mulheres e relações sociais de sexo. Essas seções correspondem ao objetivo específico a, de definição de uma base referencial para um de Sistema de Organização do Conhecimento sobre mulheres. A seção 5 é composta de dados sobre a pesquisa de campo, realizada para responder ao objetivo específico b, que propõe identificar e sistematizar as reivindicações atuais dos movimentos de mulheres por meio de um estudo de caso. Esta seção aborda a trajetória, atuação e reivindicações do Coletivo Mulheres da Luz. A sexta seção apresenta e sistematiza os resultados da pesquisa. Na sétima seção são expostas as considerações finais, a análise crítica do percurso da pesquisa e propostas para a realização de novos estudos sobre o tema.

Palavras-chave: Feminismo. Tesouro. Ciência da Informação. Biblioteconomia.

ABSTRACT

XAVIER, Mariana. **Knowledge Organization Systems about women: parameters for their construction and evaluation based on the reality of the women's movement.** 2023. 265 p. Tesis (Doctorate degree in Sciences - Information Science) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

The topic under discussion in this research is the knowledge and information representation systems used to access theoretical production on women, from a perspective of social change. The worked with the following hypothesis: that the current agendas of women's organizations and groups could indicate the categories of themes that are effectively important for representing information about women. The research problem is based on the question: how, within the scope of Information Science, can we help ensure that the knowledge produced by and for women is not lost and can be accessed? This journey organized and inscribed appropriately in information devices, can be brought into the present and open up paths for the production of new knowledge. It is also known that inscribing information in devices requires an information representation system that is in tune with the language of the field under study. The overall aim of the research is to propose parameters for the construction of Knowledge Organization Systems (SOCs) on women that reflect the contemporary agendas of women's organizations and groups. The field of Information Science has discussed the subject from a number of points of view: ethical aspects in the organization of knowledge, criticism of the hierarchical logic of systems and the approach of man as a universal and neutral category. These approaches point to the need to update thesauruses and other SOCS on women. Domain analysis, literary collateral and epistemology to analyze the social relations of sex present in SOCs. This research proposes the need to broaden and deepen questions about women and a method for building and maintaining thesauruses that are more appropriate to the domain under analysis. The presentation of the course of the research and the results obtained are organized into six sections: we begin with the methodological procedures to make it clear to the reader what is being discussed and how the work was carried out. Section 2 deals with the Women's Liberation Movement and feminist consciousness with sociological, anthropological and historical/historiographical issues. In this section we draw up a framework of definitions that are important for the discussion that will take place. Section 3 discusses Systems of Knowledge Organization - SOCs. The standards for the production, evaluation and use of SOCs are categorized and the works that address SOCs and the production of knowledge by and about women and social relations of sex are discussed. These sections correspond to specific objective a, the definition of a reference base for a Knowledge Organization System on women. Section 4 is made up of data on the field research carried out to answer specific objective b, which proposes identifying and systematizing the current demands of women's movements through a case study. This section looks at the trajectory, activities and demands of the Women of Light Collective. The fifth section presents and systematizes the results of the research. The sixth section presents the final considerations, a critical analysis of the research and proposals for further studies on the subject.

Keywords: Feminism. Thesaurus. Information Science. Librarianship.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
2.1	REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	17
2.2	ANÁLISE DOCUMENTAL	24
2.3	OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	24
3	REFERENCIAL TEÓRICO - MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DAS MULHERES	29
3.1	PATRIARCADO - OPRESSÃO DAS MULHERES - DOMINAÇÃO MASCULINA	30
3.2	RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO	32
3.3	CLASSE SEXUAL	33
3.4	CASTA SEXUAL	36
3.5	DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO	37
3.6	SEXO E GÊNERO	40
3.7	MULHER/MULHERES	46
3.8	MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DE MULHERES/MOVIMENTO FEMINISTA	46
3.9	CONSUBSTANCIALIDADE E COEXTENSIVIDADE	52
3.10	PROSTITUIÇÃO E PORNOGRAFIA	56
3.11	HISTÓRIA DA MULHERES	64
3.12	MULHERES E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: a descontinuidade na produção intelectual feminina	68
3.13	FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE MULHERES	71
3.14	ESTUDOS SOBRE MULHERES/ESTUDOS DE GÊNERO	74
3.15	BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO SOBRE MULHERES	75
4	REFERENCIAL TEÓRICO - PARÂMETROS PARA CONSTRUÇÃO DE SISTEMAS DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO - SOCS	83
4.1	BREVE APRESENTAÇÃO DOS SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	83
4.2	NORMAS – NORMA INTERNACIONAL PARA TESAuros	91
4.3	COMPARAÇÃO E AVALIAÇÃO DE SOCS SOBRE MULHERES	94
4.4	SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE MULHERES	97
5	PESQUISA PARTICIPANTE NA ASSOCIAÇÃO AGENTES DA CIDADANIA - MULHERES DA LUZ (BRASIL).	191
5.1	ENTRADA	191
5.2	COLETA DE DADOS - TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO - COLETIVO MULHERES DA LUZ	197
5.2.1	Trajetória - de 2017 até 2019	197
5.2.2	Pandemia - Atuação do Coletivo de 2020 em diante	202
5.2.3	Parcerias com o setor público	215
5.2.4	O que dizem as mulheres situação de prostituição	216
5.3	CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS	218
6	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	220
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	235
	REFERÊNCIAS	240
	APÊNDICE A - Artigos relacionados - Revisão bibliográfica	256
	ANEXO A - Comparação de vocabulários feministas (KOS)	268

1 INTRODUÇÃO

O tema em discussão nesta pesquisa são os Sistemas de Organização do Conhecimento utilizados no acesso à produção teórica sobre mulheres, numa perspectiva de mudança social. A pesquisa teve como ponto de partida a indagação: como contribuir, no âmbito da Ciência da Informação, para que o conhecimento produzido por e para mulheres seja armazenado, organizado e acessado? O objetivo central da pesquisa é propor formas de representar, pela linguagem, as questões sobre as mulheres e suas lutas, na expectativa de trazer o passado para o presente e produzir novas reflexões e novos conhecimentos.

O ponto de partida da pesquisa fundamenta-se na hipótese de que os instrumentos de organização e de acesso a conteúdo informacionais de documentos sobre e para mulheres apresentam lacunas significativas sobre as pautas atuais de discussão sobre o tema. Não permitem ter acesso universalizado à produção científica contemporânea, principalmente aos documentos sobre as ações políticas protagonizadas por mulheres. Estão ausentes nessas ferramentas termos pertinentes às pautas atuais de pesquisa e de luta dos movimentos e coletivos de mulheres. Impõem-se, portanto, adotar novas perspectivas teóricas e gestos para documentar tal produção e torná-la efetivamente acessível.

A estratégia para alcançar os objetivos da pesquisa foi realizada da seguinte forma: a) análise da produção científica sobre e do movimento de libertação de mulheres; b) análise de documentos de organizações e coletivos femininos; d) estudo de caso por meio de pesquisa participante, cujo objeto é o Coletivo de Mulheres da Luz. A pesquisa participante justifica-se porque este coletivo, constituído por mulheres vulneráveis, pertencentes a estratos subalternos da sociedade, enfrenta todos os estigmas a que são submetidas as mulheres, de forma geral, acrescidas dos estigmas específicos de populações vulneráveis.

Esta pesquisa aprofunda as questões apresentadas na pesquisa de mestrado (XAVIER, 2018), na qual foi discutida a constituição de bibliotecas, centros de documentação, museus e coleções especializadas sobre mulheres. Constituir estas unidades de informação é um ato político, pois documentar contribui para a compreensão do papel do movimento das mulheres na história, concretiza um marco para criar uma memória de mulheres e dá subsídios para o movimento político de

busca de autonomia. A necessidade de coletar e documentar informações relacionadas às mulheres, em particular ao movimento de libertação de mulheres, ao acesso à educação, às discussões sobre os direitos da mulher e às pesquisas científicas sobre o tema estão na base da criação de muitos dos centros e bibliotecas sobre mulheres, ao longo do século XX. Estes lugares foram criados com o objetivo de armazenar, documentar e difundir o que é conhecido como *women's information* (JORNET BENITO; TUSET PÁEZ, 2016, p. 2).

O tema em discussão, nesta tese, vai além do trabalho de mestrado, que procurou identificar e mapear essas instituições em perspectiva histórica. O foco do presente trabalho são as reivindicações políticas do movimento de libertação de mulheres para contribuir para a organização do conhecimento produzido pelos movimentos femininos com o fim de ampliar o acesso a essas informações.

Nesse sentido, o **objetivo geral** da pesquisa é propor parâmetros teóricos e metodológicos para a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs) sobre mulheres que reflitam as pautas contemporâneas de luta das organizações e grupos de mulheres.

Atingir esse objetivo geral passa pelos seguintes **objetivos específicos**:

- a) **Identificar** e sistematizar as reivindicações atuais dos movimentos de mulheres.
- b) Sistematizar a terminologia contemporânea para a construção de um Sistema de Organização do Conhecimento sobre mulheres.

Espera-se, como resultado da pesquisa, apresentar uma proposta teórica e metodológica de construção de Sistemas de Organização do Conhecimento sobre mulheres que atendam as características das lutas das mulheres, na contemporaneidade.

A organização das mulheres em diferentes tipos de associações e grupos de interesse revela um tipo de protagonismo cujas reivindicações são amplas: cidadania, justiça, democracia, salários iguais, participação política, direito ao aborto legal seguro e gratuito, partos humanizados, moradia, proteção social, entre outras. Tal protagonismo tem sido estudado por sociólogos, economistas, antropólogos e profissionais da saúde. É vasta também a literatura científica produzida tanto por grupos de mulheres quanto por organizações políticas.

A área da Ciência da Informação tem discutido o tema sob alguns pontos de vista. Há, no Brasil, trabalhos nos quais predominam os aspectos éticos das

ferramentas de organização de informação (PINHO, 2017; GUIMARÃES; PINHO; MILANI, 2016, CAMPBELL; GUIMARÃES; PINHO; MARTINEZ-AVILA; NASCIMENTO, 2017; PINHO; MILANI, 2020; MILANI, 2015), entre outros.

Internacionalmente, há pesquisas que criticam, predominantemente, os Sistemas de Organização do Conhecimento que apresentam o homem, adulto do sexo masculino, como categoria universal e neutra e, as mulheres e outros grupos, como exceções à regra (FOSKETT, 1971; OLSON, 1997; 2001; 2002; 2003; 2007; 2011a; 2011b; OLSON; FOX, 2010; OLSON; SCHLEGL, 2001; FOX, 2011; 2016; FOX; OLSON, 2012; FOX; REECE, 2012). Há também trabalhos que perpassam esta discussão e abordam de forma específica os tesouros e outros Sistemas de Organização do Conhecimento sobre mulheres (LÓPEZ-HUERTAS; TORRES RAMÍREZ, 2005; BRAVO RODRÍGUEZ, 2007; ROMERO MILLAN; NAUMIS PENA, 2017; SCHENK, 2016; GRUBER, 2022; GERHALTER, 2022; ARGENTE JIMÉNEZ; CABÓ CARDONA, 2010; SAMUELSSON, 2010; VRIEND, 2011; QUINTERO VELÁSQUEZ, 2001; TEIXEIRA; SOUSA, 2020; MUÑOZ-MUÑOZ, 2004; MCTAVISH; NEAL; WATHEN, 2011; BRAVO; SUÁREZ, 2001; LÓPEZ-HUERTAS, 2006; QUINTERO VELÁSQUEZ, 2006; RIBEIRO; DECOURT; ALMEIDA, 2017; SIMÕES, M. da G.; BRAVO, B. R.; PESTANA, 2018; MARÍN SANTOS; MONDÉJAR MADINA; SANTOS SERRA, 1997; LÓPEZ-HUERTAS; BARITÉ; TORRES RAMIREZ, 2004; ALMEIDA; SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ-ÁVILA, 2021; ARDAILLON; RIDENT, 1996; SALVAI, 2013).

Como assunto adjacente, mas que aborda as relações sociais de sexo (definição de relações sociais de sexo em 3.2), há autores que adotam os seguintes métodos: análise de domínio, garantia literária. As abordagens epistemológicas, embora presentes, são raras. (SZOSTAK; GNOL; LÓPEZ-HUERTAS, 2016; LÓPEZ-HUERTAS, 2016; HJØRLAND, 2020).

Este trabalho, tenta avançar e ir além das fronteiras atuais dos conhecimentos produzidos sobre o tema, baseados quase que exclusivamente na análise dos preconceitos presentes nos Sistemas de Organização do Conhecimento tradicionais. Partimos do princípio que a organização da produção do conhecimento científico sobre mulheres é de natureza política, social e cultural.

Antes de propor uma abordagem adequada para os propósitos da pesquisa, é necessário perguntar: quais são as questões importantes para os movimentos de mulheres? As ferramentas/sistemas atuais de organização da informação

incorporam suas reivindicações? São úteis para organizar e representar informação em um contexto protagonizado pelas mulheres? Considera-se necessário, portanto, ir além das questões éticas e sociais gerais que predominam nos estudos realizados no campo da Ciência da Informação. O conhecimento das atuais pautas de luta das organizações e grupos de mulheres, tais como o *Women's Declaration International* (presente em 50 países) e grupos brasileiros, como o Mulheres da Luz (Brasil) pode indicar as questões efetivamente importantes para construir sistemas de organização de informação sobre mulheres, no contexto contemporâneo. Com a posse dessas informações poderá revelar, de forma mais rigorosa, a concepção subjacente a cada Sistema de Organização da Informação e Conhecimento.

Esta pesquisa se justifica principalmente por partir da realidade do movimento de libertação de mulheres para discutir a organização da informação sobre mulheres. Esta discussão poderá contribuir para a preservação, manutenção e difusão de informações sobre o tema, que, como apontado por Vriend (2011): se não houver registros de movimentos de mulheres e das vidas de mulheres (vale também para atividades, emoções e sonhos), as gerações futuras não poderão ser inspiradas por elas.

Passamos agora à exposição do percurso da pesquisa organizado em seções. Na Introdução (seção 1), contextualizamos o tema, descrevemos o problema de pesquisa, o objetivo geral e o dividimos em dois objetivos específicos. São descritos, nesta seção, os passos tomados para atingir cada um dos objetivos específicos.

Na seção 2 apresentamos os procedimentos metodológicos evidenciando o que se discute e como foi feito o trabalho.

A seção 3 trata do Movimento de Libertação das mulheres e consciência feminista a partir da sociologia, antropologia e história/historiografia. Trata-se, portanto, da apresentação do Quadro Teórico de Referência. Esta seção corresponde ao **objetivo específico a** que define a base referencial teórica para construir um Sistema de Organização do Conhecimento sobre mulheres. Nesta seção são discutidos os termos: Patriarcado - Opressão das mulheres - Dominação masculina, Relações sociais de sexo, Classe Sexual, Casta Sexual, Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo, Sexo e Gênero, Mulher/Mulheres, Movimento de libertação de mulheres/Movimento feminista, Consustancialidade, Prostituição, História das mulheres, Mulheres e Produção do conhecimento, Fontes de

informação sobre mulheres, Estudos sobre mulheres/Estudos de Gênero e Bibliotecas e Centros de Informação sobre Mulheres.

Na seção 4, discutem-se os Sistemas da Organização do Conhecimento – SOCs. Na primeira parte desta seção são feitas referências à literatura especializada relevante, quando apropriado. Na segunda parte, são descritas e categorizadas as normas de produção, avaliação e uso de SOCs e, na terceira, apresentam-se critérios de comparação e avaliação de SOCs sobre mulheres. Na quarta parte, é apresentada uma revisão integrativa da literatura que discute SOCs e produção do conhecimento de e sobre mulheres e relações sociais de sexo.

A seção 5 é dedicada à pesquisa de campo, correspondente ao **objetivo específico b** que propõe identificar e sistematizar as reivindicações atuais dos movimentos de mulheres por meio de um estudo de caso, mais especificamente uma observação participante. Esta seção aborda a trajetória e atuação do Coletivo Mulheres da Luz desde sua fundação em 2019, até o fim de 2022.

A seção 6 analisa e discute as questões das seções 2, 3, e 4 para propor a base conceitual de SOCs sobre mulheres. E por fim, são expostas as considerações finais, a análise crítica do percurso da pesquisa e discussão da necessidade de novos estudos sobre o tema, lançando um olhar para o futuro digital e a relevância dos SOCs em um cenário de digitalização de acervos processados por métodos de indexação automática.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, qual seja, o de propor parâmetros e recomendações para construção e uso de tesauros/SOC na organização de informações sobre mulheres, serão adotados os procedimentos descritos na próxima seção.

2 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, apoiada em revisão integrativa de literatura, análise documental e observação participante.

A seguir serão apresentados os detalhes das estratégias de pesquisa utilizadas na Revisão integrativa de literatura, na Análise documental e na Observação participante.

2.1 REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Para definir a base referencial para a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento, buscamos pesquisas sobre SOCS analisados sob pontos de vista feministas. Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica integrativa, método desenvolvido na área da saúde para realização de pesquisas baseadas em evidências. De acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008, p. 759), o “método tem a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado”. Dessa maneira, segundo as autoras, na revisão integrativa é possível realizar uma síntese do estado do conhecimento sobre um determinado assunto, apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos e as conclusões gerais a respeito de uma área particular de estudo.

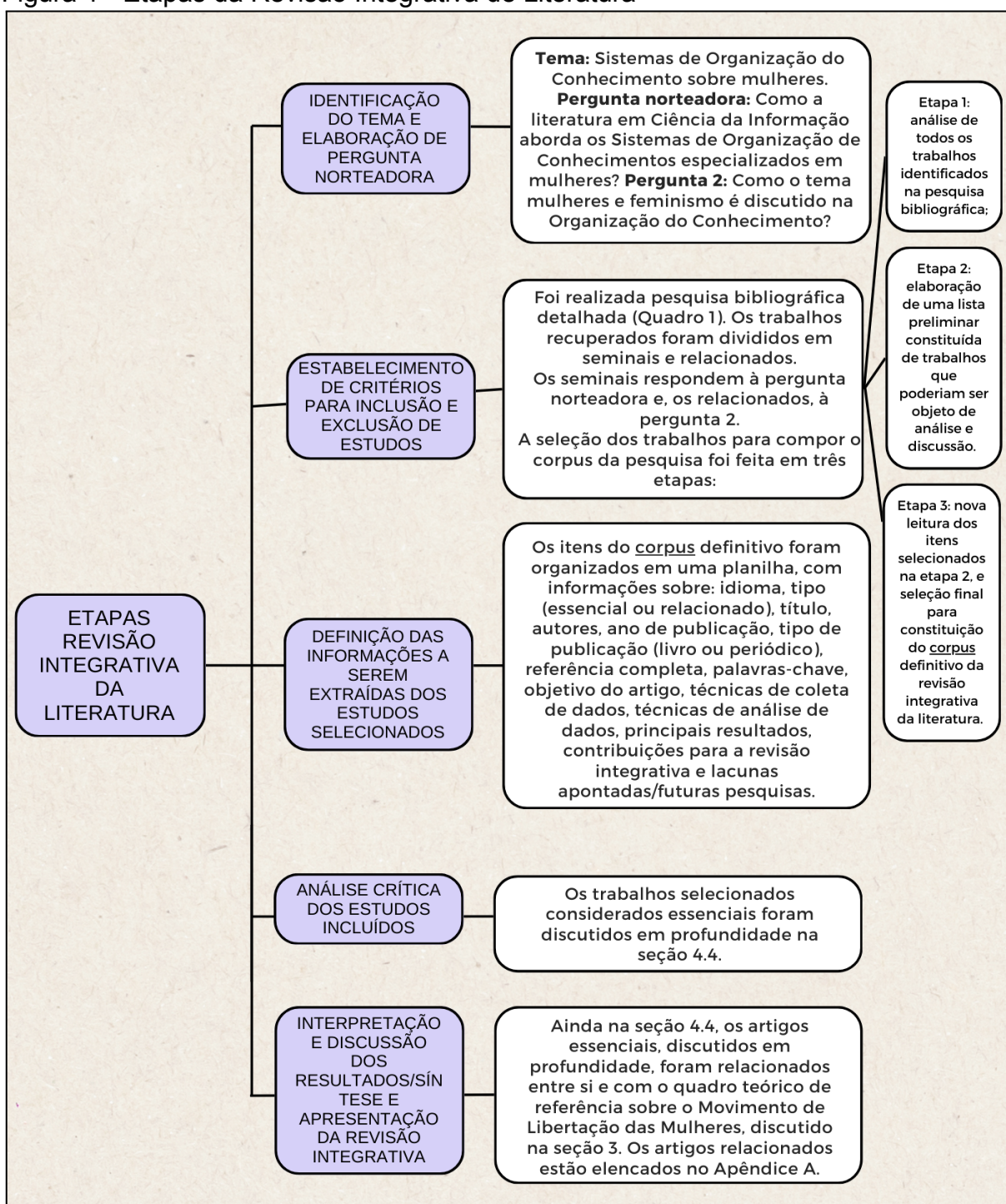
Além da síntese do conhecimento, Souza, Silva e Carvalho (2010) mencionam a aplicabilidade na prática dos resultados de estudos significativos mapeados na revisão integrativa. Este método distingue-se da revisão sistemática e da meta-análise porque permite a inclusão de estudos experimentais, não-experimentais, teóricos e empíricos. De acordo com os autores acima, na revisão integrativa são percorridas seis etapas, similares àquelas utilizadas no desenvolvimento de pesquisas científicas:

- Primeira etapa: identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa - Elaboração de pergunta norteadora;

- Segunda etapa: estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou busca na literatura;
- Terceira etapa: definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/categorização dos estudos - Coleta de dados;
- Quarta etapa: avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa - análise crítica dos estudos incluídos;
- Quinta etapa: interpretação/discussão dos resultados;
- Sexta etapa: apresentação da revisão/síntese do conhecimento - apresentação da revisão integrativa (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008; SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Para maior clareza, elaboramos um infográfico com as etapas da revisão integrativa da literatura e a sistematização de cada etapa percorrida nesta pesquisa.

Figura 1 - Etapas da Revisão Integrativa de Literatura



Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, são detalhadas as etapas da Revisão Integrativa de Literatura:

Etapa 1: identificação do tema e elaboração de pergunta norteadora.

O **tema** em discussão é Sistemas de Organização do Conhecimento sobre mulheres. A pergunta norteadora é saber como a literatura em Ciência da

Informação aborda os Sistemas de Organização do Conhecimentos especializados em mulheres. Um desdobramento desta questão é como o tema mulheres e feminismo é discutido na Organização do Conhecimento.

Etapa 2: estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos.

Foram consultadas as bases de dados, Brapci¹, SciELO², Dialnet³, e-LIS⁴, Scopus⁵, Web of Science⁶ e realizada pesquisa direta no periódico *Knowledge Organization*⁷ um dos mais importantes da área. A seguir, apresentamos um quadro (QUADRO - 1) com as bases de dados consultadas, o ano da consulta, os termos utilizados e a quantidade de trabalhos recuperados e considerados relevantes.

Esse levantamento teve início em 2019 e foi atualizado em 2023. A estratégia de busca e as bases de dados consultadas foram as mesmas em 2019 e 2023. No levantamento bibliográfico realizado em 2023, foram analisados e selecionados os trabalhos considerados pertinentes, de forma a compor o *corpus* final.

Os resultados das buscas foram exportados para uma planilha. Em seguida, foi feita a leitura do título e do resumo, para uma nova triagem (limpeza de dados), retirando-se as duplicatas e os trabalhos não pertinentes, que resultou num *corpus* de 107 trabalhos. Na etapa de leitura e fichamento, esses 107 artigos foram primeiro classificados em artigos **essenciais** (trabalhos que se relacionam diretamente ao tema desta pesquisa) e artigos **relacionados**.

Os trabalhos **essenciais**, são aqueles que respondem à questão da revisão integrativa: como a literatura em Ciência da Informação aborda os Sistemas de Organização do Conhecimentos especializados em mulheres. Já os trabalhos **relacionados** são os que respondem ao desdobramento desta questão que é: como o tema mulheres e feminismo é discutido na Organização do Conhecimento?

¹ Brapci - Base de Dados em Ciência da Informação - Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação publicadas no Brasil desde 1972. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/>

² SciELO - Scientific Electronic Library Online. Disponível em: <https://www.scielo.org>

³ Dialnet é um portal de difusão da produção científica hispânica que iniciou seu funcionamento no ano 2001 especializado em ciências humanas e sociais. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/>

⁴ e-LIS - Eprints in Library and Information Science é um repositório internacional de acesso aberto para trabalhos acadêmicos em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/>

⁵ Scopus - Banco de dados de resumos e citações organizado por especialistas. Acesso restrito por assinatura.

⁶ Web of Science - Contém dados sobre conteúdo científico, impacto e colaborações desde 1900 até os dias atuais em escala global. Acesso restrito por assinatura.

⁷ KNOWLEDGE ORGANIZATION: ISKO, 1974-2022. ISSN online 0943-7444. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/zeitschrift/0943-7444>. Acesso em: 25 dez. 2022.

Após essa primeira categorização, os itens do *corpus* foram separados por idiomas (português, espanhol, inglês e alemão) e ordenados cronologicamente, por idioma, do mais antigo para o mais recente. A leitura seguiu a mesma ordem.

Etapa 3: definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados.

Para cada trabalho analisado, foi preenchida uma linha na planilha contendo informações sobre o idioma, tipo (seminal ou relacionado), título, autores, ano de publicação, periódico, referência completa, palavras-chave, *keywords*, objetivo do artigo, técnicas de coleta de dados, técnicas de análise de dados, principais resultados, contribuições para a revisão integrativa e lacunas apontadas/futuras pesquisas. Dessa maneira, foi possível construir o referencial teórico sistematizado sobre a temática mulheres e SOCs apresentado na subseção 4.4, que contém a **Etapa 4:** análise crítica dos estudos incluídos, a **Etapa 5:** interpretação e discussão dos resultados e a **Etapa 6:** apresentação da revisão/síntese do conhecimento - apresentação da revisão integrativa.

A partir destas etapas, foi possível, na subseção 4.4, identificar as lacunas presentes nos SOCs tradicionais de organização e tratamento de informações sobre mulheres.

Na próxima página, o Quadro 1 apresenta os dados das fontes consultadas, as estratégias de buscas, quantos foram recuperados e quantos foram considerados relevantes para este tema.

Quadro 1 - Dados levantamento bibliográfico

Base de dados	A N O	Termos	Resulta do	Relevant es
Brapci		organização da informação AND "mulheres"; organização da informação AND "mulher"; organização do conhecimento AND "mulher"; tesouro AND mulher; tesouro AND genero; organização da informação AND "genero"; organização da informação AND feminismo; organização da informação AND feminista; organização do conhecimento AND feminismo; organização do conhecimento AND feminista; tesouro AND feminismo; tesouro AND feminista.	87	12
Scielo.org		os mesma de BRAPCI	6	0
Dialnet	2 0 1 9	tesouro genero; tesouro mujer; tesouro feminismo; tesouro feminista; lenguajes documentales genero; lenguajes documentales mujer; lenguajes documentales mujeres; lenguajes documentales feminismo; lenguajes documentales feminista; organización del conocimiento mujer; organización del conocimiento mujeres; organización del conocimiento feminismo; organización del conocimiento feminist*; organización del conocimiento genero; organización de la información mujer*; organización de la información mujeres; organización de la información feminismo; organización de la información feminist*; organización de la información genero.	492	10
E-lis		Women, mulher, femin*, genero, gender na categoria de Information treatment for information services	30	11
Knowledge Organization		feminism or feminist or women's studies or gender roles or women's rights (estratégia sugerida pela base de dados que indexa o periódico)	8	6
Knowledge Organization	2 0	women or female or woman or females (estratégia sugerida pela base de dados que indexa o periódico © 2022 EBSCO Industries, Inc.)	8	4
Knowledge Organization	2 3	hope olson	13	7
Knowledge Organization		pesquisa número a número	868	3

Base de dados	ANNO	Termos	Resultado	Relevantes
Scopus		women and feminism and feminist and "gender studies"	7	5
Web of Science		"Knowledge Organization" (Tópico) and women (Tópico) or feminis* (Tópico) and gender (Tópico). Filtrado por: Categorias da Web of Science: Information Science Library Science. Tipos de documento: Acesso antecipado or Artigo de revisão or Artigo	99	9
Dialnet		tesauro gênero	200	4
		lenguajes documentales mujer	53	2
		organización del conocimiento feminista	118	3
		"organización del conocimiento" mujeres	7	2
		organización del conocimiento feminista	118	4
Brapci		Igual BRAPCI 2019	87	36 - 21 sem duplicatas
Portal Periódicos CAPES		"hope olson"	58	9
Catálogo IIAV/Atria		Busca por thesaurus - Refined by : thesaurus	32	11
Avulsos				6
Total			2694	140

Fonte: Elaborado pela autora.

2.2 ANÁLISE DOCUMENTAL

A análise documental foi feita nos documentos produzidos no âmbito do movimento de libertação de mulheres, na documentação referente à organização coletiva de reivindicação de direitos, aliada à observação participante. Nesta documentação foram definidas as categorias de análise, procedimento descrito na próxima subseção.

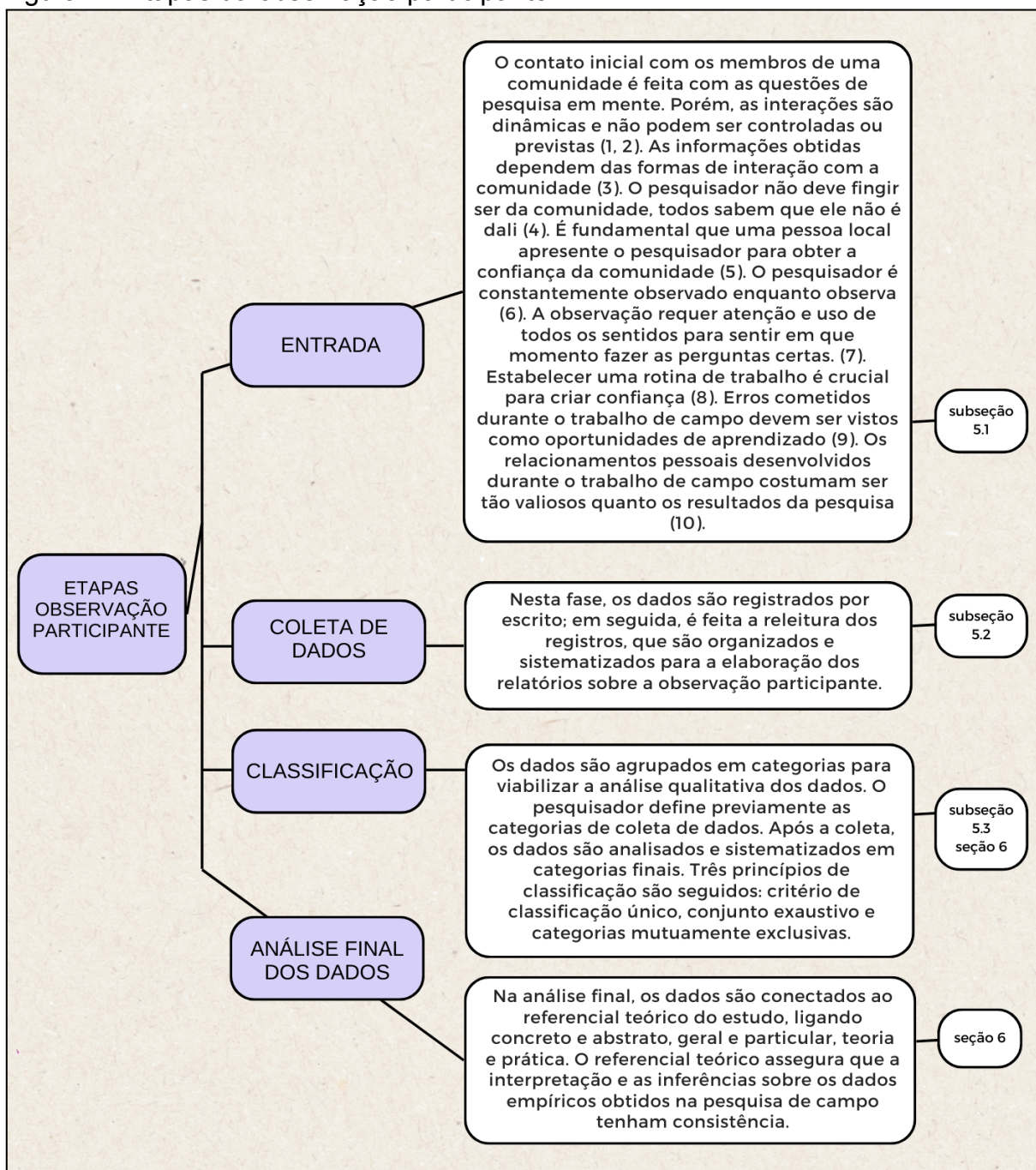
2.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Para atingir o objetivo específico: “identificar e sistematizar as reivindicações atuais dos movimentos de mulheres de maneira ampla”, foi realizado também um estudo de caso por meio de pesquisa de observação participante. Esta etapa foi realizada na Associação Agentes da Cidadania - Mulheres da Luz (Brasil). O objetivo deste procedimento foi partir da realidade de um coletivo de mulheres para propor a base conceitual de Sistemas de Organização da Informação e Conhecimento.

Para Neto (2004, p. 59), a observação participante “se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. Com a observação participante conseguimos “captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real” (NETO, 2004, p. 60).

A observação participante foi realizada em quatro momentos: **a entrada, a coleta de dados, classificação e análise final dos dados**. A seguir elaboramos um infográfico com as etapas da observação participante e a descrição dos procedimentos utilizados em cada etapa.

Figura 2 - Etapas da observação participante



Fonte: Elaborado pela autora.

Entrada: Licia Valladares (2007) compila dez mandamentos da observação participante sobre a fase de entrada (apresentada em 5.1). A autora baseia-se na obra *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e*

degradada, de Whyte (2005⁸) que, segundo Valladares, “constitui um verdadeiro guia de observação participante em sociedades complexas”.

Os dez "mandamentos" que podem ser depreendidos da leitura do livro são resumidos a seguir, porém serão discutidos de forma mais aprofundada na seção 5:

- 1) A observação participante envolve abordar as questões da pesquisa e entrar na comunidade observada.
- 2) O pesquisador não tem controle sobre a situação e não pode prever os resultados.
- 3) A qualidade das informações obtidas depende da interação entre o pesquisador e os membros da comunidade.
- 4) O pesquisador não deve tentar modular a comunidade, pois pode parecer insincero.
- 5) É necessário haver uma pessoa do local para apresentar o pesquisador à comunidade e criar confiança.
- 6) O pesquisador é constantemente observado enquanto observa.
- 7) A observação participante exige utilizar todos os sentidos e aprender quando se deve fazer perguntas.
- 8) Estabelecer uma rotina de trabalho é crucial para criar confiança.
- 9) Os erros cometidos durante o trabalho de campo devem ser usados como oportunidades de aprendizado.
- 10) Os relacionamentos pessoais desenvolvidos durante o trabalho de campo geralmente são mais valiosos do que os resultados da pesquisa (WHYTE, 2005⁹ *apud* VALLADARES, 2007).

Sobre a interpretação qualitativa de dados, usamos o método hermenêutico-dialético com base em Minayo (1992¹⁰ *apud* GOMES, 2004). De acordo com Gomes (2004), este método de análise apresenta duas suposições: a primeira é que não há acordo no processo de produção de conhecimento e a segunda é que a ciência se baseia na relação dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que surge na realidade concreta. Os resultados da pesquisa em ciências sociais não são uma representação completa da realidade social e não podem ser reduzidos a dados (GOMES, 2004).

De acordo com Gomes (2004), são dois os níveis utilizados na interpretação neste método: o primeiro, envolve determinações fundamentais que incluem conjuntura socioeconômica e política, história do grupo e política. Esses dados são apresentados nas subseções 5.1 e 5.2. Essas determinações devem ser definidas

⁸ WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

⁹ WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

¹⁰ MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1992.

na fase exploratória e serão usadas para formular as categorias gerais para análise de dados. O segundo nível envolve a análise dos fatos descobertos durante a investigação. Isso inclui observar comportamentos, costumes, instituições e rituais (GOMES, 2004). Essa análise está em 5.3 e na seção 6.

Após a entrada, foram seguidos os seguintes passos:

(a) Ordenação dos dados: essa fase corresponde à **coleta dos dados**, que são obtidos e mapeados por meio de transcrição, releitura, organização de relatórios e dados de observação participante (GOMES, 2004). Esses dados estão na subseção 5.2.

(b) **Classificação dos Dados**: Aqui, são usadas categorias. A palavra categoria, segundo Gomes (2004), é um conceito que agrupa elementos ou aspectos relacionados, usado para classificar e agrupar ideias em pesquisas qualitativas. O pesquisador, de acordo com Gomes (2004), deve definir as categorias antes do trabalho de campo e depois formulá-las novamente após a coleta de dados para compará-las às categorias gerais e abstratas definidas inicialmente. Para se criar as categorias, podem ser seguidos três princípios de classificação/categorização: o primeiro princípio envolve o uso de um único critério de classificação para estabelecer o conjunto, o segundo princípio exige que o conjunto seja exaustivo, o que significa que qualquer resposta pode ser incluída em uma das categorias e o terceiro princípio afirma que as categorias devem ser mutuamente exclusivas, sem que nenhuma resposta seja incluída em mais de uma categoria (SELLTIZ, 1965¹¹ *apud* GOMES, 2004).

(c) **Análise final**: Nessa etapa, os dados são conectados ao referencial teórico do estudo; as conexões são especificadas em concreta e abstratas, gerais e particulares, teóricas e práticas (GOMES, 2004). Segundo Neto (2004, p. 61), “é preciso que tenhamos uma base teórica para podermos olhar os dados dentro de um quadro de referências que nos permite ir além do que simplesmente nos está sendo mostrado”. Essa análise é apresentada na seção 6.

O Quadro a seguir ilustra os procedimentos metodológicos utilizados para desenvolver cada objetivo específico:

¹¹ SELLTIZ, Claire. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: APU, 1965.

Quadro 2 - Quadro de objetivos, tarefa/estratégia de pesquisa e fonte.

Objetivos específicos	Estratégias de pesquisa	Fontes
Definir uma base referencial para um de Sistema de Organização do Conhecimento sobre mulheres.	Revisão integrativa de literatura.	Brapci, Scielo.org, Dialnet, E-lis, Knowledge Organization, Scopus, Web of Science, Portal Periódicos CAPES, Catálogo IIAV/Atria.
Identificar e sistematizar as reivindicações atuais dos movimentos de mulheres.	Observação participante e análise documental.	Site da organização, Documentos institucionais, atividades presenciais, reuniões de gestão.

Fonte: elaborado pela autora.

Para estabelecer o quadro teórico de referência sobre o movimento de libertação das mulheres foram utilizadas obras de autoras que publicaram pesquisas em formato de livros e artigos, com embasamento teórico desenvolvido dentro do movimento político de libertação de mulheres, apresentadas a seguir. As definições esclarecem os conteúdos dos termos adotados nas discussões aqui realizadas.

Gomes (2004) reforça que o produto final da análise de uma pesquisa deve ser sempre encarado de forma provisória e aproximativa. Esse posicionamento por nós partilhado baseia-se no fato de que, em se tratando de ciência, as afirmações podem superar as conclusões previamente definidas e/ou podem ser superadas por afirmações futuras.

3 REFERENCIAL TEÓRICO - MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DAS MULHERES

Esta seção se desenvolveu a partir das seguintes perguntas:

- Quais os principais conceitos trabalhados?
- Como e quando surge esse conceito na literatura?
- Qual a definição desse conceito?
- Quais são as linhas teóricas que estudam esse conceito e onde esta pesquisa se encaixa?

Para respondê-las foram listados inicialmente conceitos relacionados ao Movimento de Libertação de Mulheres. Depois, para elaborar as definições dos conceitos relacionados à Organização do Conhecimento, sentimos a necessidade de fazer uma revisão bibliográfica mais estruturada. Assim, foi feita uma revisão integrativa de literatura para apreender como os Sistemas de Organização do Conhecimento sobre mulheres e o tema mulheres, feminismo e relações sociais de sexo estavam sendo abordados nos Sistemas de Organização do Conhecimento tradicionais na literatura em Ciência da Informação. Esta revisão está na subseção 4.4.

Portanto, nesta seção abordamos questões sobre a libertação das mulheres e a consciência feminista do ponto de vista da produção do conhecimento nos campos sociológico, antropológico e histórico/historiográfico, e outros campos. Essas questões são discutidas em muitos campos do conhecimento, com fortes características interdisciplinares.

A perspectiva sociológica discute as relações de poder; a antropológica, a divisão sexual do trabalho, a prostituição; o histórico/historiográfico, a história das mulheres e interpretações do percurso do movimento de mulheres. Uma abordagem histórica da trajetória feminista é a divisão do movimento de libertação das mulheres nas chamadas *ondas feministas*, em que a primeira onda é caracterizada pela luta das mulheres do século XIX, centradas nas lutas pelo direito ao voto pela mulher branca e a luta das mulheres negras pela libertação da escravatura. A segunda onda tem início nos anos 60 do século XX, marcada pela interpretação materialista da exploração das mulheres, em que a exploração física, econômica, sexual e emocional era baseada no patriarcado e no capitalismo; e, a terceira onda,

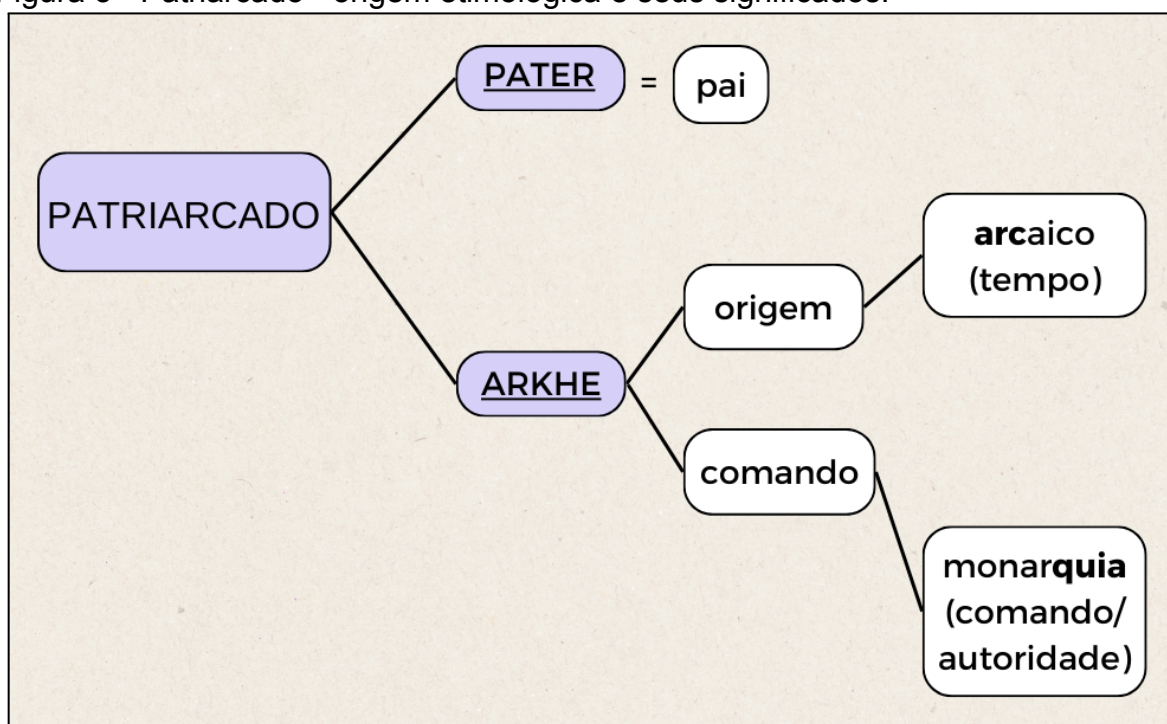
corresponde aos movimentos dos anos 1990, que dão continuidade às reivindicações da primeira e segunda ondas, porém, com grande institucionalização do movimento e aumento da criação de organizações não governamentais.

Essa seção apresenta o quadro geral para contextualizar de onde surge a instituição cuja atuação fornece as bases para a elaboração das categorias de análise da pesquisa. A contextualização, além de apresentar questões históricas, historiográficas, sociológicas e antropológicas acerca do Movimento de Libertação das Mulheres, subsidia a compreensão da discussão aplicada da pesquisa, que será vista na seção 5.

3.1 PATRIARCADO - OPRESSÃO DAS MULHERES - DOMINAÇÃO MASCULINA

No *Dicionário Crítico do Feminismo* (HIRATA et al, 2009), Christine Delphy parte da raiz etimológica da palavra *patriarcado* para indicar seus significados: de origem grega *pater* = pai e *arkhe* = origem e comando, cuja raiz de duplo sentido está em **arcaico** (tempo) e em **monarquia** (comando/autoridade). Conforme figura a seguir.

Figura 3 - Patriarcado - origem etimológica e seus significados.



Fonte: Elaborado pela autora.

Essa origem etimológica da palavra concentra, na mesma palavra, o mais velho (tempo) e aquele que tem autoridade. *Pai* é o primeiro (tempo) e a origem em

relação às gerações seguintes, a adição de *pater* com *arkhe* redobra a autoridade da palavra, pois *arkhe* carrega, em si, o sentido de origem e comando. Assim, patriarcado é literalmente a autoridade do pai. Mas a palavra *pater* em si mesma, em sânscrito, grego e latim - não designa o pai no sentido contemporâneo: esse papel é preenchido pelo genitor (DELPHY, 2009). “A palavra *pater* tinha um outro sentido [...]. Na língua do Direito [aplicava-se] a todo homem que não dependia de nenhum outro e que tinha autoridade sobre uma família e um domínio” (COULANGES, 1864¹² *apud* DELPHY, 2009, p. 174). De acordo com o verbete, a palavra patriarcado comporta triplamente a noção de autoridade e nenhuma noção de filiação biológica.

De acordo com Delphy (2009) foram São Morgan e Bachofen que deram à palavra seu segundo sentido histórico. Ambos acreditam na existência de um direito materno que seria substituído por um direito paterno, chamado por Bachofen de patriarcado, seguido por Engels, depois por Bebel (1974 [1884]¹³; 1964, [1893]¹⁴ *apud* DELPHY, 2009).

Autores dos séculos XVIII e XIX usam patriarcado como um adjetivo para elogiar a idade de ouro da vida no campo nas comunidades agrícolas das famílias produtoras, sob o cajado de seu antepassado (patriarca), vivendo na simplicidade dos costumes, na frugalidade, opondo-se à corrupção e à decadência da vida na cidade, decadência advinda da indústria e pelo assalariamento. Essa idade de ouro é, para as feministas do século XX (DELPHY, 2009), uma forma de acusação.

De acordo com Delphy (2009) a invenção do terceiro sentido, o feminista contemporâneo, é feita por Kate Millet na obra *Política Sexual* (1971¹⁵), dando continuidade ao segundo sentido e também como uma oposição a este segundo sentido, pois as feministas da segunda onda (anos 1960 e 1970) argumentam contra a ideia de um matriarcado original como as de Beauvoir (1980), Wittig (1992) e Mathieu (2004), que não seguem a teoria evolucionista da sociedade.

As feministas, a partir de Millet (1971), adotam o termo patriarcado como a dominação dos homens, sejam eles os pais ou não. O termo é utilizado para designar um **sistema, não as relações individuais** e tem como quase sinônimos *dominação masculina e opressão das mulheres* (DELPHY, 2009).

¹² COULANGES, Fustel de. *La Cité antique*. Paris: Durand, 1864.

¹³ ENGELS, F. *L'origine de la famille, de la propriété privée et de l'État*. Paris: Éd. Sociales, 1974 [1884].

¹⁴ BEBEL, August. *La femme et le socialisme*. Paris: Éditions du Globe, 1964, [Édition originale en allemand, 1893].

¹⁵ MILLETT, K. *La politique du mâle*. Paris: Stock, 1971. [trad. franc. de *Sexual Politics*. New York: Avon, 1971. 512p.].

Nicole-Claude Mathieu (1985) argumenta que *opressão das mulheres* ilustra melhor a realidade do que o termo *dominação masculina*, por mostrar a violência exercida, o excesso, o sufocamento, enquanto *dominação masculina* é estático na posição acima, de autoridade. Mathieu (1999), inclusive, criticou Bourdieu com notas de humor típico de feministas radicais por seu “livreto” *A dominação masculina* (BOURDIEU, 1998). Segundo Mathieu (1999), Bourdieu (1998) ignora todo o desenvolvimento das pesquisas do tema por benignidade com os “dominantes”, é leviano cientificamente e escreve um texto breve e pobre.

Partindo dos Estados Unidos, avançou o uso do termo *gênero*. Sobre o uso de *gênero*, pode-se considerar que

os estudos feministas aparecem no fim dos anos 1970 na França, e parecem ser a expressão da força do movimento feminista, mas muito rapidamente torna-se aparente que, de fato, coincidem com seu enfraquecimento. Elas herdaram conceitos forjados pelo movimento militante, mas sua legítima vontade de construir um lugar próprio nas esferas do conhecimento leva-os frequentemente a eufemizar seu vocabulário para se distinguir do militantismo (DELPHY, 2009, p. 176).

Há uma tendência, segundo Delphy (2009), em evitar o termo patriarcado, nos anos 1980, por uma certa associação direta deste com o capitalismo; outra objeção é a interpretação de que este universaliza a forma de dominação masculina em um tempo e espaço ou ser trans-histórico e trans-geográfico.

3.2 RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO

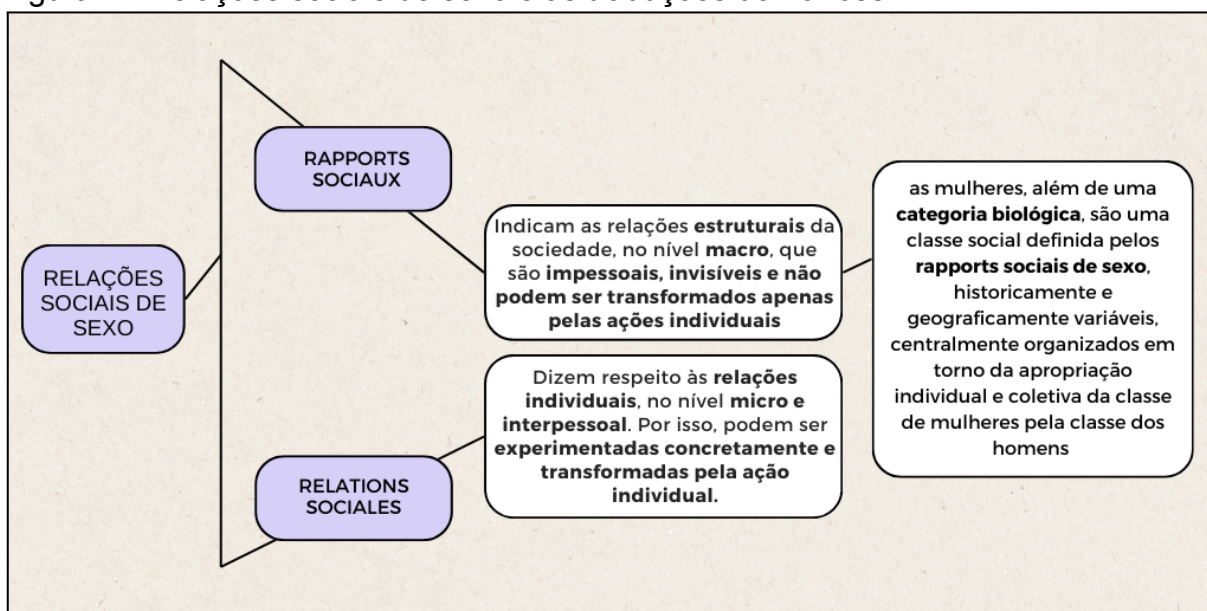
Delphy (2009) menciona que o termo *relações sociais de sexo*, usado pelas feministas materialistas francesas como alternativa ao termo patriarcado, não é facilmente traduzível do francês.

Contudo, Curiel e Falquet (2014) e as tradutoras para o português de textos das feministas materialistas francesas o traduziram para *relações sociais de sexo* e explicaram, em nota de rodapé, a questão que será parafraseada a seguir:

Existem duas palavras em francês: *rappports sociaux* e *relations sociales*, ambas traduzidas para o português apenas como “relações sociais”. Os *rappports sociaux* indicam as relações estruturais da sociedade, no nível macro, que são impessoais, invisíveis e não podem ser transformadas por ações individuais. O que está em jogo nos *rappports sociaux* é a organização social do trabalho (no seu sentido mais amplo). As *relations sociales*, por sua vez, dizem respeito às relações

individuais, no nível micro e interpessoal. Por isso, podem ser experimentadas concretamente e transformadas pela ação individual. Com base no conceito de *rappports sociaux*, uma das principais características da corrente feminista materialista francesa é afirmar que as mulheres, além de uma categoria biológica, são uma classe social definida pelos *rappports sociaux de sexo*, histórica e geograficamente variáveis, centralmente organizadas em torno da apropriação individual e coletiva da classe de mulheres pela classe dos homens (CURIEL; FALQUET, 2014). A figura ilustra a discussão acerca das relações sociais de sexo.

Figura 4 - Relações sociais de sexo e as traduções do francês



Fonte: Elaborado pela autora.

Como mencionado, a corrente das materialistas francesas considera as mulheres como uma classe, questão que será discutida a seguir.

3.3 CLASSE SEXUAL

As feministas materialistas francesas rejeitam a ideia de essência específica ou identidade intrínseca de homens e mulheres. Em vez disso, homens e mulheres são definidos por uma relação social, material, concreta e histórica. É uma relação de classe ligada ao sistema de produção, reprodução, trabalho e exploração de uma classe por outra. As mulheres são uma classe sexual subordinada à classe dos homens em um relacionamento hierárquico. A resolução dessa relação exige o fim

da exploração e o desaparecimento de mulheres e homens como classe (CURIEL; FALQUET, 2014).

É importante mencionar que a relação entre as classes sexuais é *hierárquica*, portanto não é um sistema binário, nem de complementaridade; ao contrário, é uma oposição de interesses e uma relação de exploração. Também não é admitida a ideia de Butler (1990) de que é possível performar uma relação social admitindo identidades, pois a classe sexual é material, concreta, social e histórica.

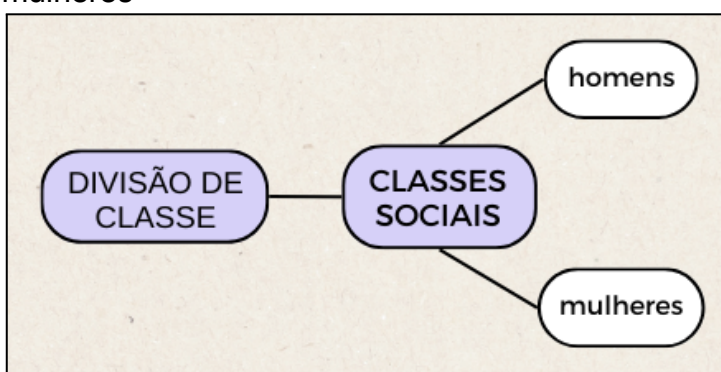
Pode-se afirmar que se mesclam três análises nessa reflexão sobre as mulheres como classe sexual criada para e pela exploração de seu trabalho: a primeira, de Christine Delphy com o artigo *O inimigo principal*, de 1970 (DELPHY, 2015), no qual ela afirma que a classe das mulheres se produz na relação de exploração do trabalho doméstico das esposas, que denomina de *modo de produção doméstico*. A segunda, de Colette Guillaumin (2014), afirma que as mulheres constituem uma classe apropriada, não só individualmente, nas relações familiares, mas coletivamente, pela classe dos homens, nas relações que denomina de *sexagem*. E a terceira análise é a de Monique Wittig (1992), que analisa a heterossexualidade como um sistema político.

O sistema de classes sexuais é baseado na divisão sexual do trabalho e sua exploração, e também pela exploração da capacidade reprodutiva das mulheres. Gerda Lerner (2020) aponta que, ao contrário de outros grupos oprimidos que se rebelaram contra a opressão, é muito difícil para as mulheres se darem conta de que fazem parte de uma classe explorada, pois a sexualidade da mulher, consistindo de suas capacidades sexuais, reprodutivas e seus serviços, foi transformada em mercadoria antes mesmo da criação da civilização ocidental, antes mesmo da formação do pensamento grego. Assim, a exploração das mulheres, combinado ao racismo e ao machismo, precedeu a formação das classes sociais e das opressões de classe (LERNER, 2020).

Desde o surgimento da escravidão, houve várias manifestações de dominação de classe entre os sexos, pois, os homens foram predominantemente submetidos à exploração como trabalhadores, enquanto as mulheres foram consistentemente submetidas à exploração como trabalhadoras e prestadoras de serviços sexuais e reprodutivos. Essa generalização é corroborada por relatos históricos de todas as sociedades que sofreram a escravidão. Os registros de civilizações antigas, feudais, de famílias burguesas na Europa durante os séculos

XIX e XX, bem como a intrincada interação entre sexo e raça entre mulheres de nações colonizadas e homens colonizadores, fornecem evidências da exploração sexual de mulheres pertencentes às classes subalternas por homens pertencentes às classes altas. A exploração da sexualidade é um aspecto definitivo da exploração de classe. Em cada época, cada “classe” é composta por duas classes distintas: homens e mulheres (LERNER, 2020), como ilustrado na figura a seguir:

Figura 5 - As classes sociais são compostas de duas classes sexuais: homens e mulheres



Fonte: Elaborado pela autora.

Acrescenta-se aqui, a questão de que os homens aprenderam a instituir dominância e hierarquia entre outras pessoas, praticando antes a dominância sobre as mulheres do próprio grupo. Isso se manifestou na institucionalização da escravidão, que começou com a escravização das mulheres dos grupos conquistados (LERNER, 2020, cap. 4).

Um exemplo muito conhecido do exercício de dominância é o de Cleaver, que se filiou ao partido dos Panteras Negras e se tornou ministro da Informação, em 1967. Cleaver, que tinha sido condenado por estupro, escreveu no livro *Soul on Ice* (CLEAVER, 1968, p. 160) que considerava o estupro de mulheres brancas um ato revolucionário e que, para fazer sua revolução, ele treinava este crime com mulheres negras.

De acordo com Gerda Lerner (2020, p. 34), a classe, para os homens, foi e é baseada na relação com os meios de produção: os que possuem os meios de produção exploram aqueles que não os possuem. Para as mulheres, sua classe é mediada pelos vínculos sexuais com um homem que lhe proporciona acesso a recursos materiais.

No desenrolar da teoria feminista materialista, o termo classe sexual foi substituído por casta sexual, como veremos a seguir.

3.4 CASTA SEXUAL

Sheila Jeffreys (2017), usa o termo *casta sexual* para descrever o sistema político no qual as mulheres são subordinadas aos homens com base em sua biologia. Aqueles que usam o conceito de mulher como uma *classe sexual*, como Kate Millett, estão se referindo à sua experiência na política de esquerda e veem a ideia de *classe* como algo que oferece a possibilidade de revolução (MILLETT, 1972¹⁶ *apud* JEFFREYS, 2014). Millett também usou o termo *casta* para se referir ao *sistema de castas sexuais* das mulheres (MILLETT, 1972, p. 275 *apud* JEFFREYS, 2014, p. 5).

Se as mulheres se encontram posicionadas dentro de uma classe subordinada em relação aos homens, semelhante à relação entre a classe trabalhadora e a burguesia, a revolução das mulheres pode ser entendida como um meio de dismantelar a autoridade masculina e tornar obsoleta a classe sexual, eliminando-a como uma categoria significativa (WITTIG, 1992¹⁷ *apud* JEFFREYS, 2014, p. 5). No campo das teorias de esquerda, também é sugerido que a revolução das mulheres exige que elas reconheçam seu *status* de classe sexual como base para a ação política. No entanto, o termo *classe sexual* pode ser problemático, pois sugere que as mulheres podem abandonar sua classe, da mesma forma que os membros da classe trabalhadora podem alterar sua posição de classe ao se tornarem burgueses. Por outro lado, o termo *casta* é aplicável neste contexto, pois significa a maneira pela qual as mulheres são enquadradas em uma casta inferior, durante toda a vida (BURRIS, 1973¹⁸ *apud* JEFFREYS, 2014).

Um exemplo de que as mulheres são dominadas, não importa a classe sexual, é o da cantora Britney Spears que foi colocada sob tutela legal do pai, após adulta, por 13 anos e o acusa de mantê-la sedada e isolada de todas as pessoas, inclusive dos filhos. Britney Spears, uma das cantoras norte-americanas mais bem-sucedidas, perdeu sua autonomia por anos, mas não perdurou pelo resto de sua vida porque houve uma comoção internacional para reavaliar seu quadro legal. Outro exemplo é o de Ana Hickmann, modelo, empresária e jornalista brasileira que sofria violência doméstica e patrimonial. Trago esses exemplos para ilustrar que a dominação masculina está em todas as classes sociais, e quando falamos de

¹⁶ MILLETT, Kate. **Sexual Politics**. London: Abacus, Sphere Books, 1972.

¹⁷ WITTIG, Monique. **The Straight Mind and Other Essays**. Boston, MA: Beacon Press, 1992.

¹⁸ BURRIS, Barbara. Fourth world manifesto. *In*: KOEDT, Anne Koedt; LEVINEAND, Ellen; RAPONE, Anita (eds.). **Radical Feminism**. New York: Quadrangle Books, 1973, p. 322 –357.

movimento de libertação das mulheres, é porque toda mulher está sujeita à violência de classe. Nesse sentido, as mulheres podem mudar seu *status* de classe econômica, mas permanecem mulheres.

3.5 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO

Danièle Kergoat (2009) afirma que homens e mulheres não são simplesmente seres biológicos: são, antes de tudo, construções sociais. Segundo a autora, esses dois grupos formam categorias sociais distintas que mantêm relações sociais específicas, conhecidas como *relações sociais de sexo (rapport sociaux de sexe)*, que se expressam pela *divisão sexual do trabalho entre os sexos*.

Ainda de acordo com Kergoat (2009), a noção de divisão sexual do trabalho foi primeiro utilizada por etnólogos para designar a divisão *complementar* de tarefas entre homens e mulheres. Posteriormente, as antropólogas feministas passaram a utilizar o termo para designar não um mero complemento na divisão das tarefas, mas uma relação de poder dos homens sobre as mulheres (MATHIEU, 1991¹⁹; TABET, 1998²⁰ *apud* KERGOAT 2009).

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; esta forma é adaptada historicamente a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc...) (KERGOAT, 2009, p. 67).

A divisão social do trabalho, segundo Kergoat (2009) tem dois princípios organizadores:

- O princípio da separação - existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres;
- O princípio da hierarquização - um trabalho de homem “vale” mais do que um trabalho de mulher.

Esses princípios são aplicáveis a todas as sociedades conhecidas ao longo do tempo e do espaço. Existem desde os primórdios da humanidade e podem ser

¹⁹ MATHIEU, Nicole-Claude. Critiques épistémologiques de la problématique des sexes dans le discours ethno-anthropologique [1985]. *In*: MATHIEU, Nicole-Claude. **L'anatomie politique**: Catégorisations et idéologies du sexe. Paris: Des femmes, 1991.

²⁰ TABET, Paola. **La Construction sociale de linégalité des sexes**: des outils et des corps. Paris: L'Harmattan, 1998. (Bibliothèque du féminisme).

justificados por uma ideologia naturalista que atribui essa divisão à predisposição biológica e reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que refletem o destino natural da espécie.

Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) analisam a evolução das modalidades de divisão sexual do trabalho e definem como um **modelo tradicional** este que separa trabalho de homem e trabalho de mulheres, sendo que o trabalho do homem vale mais que o trabalho da mulher. Os outros dois modelos são os de conciliação e delegação.

No modelo de conciliação

cabe quase que exclusivamente às mulheres conciliar vida familiar e vida profissional [...] certos pesquisadores propõem substituir ‘conciliação’, ou mesmo ‘articulação’, por ‘conflito’, ‘tensão’, ‘contradição’ para evidenciar a natureza fundamentalmente conflituosa da incumbência simultânea de responsabilidades profissionais e familiares às mulheres (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 604).

O modelo de delegação emerge da polarização do emprego das mulheres (HAKIM, 1996²¹ *apud* HIRATA; KERGOAT, 2007) e do crescimento do número de mulheres em profissões de nível superior e de executivas; essas mulheres, de acordo com as autoras, têm os meios de delegar a outras mulheres as tarefas domésticas e familiares.

Mulheres na ocupação de faxineiras, empregadas domésticas, babás e cuidadoras também delegam o trabalho doméstico e familiar a outras mulheres, porém, as consequências são muito diferentes para elas e seus filhos, como mostram as pesquisas sobre a migração internacional de empregadas domésticas (PARREÑAS, 2001²²; EHRENREICH; HOCHSCHILD, 2003²³ *apud* HIRATA; KERGOAT, 2007).

A globalização do trabalho reprodutivo é consequência da tendência crescente de terceirização do trabalho doméstico nos países capitalistas desenvolvidos. Isso resultou em uma dinâmica Norte-Sul em que trabalhadoras domésticas migrantes são separadas de seus filhos, causando uma ruptura

²¹ HAKIM, C. **Key issues in women’s work**: female heterogeneity and the polarisation of women’s employment. London, Atlantic Highlands: Athlone, 1996.

²² PARREÑAS, R. S. **Servants of globalization**: women, migration and domestic work. Stanford: Stanford University Press, 2001.

²³ EHRENREICH, B.; HOCHSCHILD, A. R. (eds.) **Global woman**: nannies, maids, and sex workers in the new economy. New York: Metropolitan Books; Henry Holt and Co., 2003.

significativa no relacionamento mãe-filho. Ao contrário de seus empregadores do próspero Primeiro Mundo, essas migrantes são incapazes de fornecer apoio financeiro às suas famílias enquanto moram com elas. Conseqüentemente, elas confiam o cuidado de seus filhos às avós, irmãs e cunhadas e, às vezes, ficam afastadas por longos períodos, levando ao inevitável sofrimento emocional das crianças deixadas para trás em seu país de origem. Para trabalhar em direção a uma possível solução, é crucial realizar análises completas da situação das mulheres responsáveis pela “conciliação” e até pela “delegação”, e estabelecer um entendimento comum entre essas mulheres e as mulheres do Norte que dependem delas (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Como se pode perceber, a responsabilidade pelas tarefas domésticas que chamamos de divisão sexual do trabalho, é das mulheres, mesmo que elas deleguem essas tarefas para mulheres mais pobres. Recai sobre as mulheres que delegam, a responsabilidade por essa exploração, porém, os homens da família que necessitam e utilizam dos mesmos serviços, são desresponsabilizados. Outras discussões relacionadas à divisão sexual do trabalho são, primeiro, sobre a carga mental das mulheres que precisam sempre pensar nas necessidades cotidianas e executar as tarefas. Mesmo quando tentam delegar aos seus companheiros, é preciso explicar, organizar e gerenciar a execução, o que provoca a chamada carga mental. Outra questão é a dupla jornada, em que as mulheres saem para trabalhar, levam os filhos para a escola, buscam e chegam em casa e precisam se responsabilizar pelas tarefas domésticas, e cuidados com crianças, idosos e doentes. Essas tarefas são chamadas pelos marxistas de trabalho de reprodução; as feministas materialistas apontam que esse trabalho invisível é o que mantém o funcionamento da sociedade.

3.6 SEXO E GÊNERO

No *Dicionário Crítico do Feminismo* (HIRATA et al, 2009), no verbete *Sexo e gênero*, Nicole Claude Mathieu (2009), cientista social e antropóloga, com trabalhos na temática desenvolvidos desde os anos 1970 até 2010, a partir da discussão sobre a diferenciação biológica e social, afirma que, de modo geral, usa-se o sexo, considerado biológico, em oposição a gênero (*gender*, em inglês), que é uma construção social.

De acordo com Mathieu (2009), a diferenciação biológica costuma ser superestimada e atribuem-se funções distintas a cada sexo, geralmente divididas, separadas e organizadas hierarquicamente. As funções impostas para cada sexo, denominadas funções de gênero, podem ser observadas em dois domínios principais:

- 1) na divisão sexual do trabalho e dos meios de produção;
- 2) na organização social do trabalho de procriação, em que as capacidades reprodutivas das mulheres são transformadas e mais frequentemente exacerbadas por diversas intervenções sociais. (MATHIEU, 2009, p. 223).

Algumas consequências da diferenciação social manifestam-se na vestimenta, nos comportamentos e atitudes físicas e psicológicas, na desigualdade de acesso aos recursos materiais e mentais e no tratamento e educação para meninos e meninas. Mathieu (2009) conclui que a diferenciação sexual dos corpos, que seria apenas uma diferenciação funcional em uma área, é estendida para a quase totalidade da experiência humana.

Mathieu, afirma que o conceito de sexo parece ser universal. No entanto, as teorias sobre a origem da sua bipartição, sobre a função na procriação, ou sobre o sexo de um bebê são muito diferentes, desde antes de Aristóteles até os biólogos modernos, em todo o planeta (MATHIEU, 2009, p. 199).

Apesar da existência de autores importantes que discutem a relação entre sexo e gênero, como Friedrich Engels (1884²⁴ *apud* MATHIEU, 2009), Margaret Mead (1935; 1948²⁵ *apud* MATHIEU, 2009), Virginia Woolf (1929; 1938²⁶ *apud* MATHIEU, 2009) ou Simone de Beauvoir (1949²⁷ *apud* MATHIEU, 2009), de acordo com Mathieu (2009, p. 225), “a questão da construção social das diferenças entre os sexos, [...] permaneceu e ainda é marginal nas Ciências Humanas, como é

²⁴ ENGELS, F. *L'origine de la famille, de la propriété privée et de l'État*. Paris: Éd. Sociales, 1974 [1884]. p.15-191.

²⁵ MEAD, Margaret. *L'un et l'autre sexe*. Les rôles d'homme et de femme dans la société. Paris: Gonthier, 1966. 350p. [ed. orig., *Male and Female*, 1948].

MEAD, Margaret. *Trois sociétés primitives de Nouvelle-Guinée*. Livre I. *In*: MEAD, Margaret. *Mœurs et sexualité en Océanie*. Paris: Plon, 1963. 533p. [ed. orig., *Sex and Temperament in three Primitive Societies*, 1935]

²⁶ WOOLF, Virginia. *Trois guinéés*. Paris: Des femmes, 1977 [1938]. 332p. [ed. orig., *Three Guineas*, 1938].

WOOLF, Virginia. *Une chambre à soi* (Marin, 1951). reed. Paris: Gonthier, 1965. [ed. orig., *A Room of One's Own*, 1929].

²⁷ BEAUVOIR, S. de. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949. 2t. [t.1: *Les faits et les mythes*, 395p.; t.2: *L'expérience vécue*, 577p.]

demonstrado pela invisibilidade ou o desprezo que ainda atingem os estudos feministas no mundo acadêmico”.

Segundo Mathieu (2009), até os movimentos feministas do final da década de 1960, a História estava interessada em mulheres poderosas e famosas; a psicologia e a psicanálise estudaram as diferenças entre os sexos na biologia e na socialização; a psicologia e a sociologia se concentraram nos papéis sexuais esperados ou prescritos; a etnologia observou a complementaridade dos sexos e questionou seus fundamentos.

No início dos estudos feministas nos Estados Unidos e em outras nações, as discussões não giravam em torno do conceito de “gênero”. Em vez disso, o foco era direcionado à falta de visibilidade das mulheres na sociedade, bem como no campo científico, dominado por homens. Além disso, o discurso se concentrou na opressão e exploração infligidas às mulheres pelos homens e nas condições necessárias para sua emancipação (MATHIEU, 2009).

Os debates entre as tendências dentro do movimento de mulheres revelam as diversas concepções sobre a relação entre sexo e gênero. Uma tendência francesa relacionada a uma corrente da Psicanálise afirma que homens e mulheres são diferentes, mas a sociedade não permitiu que a mulher atingisse sua especificidade social e psicológica. Outro modo de pensar é que gênero é a elaboração cultural da diferença sexual; esse pensamento analisa e denuncia as desigualdades entre os sexos para rearranjar equitativamente os conteúdos dos dois gêneros (MATHIEU, 2009).

Uma terceira corrente, apresentada na França pelo coletivo da revista *Questions féministes*, 1977-1980, considera que os sexos não são somente categorias bi sociais, mas classes, no sentido marxista, constituídas por e na relação de poder dos homens sobre as mulheres; assim, o gênero constrói o sexo. As teóricas lésbicas encaram a heterossexualidade não como um comportamento sexual entre outros, mas como o sistema fundador do que é “mulher” por uma relação obrigatória de dependência dos homens (MATHIEU, 2009).

As críticas feministas das ciências focaram, entre outras questões, a naturalização da categoria “mulher”. Assim, surgem as noções de *sexo social*

(MATHIEU 1971/1991a), de *sexagem* (GUILLAUMIN, 1978/1992) para descrever, em relação a certas formas de escravidão e servidão, um sistema de apropriação das mulheres (“sexismo”, mais restrito, se referia mais a atitudes), e da expressão *relações sociais de sexo*, correspondente à inglesa *gender relations* (relações de gênero). Nos Estados Unidos, o termo *gender*, até então ocasionalmente utilizado em estudos psicológicos sobre a identidade pessoal²⁸, ganha uma acepção sociológica²⁹. A antropóloga Gayle Rubin³⁰ propôs a expressão *sex/gender systems* - sistema de sexo e gênero (MATHIEU, 2009).

Colette Guillaumin (1978/1992) afirma que **sexo é uma construção social**, sendo desnecessário o uso do termo gênero, que sofreu desvios na análise da realidade para a mudança social. Mathieu (2009), vê desvios da noção de gênero desde os anos 1980 e nota uma tendência, em textos feministas ou não, do uso exclusivo do termo gênero. Para a autora, isso acarreta vários problemas, **são eles:**

1) O termo “gênero” isolado tende a ocultar que o “sexo” funciona como elemento concreto de diferenciação para definir as relações sociais.

2) Análises feministas mostram que o funcionamento do gênero, incluindo as estruturas sociocognitivas (HURTIG; PICHEVIN, 1986³¹ *apud* MATHIEU, 2009) é hierárquico. De acordo com a autora, o termo continua a ser usado pelas pessoas como categoria inofensiva. Por exemplo, *gender studies* é mais aceito do que *women’s studies* ou *gay and lesbian studies* e soa mais neutro do que *feminist studies*. Essa pausterização permite estudar os aspectos simbólicos e ideológicos do masculino e do feminino, sem referência à opressão do sexo feminino.

3) Constata-se que utiliza-se *gender* em diversos sentidos, e principalmente como um eufemismo para sexo; se tudo é gênero, nada é gênero, além de se correr o risco de naturalizar as imposições sociais e culturais que o termo gênero carrega.

4) Nos anos 1990, surge nos Estados Unidos um novo significado para gênero, representado em alguns espetáculos da cantora Madonna, promovido por

²⁸ Por exemplo, o trabalho de John Money e Stoller (1968 *apud* MATHIEU, 2009).

²⁹ Por exemplo, Oakley (1972 *apud* MATHIEU, 2009).

³⁰ (1975/1999 *apud* MATHIEU, 2009).

³¹ HURTIG, Marie-Claude; PICHEVIN, Marie-France (Ed.). **La difference des sexes**. Questions de psychologie, Paris, Tierce “Sciences”, 1986, 356p.

ativistas e universitários, chamado de movimento e teoria *queer*³². De inspiração pós-modernista, reprovando os movimentos feministas, lésbico e gay anteriores, os *queer* consideram que as categorias de oposição binária (homens/mulheres, homo/heterossexual) são ultrapassadas ou mesmo “essencialistas”. Esse movimento defende a ideia de ultrapassar o gênero (*transgendering*), embaralhando, desordenando, “perturbando” (BUTLER, 1990³³ *apud* MATHIEU, 2009) as categorias de sexo e sexualidade. Esse movimento entende os sexos como uma “representação” quase teatral (*performance*), que cada indivíduo poderia desempenhar à sua maneira. Segundo Mathieu (2009), algumas lésbicas e feministas, particularmente feministas americanas não brancas e do Terceiro Mundo, contestam fortemente os aspectos simbólicos, discursivos e paródicos de gênero, que ocorrem às custas da realidade material histórica das opressões sofridas pelas mulheres.

No direito internacional, os estereótipos de gênero são considerados contrários aos interesses das mulheres (JEFFREYS, 2014). A Convenção das Nações Unidas sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres (CEDAW) (1979³⁴ *apud* JEFFREYS, 2014) reconheceu que os estereótipos são bases para a discriminação contra as mulheres. O Artigo 5 diz que os Estados Partes devem tomar

todas as medidas apropriadas [para] modificar os padrões sociais e culturais de conduta de homens e mulheres, com vistas a alcançar a eliminação de preconceitos e costumes e todas as outras práticas baseadas na ideia de inferioridade ou superioridade de qualquer um dos sexos ou em papéis estereotipados para homens e mulheres (CEDAW, 1979; Artigo 5 *apud* JEFFREYS, 2014, p. 4, nossa tradução).

De acordo com Jeffrey (2014), o próprio termo *gender* é problemático. Segundo a autora, ele foi usado pela primeira vez pelos cientistas do sexo envolvidos na normalização de bebês intersexuais. O termo foi usado para descrever as características comportamentais que consideravam mais apropriadas para

³² *queer*: bizarro, ambíguo, insulto usado para designar homossexuais, reivindicado aqui para afirmar e reunir todos os comportamentos diferentes daquele da heterossexualidade normativa: homossexuais, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis etc (MATHIEU, 2009, p. 228).

³³ BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**, Nova York, Routledge, 1990.

³⁴ CEDAW - Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women, [s. l.]: United Nations General Assembly, 1979.

pessoas de um ou outro sexo biológico e decidir sobre a categoria sexual na qual deveriam ser colocados os bebês que não tinham indicações físicas claras de um ou outro sexo biológico (HAUSMAN, 1995³⁵ *apud* JEFFREYS, 2014). Segundo Jeffreys (2014), esses cientistas eram homens conservadores que acreditavam que deveria haver diferenças claras entre os sexos e buscavam criar categorias sexuais distintas por meio de seus projetos de engenharia social.

Como mencionado, o termo foi adotado por algumas teóricas feministas na década de 1970 e era usado no feminismo acadêmico para indicar a diferença entre sexo biológico e aquelas características derivadas da política e não da biologia, que elas chamavam de *gender* (JEFFREYS, 2014).

Antes da adoção do termo *gênero*, segundo Jeffreys (2014), o termo mais comumente usado para descrever essas características socialmente construídas era *sex roles*. A palavra *role* conota uma construção social e não era suscetível à distorção que o termo *gender* permite. Conforme o termo *gender* foi adotado mais extensivamente pelas feministas, seu significado foi transformado para significar não apenas o comportamento socialmente construído associado ao sexo biológico, mas o próprio sistema de poder masculino e a subordinação das mulheres, que ficou conhecido como *gender hierarchy* ou *gender order* (JEFFREYS, 2014).

Aos poucos, termos mais antigos para descrever esse sistema, como dominação masculina, classe sexual e casta sexual, foram saindo de moda, de modo que a identificação direta dos agentes responsáveis pela subordinação das mulheres – homens – não poderia mais ser nomeada. *Gender*, como um eufemismo, fez desaparecer os homens como agentes da violência masculina contra as mulheres, que agora é comumente chamada de *violência de gênero*. Cada vez mais, o termo *gender* é usado, em formulários oficiais e na legislação, por exemplo, para substituir o termo *sexo* como se o próprio “gênero” fosse biológico, e esse uso superou a compreensão feminista de gênero (JEFFREYS, 2014, p. 3-5).

Um debate em torno das categorias gênero e sexo mencionado por Mathieu (2009), que nos interessa aqui, diz respeito à linguagem. Na maioria das línguas

³⁵ HAUSMAN, Bernice L. **Changing Sex**. Transsexuality, Technology, and the Idea of Gender. Durham and London: Duke University Press, 1995.

europeias o gênero gramatical é hierárquico: o masculino representa o geral e, no plural, engloba o feminino.

Os chamados estudos de gênero se comparados aos estudos feministas podem aparentar *neutralidade*, ser menos ofensivo e polido para as instituições multilaterais e governamentais, além de aparentemente ser mais *acadêmico* ou *científico* (CISNE, 2014). Por isso, os estudos de gênero conseguiram maior aceitação, penetrando com mais facilidade nas “universidades, e mais ainda nas administrações públicas ou em instituições internacionais” (PFEFFERKORN, 2012, p. 79³⁶ *apud* CISNE, 2014, p. 65).

Cisne (2014, p. 67) conclui que o termo gênero dificulta a compreensão da problemática que envolve as relações sociais de sexo. Primeiro, por ocultar o sujeito político mulher, “especialmente quando não é utilizado de forma associada ao patriarcado e/ou à categoria mulher, que os “estudos de gênero” substituíram em grande medida”, provocando um sério problema político em termos de desdobramentos para o feminismo, Cisne (2014, p. 67) menciona: “não podemos, em nenhuma situação ocultar o seu sujeito político central: a mulher. Sem esse sujeito, o movimento feminista perde seu sentido e dilui o seu propósito”.

A preferência aparentemente neutra do uso do termo gênero torna a categoria mulher, segundo Piscitelli (2002, p. 7³⁷ *apud* CISNE, 2014, p. 67), “quase execrada por uma geração para a qual o binômio feminismo/mulher parece ter se tornado símbolo de enfoques ultrapassados”.

3.7 MULHER/MULHERES

É interessante pensar que temos de definir o que é uma mulher, principalmente porque dificilmente vemos discussões sobre o que é um homem.

Gerda Lerner (2020, p. 282) afirma que “todos os sistemas de pensamento e filosofias nos quais somos treinadas têm mulheres ignoradas e marginalizadas”. Segundo a autora, a maneira em que o pensamento abstrato é moldado, e a linguagem que usamos para expressá-lo, perpetuam a marginalização das mulheres. Através da linguagem, as mulheres são incorporadas ao pronome masculino na qual

³⁶ PFEFFERKORN, Roland. *Genre et rapports sociaux de sexe*. Paris: Editions Page Deux, 2012.

³⁷ PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher?. *In*: ALGRANTI, Leila Mezan (org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002.

o termo genérico para “humano” é “homem”. Nessa linguagem, termos chulos ou ocultos são usados para descrever o corpo das mulheres e suas experiências, os xingamentos mais baixos em todos os idiomas referem-se a partes do corpo feminino e sua sexualidade. Mesmo assim, diz Lerner (2020), temos que usar a linguagem que temos, com a consciência de que ela perpetua a subordinação das mulheres. As mulheres, para Gerda Lerner (2020, p. 288) são um sexo que se distingue biologicamente e são metade do todo, o único outro sexo são os homens.

Simone de Beauvoir (1980), no Segundo Sexo, publicado pela primeira vez em 1949, inicia sua obra com a pergunta: o que é uma mulher? A filósofa aborda teorias do ponto de vista social, antropológico, psicológico e político para responder à pergunta. Segundo a filósofa, “a mulher tem ovários, um útero; eis as condições singulares que a encerram na sua subjetividade; diz-se de bom grado que ela pensa com suas glândulas. O homem esquece soberbamente que sua anatomia também comporta hormônios e testículos” (BEAUVOIR, 1980, p. 10). Uma conclusão de Beauvoir é que as definições sobre o que é mulher são contraditórias, porém o que é comum é a sua capacidade reprodutiva; a autora a chama de fêmea humana.

3.8 MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DE MULHERES/MOVIMENTO FEMINISTA

De acordo com Dominique Fougeyrollas-Schwebel (2009), o feminismo como movimento coletivo de luta de mulheres só se manifesta como tal na segunda metade do século XX. Essas lutas partem do reconhecimento

- das mulheres como específica e sistematicamente oprimidas;
- na certeza de que as relações entre homens e mulheres não estão inscritas na natureza;
- de que existe a possibilidade política de sua transformação.

A reivindicação de direitos nasce do descompasso entre teoria e prática afirmados nos princípios universais de igualdade. Na realidade, existe uma divisão desigual dos poderes entre homens e mulheres. Nesse sentido, a reivindicação política do feminismo emerge baseada no conceito de direitos humanos universais, cujas primeiras formulações resultam das revoluções norte-americana e francesa (FRAISSE, 1992³⁸ *apud* FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009). Essas

³⁸ FRAISSE, Geneviève. *La raison des femmes*, Paris: Plon, 1992.

reivindicações estão ainda hoje em processo de conquista, como pode ser verificado na *Declaration on Women's Sex Based Rights* (O'HARA; JEFFREYS; EVANS, 2019).

Os movimentos feministas se distinguem dos movimentos populares de mulheres que não expõem a exigência de direitos específicos para as mulheres. As mulheres socialistas da 2ª e 3ª Internacionais, rejeitaram a qualificação *feminista* por considerarem que esse movimento se fundamenta em ideais burgueses. Assim, de acordo com Fougeyrollas-Schwebel (2009) as denominações *movimentos de mulheres* e *movimentos feministas* têm significados diferentes, segundo as representações que se façam das feministas: muito burguesas no século XIX e no começo do século XX, muito radicais e inimigas dos homens depois dos anos 70.

Uma discussão ainda em voga no século XXI é que muitas mulheres que não querem ser associadas às feministas repetem, sempre que têm a oportunidade, que são femininas e não feministas. Outra acusação que as feministas recebem atualmente é de fazerem um feminismo “branco”. No entanto, é interessante notar que os socialistas não são acusados de serem socialistas “brancos”.

Durante a década de 1970, o termo “movimento de mulheres” foi frequentemente utilizado como uma versão abreviada do movimento de libertação das mulheres. Isso pode explicar a diversidade e a perplexidade presente na dicotomia entre movimentos feministas e movimentos de mulheres. Os chamados movimentos feministas abrangiam uma variedade de formas de movimentos de mulheres, incluindo o feminismo liberal ou “burguês”, feminismo radical, mulheres marxistas ou socialistas, mulheres lésbicas, mulheres negras e todas as dimensões categóricas dos movimentos atuais. Posteriormente, a expressão “movimentos de mulheres” representou as mobilizações de mulheres com objetivos singulares, como os movimentos populares de mulheres na América Latina ou os movimentos pela paz na Irlanda e Oriente Médio (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009).

No Brasil, de acordo com Céli Regina Jardim Pinto, sempre houve a presença dos movimentos de mulheres entre as classes médias e populares. Esse é um fenômeno anterior à década de 1970, que continuou a existir paralelamente a todo o desenvolvimento do feminismo (PINTO, 2003, p. 43). Os movimentos de mulheres que lutavam contra a carestia e por creches, dentre outros problemas enfrentados pelas mulheres pobres, foi marcado pela presença da Igreja Católica e, muitas vezes, esses movimentos se aproximaram das ideologias feministas.

Composto por mulheres, o *Movimento de Custo de Vida* foi a primeira manifestação popular e de massas que foi às ruas após a decretação do AI-5. Em 1975, as mulheres aproveitaram a declaração oficial do *Ano Internacional da Mulher*, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), para aparecerem em público (TELES, 1999, p. 79; TELES, LEITE, 2013, p. 51-52, grifo nosso).

No início, o *Movimento de Custo de Vida* era dirigido por mulheres da periferia e por setores da Igreja; depois, o movimento foi cooptado por sindicalistas e agrupamentos políticos de esquerda, que mudaram seu nome para *Movimento contra a Carestia*. Até então, essas mulheres, organizadas em seus bairros, erguiam suas vozes contra a carestia, reivindicavam creches; com o crescimento do movimento, houve a participação de sindicatos e outras instituições, tendo a direção ficado nas mãos dos homens e a reivindicação por creche praticamente desapareceu (TELES, 1999, p. 79-80).

Paralelamente a este movimento, as feministas brasileiras se organizaram pela reivindicação da Anistia e organizaram diversas reuniões em 1975, fundaram centros de mulheres para discussão e atuação políticas, criaram jornais e documentos reivindicatórios de direitos específicos para mulheres.

Para Pinto (2003, p. 58), as várias iniciativas do movimento feminista e de mulheres, ocorridas em 1975, formalizaram o movimento feminista e que “esta formalização é particularmente interessante porque aponta para uma virada radical na trajetória do movimento, que não só se tornava público como buscava a institucionalização”.

É importante mencionar aqui, que já havia no Brasil movimentos de mulheres pela sua libertação antes da década de 1970, inclusive no Século XX, porém como veremos na subseção 3.11, a história das mulheres e suas manifestações políticas por sua libertação são apagadas da história, fazendo parecer que é algo novo, sempre que as mulheres lutam em público.

Na América do Norte e na Europa, historiadores e feministas distinguiram durante muito tempo duas ondas históricas dos movimentos feministas: a primeira onda transcorre na segunda metade do século XIX e no começo do século XX e a segunda onda, cobre metade dos anos 1960 e começo dos anos 1970 (DUBY; PERROT, t. 4-5, 1992³⁹ *apud* FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009).

³⁹ DUBY, Georges Duby; PERROT, Michelle. *Histoire des femmes en Occident*. Paris: Plon, 1992.

A primeira onda do feminismo é frequentemente apresentada como centrada em reivindicações pelo direito de voto, numa premissa de igualdade. As ações mais espetaculares, que foram realizadas nos Estados Unidos e no conjunto dos países europeus, estavam relacionadas ao movimento sufragista. Há também, nesse período histórico, movimentos anti-escravagistas nos quais as mulheres precisavam se libertar para então lutar pelo voto.

O movimento feminista dos anos 1970, conhecido como de segunda onda, não se baseia na premissa de igualdade, mas no reconhecimento da impossibilidade social de fundar essa igualdade dentro de um sistema patriarcal. De acordo com Fougeyrollas-Schwebel (2009), a oposição entre os dois momentos dos movimentos feministas é descartada por historiadoras que argumentam que a historiografia dos movimentos feministas contém lacunas, pois todo traço desses movimentos foi apagado entre as décadas de 1920 e 1960. Veremos nas subseções 3.11 e 3.12 uma discussão detalhada sobre essa questão.

O feminismo dos anos 1970 interroga os limites entre o que seria pessoal e o que seria político. Neste contexto, uma das prioridades dos movimentos de libertação das mulheres é a afirmação de que o privado é também político (FREEMAN, 1975⁴⁰ *apud* FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009). A afirmação de que o pessoal é político é atribuída a Carol Hanisch que escreveu o texto *O pessoal é político*, em 1969 e publicado em 1970. A partir da sua experiência em grupos de reflexão de mulheres, Hanisch (1970, p. 76, nossa tradução) afirma: “uma das primeiras coisas que descobrimos nesses grupos é que problemas pessoais são problemas políticos. Não há soluções pessoais desta vez. Só há ação coletiva para uma solução coletiva”.

O movimento feminista da década de 1970 também é marcado pela presença de grupos que se recusam a permitir que os homens representem as vozes das mulheres. As feministas, ao ampliar as reivindicações dos movimentos negros norte-americanos, como *Black Power* e *Black Panthers*, abriram caminho para os movimentos multiculturalistas das décadas de 1980 e 1990, condenando os valores universalistas como ideais dos grupos dominantes. Vale ressaltar que o discurso político, além de ser uma arena de trocas ideológicas, também funciona como a busca por identidade. A maioria dos ativistas prefere operar dentro da estrutura de

⁴⁰ FREEMAN, J. **The Politics of Women's Liberation**. A Case Study of an Emerging Social Movement and its Relation to the Policy Process. New York/London: David McKay, 1975.

“grupos de fala” (*groupe de parole*). (PARTISANS, 1970⁴¹ *apud* FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009).

A ideia do “grupo de fala” mencionado no jornal do Movimento de Libertação de Mulheres dos anos 1970, o Partisans, segundo Turbiau (2019), baseia-se na ideia de que a construção da legitimidade social da mulher passa necessariamente pela construção de sua legitimidade literária para falar.

Apesar de sua natureza não parlamentar, o movimento de libertação das mulheres possui a capacidade de induzir amplas mobilizações entre mulheres sindicalizadas, mulheres de esquerda e direita ou organizações que defendem os direitos das mulheres. As campanhas pelo direito ao aborto são os eventos mais notáveis e significativos. Além disso, as mobilizações contra a violência contra mulheres – estupro, assédio sexual – e a reforma das regulamentações legais, especificamente o reconhecimento do estupro conjugal, também prevalecem. A conquista de novos direitos para as mulheres na esfera privada é acompanhada por demandas rejuvenescidas na esfera pública, como a defesa de medidas que promovam a igualdade genuína no local de trabalho. No entanto, essa demanda só pode ser realizada quando um relacionamento é estabelecido com sindicatos e organizações políticas (KATZENSTEIN; MUELLER, 1987⁴² *apud* FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009).

Dentro do movimento de mulheres, existem, ainda, três correntes que se opõem à definição da opressão feminina e suas estratégias políticas: feminismo radical, socialista e liberal. Abordagens mais detalhadas revelam distinções entre feministas marxistas ou socialistas, libertárias, radicais, lésbicas, materialistas ou essencialistas. A oposição política mais direta surge entre feministas liberais, por um lado, e feministas socialistas e radicais, por outro. O termo “corrente liberal” se refere aos movimentos que promovem valores individuais e priorizam a luta pela igualdade total entre mulheres e homens. Isso pode ser caracterizado como feminismo reformista, que visa reduzir as desigualdades por meio de políticas de ação afirmativa. Em contraste, os movimentos de libertação das mulheres buscam romper com as estratégias de exploração das mulheres; em vez disso, buscam a transformação radical das estruturas sociais existentes. Esse movimento é marcado

⁴¹ PARTISANS. *Libération des femmes année zéro*. n. 54-55, 1970. [reed., Paris: Librairie François Maspero, 1972. 190p.]

⁴² KATZENSTEIN, M. F.; MUELLER, C. M. (eds.). *The Women's Movements of the United States and Western Europe*: Consciousness, Political Opportunity and Public Policy. Philadelphia: Temple University Press, 1987.

por oposições entre feministas socialistas, que defendem a importância da luta de classes e da transformação global para alcançar a verdadeira libertação das mulheres, e feministas radicais, que enfatizam a necessidade de lutar contra o sistema patriarcal e o poder dos homens, sejam eles diretos ou indiretos. Dentro do movimento radical, grupos de lésbicas defendem o separatismo radical como meio de lutar contra a obrigação de heterossexualidade (CLEF, 1989⁴³ *apud* FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009).

Há também outros movimentos de mulheres autodenominados correntes feministas, que produzem inúmeros livros e artigos, mas pela repetição do que já foi dito na primeira, segunda e até terceira onda e o mal-uso de conceitos amplamente discutidos acima, não entraremos aqui, nesta discussão.

Assim, de 1970 até hoje, constata-se uma evolução contraditória dos movimentos feministas; há urgência em resolver velhos problemas, muitas vezes se avança nos direitos para, na sequência, perderem direitos novamente, o que Faludi (2009) chama de *Backlash*.

Houve a institucionalização do movimento de libertação das mulheres, com a formação de ONGs, fechando a possibilidade de participação de mulheres não institucionalizadas, restringindo o acesso às diretorias e comissões, perdendo autonomia política com a dependência de financiamento de grandes agências que direcionam a atuação das organizações. Apesar de tudo, o movimento de libertação das mulheres tem força e renasce das cinzas.

3.9 CONSUBSTANCIALIDADE E COEXTENSIVIDADE

De acordo com Kergoat (2010), as conexões que surgem nos níveis individual e pessoal, bem como nas relações sociais mais amplas, representam um desafio de categorização em qualquer busca que envolva a análise do entrelaçamento das relações sociais. Essa questão, segundo a autora, junto com a da universalidade e interseção das relações, representa um problema central inserido nos estudos pós-coloniais e no feminismo negro.

O cruzamento de raça, sexo e classe não é um conceito novo. Há inúmeros trabalhos que abordam a interconexão dessas formas de opressão, sem necessariamente depender de estudos pós-coloniais (hoje chamados de decoloniais)

⁴³ CENTRE LYONNAIS D'ÉTUDES FÉMINISTES (CLEF). *Chronique d'une passion*. Le mouvement de libération des femmes à Lyon. Paris: L'Harmattan, 1989.

ou do feminismo negro. Alguns círculos ativistas e trabalhos acadêmicos reconheceram as divisões causadas pela desigualdade de classe, sexo e grupo étnico. Por exemplo, houve um colóquio internacional em 1987 organizado pelo *Atelier Production et Reproduction* que explorou as relações sociais de sexo, discutindo que as classes sociais eram dotadas de sexos e os sexos eram dotados de classe. Além disso, estudos sobre a divisão sexual do trabalho enfatizaram a importância de examinar as relações entre sexo, classe e relações Norte/Sul. Os trabalhos de Colette Guillaumin propuseram a análise dos processos ideológicos recorrentes de naturalização de sexo e “raça” (KERGOAT, 2010).

Embora esses trabalhos, sem dúvida, façam contribuições importantes para o campo da pesquisa, devemos abordar seus conceitos centrais com cautela. Para ilustrar esse ponto, Kergoat (2010) usa o exemplo da interseccionalidade, que se tornou uma espécie de “receita” no discurso contemporâneo. Em seu artigo *Mapping the Margins*, Kimberlé Crenshaw (1994⁴⁴ *apud* KERGOAT, 2010) define interseccionalidade como a “maneira como o posicionamento das mulheres negras, na intersecção de raça e gênero, torna sua experiência concreta da violência conjugal, da violência sexual e das medidas para remediá-las qualitativamente diferente da experiência concreta das mulheres brancas”. Essa definição, segundo Kergoat (2010), mostra a importância de compreender a complexa interação entre as relações sociais de sexo e “raça”, com foco nas experiências vividas por mulheres negras. No entanto, a crítica de Kergoat (2010) usa o próprio título do artigo - Mapeamento de Margens - para sugerir que corremos o risco de naturalizar categorias analíticas quando adotamos uma abordagem cartográfica para pensar os fenômenos sociais.

Kergoat (2010) cita Elsa Dorlin que antecipa essa crítica:

⁴⁴CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *In*: FINEMAN, Martha Albertson; MYKITIUK, Rixanne (eds.). **The public nature of private violence**. Nova York: Routledge, 1994, p. 93118.

[...] a definição [de Crenshaw] das relações sociais como setores de intervenção implica que as mulheres [...] que enfrentam mais do que uma discriminação se acham em setores isolados. [...] O conceito de interseccionalidade e, de maneira geral, a ideia de intersecção, dificulta pensar uma relação de dominação móvel e historicamente determinada [...]. Em outros termos, a interseccionalidade é um instrumento de análise que coloca as relações em posições fixas, que divide as mobilizações em setores, exatamente da mesma maneira pela qual o discurso dominante naturaliza e enquadra os sujeitos em identidades previamente definidas (DORLIN, 2010, p. 83-105, p. 92-93⁴⁵ *apud* KERGOAT, 2010, p. 98).

Não há posições fixas, pois elas estão inseridas em relações dinâmicas em constante evolução e renegociação. Essas questões são cruciais, principalmente quando se referem a classes sociais ou grupos racializados. Embora possa parecer problemático ver essas questões em termos de “isso ou aquilo”, abordar o problema em termos da **consustancialidade** das relações sociais apresenta uma perspectiva diferente. Dependendo de uma determinada configuração de relações sociais, sexo, classe ou raça podem ser unificadores ou não, mas não são fontes inerentes de antagonismo ou solidariedade. Nenhuma relação social tem prioridade sobre outra e não há contradições principais ou secundárias. Por exemplo, quando mulheres que trabalham para a rede de hotéis *Accor* enfrentam conflitos, elas o fazem como trabalhadoras e as mulheres negras não fazem reivindicações separadamente. Ao lutar dessa maneira, elas são capazes de combater a exploração excessiva de todos (KERGOAT, 2010).

Frisa-se que não está sendo afirmado que as questões de raça e classe social não são importantes, mas sim, que elas não devem ser analisadas como superpostas, adicionadas ou com intersecções, como propõe Crenshaw (1995). Se considerarmos que elas são somáveis, cairíamos em uma segmentação positivista de entendê-las como relações separadas e não **enoveladas**, como proposto por Saffioti (2004, p. 125 *apud* CISNE, 2014, p. 67):

⁴⁵ DORLIN, Elsa. De l'usage épistémologique et politique des catégories de 'sexe' et de 'race' dans les études sur le genre. **Cahiers du Genre**, n. 39, p. 83-105, p. 92-93, 2005.

O importante é analisar estas contradições na condição de fundidas ou enoveladas ou enlaçadas em um nó. Não se trata da figura do nó górdio ou apertado, mas do nó frouxo, deixando mobilidade para cada uma de seus componentes. Não que cada uma destas contradições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade, presidida por uma lógica contraditória. De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta motilidade é importante reter, a fim de não tomar nada como fixo, aí inclusa a organização destas subestruturas na estrutura global.

Para garantir que práticas sociais, relações sociais e identidade não sejam confundidas e para evitar o uso indiscriminado do conceito de consubstancialidade, certos princípios devem ser esclarecidos:

- Primeiro, as relações de sexo, “raça” e classe são todas relações de produção, em que exploração, dominação e opressão se entrelaçam. Uma análise detalhada é necessária para entender como o trabalho de um grupo é apropriado por outro, levando-nos de volta às disputas materiais e ideológicas das relações sociais. Por exemplo, nas relações sociais de sexo, as disputas surgem da divisão sexual do trabalho, bem como do controle social da sexualidade e da função reprodutiva das mulheres.
- Em seguida, a análise das relações sociais requer contexto histórico. Esses relacionamentos têm estrutura e mudam com o tempo. No entanto, todos os relacionamentos devem ser considerados igualmente importantes para evitar simplificações excessivas.
- O terceiro imperativo: definir as invariantes nas relações sociais. Um exemplo é a divisão sexual do trabalho com dois princípios organizadores: separação e hierarquia. Os dominados reinterpretem e subvertem categorias para evitar sua reificação. Porém, a subversão só pesa sobre as relações sociais se for coletiva (KERGOAT, 2010).

Além da **consubstancialidade**, a **coextensividade** aponta para o dinamismo das relações sociais. O conceito procura dar conta do fato de que elas se produzem mutuamente. A seguir discute-se como as relações sociais se consubstanciam e são coextensivas em relação às jovens descendentes francesas de migrantes do Magreb:

[...] o quanto a organização das relações sociais de “raça” reforça as relações sociais de sexo — o que cria uma incompreensão entre estas jovens e seus pais, aquelas idealizando a vivência da sexualidade na sociedade francesa enquanto estes desenvolvem um sexismo identitário, de onde emerge um controle crescente —, e o quanto as relações de sexo reforçam as relações sociais de idade e de classe: a fuga do controle parental, muito mais visível entre as jovens que os jovens, perturba sua trajetória escolar e as leva a sair de casa prematuramente, o que conduz a uma situação de precariedade, em que as relações de sexo são ainda mais acentuadas (HAMEL, 2003, p. 643⁴⁶ *apud* KERGOAT, 2010, p. 101).

Kergoat (2010) exemplifica com o trabalho doméstico e de cuidados que se encontra no cruzamento das relações de classe, sexo e “raça”. Segundo a autora, ele é um instrumento precioso para observar a evolução dessas relações:

(1) O surgimento de uma oposição direta de classe entre a nova classe trabalhadora não industrial e as mulheres empregadoras. Essa é uma nova forma de relações de classe, com o desenvolvimento de uma classe trabalhadora feminizada e um número crescente de empregadoras. A oposição não é mais mediada por homens e é entre mulheres que veem seu capital econômico, social e cultural aumentar e aquelas em situação precária e sua renda diminuída.

(2) Evolução da relação entre os sexos, por conta do trabalho doméstico superexplorado que não resolve os problemas do trabalho doméstico (problemas não considerados pelas sociedades ocidentais), que apenas os desloca.

(3) Evolução das relações sociais de “raça”: o trabalho de cuidado é racializado ao associar certas qualidades a etnias específicas. Isso afeta as relações familiares por meio de babás, empregadas domésticas e cuidadores. Os estrangeiros não estão mais apenas nos arredores das cidades. Eles vivem e trabalham entre famílias afetadas pela migração. A “alterização” e a racialização assumem novas formas.

(4) Surge uma nova competição entre trabalhadores de diferentes partes do mundo em situações precárias. Isso co-produz o reforço das relações de classe social, raça e sexo. A feminização da força de trabalho exacerba as relações de classe e raça, e o trabalho assistencial é frequentemente naturalizado e racializado.

⁴⁶ HAMEL, Christelle. **L'intrication des rapports sociaux de sexe, de “race”, d'âge et de classe: ses effets sur la gestion des risques d'infection par le VIH chez les français descendant de migrants du Maghreb**. Paris: tese de doutorado, EHESS, p. 643, 2003.

Apesar da importância do setor assistencial, os trabalhadores não formam uma categoria estável.

Para Kergoat (2010), esse método ajuda a pensar sobre os regimes de poder e a transformação da dominação internalizada em resistência, detectando elementos utópicos na realidade social contemporânea.

Em síntese, as relações sociais de sexo, “raça” e classe são consubstanciais, formam um nó que não pode ser visto como estável ou justaposto; essas relações também são coextensivas pois se coproduzem e se reproduzem mutuamente.

3.10 PROSTITUIÇÃO E PORNOGRAFIA

A definição deste termo é uma das mais extensas desta seção. A prostituição é um dos temas mais complexos a serem discutidos. Ele é também objeto da pesquisa de campo realizada. Iniciamos justificando o porquê de abordar a prostituição e não da mulher em situação de prostituição. Segundo Legardinier (2009, p. 198), explicar a prostituição com base nas pessoas prostituídas, é enxergar apenas a ponta visível do *iceberg*. Para a autora, “a prostituição é, antes de tudo, uma organização lucrativa, nacional e internacional de exploração sexual do outro”, a prostituição é um sistema com diversos agentes envolvidos no que chamamos de **sistema de prostituição**, constituído de clientes, cafetões, Estados e exércitos, além de homens e mulheres, pelo fato de a prostituição “estar fortemente enraizada tanto nas estruturas econômicas como na mentalidade coletiva”. Nesse sentido, aponta Legardinier (2009, p. 198), as representações e mitos em torno da prostituição a encorajam e a legitimam.

Um dos mitos é a frase “a prostituição é a profissão mais antiga do mundo”, Swain (2013) afirma que esta é uma “frase tantas vezes repetida, mas não tem base histórica; tem, entretanto, em sua propagação, o papel de justificativa para a existência da venda e da compra de mulheres, como algo que ‘sempre foi assim’”. Segundo a autora, “em história, nada é dado de modo universal, pois a multiplicidade do humano torna tudo possível, nada fixo, permanente, incontornável” (SWAIN, 2013). Da mesma forma, Legardinier (2009, p. 198), enfatiza que “além de não ser verdade que essa ‘é a mais velha profissão do mundo’ [...] esse clichê serve para defender o fatalismo e evitar qualquer questionamento sobre um assunto que

provoca mal-estar”. Para a autora, “historicamente, a prostituição é reduzida a um clichê”.

Um tema tão complexo com tantos agentes envolvidos também perpassa a relação entre pornografia e prostituição. Para a linha teórica feminista radical (que analisa as raízes da dominação das mulheres), a pornografia, assim como a prostituição são uma violência contra as mulheres e mais do que isso, a violação que é produzida na pornografia e por meio dela, não se limita a atos violentos, pois a pornografia pode ser mais ou menos violenta, mas é sempre uma *objetificação sexual*, considerado um ato de poder pelo qual as mulheres são reduzidas a coisas, tratadas como não humanas. A pornografia é tanto um ato de objetificação sexual quanto uma ideologia orientada pela mídia, que reduz uma experiência humana a uma coisa objetificada, uma coisa a ser obtida, tida, tomada. A base de toda exploração sexual está, portanto, na objetificação das mulheres e do sexo (BARRY, 1997).

Defensores da pornografia e da prostituição argumentam que as mulheres exploradas nesse sistema fizeram uma escolha, porém, mesmo que isso não seja relacionado às relações sociais de sexo e econômicas, a **indústria do sexo** reduz qualquer mulher ao seu sexo, o que pode ser percebido no assédio sexual de rua contra meninas e adolescentes, a liberdade que muitos homens tomam em solicitar serviços sexuais para qualquer mulher, ela estando em situação de prostituição ou não, pois ao ser objeto, qualquer mulher está sujeita a esse sistema, mesmo sem “escolher”.

Para Barry (1997) a ação feminista contra a pornografia é um confronto contra a opressão sexual, opressão que inferioriza as mulheres como classe por meio do uso do sexo e da sexualidade; porém, a exploração sexual não é apenas sexual, ela sustenta o controle reprodutivo sobre as mulheres e promove sua marginalização econômica da força de trabalho. A opressão das mulheres, segundo Barry (1997) opera por meio de estruturas de poder, de hierarquias de sexo, sustentando o *status* inferior das mulheres na vida econômica, política e social. Barry (1997) afirma que a objetificação sexual é uma dimensão central da opressão das mulheres, operacionalizada por meio da sexualização pública das mulheres, especialmente na pornografia. A sexualização pública das mulheres extrapola a indústria pornográfica e se manifesta na publicidade, nos cliques musicais, nas telenovelas e cinema e se incrusta no imaginário, ditando comportamentos.

É importante mencionar que a pornografia e a prostituição são um nicho de mercado em que as mulheres são vendidas como sexo, mas também como uma etnia, uma cor, um peso, uma sexualidade. Nessa indústria, as relações sociais de sexo, “raça” e classe se consubstanciam. Um exemplo são as mulheres negras que são tratadas como produtos de exportação e também as categorias de classificação de mulheres nos bordéis ou nos sites de pornografia.

Para Barry (1997), a prostituição, que é cada vez mais aceita como meramente "sexo consentido entre adultos", é apenas um aspecto da exploração sexual global e um instrumento da hegemonia ocidental - especialmente dos EUA - em seu controle sobre as economias de mercado no mundo em desenvolvimento. Portanto, para a autora, a exploração sexual, especialmente por meio da pornografia e da prostituição, é comercializada e negociada nas economias mundiais por meio dos mercados ocidentais de homens de negócios, militares e indústrias do sexo de origem ocidental, maciçamente implantadas nas economias recém-industrializadas até que se tornem autossustentáveis (BARRY, 1997). Para Barry (1995, 1997), a pornografia e a prostituição demandadas por militares norte-americanos levam à exploração sexual massiva de mulheres por onde passam esses militares.

O individualismo liberal fruto da política econômica norte-americana, acompanhado da dominação masculina, eleva o poder da escolha e a liberdade de expressão acima de todas as ações humanas, tornando a opressão invisível, confinando a exploração sexual a um discurso de caráter individualista liberal (BARRY, 1997).

Frente à omissão da opressão sexual, surgem os abolicionistas da prostituição. Raymond (2013) explica a associação entre abolição da escravidão e abolição da prostituição. Os abolicionistas da prostituição entendem a prostituição como um tipo de escravidão, em que as mulheres nem sempre estão acorrentadas fisicamente ou foram brutalmente forçadas à prostituição, mas como uma forma mais complexa de escravatura em que são sujeitas à prostituição através do engano, fraude, abuso de suas vulnerabilidades ou abuso de poder.

Raymond (2013) menciona que as mesmas questões debatidas no contexto da abolição da escravatura racial são discutidas sobre a prostituição, como por exemplo: os regulamentacionistas da escravidão racial propuseram medidas para administrá-la como um negócio e torná-la “melhor” para aqueles que foram escravizados, regulamentando a escravatura como um *setor econômico* sancionado

pelo Estado. Da mesma maneira, um relatório de 1998 publicado pela Organização Internacional do Trabalho - OIT (LIM, c1998)⁴⁷ apelou pelo reconhecimento econômico da indústria do sexo, recomendando que quatro países do Sudeste Asiático lucrassem com a crescente indústria do sexo, tributando-a e regulamentando-a como um trabalho legítimo. Outro exemplo dado por Raymond (2013) é o da legislação britânica inicial contra a escravidão racial que era regulamentacionista e baseava-se no princípio de que “o comércio era em si justo, mas tinha sido abusado”, criticando o comércio de escravos, e não a escravidão em si, assim como os defensores da prostituição moderna limitam as suas críticas ao tráfico sexual ou à prostituição *forçada*, e não à prostituição em si. Medidas anti-escravidão propostas na Grã-Bretanha são comparáveis aos esquemas de redução de danos propostos pelos defensores da prostituição de hoje, que propõem treinar as mulheres para o sexo seguro, incluindo a autodefesa para afastar clientes perigosos e exigir que os empresários da prostituição coloquem botões de pânico nos quartos dos bordéis para supostamente prevenir a violência. Segundo Raymond (2013), essas medidas são o reconhecimento indireto de que a prostituição é perigosa e uma violência contra as mulheres.

Pode soar absurdo, hoje em dia, ler que alguns países pró-escravidão queriam regular a escravidão racial através da inspeção oficial dos navios negreiros; alguns até promoveram padrões de higiene nos navios que transportavam pessoas do continente africano para serem escravizadas. Outros defenderam a distinção entre escravidão forçada/livre que hoje disputa o debate sobre a prostituição, afirmando que apenas se as pessoas escravizadas tivessem sido raptadas, e não comprados legalmente, deveriam ser devolvidas ao continente africano (RAYMOND, 2013).

Nos EUA, de acordo com Raymond (2013), foi argumentado que nem todas as pessoas escravizadas foram *totalmente* escravizadas, como por exemplo os chamados “escravos domésticos”, também argumentavam que alguns tinham o livre arbítrio, exemplificando com Sally Hemings, mulher propriedade de Thomas Jefferson, que embora tenha sido escravizada, mais tarde levou uma vida de mulher livre e optou por ficar com Jefferson quando ele voltou para os Estados Unidos. Ela, por exemplo, aprendeu francês em Paris com Jefferson, ele comprou roupas finas

⁴⁷ LIM, Lin Lean (ed.). **The Sex Sector: The Economic and Social Bases of Prostitution in Southeast Asia**. Geneva: International Labour Organization, c1998.

para ela, o relacionamento deles era muito íntimo e ela poderia ter ficado em Paris como uma mulher livre quando Jefferson voltou para a América, mas decidiu voltar com ele. No mesmo sentido, aponta Raymond (2013), os defensores da indústria do sexo apoiam a ideia de que o tráfico sexual é uma forma temporária de coerção que mais tarde se torna uma escolha mais voluntária, mencionando que algumas pessoas que foram coagidas a entrar na indústria do sexo podem encontrar uma saída, mas permanecem no trabalho sexual com o apoio daquelas que as coagiram (UNAIDS..., 2011⁴⁸, p. 15⁴⁹ *apud* RAYMOND, 2013). No entanto, conclui Raymond (2013), é improvável que a maioria das mulheres traficadas veja clientes, gerentes e cafetões como sua futura rede de segurança.

Raymond (2013) menciona a legislação nos Estados Unidos, que por exemplo, se uma mulher romena é traficada para a prostituição nos EUA, ela é protegida pela *Trafficking Victims Protection Act*, enquanto uma mulher norte-americana na prostituição é criminalizada e presa. A *Trafficking Victims Protection Act* oferece proteção a todas as crianças traficadas, mas crianças americanas prostituídas nas ruas podem ser presas e enviadas para centros de detenção juvenil. Segundo Raymond (2013), os que se opõem à legislação abolicionista argumentam que penalizar os usuários da prostituição os leva a outro lugar, assim como a Grã-Bretanha argumentava que manteria a escravidão racial no século XIX, pois se desistisse do comércio de escravos, a França e outros países assumiriam o controle.

A indústria do sexo tem um forte *lobby* e usa diversas táticas para desacreditar os abolicionistas e promover uma legislação que favoreça a compra de mulheres, a cafetinagem e os bordéis, aconselhando políticos que votam pela legalização e sua descriminalização. A regulamentação da prostituição foi a tendência dominante até meados do século XX, com mulheres submetidas ao assédio policial, prisão e exames médicos. Em 1949, a Convenção para a Repressão do Tráfico de Pessoas e da Exploração da Prostituição de Terceiros

⁴⁸ UNAIDS Guidance Note on HIV and Sex Work. Geneva: UNAIDS, 2011. Annexed to the UNAIDS Guidance Note on HIV and Sex Work, updated April 2012, UNAIDS/09.09E / JC1696E,15. Disponível em: http://www.unaids.org/en/media/unaids/contentassets/documents/unaidspublication/2009/JC2306_UNAIDS-guidance-note-HIV-sex-work_en.pdf.

⁴⁹ "However, it is important to understand that being trafficked is often a temporary situation: people who are trafficked do not necessarily remain in situations of powerlessness and coercion. For example, individuals who have been trafficked into the sex industry, or those who find themselves tricked or coerced once within the sex industry, can find their way out of situations of coercion but remain in sex work operating more independently and usually with support from their fellow sex workers, their clients, their intimate partners and their managers or agents".

(*Convention for the Suppression of the Traffic in Persons and of the Exploitation of the Prostitution of Others*) da ONU endossou a abolição e não a regulamentação da prostituição, graças às campanhas abolicionistas de Josephine Butler (RAYMOND, 2013),

Josephine Butler, a fundadora do movimento abolicionista da prostituição, desafiou o direito inquestionável dos homens à compra de mulheres (prostituição) ao iniciar uma campanha contra os Atos de Doenças Contagiosas (*Contagious Diseases Acts*) da Grã-Bretanha em meados do século XIX, voltadas para mulheres na prostituição, *bem como mulheres solteiras, viúvas e outras pessoas suspeitas de prostituição*. Butler considerava os Atos como um sistema de opressão de mulheres vulneráveis, submetendo-as a exames degradantes e desinfetando-as para a diversão segura dos homens. Após os resultados dos exames médicos obrigatórios, as mulheres poderiam ser confinadas em enfermarias semelhantes a prisões, chamadas *Lock Hospitals*, durante nove meses. A campanha das abolicionistas destaca que muitas mulheres que não se prostituíam e fizeram esses exames recorreram à prostituição porque passaram a ser estigmatizadas como prostitutas (RAYMOND, 2013). Com esses Atos, qualquer mulher era considerada uma prostituta em potencial.

Falando em nome das centenas de mulheres na prostituição, que ajudou pessoalmente, Butler citou as palavras de uma mulher que se viu detida num destes hospitais:

São homens, homens, apenas homens, do primeiro ao último, que temos que lidar! Para agradar a um homem, a princípio fiz algo errado, depois fui arremessada de um homem para outro. O policial pôs as mãos em nós. Por homens somos examinadas, manipuladas, tratadas e remexidas. No hospital é novamente um homem que faz orações e lê a Bíblia para nós. Somos apresentados a magistrados que são homens e nunca saímos das mãos dos homens até morrermos⁵⁰ (JACKSON, 1994, p. 25-26⁵¹ *apud* RAYMOND, 2013, p. 26, nossa tradução).

Os Atos/Leis de Doenças Contagiosas foram também aplicados pela Grã-Bretanha na Índia. Segundo Raymond (2013), Josephine Butler, em seus

⁵⁰ It is men, men, only men from the first to the last that we have to do with! To please a man I did wrong at first, then I was flung about from man to man. Men police lay hands on us. By men we are examined, handled, doctored, and messed on with. In the hospital it is a man again who makes prayers and reads the bible to us. We are had up before magistrates who are men, and we never get out of the hands of men until we die.

⁵¹ JACKSON, Margaret. **The Real Facts of Life: Feminism and the Politics of Sexuality, c1850–1940**. London: Taylor & Francis, 1994. p. 25-26.

escritos, expressou seu forte descontentamento com a cruel subjugação de mulheres indianas nos bordéis do Exército Britânico. Ela lamentou o fato de que angariar a simpatia e a conscientização do público para as mulheres indianas “anônimas” que foram forçadas à prostituição era muito mais difícil do que para as mulheres prostituídas da Grã-Bretanha. A maioria das mulheres indianas nos bordéis militares eram viúvas que haviam sido vendidas para a prostituição pelas famílias de seus maridos. Entre elas também estavam crianças que foram alojadas em condições terríveis e que viviam com medo constante dos soldados. O governo britânico na Índia buscou ativamente mulheres “suficientemente atraentes” e mais jovens para fornecer aos soldados britânicos que se queixaram da “qualidade” das mulheres que receberam. Mesmo anos depois que os Atos foram tornados ilegais na Grã-Bretanha, mulheres e meninas indianas ainda eram submetidas aos temidos exames médicos. O general Sleigh Roberts, comandante-chefe do exército britânico na Índia emitiu uma resposta racista à campanha pública de Butler contra a prostituição militar na Índia, afirmando que “a prostituição é um comércio entre os nativos praticado em toda a Índia; a vergonha, no sentido europeu, não está ligada a ela” (JORDAN, 2001, p. 243⁵² *apud* RAYMOND, 2013, p. 27, nossa tradução). Em resposta, Butler ameaçou o general com um motim indiano, dizendo que “nada certamente produz um espírito de rebelião quanto o pisoteio da feminilidade de uma raça subjugada por seus conquistadores” (JORDAN, 2001, p. 244⁵³ *apud* RAYMOND, 2013, p. 27, nossa tradução).

Como resultado dos esforços de Butler, as Leis de Doenças Contagiosas na Grã-Bretanha foram suspensas em 1883 e finalmente revogadas em 1886, mas, na prática, elas não terminaram na Índia até 1895. A questão da responsabilidade dos homens pela promoção da prostituição, bem como a campanha internacional de Butler contra a necessidade “irreprimível” dos homens pelo sexo da prostituição, seriam retomadas pelas abolicionistas feministas nos séculos XX e XXI. Como na época de Josephine Butler, o debate atual sobre a prostituição gira em torno da abolição ou regulamentação (RAYMOND, 2013)

Em 1979, Kathleen Barry deu nova vida ao abolicionismo feminista com a publicação do seu livro sobre tráfico e prostituição intitulado *Female Sexual Slavery*⁵⁴ que, segundo Raymond (2013), começa com uma homenagem a Josephine Butler,

⁵² JORDAN, Jane. **Josephine Butler**. London: John Murray, 2001. p. 243.

⁵³ JORDAN, Jane. **Josephine Butler**. London: John Murray, 2001. p. 243.

⁵⁴ BARRY, Kathleen. **Female Sexual Slavery**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1979.

documentando a história da campanha abolicionista e a colocando como pioneira do movimento feminista moderno abolicionista da prostituição.

Em 1988, juntamente com Dorchen Leidholdt, Barry fundou a Coalizão Internacional Contra o Tráfico de Mulheres (*Coalition Against Trafficking in Women - CATW*). Assim como Butler, Barry enfatizou a centralidade da prostituição na luta pelos direitos humanos das mulheres e apontou a questão da demanda masculina, a violência masculina contra as mulheres e a falta de oportunidades econômicas para as mulheres como os fatos responsáveis pela prostituição. Ela citou Emma Goldman ao escrever que “cinquenta por cento dos homens casados são clientes de bordéis. [...]. No entanto, a sociedade não tem uma palavra de condenação para o homem, enquanto nenhuma lei é monstruosa demais para ser posta em prática contra as mulheres prostituídas” (BARRY, 1979, p. 31⁵⁵ *apud* RAYMOND, 2013, p. 27).

A já mencionada Convenção para a Repressão do Tráfico de Pessoas e da Exploração da Prostituição de Terceiros (*Convention for the Suppression of the Traffic in Persons and of the Exploitation of the Prostitution of Others*) de 1949⁵⁶, segundo Raymond (2013), foi um progresso na legislação de direitos humanos ao descriminalizar as vítimas da prostituição; no entanto, não criminalizou os perpetradores. Ademais, considera semelhantes a prostituição e a escravidão, rejeitando a noção de “trabalho sexual” Segundo Legardinier (2009) o abolicionismo da prostituição desaparece do campo das preocupações sociais na década de 1940.

Nas décadas de 1970 e 80, surgiu um movimento contrário ao abolicionismo, que distingue prostituição forçada e livre. Esse movimento priorizou o consentimento à exploração e renomeou o sistema ao transformar cafetões em agentes de negócios, proprietários de bordéis em empreendedores sexuais e mulheres prostituídas em profissionais do sexo (RAYMOND, 2013). Segundo Raymond (2013, p. 25) trata-se de uma reminiscência de como os estrategistas pró-escravidão, no passado, procuraram humanizar a escravidão, e cita a fala de um deles: “Em vez de ESCRAVOS, que os negros sejam chamados de PLANTADORES ASSISTENTES; e não ouviremos então tais protestos violentos contra o comércio de escravos por

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ GENERAL ASSEMBLY RESOLUTION 317 (IV). **Convention for the Suppression of the Traffic in Persons and of the Exploitation of the Prostitution of Others**. New York: UN Secretary-General, 1949.

parte de teólogos piedosos, poetisas de coração terno e políticos míopes”⁵⁷ (HOCHSCHILD, 2005, p. 160⁵⁸ *apud* RAYMOND, 2013, p. 25).

A escravidão sexual é construída a partir do domínio dos homens e da subordinação das mulheres, com base na ideia que mulheres são passíveis de compra, uso, venda e tráfico. O sistema de prostituição só terminará quando as pessoas deixarem de ver as mulheres como objetos de uso e reconhecerem que a prostituição é uma forma de opressão que pode ser resolvida (JEFFREYS, 2013).

Afonso (2014) conclui que ao longo da história, e mesmo hoje, há três “grandes formas” de interpretar a prostituição: Como um pecado ou ato de vadiagem, em suma, algo moralmente condenável - posição endossada por grupos religiosos e/ou conservadores que atribuem à mulher que se prostitui a culpa pela existência da prostituição e das mazelas a ela relacionadas; a visão da prostituição como um trabalho igual a qualquer outro, e que, portanto, deve ser naturalizado e regulamentado (defendida, por exemplo, pelas feministas liberais, no Brasil pelo PSOL na figura de Jean Willys com o projeto de lei Gabriela Leite); e a visão da prostituição como uma violência em relação à mulher que se prostitui, produto de uma sociedade desigual e patriarcal. Partilham esta visão o movimento abolicionista, desde 1870, alguns grupos feministas, como as feministas radicais e partidos ou correntes marxistas. Ressalte-se que as sobre a prostituição não são comuns, mesmo na academia, como indica a bibliografia levantada.

3.11 HISTÓRIA DA MULHERES

A segunda onda do movimento feminista, que se desenvolveu a partir dos anos 1960, muito contribuiu para o surgimento da História das Mulheres (SOIHET, 1977).

No final dos anos 1970, em consonância com a efervescência política e cultural desta época, surgiram cursos, seminários e grupos de reflexões nas universidades francesas e também proliferaram as pesquisas sobre mulheres. Nesse contexto, a disciplina História das Mulheres inicia seu processo de reconhecimento institucional. Na Inglaterra, iniciou-se a *History Workshop* e, nos Estados Unidos, desenvolveram-se os *Women's Studies* (SOIHET, 1977, p. 277),

⁵⁷ “Instead of SLAVES, let the Negroes be called ASSISTANT PLANTERS; and we shall not then hear such violent outcries against the slave-trade by pious divines, tender-hearted poetesses, and short-sighted politicians.”

⁵⁸ HOCHSCHILD, Adam. **Bury the Chains**: Prophets and Rebels in the Fight to Free an Empire's Slaves. Boston: Houghton Mifflin, 2005.

Três fatores provocaram o surgimento da História das Mulheres: **o científico, o sociológico e o político**. Os fatores **científicos** decorreram de uma crise nos sistemas de pensamento, nos anos 1970. Nesse período, a história se aliou à antropologia, redescobrimo-se a instituição *família*. Das análises da natalidade, da nupcialidade e da mortalidade começam a ser melhor investigadas as relações sociais de sexo (PERROT, 2013, p. 18). Dos fatores **sociológicos**, menciona-se o ingresso das mulheres nas universidades. Sobre os fatores **políticos**, foi decisivo o Movimento de Libertação das Mulheres (PERROT, 2005, p. 17).

A longo prazo, o Movimento de Libertação das Mulheres desenvolveu teorias que criticavam os saberes consolidados, supostamente universais e neutros apesar de seu cunho predominantemente masculino. Houve, nos anos 1970-1980, uma crítica à epistemologia das ciências sociais e humanas, surgindo daí o desejo de outra narrativa histórica (PERROT, 2013, p. 20). A “história da história das mulheres” (DEL PRIORE, 2000), por sua vez, é fundada “na constatação da negação e do esquecimento”. A disciplina emergiu a partir de 1970, “atrelada à explosão do feminismo e articulada ao florescimento da antropologia e da história das mentalidades, à história social e às pesquisas até então inéditas em memória popular”. Esse período

foi fundamental, no qual as feministas fizeram a história da mulher, antes mesmo dos historiadores. Depois de um primeiro impulso dado à questão, as universidades abriram as portas aos grupos de pesquisa, criaram laboratórios para abrigar reflexões sobre o tema, encorajaram trabalhos e monografias. (DEL PRIORE, 2000, p. 220).

Duas preocupações estruturam essa efervescência intelectual: “fazer surgir as mulheres no seio de uma história pouco preocupada com as diferenças sexuais e demonstrar a opressão, a exploração e a dominação que sofriam e que as subjugavam” (DEL PRIORE, 2000, p. 220).

Lerner (1986) sustenta que “as mulheres foram e têm sido agentes da história, centrais e não marginais na criação da sociedade e na construção da civilização, e têm, inclusive, contribuído para a preservação da memória coletiva por meio da tradição oral” (LERNER, 1986, p. 4-5, tradução nossa).

Dialogando com as afirmações de Gerda Lerner, Dale Spender (1982, p. 4-5) se pergunta sobre o desconhecimento geral das grandes movimentações de mulheres, do início do século XX. Nesse sentido, Adrienne Rich afirma que

toda a história da luta pela autodeterminação das mulheres foi ocultada uma e outra vez. Um dos obstáculos culturais mais sérios que encontra qualquer escritora feminista consiste que, frente a cada trabalho feminista, existe a tendência a recebê-lo como se tivesse saído do nada, como se cada uma nós não tenhamos vivido, pensado e trabalhado com um passado histórico e um presente contextual. Esta é uma das formas pelas quais se faz parecer o trabalho e o pensamento das mulheres como esporádico, errante e órfão de qualquer tradição própria. De fato, temos uma larga tradição feminista tanto oral, como escrita, uma tradição que se construiu sobre si mesma, uma e outra vez, reunindo elementos essenciais ainda quando aquelas mulheres tenham sido enforcadas ou exterminadas. (RICH, 1983, p. 19-20, tradução nossa).

Segundo Spender (1982),

uma sociedade patriarcal depende em grande medida da experiência e dos valores dos homens, sendo percebidos como o único quadro de referência válido para a sociedade” e que, portanto, é “de interesse patriarcal impedir que as mulheres compartilhem, estabeleçam e afirmem seu painel de referência como igualmente real e válido, embora diferente, pois é o resultado de experiências diferentes”. [...] “os homens descreveram e explicaram o mundo a partir de seu próprio ponto de vista, assumindo que sua experiência parcial do mundo é tudo o que existe, considerando a experiência das mulheres inexistente, invisível e irreal desde o início”. (SPENDER 1982, p. 5, tradução nossa).

No que concerne à história das mulheres no Brasil, o desenvolvimento desta área deu-se a partir do final dos anos 1970 como reflexo da efervescência internacional. A partir de 1978, de acordo com Del Priore (2000, p. 226), pesquisadores da Fundação Carlos Chagas de São Paulo começaram a coletar material para a realização de uma bibliografia relacionada aos trabalhos da área de ciências humanas com o tema “mulher”; até 1985 houve concursos e bolsas concedidas pela Fundação Ford. Neste momento

vários historiadores, debruçados sobre as fontes egressas das instituições de poder - a Igreja ou o Estado - varriam os escaninhos da vida social no Brasil colonial e imperial, e também republicano, em busca de práticas que se desviavam da norma no campo dos amores e do imaginário. Surgiram, assim, em artigos, teses ou livros, as histórias das concubinas⁵⁹, das prostitutas⁶⁰, das escravas rebeldes⁶¹, das freiras⁶², das lésbicas⁶³, das defloradas⁶⁴, das “mal faladas”⁶⁵, das pecadoras⁶⁶, das “doidas”⁶⁷, das pobres⁶⁸, das escritoras feministas⁶⁹. Devassavam-se processos de toda a ordem, lugar mesmo da transgressão. Interrogavam-se mulheres do Norte⁷⁰ ou do Sul⁷¹ do país. Por outro lado, procurava-se compreender a perseguição movida por algumas instituições de poder masculinas (a Inquisição, a Igreja, a Magistratura, a polícia) contra essas que eram apresentadas como capazes de uma surpreendente bricolagem cotidiana, quando bricolagem significava invenção, engenhosidade, e a capacidade de criar, na precariedade do dia-a-dia, a malha mais fina do tempo social em torno do qual a história se fazia. (DEL PRIORE, 2000, p. 227).

Esse campo de estudos tornou visível o que foi preterido, tendo como pioneiras: Miriam Moreira Leite, Maria Odila Silva Dias e Maria Beatriz Nizza da Silva. Essas pesquisadoras contribuíram para historiografia nacional com seus trabalhos elaborados com base em fontes inéditas: “a iconografia e a fotografia, os relatos de viajantes estrangeiros, os processos civis e criminais, a tradição oral, a documentação eclesiástica foram por estas brilhantes autoras diagnosticados e interpretados, introduzindo-nos no mundo feminino” (DEL PRIORE, 1992, p. 13).

O feminismo gerou uma enorme interrogação sobre a vida das mulheres. Desse modo, “tornar visível, acumular dados, instituir lugares de memória (arquivos de mulheres, dicionários...) foram preocupações de uma história de mulheres em pleno desenvolvimento” (PERROT, 2005, p. 42).

Del Priore (2000, p. 231) enfatiza a importância da história do feminismo,

⁵⁹ Maria Beatriz Nizza da Silva tem vários artigos sobre a questão que mereceriam ser reunidos num livro de acordo com Del Priore (2000, p. 226).

⁶⁰ ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁶¹ MOTT, Luiz. **Rosa Egípcia, uma santa africana no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

⁶² ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas: mulheres na Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

⁶³ MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

⁶⁴ ABREU, Marta. **Meninas perdidas: o cotidiano do amor na Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

⁶⁵ PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: EDUSFC, 1994.

⁶⁶ ALMEIDA, Angela Mendes de. **O gosto do pecado**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

⁶⁷ CUNHA, Maria Clementina Pereira da Cunha. **Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XVII**, São Paulo, Revista Brasileira de História, v.9, n.18, ago./set., 1989. p. 121-144.

⁶⁸ MARCÍLIO, Maria Luiza (org.). **A mulher pobre na história da Igreja latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 1984.

⁶⁹ DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta - Vida e Obra**. Natal: Editora da UFRGN, 1995.

⁷⁰ FALCI, Miridan Konx. **Escravas do sertão**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1966.

⁷¹ RENAUX, Maria Luiza. **O outro lado da história: o papel da mulher no vale do Itajaí**. Blumenau: EDIFURB, 1995.

que foi desenvolvido por cientistas sociais feministas, grupos feministas informais, alternativos e comunitários que extraíam a energia de seus trabalhos da experiência e das vivências cotidianas. Essa experiência poderá ser verificada, também, na seção 5 desta tese.

Manuela Tavares (2009, p. 30) observa que o feminismo precisa de memória histórica: “construir essa memória e transmitir uma história dos feminismos é um desafio político e historiográfico”. Na história do movimento de mulheres, a questão da memória é

[...]fundamental por duas razões: a história tradicional não abriu espaço para que mulheres surgissem como sujeitos históricos; o eclodir dos movimentos feministas situa-se numa ‘história do tempo presente’, para qual a reconstituição da memória, o recurso às fontes orais e as fontes escritas de alguma especificidade são imprescindíveis. (TAVARES, 2009, p. 29).

Data do final do século XIX o início de um movimento de coleta de materiais produzidos por mulheres. Ocorre a autoconsciência de reconhecer as mulheres como um grupo, não se restringindo às que se destacaram ou em exemplos aplaudidos pela ordem patriarcal; ao contrário, dá-se reconhecimento às mulheres comuns como seres ativos e participantes em suas comunidades (LERNER, 1993, 278).

Nesse sentido, com o feminismo, houve a tentativa de tornar a História subversiva, marcada por uma certa rebeldia, opondo-se à ordem existente, ousando ensaiar suas próprias utopias e dando às mulheres existência social. Entretanto, a memória tem suas armadilhas, pois existe aquela memória que nos ata à obediência irreflexiva ao patriarcado e a memória que nos vincula às formas ancestrais de resistência e de construção de espaços de liberdade (BEDREGAL *et al*, 1993). É a esta última questão que estamos nos dedicando, procurando recuperar a produção de conhecimento de mulheres.

3.12 MULHERES E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: a descontinuidade na produção intelectual feminina

Lerner (2022) ao falar sobre a Crítica Bíblica Feminista, ilustra a falta de continuidade e a ausência de memória coletiva por parte das mulheres pensadoras; aponta que, individualmente, em diferentes países e períodos, mulheres pensadoras seguiram caminhos intelectuais semelhantes no desenvolvimento de seus

argumentos pela igualdade e emancipação das mulheres. A autora enfatiza que essas pensadoras, quase nunca baseavam seu trabalho no de outra mulher e, ao que parecia, ignoravam a tradição feminista de crítica bíblica. De acordo com Lerner (2022, p. 178), a energia criativa das mulheres foi, durante séculos, canalizada para a escrita religiosa. Outras formas de expressão foram desencorajadas ou excluídas de seus horizontes, fato que leva a autora a dedicar uma seção específica de sua pesquisa para falar da Crítica Bíblica Feminista e da produção do conhecimento de mulheres.

Ao ilustrar os séculos de produção do conhecimento das mulheres na tentativa de convencer, via escrita, sua constituição como indivíduos capazes de raciocinar e merecedores de direitos e respeito, Lerner (2002), mostra como as mulheres sempre foram perfeitamente capazes de produzir conhecimento, mesmo em condições adversas.

O primeiro comentário bíblico, mencionado por Lerner (2022), é o de uma mulher chamada Helie, no **Século II depois de Cristo**. Depois discute Matilda Joslyn Gage no Século XIX, no Movimento Sufragista dos Estados Unidos. E nos apresenta Sarah Grimké, que chega à conclusão de que seria, de acordo com Lerner (2022) reinventada inúmeras vezes pelas futuras gerações de feministas.

Eu menciono [isso] somente para provar que o intelecto não tem sexo; que a força da mente não tem sexo; e que nossos pontos de vista sobre os deveres dos homens e os deveres das mulheres, **a esfera do homem e a esfera da mulher, são meras opiniões arbitrárias, diferindo em diferentes idades e países, e dependentes apenas da vontade e do julgamento de mortais errantes** (GRIMKÉ, 1838⁷², p. 60 *apud* Lerner, 2022, p. 205, grifo nosso).

Sarah Grimké, por meio da leitura atenta da bíblia, e interpretações próprias, definiu as relações sociais de sexo e afirmou, com coragem, que as relações sociais de sexo são arbitrárias e culturalmente variáveis, socialmente construídas de modo a prejudicar as mulheres e seu desenvolvimento. Aqui, com Grimké, de acordo Lerner (2022), a crítica feminista da Bíblia resultou na perspectiva feminista do mundo.

Sarah Grimké, no parágrafo inicial do seu primeiro trabalho, escreveu: “Em uma tentativa de dar minhas opiniões sobre a Província da Mulher, sinto que estou

⁷² GRIMKÉ, Sarah Moore (1792-1873). **Letters on the equality of the sexes, and the condition of woman: Addressed to Mary S. Parker, president of the Boston Female Anti-Slavery Society.** Boston: Isaac Knapp, 1838.

me aventurando em um terreno quase inexplorado”, depois de mais de mil anos de crítica bíblica das mulheres (GRIMKÉ, 1838,⁷³ p. 3 *apud* Lerner, 2022). Lembrando que a primeira crítica encontrada data de II d.C.). Lerner (2009, p. 208) manifesta perplexidade pela repetitividade do processo ao olhar para trás, para “essa força monumental e desconhecida”. Pois, de acordo com a autora, por várias vezes, mulheres, individualmente, criticaram os textos bíblicos, sem saber que outras antes delas já o haviam feito. E o pior, a crítica bíblica feminista atual⁷⁴ está percorrendo os mesmos caminhos, utilizando os mesmos argumentos das outras mulheres engajadas nesse mesmo objetivo.

Essa descontinuidade não é trivial. Lerner acredita que ela marca a própria essência da relação distinta que homens e mulheres têm no processo histórico. A autora menciona que o aforismo de Isaac Newton, que, na verdade, começou com Bernard de Chartres - “Se eu vi mais longe, foi por ficar sobre os ombros de gigantes”, expressa como o pensamento dos homens foi moldado com base nos principais conceitos da civilização ocidental. Os homens criaram a história escrita e se beneficiaram da transmissão do conhecimento de uma geração a outra, de maneira que cada grande pensador pudesse estar “nos ombros de gigantes”, fazendo avançar, dessa forma, o pensamento sobre as gerações anteriores com máxima eficiência. (MERTON, 1985⁷⁵ *apud* LERNER, 2022. p. 208).

O conhecimento sobre a própria história era negado às mulheres, e, por isso, cada mulher teve que argumentar como se nenhuma outra antes dela já tivesse pensado ou escrito. As mulheres tiveram que dedicar sua energia para reinventar a roda, várias vezes e várias vezes, uma geração após a outra. Os homens discutiam com os gigantes que os precederam; as mulheres discutiam contra o peso opressor de milênios de pensamento patriarcal, que lhes negou autoridade, até mesmo humanidade, e, quando tiveram que discutir, argumentaram com os grandes homens do passado, privadas de autonomia, força e conhecimento que as mulheres do passado poderiam ter lhes oferecido. Como não podiam basear seus argumentos no trabalho de suas antecessoras, as pensadoras de cada geração tiveram que perder tempo, energia e talento reconstruindo seus argumentos. No entanto, elas nunca abandonaram a missão. Geração após geração, diante de descontinuidades recorrentes, elas pensaram até contornar e se afastar do pensamento patriarcal (LERNER, 2022, p. 208-209).

⁷³ *Idem*.

⁷⁴ Lembrando que esse livro foi publicado pela primeira vez em 1993.

⁷⁵ MERTON, Robert K. **On the shoulders of giants: a shandean postscript**. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1985.

Portanto, a conclusão de Lerner, primeiro baseado em seu trabalho historiográfico sobre a origem da opressão das mulheres pelos homens, que data de milênios, e a reinvenção dos mesmos argumentos pelas mulheres, por séculos (desde II d.C. até os dias de hoje), alerta para o que a autora chama de “força monumental e desconhecida” das mulheres em produzir conhecimento, nem do perigo em perder o conhecimento acumulado.

3.13 FONTES DE INFORMAÇÃO SOBRE MULHERES

Ao visitar bibliotecas à procura de obras escritas por mulheres, Virginia Woolf relata em sua obra clássica *Um teto todo seu*, de 1929, seu espanto com a quantidade insignificante dessa produção. Woolf atribui esse fato ao preconceito direcionado às mulheres, cuja inferioridade mental, moral e física é continuamente afirmada. Virginia Woolf (2014, p. 43) também observa que as mulheres não escreviam livros sobre homens.

A escassez de fontes de informação sobre mulheres, é também um fenômeno que permanece:

para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. (PERROT, 2013, p. 21).

A destruição dos vestígios ocorre de muitas formas. É comum, no caso de casais cujo homem é célebre, seus arquivos serem conservados, não ocorrendo o mesmo com os da esposa (informação verbal)⁷⁶. Simone de Beauvoir afirma que ao se perscrutar a história, “toda a história das mulheres foi feita pelos homens” (BEAUVOIR, 1980, p. 167).

Perrot (2013, p. 24), por sua vez, menciona Georges Duby⁷⁷ (1992) que afirma que “a força da ação masculina reduz as mulheres a espectadoras mais ou menos submissas: as mulheres não representavam a si mesmas”, elas eram representadas [...] Ainda hoje, é um olhar de homem que se lança sobre a mulher”. Além da destruição e da autodestruição das fontes, a autora chama a atenção para o fato de que “a matéria que constitui as fontes integra a desigualdade sexual e a marginalização ou desvalorização das atividades femininas” (PERROT, 2005, p. 12).

⁷⁶ Discussão no I Seminário Internacional Arquivos, Mulheres e Memória realizado no primeiro semestre de 2017 pelo Instituto de Estudos Brasileiros.

⁷⁷ Duby, Georges; Perrot, Michelle. *Images de femmes*. Paris: Polon, 1992.

Duarte mostra que

A censura e a repressão trabalham juntas para destruir o arquivo, antes mesmo de tê-lo produzido [...]. Pulsões de morte jogam o arquivo na amnésia, na aniquilação da memória, na erradicação da verdade. Não foram poucos os poemas de Auta de Souza que seus irmãos alteraram, antes de enviá-los para publicação. Também não foram poucas as obras de escritoras queimadas e destruídas por filhos e maridos ciumentos de seus talentos. (DUARTE, 2009, p.15).

Nos **arquivos públicos**, as mulheres aparecem quando perturbam a ordem, embora o façam menos do que os homens, não por sua natureza pacífica, mas por hesitar dar queixas quando vítimas, dada a forma de socialização recebida (PERROT, 2005).

O mundo público e a “constituição do Arquivo, da mesma forma que a constituição ainda mais sutil da Memória, é o resultado de uma sedimentação seletiva produzida pelas relações de força e pelos sistemas de valor” (PERROT, 2005, p. 14). Os arquivos públicos são um olhar dos homens sobre os homens (PERROT, 2005, p. 35).

Quanto aos **arquivos privados**,

sua destruição foi feita por herdeiros ou pelas próprias mulheres, “pouco preocupadas em deixar traços de seus eventuais segredos. Por pudor, mas também por autodesvalorização, elas interiorizavam de certa forma o silêncio que as envolvia” (PERROT, 2005, p. 12).

No entanto, os arquivos privados, podem dizer mais sobre as mulheres, pois, nos

[...] diários íntimos cuja prática é recomendada para as moças por seus confessores e mais tarde por seus pedagogos, como um meio de controle de si mesmas e [que] constituem um abrigo para os escritos das mulheres. (PERROT, 2005, p. 35).

A memória do privado é predominantemente voltada para a família, praticada à noite, no silêncio do quarto. Este cenário traçado por Perrot (2005, 2013), é o da Europa burguesa, o que não deslegitima seus apontamentos, mas é preciso lembrar que o acesso à leitura e à escrita era um privilégio permeado por questões de raça e classe.

De acordo com Perrot (2013, p. 32),

dois lugares foram propícios à escrita: os conventos e os salões, o claustro e a conversação. Na Idade Média, os conventos favorecem a leitura, [...] religiosas copiam os manuscritos e se apropriam do latim proibido.

A **imprensa** é uma rica fonte para acessar a produção e consumo de informação. Nela, as mulheres são leitoras e produtoras. A primeira imprensa feminina especializada, na França, foi a da moda (século XVIII e século XIX). As mulheres se “infiltraram” nesse nicho, introduzindo nas entrelinhas conselhos de emancipação através da educação e do trabalho. No século XX, essa imprensa chamou a atenção de patrocinadores para captar consumidoras, guiar seus gostos e compras, ao mesmo tempo em que defende a contracepção (PERROT, 2013, p. 33). Os Interesses de lucro com o consumo do público feminino, regado com discussões de contracepção mostram a ambiguidade das iniciativas liberais.

A imprensa feminista, por sua vez, é mais engajada, tendo na França três fases: de 1830-1832, que põe em voga o direito ao divórcio e à liberdade amorosa e sexual. Em 1848, os jornais publicados são mais políticos e sociais, reivindicam o direito das mulheres ao trabalho, a igualdade de salários, a formação de cooperativas e também o direito ao voto. A imprensa feminista, foi abundante. Dezenas de títulos foram lançados entre 1880 e 1914, incluindo o *La Fronde*, de Marguerite Durand.

No Brasil, no século XIX e início do século XX, houve uma robusta imprensa feminista que defendeu o direito do voto feminino, o direito à educação, ao divórcio e ao trabalho (TELES, LEITE, 2013). Constância Lima Duarte, no *Dicionário Ilustrado da Imprensa Feminina e Feminista no século XIX*, apresenta títulos, datas e nomes das mulheres que produziram a imprensa feminista no Brasil. A autora identificou 143 jornais e revistas, produzidos por mulheres, que circularam no Brasil nesse período. A autora crê que esse foi apenas a ponta do iceberg, pois muitos outros podem ter existido e se perderam por falta de conservação e interesse. Esse material circulou no litoral, interior, metrópole e nas províncias mais afastadas (DUARTE, 2016). Essa imprensa também representa a primeira onda do movimento feminista brasileiro.

Nos anos 1960 e 1970, no Brasil, a imprensa considerada feminina promovia um perfil de mulher perfeita de corpo, capaz de realizar três ou mais atividades ao mesmo tempo, que estava sempre arrumada, de bom humor e com um sorriso no

rosto. Em 1968, essa imprensa percebe os efeitos da revolução sexual e a revista *Capricho* começa a falar constantemente de sexo (TELES, LEITE, 2013, p. 44-45).

A imprensa também é elemento central no desenvolvimento do movimento de mulheres e feminista nacional, fomentando indagações e reflexões sobre o cotidiano das mulheres e sua opressão pelos homens. Foi na segunda metade dos anos 1970 que surgiu a segunda onda da imprensa feminista no Brasil, com o *Brasil Mulher* e o *Nós mulheres* de São Paulo (TELES, LEITE, 2013). Na década de 1980 surgiram inúmeros periódicos feministas como o *Mulher Liberta Mulher* (1980), *Mulherio* e *Chanacomchana* (ambos de 1981).

A imprensa feminista impulsionou as mulheres a buscarem espaços autônomos organizativos e, com isso, nos anos iniciais da década de 1980 surge uma série de grupos e coletivos feministas, como o SOS Corpo, o SOS-Mulher, o CIM (Centro Informação Mulher), o Coletivo Feminista Sexualidade Saúde, o Coletivo de Mulheres Negras, a União de Mulheres de São Paulo, entre outros (TELES, LEITE, 2013). Alguns grupos acumularam a documentação em suas próprias bibliotecas e centros de documentação especializado. Essa documentação e a formação de grupos de estudos contribuíram para o surgimento e consolidação dos estudos sobre mulheres. Estas questões serão discutidas na subseção 3.15.

3.14 ESTUDOS SOBRE MULHERES/ESTUDOS DE GÊNERO

Conforme visto nas conceituações acima, o Movimento de Libertação das Mulheres, desenvolvido a partir dos anos 1960, suscitou questionamentos sobre a produção de conhecimentos sobre a opressão comum a todas as mulheres. Os primeiros cursos que resultaram desses questionamentos foram denominados de Estudos sobre Mulheres (*Women's Studies*). Como também já discutido, o termo gênero foi absorvido pelo movimento político e muitos cursos e programas mudaram seu nome para Estudos de Gênero (*Gender Studies*).

Conforme amplamente discutido na subseção 3.6 *Sexo e Gênero*, a adoção do termo *gender* omite a problemática de nomear quem oprime (homens) e quem é oprimido (mulheres). Também é visto como uma maneira de ocultar discussões que, de acordo com Lerner (2022), são realizadas há mais de 2000 anos (subseção 3.11). Optamos, portanto, em usar os termos casta sexual, relações sociais de sexo, mulheres e estudos sobre mulheres, nesta pesquisa.

3.15 BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO SOBRE MULHERES

O patrimônio sobre mulheres conservado nas bibliotecas e centros de informação documenta a experiência e a reflexão do movimento feminista. É um legado dos movimentos políticos de mulheres e conseqüentemente, faz parte da história das mulheres (ZACAN, 2003⁷⁸ *apud* JORNET BENITO; TUSET PÁEZ, 2016).

Jornet Benito e Tuset Páez (2016, p. 2, tradução nossa) chamam a atenção para o significado político do ato de fazer e preservar a memória, ao fundar um centro de documentação, de captar material para documentar e compreender o papel do movimento político das mulheres na história.

Nesse sentido, Suzanne Hildenbrand (1986), contextualiza as Bibliotecas de Centros de Informação sobre Mulheres nas etapas de desenvolvimento do Movimento Feminista, aspecto presente na Introdução do livro *Women's Collections: Libraries, Archives & Consciousness*. A autora afirma que o número, o tamanho e a vitalidade das *Women's collections* podem ser atribuídos ao feminismo, que se dedica tanto ao ativismo quanto à educação para mulheres. Para Hildenbrand (1986), reconhecer o feminismo como força por trás dessas coleções torna possível compreender que o crescimento das coleções de mulheres americanas modernas acompanha o crescimento do feminismo.

Embora a autora esteja se referindo às coleções norte-americanas, essa análise pode ser estendida às bibliotecas e centros de informação sobre mulheres de outras regiões. Ao analisar as coleções de mulheres com o movimento feminista como pano de fundo, é possível constatar que uma onda feminista é seguida por um longo declínio e ressurgimento. O desenvolvimento das coleções acompanha as ondas feministas. A autora considera três fases distintas que podem se sobrepor: a primeira fase é caracterizada pela preservação, a segunda pelo *crescimento* e *desenvolvimento*, e a terceira pela *construção da consciência*. (HILDENBRAND, 1986).

Essas fases coincidem com as *ondas* do movimento feminista, ou seja, a fase de *preservação* das bibliotecas e centros de informação sobre mulheres coincide com a primeira onda do movimento feminista, que se caracteriza pela luta pelo direito ao voto. A fase de *crescimento* e *desenvolvimento* está ligada à segunda

⁷⁸ ZACAN, Marina. Conservare, progettare, comunicare, 2003. In: **Archivi del femminismo. Conservare, progettare, comunicare**. Atti del convegno, 5–6 ottobre, 2001. Milano: Fondazione Elvira Badaracco, p. 9–20.

onda, caracterizada pela consciência de que o *peçoal é político* (HANISCH, 1970) e com o desenvolvimento de teorias sobre o patriarcado e das relações sociais de sexo. A terceira fase das bibliotecas e centros de informação sobre mulheres, que promove a *construção de consciência* pode ser diretamente ligada com a terceira onda do movimento feminista.

Nos anos 70, de desenvolvimento da segunda onda do movimento feminista, ocorre a expansão da pesquisa sobre mulheres, que ao adentrar as universidades e centros de pesquisa é denominado *women's studies*. Essa expansão atinge também a área da Ciência da Informação. A partir das bibliotecas e centros de informação sobre mulheres, afloram discussões sobre a necessidade de a atividade documental adotar uma perspectiva feminista (ARGENTE JIMÉNEZ; CABÓ CARDONA, 2000). Surgem, inclusive, questionamentos sobre a urgência de construir sistemas de classificação e indexação da literatura feminista que reflitam as demandas e experiência das mulheres. Procura-se, assim, buscar alternativas para substituir a classificação tradicional, marcada pelo olhar masculino (JORNET BENITO; TUSET PÁEZ, 2016).

Xavier (2018) identificou 19 destas instituições no Brasil. Algumas já eram conhecidas, outras foram encontradas em menções de trabalhos de historiografia; alguns centros de atendimento à mulher criados no final dos anos 1980, de maneira orgânica, também originaram centros de documentação. No quadro 3, a seguir, estão elencadas as Unidades de Informação Brasileiras sobre Mulheres de acordo com Xavier (2018):

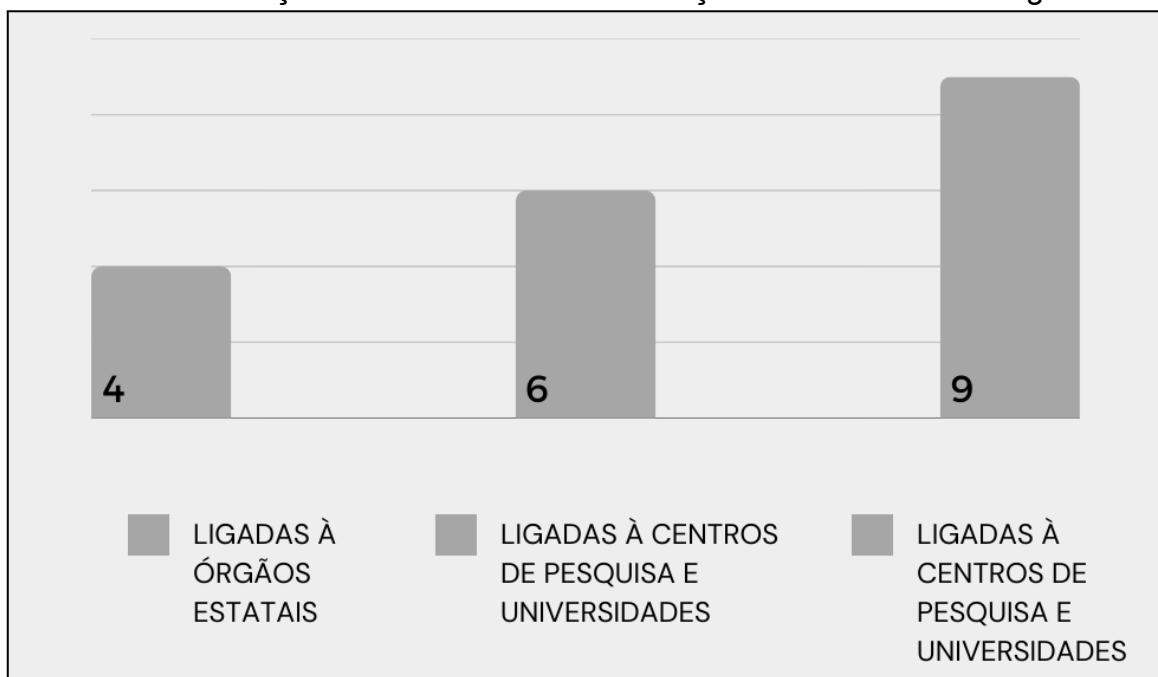
Quadro 3 - Unidades de Informação sobre mulheres no Brasil

Nome da unidade de informação	Cidade - Estado
Centro de documentação, estudos e pesquisa - THEMIS	Porto Alegre - RS
Centro de Documentação - Instituto de Estudos de Gênero (CEDOC-IEG) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Florianópolis - SC
Acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Florianópolis - SC
Centro de Documentação e Pesquisa Carolina de Jesus - Casa da Cultura da Mulher Negra (CCMN)	Santos - SP
Centro Pagu Unisanta	Santos - SP
Centro Informação Mulher (CIM)	São Paulo - SP
Biblioteca da Sempreviva Organização Feminista (SOF)	São Paulo - SP
Centro de Documentação Lélia Gonzalez - GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra	São Paulo - SP
Biblioteca Pública Municipal Cora Coralina	Guaianazes - SP
Biblioteca Beth Lobo - Núcleo de Estudos de Gênero- PAGU - Unicamp	Campinas - SP
Biblioteca Heleith Saffioti - UNESP Araraquara	Araraquara - SP
Biblioteca Rose Marie Muraro - Instituto Cultural Rose Marie Muraro (ICRM)	Rio de Janeiro - RJ
Centro de Documentação Pagu/PAGU - Documentação e Informação - CEMINA	Rio de Janeiro - RJ
Acervo Centro de Memória Mulheres do Brasil e Pesquisa - Rede de Desenvolvimento Humano (REDEH)	Rio de Janeiro - RJ
Espaço Cultural CEDIM Heloneida Studart - Conselho Estadual dos Direitos da Mulher/RJ	Rio de Janeiro - RJ
Centro de Documentação e Informação Coisa de Mulher (CEDOICOM)	Rio de Janeiro - RJ
Centro de Documentação e Memória - Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM)	Brasília - DF
Centro de documentação, informação e memória Zahidê Machado - Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Salvador - BA
Centro de Documentação e Apoio Pedagógico (CEDAP) - SOS Corpo - Instituto Feminista para Democracia	Recife - PE

Fonte: Xavier (2018).

Se fôssemos utilizar a classificação das unidades de informação sobre mulheres no Brasil, conforme a literatura espanhola, que as divide em: ligadas a órgãos estatais, ligadas a centros de pesquisa e universidades e as que surgiram em grupos de atuação política (autônomas) (JORNET I BENITO; TUSET PÁEZ, 2016, p. 4; MUÑOZ-MUÑOZ; ARGENTE JIMÉNEZ, 2015, p. 61), teríamos a seguinte divisão:

Gráfico 1 - Distribuição das Unidades de Informação Brasileiras em categorias



Fonte: Xavier (2018).

Observa-se que as chamadas unidades autônomas são em maior número, seguidas daquelas ligadas aos centros de pesquisa e universidades. Observa-se, também, que há falta de conhecimento geral sobre a existência dessas unidades, sendo também quase nulos os investimentos em sua manutenção e funcionamento (XAVIER, 2018).

Xavier (2018) aponta a importância de se estabelecer uma rede de informação sobre mulheres em território brasileiro para preservar a memória dos movimentos de libertação das mulheres e difundi-las. Menciona, também, a necessidade de organização adequada do acervo, sua digitalização para divulgação e de contribuir de forma mais efetiva à discussão teórica e avanços na atuação política do movimento de libertação de mulheres.

Foi possível observar, em período posterior à pesquisa de Xavier (2018), a inauguração de novas bibliotecas e centros de informação sobre mulheres.

Elencaremos algumas iniciativas recentes, sem a intenção de ser sistemática, porque isso demandaria a realização de novas pesquisas.

O **Museu das Mulheres (Museu DAS)**, é uma instituição privada, sem fins lucrativos, dedicada às mulheres, fundada em 10 de fevereiro de 2022. Seu objetivo é reconhecer o valor da produção de arte feminina no Brasil e em todo o mundo. O museu opera nos universos virtual e físico e adota novas tecnologias com design imersivo e interativo e ambientes espaciais. Seu programa educacional se concentra em promover o avanço, a conscientização e a liderança intelectual, profissional e tecnológica de mulheres de todas as idades, raças, etnias e classes (MUSEU DAS MULHERES, c2022).

A área de pesquisa do **Museu DAS** se concentra em arquivos, memória e história das mulheres, utilizando padrões e métodos de pesquisa científica. Pretende-se que os arquivos estejam disponíveis para consulta sem nenhum custo e incluam uma ampla variedade de materiais, como cadernos de artistas, escritos de mulheres artistas, memórias e arquivos fotográficos. O acervo do **Museu DAS** está em construção, assim, doações de arquivos, colaborações e apoio de pesquisadores são bem-vindos (MUSEU DAS MULHERES, c2022a).

O museu tem áreas dedicadas à pesquisa e preservação de arquivos.

- A área de **Patrimônio Histórico e Artístico Feminino** visa pesquisar a herança feminina brasileira.
- A área de **Pesquisa Documental** seleciona, digitaliza, cataloga e armazena arquivos femininos.
- A área de **Arquivo e Memória** disponibilizará documentação de permissão de uso e de reprodução com citação na referência bibliográfica do acervo do Museu das Mulheres. A primeira coleção documental está sendo digitalizada para acesso público (MUSEU DAS MULHERES, c2022c).

A **Casa Sueli Carneiro** é uma nova instituição voltada às expressões e linguagens do legado de Sueli Carneiro, da líder do movimento negro brasileiro e do feminismo. Ela desempenhou um papel vital na criação das primeiras políticas reparadoras para negros, no país, e trabalhou para incluir sexo e raça na agenda pública. É uma das fundadoras do Geledés Instituto da Mulher Negra. Doutora em educação, graduada em filosofia, tem textos publicados em português, inglês, espanhol e alemão. A Casa Sueli Carneiro tem como objetivo ampliar a visibilidade

do pensamento político-intelectual negro no Brasil e no mundo e facilitar o acesso a documentos, atividades culturais e educacionais. Além disso, visa incorporar e reforçar continuamente a autonomia, independência, liberdade, inovação, memória, pensamento crítico, autorreferência, interdependência, intergeracionalidade, ativismo, indignação e aceitação (CASA SUELI CARNEIRO, c2023).

A coleção pessoal de Sueli Carneiro está sendo organizada pela Casa Sueli Carneiro. O processo, iniciado em setembro de 2021, está em andamento. Envolve também o treinamento de profissionais negras em técnicas arquivísticas. O projeto respeita as decisões de Sueli Carneiro e seus familiares sobre o que estará disponível para o público. A metodologia da organização visa ensinar mulheres negras e periféricas a organizar arquivos e bibliotecas para que possam disseminar conhecimentos em outros projetos de memória. O projeto segue os princípios da arquivística e da biblioteconomia adaptadas às políticas de acervo da Casa Sueli Carneiro. A coleção valoriza a independência e a autonomia dos documentalistas que nela trabalham. A ferramenta de gerenciamento de coleções online está disponível para outras organizações, e as arquivistas podem orientar novos usuários. O banco de dados online é automatizado. Assim que novos itens são adicionados ao banco de dados, eles aparecem no site. Arquivistas e bibliotecários gerenciam o site e fazem a curadoria da coleção, que permite pesquisar itens do arquivo e da biblioteca numa busca conjunta e separada. As exposições virtuais para compartilhar tópicos e conhecimentos julgados interessantes, conforme tratam o acervo, são de curadoria das documentalistas. O centro visa manter diálogo com a sociedade para criar o futuro do centro de memória (ACERVO SUELI CARNEIRO, c2022).

O **Arquivo Lésbico Brasileiro (ALB)** foi criado no segundo semestre de 2020 como resultado dos esforços de pesquisadoras e ativistas lésbicas que se dedicaram a divulgar seus materiais. Perceberam que a circulação ainda era restrita e aspiravam fornecer acesso aos materiais a qualquer pessoa interessada em lesbianismo. Surgiu, assim, o projeto de criar uma coleção virtual gratuita e acessível ao público. O ALB também oferece cursos de treinamento e participa de discussões e eventos sobre arquivos, memórias e ativismo. Também se esforça para formar alianças com entidades, coleções e instituições que se dedicam a defender grupos historicamente marginalizados (ARQUIVO LÉSBICO BRASILEIRO, c2023).

A missão do **Arquivo Lésbico Brasileiro (ALB)** é salvaguardar documentos históricos relacionados ao lesbianismo, tanto do Brasil quanto de outros países, e tornar esses recursos mais acessíveis a todos. Pretende se estabelecer como um centro de referência em pesquisa e documentação sobre lesbianismo, capacitando a comunidade lésbica a exercer seus direitos como cidadãs (ARQUIVO LÉSBICO BRASILEIRO, c2023a).

A **Rede Arquivos de Mulheres (RAM)** reúne pessoas que realizam pesquisas sobre arquivos, mulheres e memória, tanto institucionalizadas quanto independentes, bem como profissionais que trabalham em arquivos, bibliotecas, museus e outras instituições patrimoniais, interessados em trazer visibilidade, apreciação e reflexão sobre os arquivos de mulheres e seus processos de salvaguarda. Os arquivos de mulheres, para a RAM, abrangem todos os tipos de documentação gerada e coletada por mulheres ou organizações feministas, independentemente de sua natureza (pública ou privada); tipo documental (textual, iconográfica, sonora, audiovisual etc.); e formatos (cartas, diários, atas, livros, fotografias, entrevistas etc.), também podem incluir registros de história oral e entrevistas (REDE ARQUIVO DE MULHERES, c2021).

A **Rede Arquivos de Mulheres (RAM)** foi criada em novembro de 2020, fundada pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP e o CPDOC da FGV. Após alguns procedimentos internos, discussões sobre metas, estabelecimento da estrutura a ser formada e alocação de responsabilidades diversas entre os poucos membros, o primeiro esforço externo foi realizado em fevereiro de 2021 com comunicações iniciais com outras instituições, como o Arquivo Nacional e o Instituto Moreira Salles. Em maio de 2021, a recepção inaugural foi realizada e, neste encontro, a RAM foi “oficialmente” apresentada a pessoas que conduzem pesquisas e organizações que expressaram entusiasmo em aderir à iniciativa. Após esse evento, várias iniciativas para promover encontros públicos e buscar a expansão e consolidação da Rede foram executadas (REDE ARQUIVO DE MULHERES, 2021).

Os objetivos da **Rede Arquivos de Mulheres (RAM)** são: reunir indivíduos que realizam pesquisas e trabalham profissionalmente em instituições dedicadas ao patrimônio e à memória, a fim de trocar experiências e conhecimentos, com o objetivo de ampliar as discussões relativas à proteção de arquivos relacionados às mulheres. Promover e divulgar pesquisas, publicações, encontros e seminários que tenham como objetivo chamar a atenção e explorar a proteção de arquivos

relacionados às mulheres, contribuindo assim para o reconhecimento das diversas narrativas e memórias das mulheres. Fornece suporte e visibilidade de iniciativas realizadas por associações, bem como para coordenar empreendimentos coletivos. Realizar pesquisa colaborativa que colete informações sobre arquivos relacionados a mulheres que estão sendo salvaguardados em instituições brasileiras e internacionais, que serão disponibilizadas em um futuro repositório digital que pode ser acessado pelo público (REDE ARQUIVO DE MULHERES, c2021a).

As novas instituições aqui apresentadas reforçam a perspectiva de que o tema de bibliotecas e centros de informação sobre mulheres e o acesso à produção intelectual feminina se faz pertinente ainda nos anos 20 do Século XXI. Além disso, destas iniciativas poderão surgir novas soluções para a Organização do Conhecimento sobre mulheres.

4 REFERENCIAL TEÓRICO - PARÂMETROS PARA CONSTRUÇÃO DE SISTEMAS DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO - SOCS

Nesta seção, será feita, inicialmente, uma discussão breve sobre Sistemas de Organização do Conhecimento, sem a intenção de esgotar o tema. Primeiro, serão caracterizados os SOCS, depois, as normas que os regem, e na subseção 4.3, os requisitos de avaliação desenvolvido por Schenk (2018). A quarta parte desta seção apresentará os resultados da revisão integrativa de literatura sobre Sistemas de Organização de Conhecimento sobre mulheres.

4.1 BREVE APRESENTAÇÃO DOS SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Para introduzir o tema Sistemas de Organização do Conhecimento, foi utilizada a *ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization - IEKO* (HJØRLAND; GNOLI, c2016-2022) como base das definições.

Iniciamos com o termo *Knowledge Organization System - KOS*, traduzido para o português para **Sistema de Organização do Conhecimento - SOC**.

De acordo com Mazzocchi (2018) um SOC se refere a uma ampla variedade de ferramentas projetadas para apoiar a organização do conhecimento e da informação, tais como cabeçalhos de assuntos, tesouros, esquemas de classificação e ontologias, embora cada um tenha se desenvolvido em contextos diferentes, todos têm em comum o fato de terem sido projetados para **apoiar a organização do conhecimento e das informações a fim de facilitar seu gerenciamento e recuperação**.

O estudo e a prática de como organizar o conhecimento colaborou para o surgimento da *Knowledge Organization - KO* (traduzido para Organização do Conhecimento - OC), um campo acadêmico e de pesquisa, considerada uma subárea da Ciência da Informação. Bliss (1870-1955), contribuiu, dentre outras pessoas, para o desenvolvimento do campo utilizando o termo KO em dois livros seminiais: *The Organization of Knowledge and the System of the Sciences* (1929⁷⁹) e

⁷⁹ BLISS, Henry E. **The Organization of Knowledge and the System of the Sciences**. New York: Henry Holt and Company, 1929.

The Organization of Knowledge in Libraries and the Subject-Approach to Books (1933⁸⁰) (MAZZOCCHI, 2018).

O termo *Knowledge Organization System* foi introduzido, pela primeira vez, pelo *Network Knowledge Organization Systems Working Group*, em 1998, em uma conferência em Pittsburgh (Pensilvânia) (MAZZOCCHI, 2018).

De acordo com Hjørland (2008⁸¹ *apud* MAZZOCCHI, 2018) há dois significados diferentes de SOC (assim como de OC): um amplo e um mais restrito.

O sentido amplo refere-se tanto ao modo como o conhecimento é socialmente organizado, quanto sobre como a realidade é organizada e sobre as descobertas feitas pelas ciências como química, biologia, geografia e linguística (tabela periódica na química e a taxonomia biológica). O significado amplo de SOC pode ser ilustrado por obras como enciclopédias, instituições como bibliotecas, artefatos como bancos de dados bibliográficos, sistemas conceituais, tanto quanto teorias, disciplinas, culturas, e a divisão social do trabalho na sociedade (MAZZOCCHI, 2018).

O sentido restrito se refere a atividades como descrição, indexação e classificação de documentos realizadas em bibliotecas, bancos de dados bibliográficos, arquivos e outros tipos de "instituições de memória" por bibliotecários, arquivistas, especialistas em informação, especialistas da área organizada, bem como por algoritmos de computador e não especialistas (HJØRLAND, 2008).

Os significados atuais de SOC derivam do sentido restrito e amplo da Organização do Conhecimento que. Mazzocchi (2018) chama atenção para o desenvolvimento de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs) que é influenciado por visões tendenciosas ocidentais e princípios lógicos clássicos, de acordo com autor, os SOCs impõem uma visão particular do mundo em coleções e itens, levantando questões sobre compatibilidade com diferentes culturas e questões marginalizadas dentro da cultura ocidental.

⁸⁰ BLISS, Henry E. **The Organization of Knowledge in Libraries and the Subject-Approach to Books**. New York: H. W. Wilson, 1933.

⁸¹ Hjørland, Birger. What Is Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization**. v. 35, n. 2/3, p. 86–102, 2008.

Mazzocchi (2018) apresenta a classificação de SOCS de Hodge (2000⁸²): alguns autores consideram os SOCs como tipos de Recursos de Representação de Conhecimento (RRCs). O principal critério de divisão das Socs baseia-se na estrutura, sendo a aplicação e seu uso, critérios secundários.

Baseada nas classificações mencionadas e outros estudos sobre o tema, Marcia Lei Zeng (2008) analisa a complexidade das estruturas dos SOC e suas funções básicas. Quatro grupos (embora não mutuamente exclusivos) são identificados e ordenados, indo da mais simples às mais complexas, conforme figura 4: (i) *Term Lists*, (ii) *Metadata-like Models*, (iii) *Classification and Categorization* e (iv) *Relationship Models* (MAZZOCCHI, 2018; ZENG, 2008).

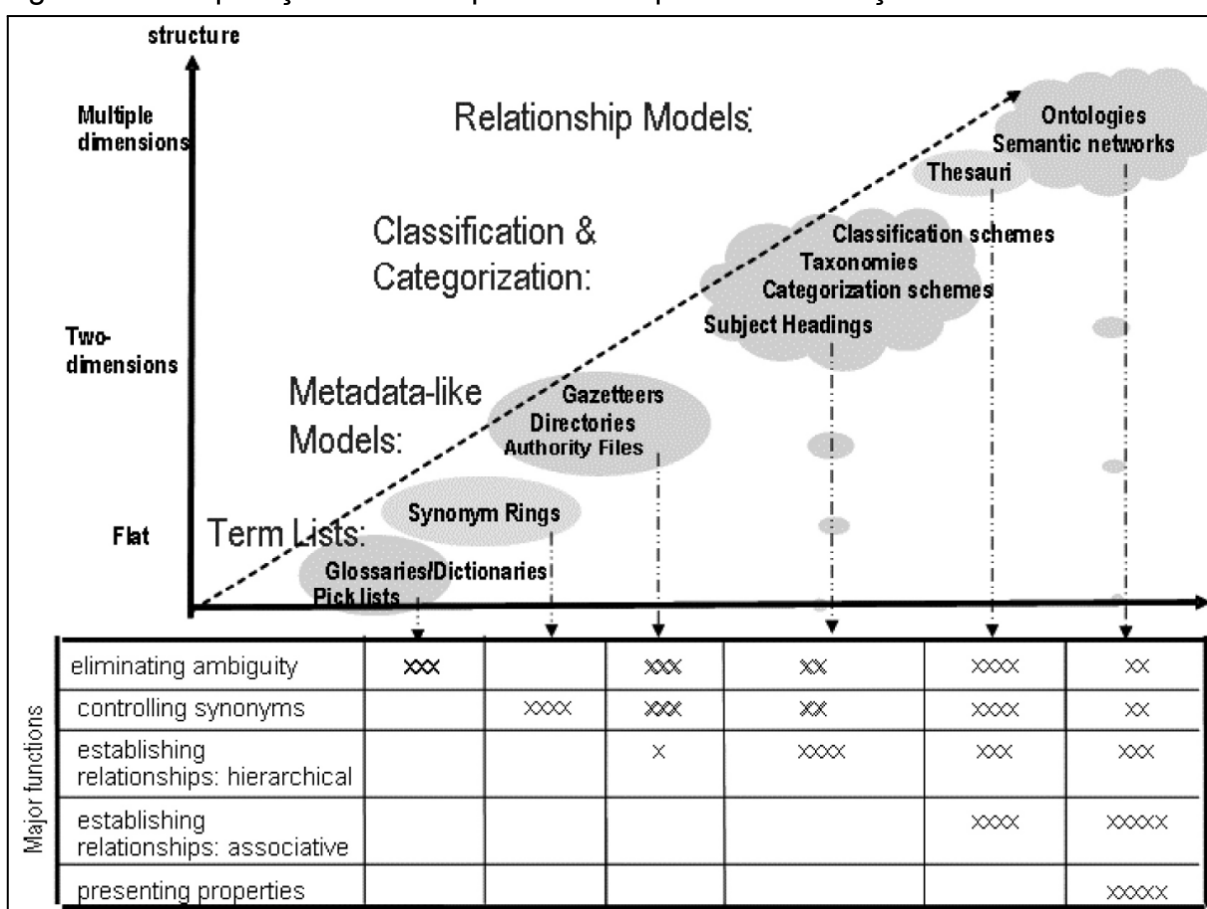
Os formatos dos SOCs iniciam com os planos (2D) e podem ser multidimensionais (3D e 4D). Em geral, quanto maior a complexidade da estrutura do SOC, mais funções ele pode desempenhar; sendo os mais complexos os que

- eliminam a ambiguidade,
- controlam sinônimos ou equivalentes,
- estabelecem relações semânticas entre termos/conceitos (em particular, relações hierárquicas e associativas) e
- apresentam relações e propriedades de conceitos nos modelos de conhecimento. (MAZZOCCHI, 2018; ZENG, 2008)

Na figura 6, a seguir, as ferramentas são representadas visualmente em relação à crescente complexidade dos vocabulários, indo da linguagem natural às redes semânticas multidimensionais e ontologias.

⁸² HODGE, Gail. **Systems of Knowledge Organization for Digital Libraries**: Beyond Traditional Authority Files. Washington, DC: Council on Library and Information Resources, 2000.

Figura 5 - Comparação do KOS quanto à complexidade e função



Fonte: Zeng (2008).

São considerados SOC's as **listas de palavras-chave e glossários** geralmente não estruturados hierarquicamente, e sem controle de sinônimos. As **classificações** são hierárquicas, mas apresentam poucas relações associativas (termos relacionados). Os **tesauros e ontologias** apresentam hierarquia, controle terminológico e relações de tempo e espaço.

Em países de língua inglesa, o termo **taxonomia** é frequentemente usado como uma forma de classificação com relações conceituais hierárquicas, mas em alguns casos é usado como sinônimo de SOC, em sentido amplo. O uso do termo **ontologia** é igualmente ambíguo. Tem origem na filosofia, sendo entendida na Ciência da Informação como um desenvolvimento posterior dos tesauros. As ontologias permitem realizar inferências automáticas baseadas na lógica descritiva. Em um contexto mais amplo, o termo ontologia também é utilizado como coletivo de uma ampla variedade de SOC's e, dependendo do nível de complexidade, é

categorizada como “leve” (catálogos de palavras-chave, glossários ou tesouros) e “pesada” (ontologias formais) (MAZZOCCHI, 2018; SCHENK, 2018).

O uso de ontologia para designar todos os tipos de SOC, ou seja, como sinônimo de SOC, apresenta o risco de obscurecer as reais diferenças entre eles, que dependem de seu desenvolvimento histórico e das finalidades específicas para as quais foram projetadas. (MAZZOCCHI, 2018),

Anteriormente, termos como linguagens de indexação, vocabulários controlados e linguagens de recuperação de informações eram utilizados com propósitos semelhantes aos SOCs, portanto, como ferramentas para indexação e recuperação da informação (MAZZOCCHI, 2018).

Vogel (2009) se debruça sobre a evolução das Linguagens Documentárias na Documentação, apoiada em Gardin, pesquisador francês da área da Documentação e no Grupo Temma, formado por pesquisadoras da Universidade de São Paulo e da UNESP. A principal preocupação, segundo Vogel (2009), se dirige à construção de conhecimentos relacionados à organização da informação. O grupo publicou o livro *Análise documentária: a análise da síntese* (SMIT, 1987). Nesta investigação, Vogel (2009, p. 80) “analisa a evolução da denominação das Linguagens Documentárias, as funções por elas exercidas, e a comparação entre as duas linhas”. A autora conclui que há sintonia entre as duas linhas (francesa e brasileira) que apontam a Linguagem Documentária como “um instrumento para uso em contexto específico, que pretende sintetizar e agrupar documentos, tendo em vista sua recuperação, e, portanto, a circulação das informações” (VOGEL, 2009, p 89).

Segundo Vogel (2009, p. 90), é possível perceber “que, gradativamente, as definições dos instrumentos se organizam para contemplar um maior número de características da linguagem em funcionamento. Não se pode afirmar, no entanto, que tenham êxito”.

A falta de precisão na terminologia no campo do SOC é atribuída ao fato de esse assunto ser abordado a partir de várias disciplinas e domínios de aplicação. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação se concentram na utilização de listas de palavras-chave, classificações e tesouros, enquanto as taxonomias são mais frequentemente usadas no setor empresarial de tecnologia da informação. No

campo da inteligência artificial, *web semântica* e *Linked Data Communities*, a ênfase está nas ontologias. Como resultado, é recomendado, exceto quando se fala especificamente sobre tesouros, empregar o termo coletivo Sistema de Organização do Conhecimento (SOC), cuja aceitação e uso aumentaram significativamente desde a recomendação do W3C para o modelo de dados SKOS (MAZZOCCHI, 2018; SCHENK, 2018).

Como os Sistemas de Organização do Conhecimento sobre mulheres produzidos no âmbito da biblioteconomia e da Ciência da Informação são em sua maioria, tesouros, esta pesquisa se concentra na apresentação de SOCs, abordagem apoiada em Dextre Clarke (2019), autora do verbete **tesouros** da *ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization - IEKO* (HJØRLAND; GNOLI, c2016-2022).

A principal função de um tesouro é apoiar a recuperação de informações, orientando a escolha de termos para indexação e pesquisa. A criação de um tesouro é necessária para enfrentar o desafio da ambiguidade própria da linguagem natural. O tesouro controla sinônimos, separa homógrafos e garante que cada termo preferido tenha apenas um significado. Essa abordagem foi estabelecida na década de 1960, quando os computadores pouco acessíveis para tratar informação, intermediários humanos eram treinados para indexar e classificar intelectualmente os documentos e realizar buscas (DEXTRE CLARKE, 2019).

De acordo com Dextre Clarke (2019), o núcleo essencial de um tesouro é uma coleção de conceitos representados por termos e interligados por relacionamentos, dos quais os três principais tipos são:

- **equivalência** (entre termos),
- **hierárquico** (entre conceitos) e
- **associativo** (também entre conceitos).

Por convenção há muito estabelecida, os operadores USE e UF (Used For) precedem os termos preferidos e não preferidos, respectivamente, e expressam as relações de equivalência. Os operadores lógicos BT (*broader term*) e NT (*narrower term*) expressam relações hierárquicas entre conceitos de maior extensão (mais amplos) e os de menor extensão (mais restritos, mais específicos, portanto com

maior intenção) O operador RT (*related term*) indica os termos relacionados por associação no tempo e no espaço. (DEXTRE CLARKE, 2019).

O quadro a seguir ilustra as abreviaturas utilizadas nos tesouros, em inglês e português, e as relações que elas expressam.

Quadro 4 - Abreviações e relações existentes em um tesouro

INGLÊS	PORTUGUÊS	USO		
BT = BROADER TERM	TG = TERMO GENÉRICO	ACOMPANHA O CONCEITO MAIS AMPLO	ENTRE CONCEITOS	RELAÇÕES HIERÁRQUICAS
NT = NARROWER TERM	TE = TERMO ESPECÍFICO	ACOMPANHA O CONCEITO MAIS ESPECÍFICO		
UF = USED FOR	UP = USADO PARA	ACOMPANHA O TERMO SINÔNIMO OU UM QUASE-SINÔNIMO DO TERMO PREFERIDO	ENTRE TERMOS	RELAÇÕES DE EQUIVALENCIA
USE	USE	ACOMPANHA O TERMO PREFERIDO QUANDO SE DEVE ESCOLHER ENTRE SINÔNIMOS OU QUASE-SINÔNIMOS		
RT = RELATED TERM	TR = TERMO RELACIONADO	ACOMPANHA CONCEITO ASSOCIADO QUE NÃO É SINÔNIMO, NEM TG OU TE.	ENTRE CONCEITOS	RELAÇÃO ASSOCIATIVA

Fonte: elaborado pela autora.

As Figuras a seguir ilustram como esses elementos são tradicionalmente exibidos.

Figura 6 - Exemplos de relações de equivalência do TEG

cesariana	USE	parto cirúrgico
pauperização das mulheres	UF	feminização da pobreza
feminização da pobreza	USE	pauperização das mulheres
amamentação	USE	aleitamento

Fonte: Bruschini, Ardaillon e Unbehaum (1998)

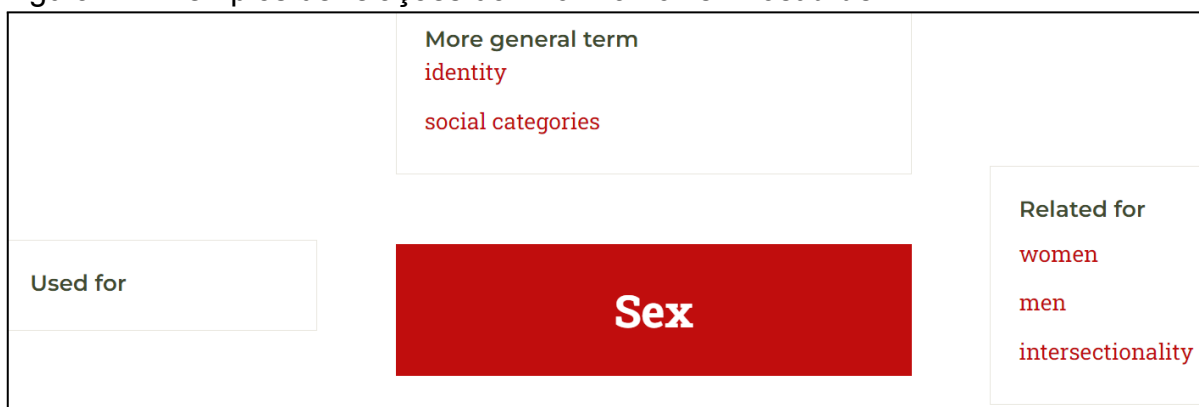
Na figura 6 vemos exemplos do uso dos operadores USE e UF. Embora o exemplo seja de um tesauro em português, as criadoras utilizaram o UF, como vemos na explicação de uso do tesauro:

Essa arrumação mostra cada termo com a sua ascendência até o termo genérico, Broader Term (BT), com a sua descendência de termos específicos, Narrower Term (NT), com as suas ligações com termos relacionados, Related Term (RT), e indica também os termos cujo uso é recomendado, Used (USE) ou aqueles que devem ser substituídos, Used for (UF).

Cada termo vem ainda classificado pela área temática à qual ele pertence (SG) [Subject Group], pelo eventual delimitador (DG) e uma eventual nota explicativa do conceito, Scope Note, (SN) quando for necessário. (BRUSCHINI; ARDAILLON; UNBEHAUM, 1998, p. 20).

Na figura a seguir, vemos exemplos de relações no *The Women's Thesaurus*.

Figura 7 - Exemplos de relações do *The Women's Thesaurus*



Fonte: *Institute on gender equality and women's history* (c2020).

Para Dexter Clarke (2019), a popularidade dos tesauros diminuiu desde a década de 1980 devido aos computadores e à Internet, segundo a autora, os padrões para elaboração de tesauros (discutidos na subseção a seguir) não mudaram muito, mas a interoperabilidade entre sistemas é agora considerada essencial. A autora afirma que o futuro determinará o destino dos tesauros, possivelmente com contribuições de ontologias e outros SOCs. Shenk (2018) é otimista, e acredita que os tesauros ainda são essenciais para a recuperação da informação.

4.2 NORMAS – NORMA INTERNACIONAL PARA TESAUROS

O desenvolvimento e uso de tesouro teve início nos anos 1960 e se intensificou nos anos 1970 e 1980. Segundo Dextre Clarke (2019), esse interesse culminou na criação de padrões nacionais e internacionais de construção de tesouros. Os mais influentes estão listados em ordem cronológica de criação de suas primeiras edições:

- Deutsches Institut für Normung. DIN 1463 Guidelines for the establishment and development of monolingual thesauri [título traduzido] 1972 (agora revogado, com a recomendação da ISO 25964-1 em seu lugar)
- International Organization for Standardization. ISO 2788-1974 Documentation - Guidelines for the establishment and development of monolingual thesauri. 1st ed. International Organization for Standardization: Geneva, 1974 (substituído pela ISO 25964-1)
- American National Standards Institute. ANSI Z39.19-1974 American National Standard Guidelines for thesaurus structure, construction and use. American National Standards Institute: New York, 1974 (substituído pela ANSI/NISO Z39.19-2005)
- International Organization for Standardization. ISO 5964-1985. Documentation - Guidelines for the establishment and development of multilingual thesauri. International Organization for Standardization: Geneva, 1985 (substituído pela ISO 25964-1) (DEXTRE CLARKE, 2019).

O atual padrão internacional ISO 25964 para tesouros e interoperabilidade com outros Sistemas de Organização do Conhecimento, foi publicado *pela National Information Standards Organization* (NISO) em duas partes. A primeira parte de 2011 inclui diretrizes para a criação de tesouros, trata do multilinguismo e apresenta um modelo de dados para a criação de tesouros (INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION, 2011). A segunda parte trata da interoperabilidade de tesouros e outros SOCs, tendo sido publicada em 2013 (INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION, 2013).

De acordo com Schenk (2018), essas duas normas substituíram os padrões anteriores ISO 2788 e ISO 5964, criados na década de 1980, bem como outros padrões nacionais.

Segundo Dextre Clarke (2019), o padrão americano ANSI/NISO Z39.19 e o padrão internacional ISO 25964 estão amplamente alinhados. A autora aponta algumas semelhanças e diferenças de ambos:

- A versão mais recente da Z39.19 é um documento único, publicado em 2005 e reafirmado em 2010; a ISO 25964 é uma norma com duas partes. A primeira parte (ISO 25964-1) foi publicada em 2011 e confirmada em 2017, enquanto a segunda (ISO 25964-2) foi publicada em 2013.
- O escopo de ambas é comparável, porém, a Z39.19 abrange vários tipos de SOCs enquanto a ISO 25964-1 trata apenas de tesouros, tanto monolíngues quanto multilíngues.
- Somente a ISO 25964-1 fornece um modelo de dados.
- A ISO 25964-2 é inteiramente dedicada à interoperabilidade entre tesouros e outros tipos de KOS (ou SOCs); na Z39.19 a interoperabilidade é abordada em apenas uma cláusula e em um pequeno apêndice.
- O acesso à Z39.19 é gratuito no site da NISO⁸³, enquanto o acesso a cada parte da ISO 25964 é pago. (DEXTRE CLARKE, 2019).

De acordo com Mazzocchi (2018), o modelo de dados ISO 25964 é baseado na linguagem de modelagem compatível com SKOS, uma vez que os responsáveis coordenaram ambos os modelos, de modo que os tesouros criados de acordo com esse modelo podem ser publicados na *Semantic Web* com a ajuda de SKOS.

Segundo Isaac, Phipps e Rubin (c2009), os Sistemas de Organização do Conhecimento, tais como taxonomias, tesouros e listas de cabeçalhos de assuntos, desempenham um papel fundamental na estruturação e no acesso às informações. Nesse sentido, o *Semantic Web Deployment Working Group* da W3C tem como objetivo fornecer um modelo para representar esses vocabulários na Web Semântica: o **SKOS** (*Simple Knowledge Organization System*) (ISAAC; PHIPPS; RUBIN, c2009).

O SKOS é um padrão de compartilhamento de dados. Atualmente não há um padrão amplamente implantado para representar os inúmeros Sistemas de Organização do Conhecimento como dados e trocá-los entre sistemas de computador. A W3C propõe uma linguagem comum de modelagem de dados padronizada, possível de ser interoperável na Web. Com a Web Semântica seria

⁸³ A National Information Standards Organization é uma organização de padrões sem fins lucrativos dos Estados Unidos que desenvolve, mantém e publica padrões técnicos relacionados a aplicações de publicação, bibliográficas e de bibliotecas.

possível organizar melhor grandes quantidades de informações não estruturadas, fornecendo novos caminhos para descobrir e compartilhar informações. No entanto, a aplicação efetiva dessas tecnologias em grandes volumes de informações exige a construção de mapas detalhados de domínios específicos de conhecimento, além da descrição precisa dos recursos de informação, o que não pode ser feito automaticamente. As teorias e métodos para tratar e tornar acessíveis às grandes massas de dados, desenvolvidos na área da Organização do Conhecimento, podem contribuir para o aprimoramento da Web Semântica (MILES; BECHHOFFER, c2009).

Como já mencionado, o desenvolvimento do SKOS ocorreu na mesma época do desenvolvimento da ISO 25964. As equipes se comunicaram regularmente para alcançar um alto grau de compatibilidade. A principal diferença entre elas pode ser resumida da seguinte forma: a norma ISO 25964-1 serve como um padrão para a construção de tesouros, o SKOS é um padrão para a publicação de vários SOCs na *Web*. A ISO 25964-2 propõe elaborar um mapa entre de SOCs, enquanto o SKOS apresenta uma forma de expressar esses mapeamentos quando publicados na *Web* (MAZZOCCHI, 2018)

Gödert, Hubrich e Nagelschmidt (2014⁸⁴ *apud* SCHENK, 2018) afirmam, no entanto, que não há prova confiável da relevância prática do modelo de dados ISO 25964. Então, por que um novo padrão ISO com seu próprio modelo de dados foi desenvolvido se a aplicação do modelo SKOS já é amplamente utilizada para a publicação de tesouros na *Web Semântica*? A diferença principal entre ISO 25964 e SKOS é que a ISO 25964 atende aos requisitos de todos os tipos de tesouros (para qualquer forma de aplicação), enquanto o SKOS é aplicável a todos os tipos de SOCs, (INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION, 2011). Segundo Schenk (2018), o modelo SKOS parece mais simples à primeira vista (daí o nome *Simple Knowledge Organization System*), enquanto a ISO 25964 é mais complexa, porém, mais expressiva. A decisão por um dos dois modelos deve ser feita em função dos cenários de aplicação do tesouro.

⁸⁴ GÖDERT, Winfried; HUBRICH, Jessica; NAGELSCHMIDT, Matthias. **Semantic Knowledge Representation for Information Retrieval**. Berlin: De Gruyter, 2014.

Em resumo: os padrões para a *Web* desenvolvidos pelo W3C abarcam a **Web semântica** que, na visão de Tim Berners-Lee⁸⁵, seria a extensão da *Web* tradicional. A web semântica, por sua vez, transforma a *World Wide Web* em uma rede de documentos conectados a uma rede de objetos de conhecimentos. Palavras e significados são relacionados para atribuir sentido aos conteúdos da *web*. Com isso, humanos e máquinas podem compreender os conteúdos da *web*. As **ontologias** representam o "núcleo" dessa transformação pois permite que as máquinas consultem, raciocinem e manipulem significados e conhecimentos (BIAGETTI, 2021).

4.3 COMPARAÇÃO E AVALIAÇÃO DE SOCS SOBRE MULHERES

Dextre Clarke (2019) cita Owens e Cochrane (2004⁸⁶), que descreveram quatro abordagens de avaliação de tesouros: estrutural, formativa, observacional e comparativa. Nenhuma abordagem mede diretamente a eficácia de um tesouro para recuperar informações. É difícil, senão impossível medir performance, em parte porque o tesouro é apenas um dos vários componentes de um sistema de recuperação e em parte porque há muitas variáveis nos contextos de uso. Sobre a avaliação de tesouros, Dextre Clarke (2019) mencionam que houve longos experimentos nas décadas de 1960 e 1970 sobre a precisão dos tesouros na recuperação, porém, não foram obtidos resultados conclusivos.

Apesar dos esforços de muitos anos, Dextre Clarke (2019) afirma que ainda não há provas definitivas de que o desenvolvimento e o uso de um tesouro é um investimento que vale a pena. Como vimos na seção sobre as normas, anteriormente, o cenário de aplicação e uso de SOCs está mudando, e o tesouro está evoluindo para ocupar novas funções. Segundo Dextre Clarke (2019), embora possam faltar provas quantitativas de eficácia, há muitas evidências qualitativas de que os tesouros estão prosperando e apoiando os usuários em áreas importantes. Os modos de avaliação devem ser aprimorados para refletirem os novos contextos de uso de tesouros na recuperação de informações.

⁸⁵ BERNERS-LEE, Tim, HENDLER, James, LASSILA, Ora. The semantic web: a new form of web content that is meaningful to computers will unleash a revolution of new possibilities. **Scientific American**, v. 284, n. 5, p. 34-43, 2001.

⁸⁶ OWENS, Lesley Ann; COCHRANE, Pauline Atherton. **Thesaurus evaluation**. *Cataloging & Classification Quarterly*, v. 37, n. 3/4, p. 87-102, 2004.

Pierre de Keyser em seu livro sobre indexação, de 2012⁸⁷ (*apud* SCHENK, 2018), consideram que a avaliação de tesouros está em sua infância, mesmo após meio século de construção de teorias. Ele resume os critérios de avaliação de estudos anteriores em quatro pontos:

Quadro 5 - Critérios de comparação e avaliação de SOCs sobre mulheres

Critério	Observação
a) URL:	Para identificar o vocabulário, o endereço da Internet é fornecido primeiro.
b) Tipo:	Especifica-se o tipo de vocabulário controlado, pois não é exclusivamente um tesouro.
c) Idioma:	Como também são examinados vocabulários de todo mundo, os idiomas disponíveis devem ser nomeados.
d) Ano de criação:	O tempo de publicação permite tirar conclusões sobre o contexto em que foi criado sendo possível saber o status da pesquisa sobre mulheres e relações sociais de sexo e seu desenvolvimento naquele determinado período.
e) Cobertura temática:	uma vez que a organização guarda-chuva i.d.a. combina conhecimentos sobre movimentos femininos históricos e atuais, sobre várias posições e debates feministas, sobre a história dos estudos sobre mulheres e teorias das relações sociais de sexo atuais, um vocabulário comum deve cobrir todo o espectro de teoria e prática feminista. ⁸⁸
f) Disseminação:	Distingue-se entre desenvolvimento exclusivamente institucional e uso do vocabulário, desenvolvimento cooperativo, uso cooperativo (para indexação) e uso adaptado institucionalmente.
g) Publicação (impressa):	Se houver uma publicação impressa, os títulos são listados aqui. O estado de desenvolvimento posterior pode ser avaliado comparando a edição impressa do ano em que foi criada, que por assim dizer preserva a versão original, e a versão online (se disponível). Além disso, o conceito dos editores geralmente é explicado com mais detalhes na introdução em uma edição impressa.
h) Acesso <i>on-line</i> :	Se houver acesso <i>on-line</i> , ainda surge a dúvida sobre qual sistema (por exemplo, catálogo, sistema de gerenciamento de conteúdo, repositório) o KOS é usado e quais visualizações e funções de pesquisa estão disponíveis.
i) Âmbito:	O mero âmbito de um KOS não permite qualquer afirmação sobre a qualidade. Em geral, um tesouro deve permanecer o mais enxuto possível por meio de um alto grau de controle terminológico. Ao mesmo tempo, porém, a especificidade do tema deve ser adequada para que os resultados da recuperação sejam satisfatórios.

⁸⁷ KEYSER, Pierre de. **Indexing**: From thesauri to the Semantic Web. Oxford U.K.: Chandos Publishing, 2012.

⁸⁸ Lembrando que a autora desenvolve esses critérios para avaliação de vocabulários para desenvolver um tesouro na organização alemã i.d.a.

Critério	Observação
j) Complexidade:	Muitas relações de equivalência (não descritores) aumentam o vocabulário de acesso. As relações hierárquicas e associativas contribuem para a definição do respectivo conceito e oferecem orientação durante a pesquisa.
k) Listas especiais:	Alguns tesouros são complementados por listas especiais separadas. Frequentemente, são palavras-chave de período de tempo, informações geográficas ou formas. Essas listas não seguem fundamentalmente os mesmos princípios (hierarquia, controle terminológico e conceitual).
l) Categorias:	A estrutura de um tesouro é geralmente definida por grupos de assuntos ou termos de classificação que fornecem uma visão geral da cobertura temática do vocabulário e não fazem parte do vocabulário de indexação ativo ⁸⁹ .
m) Níveis hierárquicos:	A quantidade de níveis hierárquicos que um tesouro contém depende da especificidade do vocabulário e informações sobre a profundidade do índice. Quanto mais específico o descritor puder ser escolhido ao indexar, mais precisamente o resultado da pesquisa corresponderá à consulta de pesquisa.
n) Particularidades:	As definições conceituais dizem respeito à escolha entre as formas singular e plural; o nível de pré e pós-coordenação; o nível permitido de poli-hierarquias; a extensão e a qualidade das referências. Formas particulares de aplicação ou desenvolvimento de um vocabulário também são listadas aqui.
o) Abordagem das relações sociais de sexo:	Significa os métodos para dar visibilidade aos aspectos sobre mulheres. É feita uma distinção entre vocabulários orientados para as mulheres e formas neutras em termos de sexo e os meios pelos quais a neutralidade e a simetria devem ser alcançadas.
p) Padrões:	Quando especificado, a conformidade com os padrões anteriores e atuais deve ser listada. Isso também pode ser usado para medir o respectivo status em relação a questões de interoperabilidade.
q) Multilíngue:	Aqui é especificado se já foi criado um vocabulário multilíngue ou não.
r) Sistema:	Em qual ferramenta de gerenciamento de tesouros é mantido o vocabulário ou em qual sistema (biblioteca) ele está disponível? Essas informações também fornecem informações sobre o grau de interoperabilidade se as propriedades relevantes do sistema forem conhecidas.

Fonte: Adaptado de Schenk (2018, p. 36-37, nossa tradução).

⁸⁹ Os *node labels* não são termos de tesouro. Eles estão presentes apenas para fins de exibição sistemática e não se qualificam para nenhum dos relacionamentos descritos nas Cláusulas 8 a 10. Para evitar confusão, os rótulos de nós devem ser distinguidos tipograficamente dos termos do tesouro." (ISO 25964-1: 2011, parágrafo 11, p. 68 *apud* SCHENK, 2018).

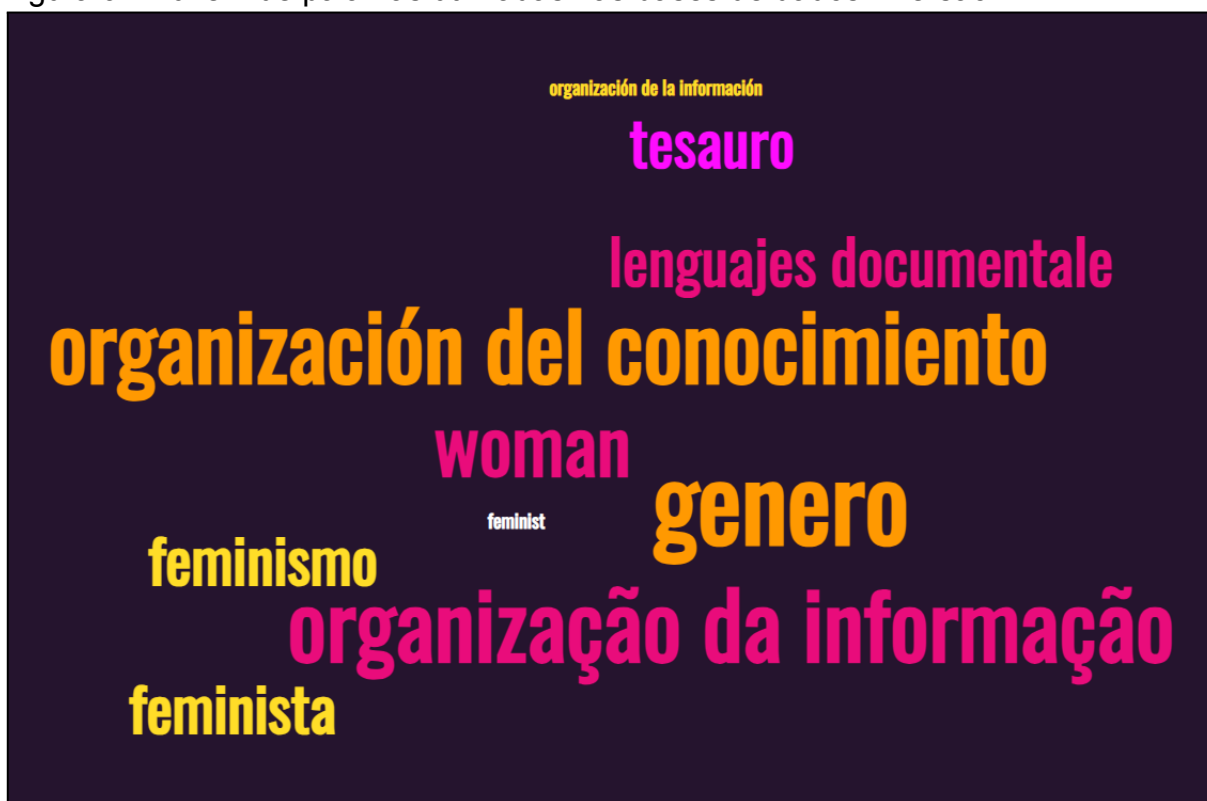
4.4 SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE MULHERES

Esta seção apresenta uma revisão de literatura integrativa de publicações sobre Sistemas de Organização do Conhecimento analisados do ponto de um ponto vista feminista e especializados em mulheres. Os trabalhos foram buscados nas bases de dados *Brapci*, *Scielo*, *Dialnet*, *E-Lis*, Portal de Periódico CAPES, Catálogo IIAV/Atria, *Scopus*, *Web of Science* e pesquisa direta no periódico *Knowledge Organization*⁹⁰. Os detalhes metodológicos desta revisão estão na seção 2 de metodologia e procedimentos metodológicos, aqui estão as etapas 4, 5 e 6, sendo a *Etapa 4*: análise crítica dos estudos incluídos, a *Etapa 5*: interpretação e discussão dos resultados e a *Etapa 6*: apresentação da revisão/síntese do conhecimento - apresentação da revisão integrativa.

As palavras-chave utilizadas estão apresentadas em formato de nuvem nas figuras a seguir.

⁹⁰ KNOWLEDGE ORGANIZATION: ISKO, 1974-2022. ISSN online 0943-7444. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/zeitschrift/0943-7444>. Acesso em: 25 dez. 2022.

Figura 9 - Nuvem de palavras utilizadas nas bases de dados - Versão 2



Fonte: elaborado pela autora usando o *Word Cloud Generator by Monkey Learn*⁹²

Como detalhado na seção 2 de Metodologia e Procedimentos Metodológicos, os trabalhos foram separados em **essenciais** e relacionados ao tema Sistemas de Organização do Conhecimento e Mulheres. Os artigos **essenciais** serão discutidos em profundidade e os relacionados estão no *Apêndice A*. Os trabalhos essenciais serão sistematizados para compreensão do que se discute na área e os possíveis caminhos para melhores e mais eficientes Sistemas de Organização do Conhecimento que abranja as pessoas que compõem metade da população: as mulheres.

Para ilustrar a discussão, em 2017, um dia antes do Dia Internacional da Mulher um enigma viralizou no facebook:

Pai e filho sofrem um acidente terrível de carro. Alguém chama a ambulância, mas o pai não resiste e morre no local. O filho é socorrido e levado ao hospital às pressas. Ao chegar no hospital, a pessoa mais competente do centro cirúrgico vê o menino e diz: 'Não posso operar este menino! Ele é meu filho! (GREGO, 2017).

⁹² Site gerador de nuvem de palavras: <https://monkeylearn.com/word-cloud/result>

Afinal, segundo Grego (2017), se o pai estava morto, quem poderia ser essa pessoa? De acordo com a reportagem, “muitos leitores cogitaram que o personagem seria o avô do garoto, um padrasto ou até um outro pai de uma relação homoafetiva. O que não se deram conta, no entanto, foi do mais óbvio: a pessoa mais competente do centro seria sua mãe”. A reportagem cita outro comentário sobre a publicação: “A maioria das pessoas só consegue pensar que um homem seria o cirurgião, então não entendem quem poderia ser, se o pai do menino está morto” (GREGO, 2017).

Complementando essas explicações, poderíamos mencionar que a ideia de que algumas palavras são neutras e universais, abrangendo homens e mulheres influencia a confusão: a palavra *pessoa* no texto deveria nos fazer pensar igualmente em uma mulher ou em um homem. Isso não ocorre, porque o genérico universal, tende a ser masculino.

Esse é um exemplo que envolve a linguagem e a cultura e seus reflexos na compreensão do mundo, que por sua vez, influencia na Organização do Conhecimento. Serão discutidos, a seguir, os artigos recuperados nesta revisão integrativa de literatura e considerados essenciais para esta pesquisa.

Foskett (1971) - *Misogynists All: a Study in Critical Classification*

Começamos com Antony Charles Foskett, autor de “A abordagem temática da Informação”⁹³, obra que influencia até hoje a prática e o ensino de tratamento e organização da informação, também autor do artigo essencial *Misogynists All: a Study in Critical Classification* de 1971. Esse texto inicia esta revisão por não terem sido encontrados trabalhos anteriores que abordassem o tema, pela relevância do autor e a relação direta com as discussões aqui efetuadas. Uma característica peculiar do autor é seu senso de humor.

Nesta obra Foskett (1971) afirma que não existe neutralidade na classificação, para ele todos os esquemas de classificação à disposição dos bibliotecários refletem em maior ou menor grau os preconceitos de suas origens. Há casos, segundo o autor, em que é difícil ver qualquer justificativa como por exemplo, a atitude peculiar em relação às mulheres demonstrada por muitos esquemas de classificação. Além dos preconceitos pessoais de quem elabora os esquemas de classificação eles também refletem a cultura em que se baseiam.

⁹³ FOSKETT, A.C. **A abordagem temática da informação**. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono; Brasília: Ed.UnB, 1973.

Neste artigo, Foskett (1971) não apresenta nenhuma solução, mas foi pioneiro em apontar determinados problemas. Com seu senso de humor, menciona que Dewey não foi tão longe quanto o Sr. Thwackum, personagem de Henry Fielding no livro *Tom Jones*, mas que teria certa simpatia pela declaração do Sr. Thwackum: "Quando menciono religião, refiro-me à religião cristã; e não apenas a religião cristã, mas a religião protestante; e não apenas a religião protestante, mas a Igreja da Inglaterra" (FIELDING, 1749⁹⁴ *apud* FOSKETT, 1971). Em seu esquema de classificação, Dewey realmente quis dizer a religião cristã quando inseriu religião como classe principal, as outras religiões foram consignadas a um limbo.

De acordo com o autor, a questão da religião na Classificação Decimal de Dewey (CDD) já era amplamente conhecida em 1971, mas Foskett aponta que esse tipo de preconceito permeia muitas outras áreas na Classificação Decimal de Dewey e outros esquemas. O tratamento de *Mulher* e *Sexo* na maioria dos esquemas de classificação, de acordo com Foskett, pode nos levar a concluir que os compiladores eram misóginos, como os exemplos que ele fornece demonstram. (FOSKETT, 1971).

Na 16ª edição da Classificação Decimal de Dewey, à semelhança das edições anteriores, encontramos um cabeçalho:

390 Costumes e folclore

Incluindo hábitos, convenções que se tornaram tradicionais

Como uma das subdivisões deste cabeçalho, entre Etiqueta (395) e Ciganos (397) encontramos 396 Mulher, de acordo com Foskett (1971), ser mulher é um hábito que as pessoas deveriam tentar largar.

A partir da 17ª edição, isso foi corrigido. Verificamos que na 21ª edição de 1996 da CDD (OCLC, 1996) o cabeçalho se encontra da seguinte maneira:

390 Customs, etiquette & folklore

391 Costume & personal appearance

392 Customs of life cycle & domestic life

393 Death customs

394 General Customs

395 Etiquette (Manners)

396 [Unassigned]

397 [Unassigned]

⁹⁴ FIELDING, Henry. *The History of Tom Jones, a Foundling*. London: Joseph Wenman, 1749. v. 3.

- 398 Folklore
- 399 Customs of War & diplomacy

Outros problemas permaneceram, como por exemplo, algumas divisões de *Biography* de 920.1/.8 que tende a seguir o padrão geral de subdivisão do esquema como um todo, mas se apresenta como segue:

- 920.1 Bibliographers
- 920.2 Librarians
- 920.3 Encyclopedists (so far, so good; this reflects Class 000)
- 920.4. Publishers and booksellers
- 920.5 Journalists
- 920.6 Academicians
- 920.7 Women**
- 920.8 Eccentrics⁹⁵

(FOSKETT, 1971, p. 118, grifo nosso)

Na 17ª edição, 920.6 e 920.8 foram excluídos e o 920.7 foi alterado para dar subdivisões separadas para Homens e Mulheres; segundo o autor, uma solução mais satisfatória teria sido excluir 920.7 também, já que tanto mulheres quanto homens estão incluídos na Organização Social como Grupos.

Outro exemplo é na área de educação, segundo Foskett (1971), a educação de mulheres era tão rara na época de Dewey que ele achou necessário dedicar um lugar especial a esse tópico:

- 370 Education
- 371 Teaching
- 372 Elementary
- 373 Secondary
- 874 Adult
- 375 Curriculum
- 376 Women**
- 377 Religious and moral education⁹⁶

⁹⁵ 920.1 Bibliógrafos
 920.2 Bibliotecários
 920.3 Enciclopedistas (até agora, tudo bem; isso reflete a Classe 000)
 920.4. Editores e livreiros
 920,5 Jornalistas
 920,6 Acadêmicos
 920,7 Mulheres
 920.8 Excêntricos
⁹⁶ 370 Educação
 371 Ensino
 372 Elementar
 373 Secundário
 874 Adulto
 375 Currículo
 376 mulheres

(FOSKETT, 1971, p. 118, grifo nosso)

Em 1971 (p. 119), Foskett menciona que grande parte da educação já era mista, o que o leva a perguntar: “ainda deveríamos pensar na educação das mulheres como algo digno de um tratamento especial?”.

Outros esquemas também têm suas peculiaridades, segundo Foskett. Na Classificação Bibliográfica, por exemplo, encontramos as Mulheres consideradas como integrantes da Previdência Social/Bem-estar social:

- Q SOCIAL WELFARE
 - ... Amelioration, Women, Socialism, Internationalism
- QU Recreation, social and cultural aspects
- QV Children, Childhood...
- QW *Women, Woman, Womanhood*
- QX Socialism, Communism, Fascism, Anarchism, etc.⁹⁷

(BLISS, 1952⁹⁸ *apud* FOSKETT, 1971, p. 119)

Para Foskett, Fremont Rider parece ter pensado da mesma forma que Dewey, em colocar mulheres juntamente com hábitos e mencionar educação de mulheres em educação, pois em sua Classificação Internacional encontra-se esses dois exemplos:

- JT Folklore Etiquet Women⁹⁹
 - e
- NAV Educational opportunities for women (past history and present fact)¹⁰⁰

(RIDER, 1961¹⁰¹ *apud* FOSKETT, 1971, p. 119)

A Biblioteca do Congresso, no exemplo de Foskett, trata as mulheres como um grupo social, mas, de acordo com o autor, com alguns companheiros estranhos:

- H SOCIOLOGY
- HQ-HT Social groups

377 Educação religiosa e moral

⁹⁷ Q BEM-ESTAR SOCIAL
... Melhoria, Mulheres, Socialismo, Internacionalismo

QU Lazer, aspectos sociais e culturais

QV Crianças, Infância...

QW Mulheres, Mulher, Feminilidade

QX Socialismo, Comunismo, Fascismo, Anarquismo, etc.

⁹⁸ BLISS, Henry Evelyn. **A bibliographic classification:** extended by systematic auxiliary schedules for composite specification and notation. New York: Wilson, 1952.

⁹⁹ JT Folklore Etiqueta Mulheres

¹⁰⁰ NAV Oportunidades educacionais para mulheres (história passada e fato presente)

¹⁰¹ RIDER, Fremont. **Rider's international classification for the arrangement of books on the shelves of general libraries.** Middletown: [s. n.], 1961.

Podemos notar a carga moral na decisão de colocar *relações pré-matrimoniais, adultério e homossexualidade* na mesma categoria e como exemplo de desvios na vida sexual. Na 17ª edição, isso se tornou:

- 301.41 The sexes
 301.412 Sex life outside marriage Concubinage, premarital relations, adultery, prostitution, homosexuality and other perversions¹⁰⁶

Foram acrescentados nesta edição o *concubinato, prostituição e outras perversões*. Concubinato são as uniões que não eram formadas pelo casamento e não possuíam aprovação legal, o termo carrega certo preconceito, assim como prostituição que já discutimos na subseção 3.10 e homossexualidade. Semelhante à CDD, na Classificação Internacional de Rider encontramos:

- JDP Deviations in sex life
 Homosexuality Premarital sex relations Free love¹⁰⁷
 (RIDER, 1961¹⁰⁸ *apud* FOSKETT, 1971, p. 120)

Bliss coloca *deterioração mental resultante da depravação* abaixo de *vício, depravação e imoralidade* sob o ponto de vista dos aspectos sociológicos:

- QL Vice, depravity, immorality (Sociological aspects)
 QLF Mental deterioration resulting from depravity¹⁰⁹
 (BLISS, 1940-1953¹¹⁰ *apud* FOSKETT, 1971, p. 120)

Em psicologia, Bliss, reforça sua tese que de *perversão, sexo e doenças mentais* estão correlacionados:

- I Psychology
 IL Abnormal
 ILO Mental deficiency
 ILS Sexual abnormalities, perversions etc. Eroticism, nymphomania¹¹¹

¹⁰⁶ 301.41 por exemplo relações pré-matrimoniais, adultério, homossexualidade
 Os sexos

301.412 Vida sexual fora do casamento Concubinato, relações pré-matrimoniais, adultério, prostituição, homossexualidade e outras perversões

¹⁰⁷ JDP Desvios na vida sexual
 Homossexualidade Relações sexuais antes do casamento Amor livre

¹⁰⁸ RIDER, Fremont. **Rider's international classification for the arrangement of books on the shelves of general libraries**. Middletown: [s. n.], 1961.

¹⁰⁹ QL Vício, depravação, imoralidade (Aspectos sociológicos)

QLF Deterioração mental resultante da depravação

¹¹⁰ BLISS, Henry Evelyn. **A bibliographic classification, extended by systematic auxiliary schedules for composite specification and notation**. New York: Wilson, 1940-1953. 4 v.

¹¹¹ I Psicologia

IL Anormal

ILO Deficiência mental

De acordo com Foskett (1971), não é de surpreender que, mais abaixo na mesma página, encontramos *esterilização* como *tratamento e cuidado de deficiência mental e anormalidade*.

ILT Treatment and care of mental deficiency and abnormality

ILTS Sterilization¹¹²

A lista de cabeçalho de assunto da Biblioteca do Congresso também tem aspectos estranhos, segundo Foskett, mas, eles parecem ser resultados de falta de método e não de imparcialidade:

Sexual crimes see Sex Crimes

Sex perversions see Sexual perversions

Sexual psychology see Sex (Psychology)

Sexual hygiene see Hygiene, sexual¹¹³

(LIBRARY OF CONGRESS CLASSIFICATION, 1959¹¹⁴ *apud* FOSKETT, 1971, p. 120)

Mesmo Ranganathan apresenta uma visão um tanto estranha do mundo, segundo Foskett, os mnemônicos seminais de Ranganathan relacionam *plano público controlado, emoção, folhagem, estética, mulher, sexo e crime*:

...public controlled plan, emotion, foliage, aesthetics, woman, sex, crime ...

(RANGANATHAN, 1940-1953¹¹⁵ *apud* FOSKETT, 1971, p. 120)

Como já mencionado, Foskett (1971) não propõe nenhuma solução, mas afirma que é importante que os profissionais estejam cientes destes problemas. Com este trabalho, o autor abre os caminhos para outras pessoas proporem outras reflexões e até alternativas na Organização do Conhecimento.

Hope Olson (2001, 2002) - *The Power to name*

O segundo trabalho essencial nesta revisão é de Hope Olson, referência na área, que se concentra na análise crítica de representações de assuntos e sistemas

ILS Anormalidades sexuais, perversões etc. Erotismo, ninfomania

¹¹² ILT Tratamento e cuidado de deficiência mental e anormalidade

ILTS Esterilização

¹¹³ Crimes sexuais ver Crimes sexuais

Perversões sexuais veja Perversões sexuais

Psicologia sexual ver Sexo (Psicologia)

Higiene sexual ver Higiene sexual

¹¹⁴ LIBRARY OF CONGRESS CLASSIFICATION. 3 ed. Washington: LOC, 1959. Class H.

¹¹⁵ RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **Colon Classification**. London: Asia Publishing House, 1960.

de classificação; em perspectiva feminista, pós-estruturais e pós-coloniais, a pesquisadora examina os preconceitos inerentes às estruturas organizacionais hierárquicas.

Porém, para introduzir a discussão de Olson, começaremos com a historiadora Gerda Lerner que pesquisa a origem da opressão das mulheres e aponta uma questão sobre a história oficial: as narrativas das mulheres precisam entrar na narrativa oficial, senão o que faremos é uma história compensatória ou de contribuição e esse tipo de narrativa atinge somente pessoas já interessadas no assunto (LERNER, 2020).

Sobre a história compensatória, a autora questiona “Quem são as mulheres que faltam na história? Quem são as mulheres realizadoras e o que elas alcançaram?”. Para Lerner (2020) a história das "mulheres notáveis" não representa as atividades que a maioria das mulheres realizavam, nem sobre a importância delas para a sociedade como um todo. A história sobre figuras notáveis, é chamada por Lerner de *história de contribuição* que parte do ponto de vista que “é uma etapa importante na criação de uma verdadeira história das mulheres”. Essa produção histórica é essencial para o desenvolvimento de questões mais complexas, desde que estejam claras as limitações desta produção, que de acordo com Lerner (2020), ela lida com o conceito de mulher definida pelo homem e tenta encaixá-las nas categorias e sistemas de valores que consideram o homem a medida do mundo.

Entender a experiência das mulheres do ponto de vista histórico, social e antropológico pode ser justificado pelo fato de que as mulheres, de acordo com Lerner (2020), são diferentes de grupos raciais, étnicos e de classes subalternas embora também pertençam a esses grupos, porque elas são maioria. Sempre foram ao menos metade da humanidade e porque sua sujeição às instituições patriarcais antecede todas as outras opressões que sobreviveram a todas as mudanças econômicas e sociais na história registrada.

Como já mencionado, no ensaio *Um teto todo seu*, de 1929, a personagem de Virginia Woolf visita bibliotecas à procura de obras escritas por mulheres e não as encontra em quantidade satisfatória. Woolf (2014, p. 43), em 1929 observa que muito se falava das mulheres nas obras que ela encontrava, mas poucas em primeira pessoa, o que a levou a perguntar: “Vocês têm noção de quantos livros sobre mulheres são escritos no decorrer de um ano? Vocês tem noção de quantos

são escritos por homens?”. A resposta é, os homens têm muito a dizer sobre as mulheres e elas não conseguiam chegar publicadas nas estantes.

Sobre essa ação de Woolf, Olson (2002) menciona que ao consultar o catálogo da biblioteca para aprender sobre as mulheres e a sua pobreza na sociedade, Woolf foi infeliz em sua busca, pois encontrou livros sobre mulheres em lugares "exóticos", sobre mulheres como objetos da atenção masculina, sobre mulheres como seres inferiores e sobre mulheres como superiores de maneiras que beneficiam os outros em vez de si mesmas. Segundo Olson (2002), Woolf não considerou consultar ninguém da biblioteca, mas confiou no catálogo para encontrar informações relevantes e criticou os autores (homens) que escreveram livros que considerou irrelevantes, sugerindo que eles estavam depreciando as mulheres para afirmar sua própria superioridade, fato que não surpreende dada a característica patriarcal da sociedade. Porém, Olson (2002); argumenta que Woolf não vai além da ideia de catálogo como um reflexo dos livros que, por sua vez, são um reflexo da sociedade. No seu uso do catálogo e sua reflexão sobre o que encontra está implícita a crença de que o catálogo reflete o acervo de livros com precisão.

Olson (2002) menciona quatro histórias de pesquisa em catálogo por três mulheres em diferentes épocas: a personagem do ensaio de Woolf em 1929, Marielena Fina em 1972¹¹⁶, que procura informações sobre latinos e encontra como assunto BIBLIOTECAS E DEFICIENTES SOCIAIS (*LIBRARIES AND THE SOCIALLY HANDICAPPED*) e Judy Grahn que em 1961¹¹⁷, quando tinha 21 anos, foi a uma biblioteca em Washington, DC, para ler sobre homossexuais e foi informada que os livros sobre esse assunto eram de acesso restrito e só poderiam ser consultados por professores, médicos, psiquiatras e advogados criminais.

O quarto exemplo é de Julia Penelope¹¹⁸ que teve mais sorte do que Grahn. Ao ir à Biblioteca Pública de Miami, no Parque Biscayne, começou sua pesquisa nas fichas de A até H e descobriu livros sobre "homossexualidade". Leu passagens que descreviam mulheres com cabelos curtos e se identificou. Segundo Olson (2002), o sucesso de Penelope resultou de sua abordagem em ordem alfabética metódica e exaustiva.

¹¹⁶ FINA, Marielena. The Role of Subject Headings in Access to Information: The Experience of One Spanish-Speaking Patron. *Cataloging & Classification Quarterly*. v. 17, n. 1/2, 1993.

¹¹⁷ GRAHN, Judy. *Another Mother Tongue: Gay Words, Gay Worlds*. Boston: Beacon Press, 1984.

¹¹⁸ PENELOPE, Julia. My Life as a Lesbian. In: PENELOPE, Julia; WOLFE, Susan J. (ed.). *The Original Coming Out Stories*. Freedom: Crossing Press, 1989.

Desde o final da década de 1920, passando por 1961 até 1972¹¹⁹ muito mudou no acesso à informação por assunto, mas Olson (2002) aponta que o acesso ainda é enviesado e a prática antiga continua a aparecer em catálogos de bibliotecas. Olson (2002) menciona essas pesquisas em catálogos para dizer que havia problemas, que os instrumentos melhoraram com o tempo, mas ela se pergunta o que seria ideal. O que essas mulheres deveriam ter encontrado em suas buscas?

Se falamos de acesso à informação, temos que levar em consideração os locais onde mais se procura informação e quais são as ferramentas. Este trabalho trata de informação produzida, tratada e mantida por instituições criadas para e por mulheres, principalmente envolvidas com o movimento de libertação de mulheres. Mas se pensarmos em uma menina que não sabe nomear o que acontece consigo, que não entende porque deve cozinhar e limpar a casa enquanto seu irmão brinca na rua e não sabe fazer um arroz, como essa jovem irá acessar informação importante para saber quais são as ferramentas para conseguir autonomia e, se quiser, se juntar ao movimento de libertação das mulheres?

As personagens citadas por Olson iam à biblioteca. Hoje provavelmente pesquisariam na internet. Temos que falar também daquelas que se informam por aplicativos de mensagens e televisão/rádio e como possibilitar o acesso entre o material armazenado nas unidades de informação especializadas em mulheres e como fazer chegar essa informação às mãos de uma mulher nos anos 20 do século XXI?

Assim como Foskett (1971), Olson (2002) afirma que as bibliotecas, assim como outras instituições, refletem as marginalizações e exclusões da sociedade a que servem. Depois de vinte e cinco anos estudando, desenvolvendo, gerenciando e ensinando catalogação e classificação, a autora considera o problema agudo e sistêmico, mas também passível de mudança. Neste artigo, (OLSON, 2002), examina a presunção de que linguagens universais são necessárias e desejáveis para nomear informações para sua recuperação, explica como essa presunção constrói informações irreais e até distorcidas e sugere práticas para mudar usando uma abordagem adaptada da filosofia do limite de Drucilla Cornell¹²⁰ (1992) para analisar a introdução à CDD escrita por Dewey em 1932, as Regras para um

¹¹⁹ Datas em que se situam as personagens ilustradas por Olson (2002).

¹²⁰ CORNELL, Drucilla. **The Philosophy of the Limit**. New York: Routledge, 1992.

catálogo dicionário de Cutter, listas da *Library of Congress Subject Headings* - LCSH e esquemas da CDD.

Ao analisar a introdução da edição da *Rules for a Dictionary Catalogue*, Hope Olson, comprova que a universalidade afirmada é apenas uma presunção do autor, segundo a autora, a lógica de Cutter para a criação de um vocabulário controlado começa com uma aparentemente injunção democrática de que o catálogo deveria ser construído para a comodidade do público a que serve (OLSON, 2001, p. 641). Para a autora, o uso do singular nas frases "a conveniência do público" e "forma habitual do público de ver as coisas" (CUTTER, 1962¹²¹, p. 6 *apud* OLSON, 2001, p. 642), especialmente do artigo definido "o", indica que Cutter prevê uma comunidade de usuários da biblioteca com uma perspectiva unificada e uma forma única de buscar informações, assim, a autora conclui que a universalidade está presente na visão de Cutter, mas é o público singular que o define e conclui que o público singular de Cutter não é "todos os membros da comunidade" e sim uma parte especial da humanidade que compartilha interesses culturais, sociais ou políticos, sendo que para ela, essa comunidade idealizada exclui indivíduos e grupos que não compartilham de seus interesses.

Sobre a *Library of Congress Subject Headings*¹²² (LCSH), Olson (2001) aponta desvios ao comparar as entradas para *Women* e *Men*; a autora nota mais referências a termos específicos em *Women* do que em *Men* e que muitos desses termos chamam a atenção para as mulheres como exceções a uma norma masculina, exemplificando: *gifted women* são exceções à norma masculina do talentoso, pois não há assunto para *gifted men*. Esta pode ser considerada uma representação tendenciosa. Para a autora, a LCSH expressa sexo explicitamente quando ele está fora da norma, especialmente em termos de relações sujeito/objeto, sendo cúmplice numa aplicação tão universal que é simplesmente uma visão patriarcal, o ponto de vista de um público específico e singular (OLSON, 2001).

Sobre Dewey, Olson afirma que este vê a diversidade da linguagem introduzida por "diferentes bibliotecários" em "tempos diferentes", com "pontos de vista diferentes" como "causando confusão" (1932¹²³, p. 13 *apud* OLSON, 2002), e, assim, ele aponta a necessidade de um padrão universal para evitar esta confusão.

¹²¹ CUTTER, Charles A. (1904) *Rules for a Dictionary Catalogue*. 4 ed. London: Library Association, 1962.

¹²² LIBRARY OF CONGRESS SUBJECT HEADINGS. **LOCIS** - Library of Congress Information System. Library of Congress Catalog. Subject Headings [LCXR database], 1998.

¹²³ DEWEY, Melvil. **Decimal Classification and Relative Index**. 13th ed. Essex County, N.Y.: Forest, 1932.

A autora compara a *Dewey Decimal Classification* com uma ferrovia, que valoriza a economia e eficiência sobre a flexibilidade, pois essa determina ao lugar em prateleiras de biblioteca, controlando assim, a “navegação”, as ferrovias mapeiam o espaço de forma diferente do que os automóveis fazem, criando limites mais restritos à representação, para a autora, a imposição violenta de uma estrutura, como a colocação da ferrovia em todo o Ocidente, traz prosperidade somente para aqueles incluídos na rota, sendo uma “bênção” para o "homem de sucesso", mas ignora outros que estão sem acesso à linha principal, assim na localização do conhecimento, a *Dewey Decimal Classification* normalmente segue a abordagem liberal de instituir a igualdade ou semelhança com mais frequência do que representa a diversidade (OLSON, 2001, p. 650-651).

Olson (2001) afirma que os preconceitos de sexo, sexualidade, raça, idade, capacidade, etnia, língua e religião limitam a expressão da diversidade na representação da informação para recuperação e têm consequências diretas e práticas para os usuários, que, em suas buscas de informação, podem ser atendidos ou impedidos. Para a autora, os Sistemas de Organização do Conhecimento refletem as marginalizações e exclusões da sociedade em que estão inseridos. Olson (2001) aponta que classificar documentos com uma linguagem controlada, acreditando que é um ato neutro e universal, marginaliza aqueles que buscam informações fora do padrão que essas linguagens tomam como universais.

Assim, Olson (2002) conclui que os profissionais da informação hesitam em tornar seus sistemas permeáveis devido à tradição de universalidade na indexação e classificação. Permitir a voz do outro exige criar brechas nas estruturas de informação. A autora propõe três maneiras de tornar os sistemas permeáveis:

- aplicar a tecnologia de maneiras inovadoras,
- ampliar/modificar os padrões dos sistemas de indexação e
- classificação e criar espaços para vozes excluídas.

A mudança pode ser cara e trabalhosa, mas é necessária para melhorar o acesso, além disso, é preciso largar a passividade frente às restrições orçamentárias (OLSON, 2001).

López-Huertas e Torres Ramírez (2005) - Terminología de género. Sesgos, interrogantes, posibles respuestas

O terceiro trabalho essencial é de López-Huertas e Torres Ramírez, duas professoras espanholas ligadas ao *Instituto Universitario de Estudios de la Mujer* da Universidade de Granada, Torres Ramírez já é falecida, mas ambas dedicaram suas pesquisas à Documentação e aos Estudos sobre Mulheres.

O artigo das autoras denominado *Terminología de género. Sesgos, interrogantes, posibles respuestas* foi selecionado como obra essencial, porque aponta problemas em tesouros de Estudos sobre Mulheres, especificamente o *European Women's Thesaurus* (EWT) (CAPEK, 1987). Esse trabalho foi selecionado também por apontar os problemas encontrados na tradução do inglês para o espanhol, com a preocupação de não omitir a participação das mulheres em várias atividades, visto que, no inglês, as mesmas palavras são usadas para indicar feminino e masculino, diferente das línguas românicas, derivadas do latim como o português e o espanhol.

Segundo as autoras (LÓPEZ-HUERTAS; TORRES RAMÍREZ, 2005), há uma diferença entre domínios temáticos e disciplinas. Não há uniformidade nos critérios para a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento de domínios temáticos, pois não existe um modelo para organizar informação, diferente, portanto, das disciplinas que desenvolvem modelos de acordo com sua expansão.

Assim, de acordo com as autoras, para propor modelos de representação e organização do conhecimento em temas específicos, é preciso fazer um estudo das dinâmicas conceituais e terminológicas. Portanto, López-Huertas e Torres Ramírez (2005) analisam o léxico documental utilizado e suas interações no campo dos Estudos sobre Mulheres. Como a questão é ampla, as autoras se debruçam sobre alguns aspectos que lhes pareceram significativos:

a) Alguns preconceitos culturais e ideológicos (políticos, religiosos, sexistas, racistas...) detectados no léxico do *European Women's Thesaurus* (EWT)¹²⁴ - **Preconceitos¹²⁵ culturais e ideológicos detectados no EWT.**

b) As dificuldades que surgiram na adaptação após a tradução do EWT para o espanhol e algumas propostas de soluções próprias ou retiradas de outros tesouros

¹²⁴ CAPEK, Mary Ellen S. **A Women's Thesaurus: An Index of Language used to Describe and Locate Information by and about Women.** New York: Harper Collins, 1987.

¹²⁵ Optamos por usar preconceitos como tradução do que as autoras chamam de "sesgos".

consultados - **Dificuldades encontradas na adaptação do vocabulário EWT após sua tradução.**

c) A dispersão terminológica, não apenas nos tesouros, mas também nos documentos primários utilizados como fonte para selecionar o léxico - **Dispersão terminológica.**

A seguir temos as análises do léxico documental utilizado e suas interações no campo dos Estudos sobre Mulheres realizadas pelas autoras:

a) Preconceitos culturais e ideológicos detectados no EWT

López-Huertas e Torres Ramírez (2005) afirmam que a identificação da terminologia com viés¹²⁶ presente nos sistemas de indexação e sua correção são importantes porque a presença desses preconceitos vai contra a objetividade necessária ao tratamento da informação e ao desenvolvimento de ferramentas de recuperação da informação. Ao traduzir o EWT, as autoras detectaram preconceitos étnicos e machistas. Vamos mencionar apenas os considerados machistas.

Os preconceitos chamados de androcêntricos pelas autoras, é, segundo elas, onipresente em qualquer manifestação de uma cultura que há séculos identifica a generalidade com masculinidade. O campo lexical, que compreende as palavras que pertencem à mesma área de conhecimento, não poderia ser uma exceção, sendo onipresente, termos que identificam a generalidade com masculinidade escapam imperceptivelmente. Assim como os preconceitos étnicos, tais desvios devem ser corrigidos (LÓPEZ-HUERTAS; TORRES RAMÍREZ, 2005).

É importante mencionar, que mesmo em um tesouro sobre mulheres, o EWT, foram detectados alguns casos. Exemplo:

Violência antihomossexual USE abuso + gays

O termo violência *antihomossexual* refere-se no EWT a *abuso + gays*, quando na verdade antihomossexual refere-se a gays e lésbicas. Com esse tratamento, confirma-se o que constitui a essência do androcentrismo linguístico que oculta as mulheres ao confundir generalidade com masculinidade. Para evitar o androcentrismo, na versão em espanhol foram criadas as entradas necessárias para

¹²⁶ Optamos por usar “viés” para tradução do singular “sesgo”.

que homens e mulheres tivessem representação igualitária (LÓPEZ-HUERTAS; TORRES RAMÍREZ, 2005).

Outro exemplo de androcentrismo é o conceito de *poliandria*. No EWT aparece:

Poliandria USE Poligamia

Além desses termos não serem equivalentes, o EWT assume que a poligamia é predominante. Segundo López-Huertas e Torres Ramírez (2005), a poliandria teria de aparecer como descritor. Sua ausência manifesta um androcentrismo. Na adaptação sugerida, criou-se poliandria como descritor e acrescentou-se o sinônimo poliginia, referindo-se à poligamia.

Outro exemplo de androcentrismo está no par feminino/masculino na representação de conceitos e termos masculinos que, usados no plural, representam tanto uma pluralidade de homens quanto de homens e mulheres juntos. Esta questão foi resolvida usando junto ao plural genérico para homens e mulheres o qualificador (homens e mulheres). Nos demais casos, cada sexo é identificado - feminino e masculino (os dois descritores) -, para permitir a correta recuperação das informações solicitadas caso o documento trate de um ou outro sexo, já que, normativamente o masculino ainda é usado como genérico para homens e mulheres (LÓPEZ-HUERTAS; TORRES RAMÍREZ, 2005). Exemplo de solução apresentada pelas autoras:

Abuelas

Abuelos (varones y mujeres)

Abuelos (varones)

b) Dificuldades encontradas na adaptação do vocabulário EWT após sua tradução

As autoras apresentam uma série de dificuldades que foram resolvidas no processo de adaptação de um tesouro em inglês para o espanhol.

Como já mencionado, **os termos monogênicos ingleses**, originários do EWT, têm sido representados por dois descritores, masculino e feminino. É preciso levar em consideração que com essa decisão há um aumento de itens no vocabulário que deve ser avaliado quanto à sua utilização na recuperação da informação. A seguir, exemplos dos termos no EWT e as propostas para versão em espanhol:

EWT	Propostas para a versão em espanhol
Architects	Arquitectos Arquitectas
Archivist	Archiveros Archiveras
Gypsies	Gitanos Gitanas
Film-makers	Productores de cine Productoras de cine

Quando a expressão é polilexical, formado por um substantivo + adjetivo, há a tendência de criar descritores no feminino e omitir o masculino correspondente, como se vê no exemplo a seguir:

Gypsies	Gitanas
USE Romany women	USE Mujeres romaníes

Nestes casos, criou-se aqui o seu correspondente masculino: *Hombres romaníes*. Além disso, neste caso, um tratamento adicional teria que ser feito, já que em espanhol *mujeres romaníes* raramente são usadas para se referir às *gitanas*, portanto o descritor seria *gitanas* e *mujeres romaníes* seriam o não descritor.

Gypsies	Mujeres romaníes
USE Romany women	USE Gitanas (LÓPEZ-HUERTAS; TORRES RAMÍREZ, 2005).

Para traduzir o EWT, de acordo com as autoras, foi necessário um processo de adaptação cultural para que o léxico refletisse a realidade das mulheres na Espanha e fosse possível conectar essa realidade com o restante da Europa. Foram identificadas "lacunas terminológicas", motivadas em alguns casos pela existência de "lacunas culturais", que significa que o EWT contém termos que designam realidades sem equivalência na Espanha. Por exemplo, o esporte *netball* (literalmente "*balón-red*"), uma espécie de basquete feminino praticado no Reino Unido, não encontra equivalente linguístico em espanhol. Esse esporte não é praticado na Espanha. Já as outras "lacunas terminológicas" (vazios terminológicos), de acordo com López-Huertas e Torres Ramírez (2005), podem estar relacionadas com questões do campo moral e histórico, tal como termos relacionados à maternidade-paternidade de homossexuais, ao reconhecimento dos direitos desse grupo (casamento, herança, adoção de filhos etc.), ao feminismo em seus ramos

mais especializados, ao campo da assistência social a grupos de idosos, mães solteiras, etc. Segundo as investigadoras, esses termos não encontram equivalente na língua espanhola porque não houve reflexão suficiente e condições sociais adequadas para que um termo para designá-los fosse cunhado. A seguir, vemos exemplos desse *gap* cultural:

EWT	Propostas para a versão em espanhol
Housewifization	Domesticación, encasamiento
Co-mothers	Maternidad compartida
"Compañera sentimental que no ha gestado el bebé en una relación de lesbianas"	Maternidad lesbiana compartida
	Co-madres
Butches/femmes	Butches/femmes

Segundo López-Huertas e Torres Ramírez (2005), o grau de precisão da terminologia pode se tornar um fiel indicador do nível de desenvolvimento deste assunto em diferentes culturas.

Outro elemento que dá origem a "lacunas terminológicas", segundo as autoras, está relacionado aos fatores estruturais da língua, como a concisão do inglês que permite a formação de termos únicos do que o idioma espanhol, que, para suprir a lacuna terminológica, usa perífrases, às vezes muito extensas, em detrimento da precisão e exatidão oferecidas por um único termo ou uma expressão formalmente reduzida. Esse fato é especialmente problemático, mencionam López-Huertas e Torres Ramírez (2005), quando se trata de Sistemas de Organização do Conhecimento como o tesouro. A seguir, as autoras ilustram com exemplos:

EWT	Propostas para a versão em espanhol
Ableism	Discriminación por discapacidad
Ageism	Discriminación por edad
Childnessness	Esterilidad involuntaria,
"Hecho por el que una persona de forma involuntaria no tiene descendencia"	(sería considerado un no descriptor que enviaría a Esterilidad)
Housewifization	Domesticación
‘Proceso por el que se relega a las mujeres y a sus tareas al ámbito de lo doméstico ‘	Confinamiento al ámbito doméstico
	Encasamiento

Um problema fundamental a ser enfrentado ao tentar desenvolver uma linguagem de indexação para os Estudos sobre Mulheres é como representar o

masculino. O EWT usa *-w* anexado ao descritor quando deseja recuperar informações relacionadas a homens. Já no *Tesauro Mujer*, o termo usado para designar o masculino ou o genérico (quando também é masculino) foi redirecionado para o feminino correspondente como "Arquitetas", "Empresárias" ou "Médicas", sendo não descritores o masculino correspondente.

A proposta feita por López-Huertas e Torres Ramírez (2005) é de usar o masculino e o feminino sempre que se julgue necessário. Para maior clareza, um exemplo expressivo do EWT é apresentado:

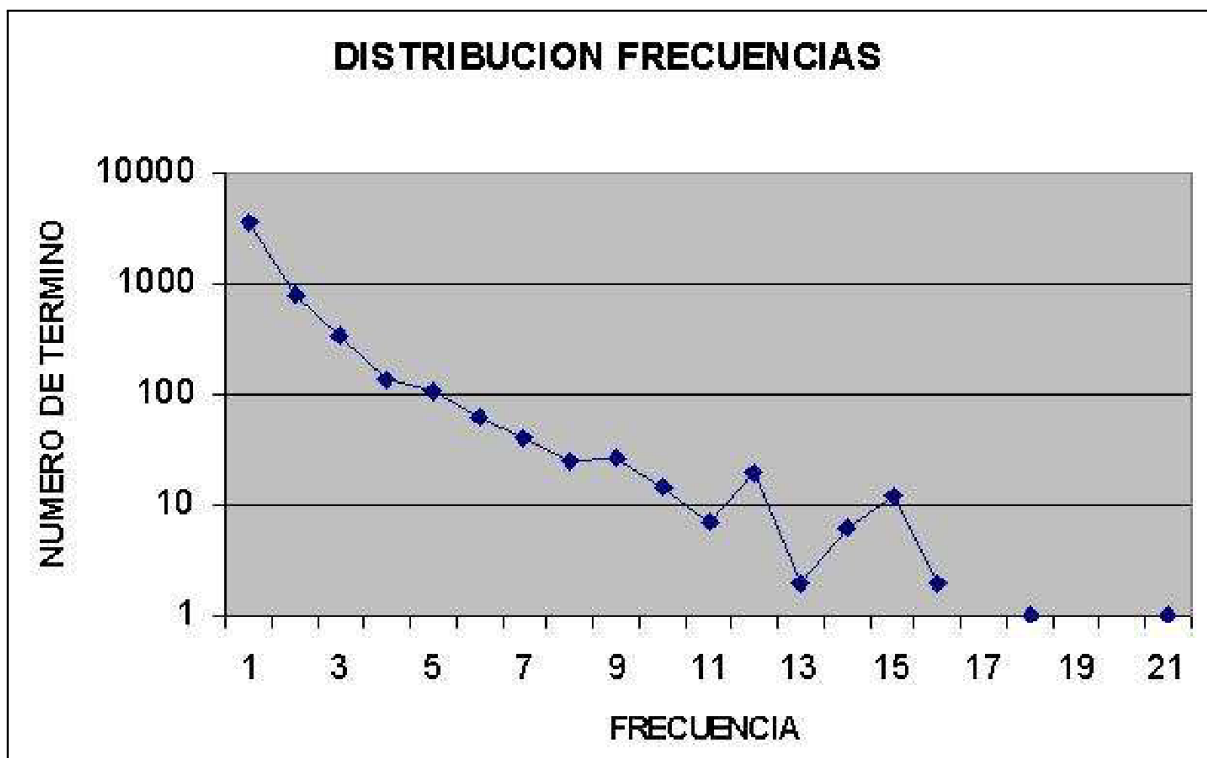
Singles-w	Personas solteras Solteros (varones) Solteros (varones y mujeres) USE Personas solteras
Singles	Solteras

Outra questão que López-Huertas e Torres Ramírez (2005) consideram que merece atenção é a presença ou ausência de descritores que incluam a palavra mulher/mulheres como elemento central. Há a tendência de evitar, sempre que possível, esses tipos de descritores para fugir do que o EWT chama de *woman-as syndrome*, embora inclua uma longa lista de descritores que começam com mulher/mulheres. O *Tesauro Mujer* é mais radical, pois exclui a palavra mulher, exceto nos casos em que o uso do feminino só levaria a diferenças de interpretação, como é o caso de "Mulheres Matemáticas". As autoras propõem a mesma solução que o EWT.

c) Dispersão terminológica

López-Huertas e Torres Ramírez (2005) neste estudo da terminologia selecionada encontraram dispersão terminológica, entendida, segundo as autoras, como o elevado número de termos que em tese pertencem ao campo semântico de Estudos sobre Mulheres, mas que aparecem apenas em uma das fontes consultadas. Ou seja, são citados apenas uma vez em todas as fontes consultadas. Observou-se que de um total de 5.414 termos, 3.649 são citados em uma única fonte, como mostra o gráfico:

Gráfico 1 - Distribuição das frequências por termo



1=3649	4=139	7=41	10=14	13=2	16=2	19=0
2=773	5=109	8=25	11=7	14=6	17=0	20=0
3=342	6=61	9=27	12=9	15=2	18=1	21=1

Fonte: (LÓPEZ-HUERTAS; TORRES RAMÍREZ, 2005).

Legenda: Explicação das colunas: frequência de citação = Número de termos

Este fenômeno foi identificado não apenas nos tesouros sobre Mulher consultados, mas também em documentos primários, que parece ser uma característica do ambiente epistemológico deste tema (LÓPEZ-HUERTAS; BARITÉ, 2002¹²⁷ *apud* LÓPEZ-HUERTAS; TORRES RAMÍREZ, 2005). Segundo as autoras, esses resultados evidenciam o alto número de terminologia aparentemente pouco significativa para representar o domínio dos Estudos sobre Mulheres. As autoras ponderam, que, para se ter uma ideia mais precisa do peso de cada termo, a frequência de citação deve ser complementada com a análise de outras variáveis como a qualidade da fonte e a presença do conceito nas diferentes fontes, isso, acreditam, provavelmente alteraria os valores. No entanto, afirmam, a dispersão terminológica é um fenômeno tão óbvio que não será substancialmente modificado

¹²⁷LÓPEZ-HUERTAS, María José, BARITÉ, Mario. Knowledge representation an organization of gender studies on the Internet: Towards integration. *In*: LÓPEZ-HUERTAS, María José (Ed.). ISKO International Conference, 7., Granada, 2002. **Proceedings** [...] Würzburg: Ergon Verlag, 2002. p. 393-403.

por ela. Além da atenção aos preconceitos e a atenção ao trabalhar com tradução de tesouros, as autoras recomendam mais pesquisas acerca da dispersão terminológica.

Rodríguez Bravo (2007) - La integración de la mujer en los lenguajes documentales una utopía necesaria en la sociedad del conocimiento

O quarto trabalho essencial é o de Blanca Rodríguez Bravo, professora da *Universidad de León* na Espanha há mais de 20 anos. Sua pesquisa se concentra em Comunicação Científica e Organização do Conhecimento. O artigo de 2007 denominado *La integración de la mujer en los lenguajes documentales una utopía necesaria en la sociedad del conocimiento* tem o título autoexplicativo, porém, a partir da análise empírica dos instrumentos, a autora aborda outras questões importantes na discussão aqui realizada.

Segundo Rodríguez Bravo (2007), é possível perceber o crescente interesse pela documentação referente à situação da mulher e pelos Estudos sobre mulheres a partir do aumento de publicações sobre o tema e proliferação de centros de documentação, bibliotecas e bancos de dados especializados que, por sua vez, precisam ter um Sistema de Organização do Conhecimento que permita a indexação homogênea de documentos. Tal cuidado é necessário para permitir que todo o conteúdo relacionado aos estudos sobre mulheres, desde a teoria feminista até a situação da mulher em geral, possa ser localizado e recuperado da forma mais relevante e exaustiva possível. No entanto, os profissionais da informação questionam a utilidade das linguagens documentárias tradicionais, que carecem de terminologia específica para representar informações sobre mulheres. Como resultado, surgiram iniciativas de construção de linguagens documentárias especializadas e igualitárias para representar a realidade das mulheres.

Assim como Foskett (1971), Olson (2002) e López-Huertas e Torres Ramírez (2005), Rodríguez Bravo (2007) afirma que a presença feminina é escassa e/ou deturpada nos instrumentos terminológicos tradicionais, primeiro porque a linguagem erigiu o masculino como universal e genérico e, segundo, porque seu discurso de representação do conhecimento mantém estereótipos sobre mulheres, com uma visão anacrônica e sexista. Terceiro, essas linguagens não refletem conteúdos feministas por serem construções sociais que refletem visões de mundo dominantes.

Segundo a autora, as linguagens documentárias ajudam a moldar essa mesma percepção nas mentes das pessoas que as consultam.

Dada a exclusão das mulheres das linguagens enciclopédicas mais utilizadas, de acordo com Rodríguez Bravo (2007), as bibliotecas e centros de documentação especializados em mulheres desenvolveram suas próprias linguagens documentais e menciona algumas:

- European women's thesaurus - EWT (IIAV, 1988);
- On equal terms: a thesaurus for nonsexist indexing and cataloging (MARSHALL, 1977);
- Tesouro "Mujer" (BURGOS FRESNO et al., 2002);
- Thesaurus d'història social de la dona (SEBASTIÀ I SALAT, 1988);
- Listado de descriptores en el tema de la mujer (ISIS INTERNACIONAL, 1994).

O uso dessas ferramentas terminológicas especializadas, segundo Rodríguez Bravo (2007) ajuda a dar visibilidade às mulheres e a documentos sobre mulheres, porém seu uso é restrito a áreas muito específicas. Outra problemática mencionada é que a maioria dos centros de informação só pode utilizar estes tesouros como complemento, pois muitas vezes estão inseridos em órgãos com suas próprias diretrizes como universidades e instituições governamentais, razão pela qual considera-se essencial a integração das mulheres nas linguagens enciclopédicas.

A autora já havia realizado trabalhos referentes ao tratamento das mulheres na CDU e em linguagens associativas em inglês, a partir de então verificou-se a necessidade de realizar uma revisão das linguagens enciclopédicas na busca de uma representação igualitária dos sexos (RODRÍGUEZ BRAVO; MORÁN SUÁREZ, 2001; RODRÍGUEZ BRAVO, 2006).

Para a realização deste trabalho, Rodríguez Bravo (2007) analisou três listas de cabeçalhos temáticos e quatro tesouros com foco na análise dos verbetes *Hombre/Hombres* e *Mujer/Mujeres*. São estes o *corpus* de seu trabalho:

- Lista de encabezamientos de materia para las bibliotecas públicas (ESPAÑA. DIRECCIÓN GENERAL DEL LIBRO Y BIBLIOTECAS, 1987¹²⁸)

¹²⁸ ESPAÑA. DIRECCIÓN GENERAL DEL LIBRO Y BIBLIOTECAS. **Lista de encabezamientos de materia para las bibliotecas públicas**. 2ª ed. rev. Madrid: Ministerio de Cultura, 1987.

- Lista de encabezamientos de la Unidad de Coordinación de Bibliotecas del CSIC (ESPAÑA. CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS, 2000¹²⁹)
- Encabezamientos de materia de la biblioteca universitaria (UNIVERSIDAD DE SEVILLA, 1997¹³⁰)
- Tesouro de la Unesco (UNESCO, 1995¹³¹)
- Tesouro ISOC de Psicología del CINDOC (ESPAÑA. CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS, 1995¹³²)
- Thesaurus d'història social de la dona (SEBASTIÀ I SALAT, 1998¹³³)
- Tesouro "Mujer" (BURGOS FRESNO *et al*, 2002¹³⁴)

A metodologia utilizada por Rodríguez Bravo (2007) foi listar todos os cabeçalhos e descritores referentes ao sexo masculino ou feminino. Nas listas de bibliotecas especializadas e universitárias os cabeçalhos *Homem* foram excluídos quando se referia à humanidade como um todo e havia um cabeçalho específico para o sexo masculino. Da mesma forma, nos tesouros específicos de mulheres, foram eliminadas as referências com *Mulheres* para evitar prolixidade.

Na análise na *Lista de encabezamientos de materia para las bibliotecas públicas* (ESPAÑA. DIRECCIÓN GENERAL DEL LIBRO Y BIBLIOTECAS, 1987) além dos principais cabeçalhos onde o termo sexo ocupa a primeira posição, foram encontrados os seguintes cabeçalhos: *Educación de la mujer, Feminismo, Madres solteras, Lesbianismo, Menopausia, Menstruación e Voto femenino* (RODRÍGUEZ BRAVO, 2007). De acordo com a autora, verifica-se o uso do masculino como genérico e hegemônico e, mulheres, aparecem nomeadas ocupando uma pequena parcela da realidade, geralmente apontando estereótipos como beleza, sexualidade, abuso e incorporação ao trabalho.

¹²⁹ ESPAÑA. CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS. Unidad de Coordinación de Bibliotecas. Lista de encabezamientos de materia de la Red de Bibliotecas del CSIC. [CD-ROM]. 5ª ed. Madrid: CSIC, 2000.

¹³⁰ Universidad de Sevilla. **Encabezamientos de materia de la Biblioteca Universitaria**. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1997.

¹³¹ UNESCO. **Unesco thesaurus**: a structured list of descriptors for indexing and retrieving literature in the fields of education, science, social and human science, culture, communication and information. Paris: Unesco, 1995.

¹³² ESPAÑA. CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS. Centro de Información y Documentación Científica. **Tesouro ISOC de Psicología**. Madrid: CINDOC, 1995.

¹³³ SEBASTIÀ I SALAT, Montserrat. **Thesaurus d'història social de la dona**. Barcelona: Generalitat de Catalunya. Departament de la Presidència. Comissió Interdepartamental de Promoció de la Dona, 1988.

¹³⁴ BURGOS FRESNO, J. L.; FERNÁNDEZ PÉREZ, M.; MASEDA GARCÍA, R.; VILLANUA BERNUES, L. **Tesouro "Mujer"**. 6ª ed. Madrid: Instituto de la Mujer, Centro de Documentación, 2002.

Na *Lista de encabezamientos de la Unidad de Coordinación de Bibliotecas del CSIC* (CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS, 2000), Rodríguez Bravo (2007) verifica uma desproporção significativa entre o número de entradas masculinas e femininas, com o uso do masculino como genérico predominante. As mulheres são representadas em estereótipos semelhantes à lista anterior, com problemas de descontextualização e obsolescência, alguns herdados de tradução da Lista de Cabeçalho de Assuntos da *Library of Congress*, apesar disso, há uma tentativa de dar maior visibilidade às mulheres por meio da adição de algumas entradas específicas (RODRÍGUEZ BRAVO, 2007).

No *Encabezamientos de materia de la biblioteca universitaria* (UNIVERSIDAD DE SEVILLA, 1997), listamos, a seguir, alguns cabeçalhos que aboram as relações sociais de sexo, sendo que alguns são referentes a homens, o que significa maior equiparação no tratamento das relações sociais de sexo: *Belleza femenina (Estética)*, *Delincuentes (Mujeres)*, *Feminismo*, *Jóvenes hombres*, *Jóvenes mujeres*, *Homosexualidad masculina*, *Lesbianismo*, *Reinas*, *Reyes y soberanos*, *Trabajadoras*, *Trabajadores*, *Viudas e Viudos* (RODRÍGUEZ BRAVO, 2007). A autora observa um tratamento semelhante ao da lista CSIC, com a denominação de cabeçalhos que refletem papéis e estereótipos comuns para mulheres. Há um certo esforço de distinção entre as denominações referentes à humanidade completa e os verbetes relacionados aos sexos (Juventude), mas isso não é reproduzido em outras situações (Trabalhadores). Com relação às listas anteriores, a situação apresentada nesta lista é de maior simetria inter-sexo (RODRÍGUEZ BRAVO, 2007).

No *Tesouro da Unesco* (UNESCO, 1995), Rodríguez Bravo (2007) encontrou mais entradas para as mulheres em relação aos homens, com papéis tradicionais para mulheres. O tesouro, todavia, diferencia pais masculinos do nome genérico, referindo-se a este último como *pais (progenitores)*. A autora chama atenção para a curiosa especificação do estado civil das trabalhadoras, com referência especificamente a duas das profissões tradicionalmente femininas: *bibliotecárias casadas*, *professoras casadas*, *trabalhadoras casadas*.

No *Tesouro ISOC de Psicología del CINDOC* (CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS, 1995), encontram-se descritores referentes às relações parentais e descritores indicativos das relações sociais de sexo: *Climaterio masculino*, *Diferencias entre los sexos*, *Estereotipos sexuales*, *Feminidad*, *Feminismo*, *Genitales femeninos*, *Genitales masculinos*, *Identidad sexual*,

Masculinidad, Menopausia, Monjas, Psicólogos (varones), Psicólogas e Rol sexual (RODRÍGUEZ BRAVO, 2007). A autora destaca o uso de qualificadores para distinguir o masculino do genérico: *Hijos (varones), Niños (varones), Padres (varones) e Psicólogos (varones)*, além disso observa assimetria no tratamento de homens e mulheres, com menções à corrente de pensamento que defende a igualdade da mulher, sua incorporação ao trabalho e seus maus tratos.

No *Thesaurus d'història social de la dona* (SEBASTIÀ I SALAT, 1988) há uma infinidade de descritores que se referem principalmente às mulheres. Sebastià I Salat (1988) segundo Rodríguez Bravo (2007) aponta que este tesauro procurou corrigir anacronismos linguísticos e historiográficos e, da mesma forma, desenhar uma linguagem não discriminatória eliminando qualquer tipo de marginalização ou sexismo do vocabulário utilizado. Conceitos que eram usados em sentido único e que muitas vezes favoreciam o homem sobre a mulher como por exemplo "adultério", "masturbação" e "orgasmo" são utilizados com delimitadores masculinos e femininos. Seu objetivo é colaborar nas tentativas de reforma ativa da linguagem (RODRÍGUEZ BRAVO, 2007). Sobre este tesauro, Rodríguez Bravo (2007) o vê como semelhante aos analisados anteriormente por ela, com a mesma marginalização da mulher, com uma imagem de inferioridade e dependência em relação ao homem, enfatizando todos os aspectos relacionados ao seu estado civil, sexualidade e processos relacionados à maternidade, além da tipificação da mulher em funções tradicionais, como bibliotecárias, enfermeiras e professoras e ao papel como fonte de inspiração artística ou literária.

No *Tesauro Mujer* (BURGOS FRESNO *et al*, 2002) optou-se por utilizar apenas o gênero feminino tanto quanto possível, evitando a utilização de descritores compostos antecidos pelo termo *Mulher* por se tratar de um tesauro local para a representação da documentação do *Instituto Mujer* cuja temática incide sobre a problemática da mulher. As exceções são quando não se encontra alternativa como por exemplo em *Mujeres célebres* e *Mujeres solas* ou quando o uso do feminino produz ambigüidade e levaria a falsas combinações como em *Mujeres directivas* e *Mujeres matemáticas*. De acordo com Rodríguez Bravo (2007), neste vocabulário a mulher torna-se omnipresente e o homem ausente, contudo, afirma, não há sinais de discriminação. Segundo a autora, alguns termos poderiam ser revistos, como *Profesiones femeninas*, que se refere a *Azafatas, Enfermeras, Limpiadoras e Peluqueras*, em oposição a *Profesiones no tradicionales*, que tem como termos

específicos *Espías* e *Pioneras* e está relacionado com os de *Empresárias*, *Ingenieras*, etc. *Profesiones tradicionales* e *Profesiones no tradicionales* parecem mais adequadas.

Rodríguez Bravo (2007) conclui que a visão tradicional sobre as mulheres está presente em todos os Sistemas de Organização do Conhecimento analisados. Um problema específico nas línguas latinas é que, diferente do inglês, há palavras para homens e mulheres, o que torna o vocabulário extenso. A autora acredita ser fundamental que as mulheres sejam incluídas nas principais listas de cabeçalhos de assunto e tesouros, sem cair nos estereótipos sexistas, com o cuidado de não implicar no ocultamento do masculino, buscando um equilíbrio e a eliminação do masculino como falsos genéricos. Para isso, a autora aponta algumas possíveis soluções:

- Revisão rigorosa e eliminação das conotações discriminatórias;
- Inclusão de notas que autorizem o uso do feminino quando apropriado;
- Uso de descritores sintagmáticos esclarecedores para distinguir o masculino do genérico quando não houver outra opção;
- Usar no feminino e quando se refere a homens, acrescenta o qualificador (-W) (sem mulheres);
- Estabelecer dois qualificadores de sexo para serem usados em conjunto com títulos e descritores quando for necessário especificar que o documento sobre o tema X não se refere à humanidade como um todo, mas apenas às mulheres ou apenas aos homens (M) e (H), por exemplo.

A inclusão das mulheres através de infundáveis listas de títulos e descritores derivados de “Mulheres” não é a melhor solução, segundo Rodríguez Bravo (2007). Para a autora, a construção de vocabulários equitativos é fundamental, pois, como veículos do pensamento, os instrumentos terminológicos devem colaborar nas tentativas de reformar ativamente a linguagem.

As principais contribuições deste trabalho, além da metodologia de análise de SOCs, que é replicável, é a demonstração de que mesmo os tesouros sobre mulheres mantêm problemas de estereotipia, assim como López-Huertas e Torres Ramirez (2005) já haviam apontado. A outra contribuição é a ênfase em modificar os SOCs como um todo, não só os especializados, para serem equitativos para ambos

os sexos, sem confundir o masculino com o genérico, indo ao encontro de Lerner (2020) quando se refere à história compensatória. É preciso, portanto, a modificação geral dos Sistemas de Organização do Conhecimento.

Alfaya Lamas (2012) - La asunción del género neutro en la teoría y práctica de la organización del conocimiento

O trabalho considerado essencial que discutiremos a seguir tem como objetivo contribuir para os estudos críticos sobre as relações sociais de sexo e a organização do conhecimento e das organizações, atentando para a estrutura de ambos, questionando se são sexistas ou não. De autoria de Elena Alfaya Lamas que é doutora em História da Língua Inglesa e seu ramo de especialização é Metodologia de Pesquisa Científica em Ciências Humanas e Sociais. Alfaya Lamas pesquisa sobre relações sociais de sexo e sociolinguística cognitiva em um grupo de pesquisa da *Universidad de la Coruña*.

O trabalho, denominado *La asunción del género neutro en la teoría y práctica de la organización del conocimiento*, parte das seguintes perguntas: existe subjetividade nos Sistemas de Organização do Conhecimento? As necessidades de um determinado grupo de usuários ou de todos eles são refletidas? (ALFAYA LAMAS, 2012).

A autora discute as abordagens teóricas da Organização do Conhecimento que, segundo ela, designa um campo de estudo relacionado com Bibliotecas e Sistemas de Informação e está relacionado a atividades como descrição, indexação e classificação de documentos. Como campo de estudo e pesquisa, a Organização do Conhecimento enfoca a qualidade dos processos e sistemas organizacionais relacionados às estas atividades. A forma mais simples de organizar o conhecimento encontra-se, por exemplo, no sumário de um livro, uma ferramenta complementar que ajuda a organizar o conhecimento, o próprio livro e o usuário a se movimentar por ele. Mas essa ajuda complementar pode se tornar muito mais complexa quando lidamos com tesouros, categorias, léxicos, ontologias, etc (ALFAYA LAMAS, 2012).

Literalmente, Organização do Conhecimento significa “fazer do conhecimento um *‘organum’* (grego = instrumento, auxílio) para fins específicos” (KIEL, 1994¹³⁵ *apud* ALFAYA LAMAS, 2012, nossa tradução).

¹³⁵ KIEL, Ewald. Knowledge organization needs epistemological openness: a reply. *Knowledge Organization*, v. 21, n. 3, p. 148-152, 1994.

Uma definição de Organização do Conhecimento que Alfaya Lamas (2012) cita é fornecida por Birger Hjørland (2003¹³⁶, nossa tradução), que se concentra nas atividades, processos e sistemas da Organização do Conhecimento:

A Organização do Conhecimento refere-se a atividades como descrição, indexação e classificação de documentos realizadas em bibliotecas, bancos de dados, arquivos, etc. Essas atividades são realizadas por bibliotecários, arquivistas, especialistas no assunto, bem como por algoritmos de computador. A Organização do Conhecimento como um campo de estudo está preocupado com a natureza e qualidade de tais processos de organização de conhecimento, bem como os Sistemas de Organização de Conhecimento (SOCS) usados para organizar documentos, representações de documentos e conceitos.

Segundo Broughton *et al.*, (2005¹³⁷, p. 1-3 *apud* ALFAYA LAMAS, 2012, nossa tradução), as funções básicas da Organização do Conhecimento são as seguintes:

- (i) Facilitar as buscas em catálogos e bibliografias, entre outros;
- (ii) Fornecer informações em forma de resumo que podem ser importantes na tomada de decisão de uso do documento por parte do/a usuário/a;
- (iii) Fornecer informações sobre como obter um determinado documento;
- (iv) organização física dos documentos.

Além disso, temos em conta a visão de Miksa (1998¹³⁸, p. 76 *apud* ALFAYA LAMAS, 2012, nossa tradução) sobre a função da Organização do Conhecimento, entendendo que elas devem estar integradas à prática bibliotecária:

Quando a classificação começou no século XIX, seu propósito estava entrelaçado com os objetivos educacionais e culturais do movimento da biblioteca moderna. Esse movimento teve como objetivo principal o cultivo das mentes das pessoas para produzir cidadãos para uma democracia esclarecida. Nesse contexto ideológico, a classificação das bibliotecas teve mais de um papel. Por outro lado, servia como uma ferramenta de educação, instruindo os usuários durante um período de tempo sobre como o conhecimento era estruturado. Esse objetivo educacional foi considerado importante por causa da crença de que todo acesso adequado aos materiais era classificatório em

¹³⁶ HJØRLAND, Birger. Fundamentals of Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

¹³⁷ BROUGHTON, V. et al. **European Curriculum Reflections on Library and Information Science Education**. Copenhagen: Royal School of Library and Information Science, 2005.

¹³⁸ MIKSA, Francis L. **The DDC, the universe of knowledge, and the post-modern library**. Albany: Forest Press, 1998.

sua essência. Assim, onde os usuários tivessem acesso a catálogos impressos e esses catálogos fossem classificados, eles, ao lerem tais catálogos, também receberiam instrução sobre a ideia de universo do conhecimento e sua estrutura.

Alfaya Lamas (2003) parte de Hjørland (2008) que elenca seis abordagens na Organização do Conhecimento. Baseada neste autor, ela discute cada uma delas:

- (i) A abordagem tradicional;
- (ii) A abordagem da faceta analítica;
- (iii) A abordagem de recuperação de informação;
- (iv) A abordagem cognitiva orientada para o usuário;
- (v) A abordagem bibliométrica;
- (vi) A abordagem analítica de domínio.

Na **abordagem tradicional** (i) Alfaya Lamas (2012) inclui Melvil Louis Kossuth Dewey e Henry Evelyn Bliss. Dewey foi um bibliotecário americano que buscava eficiência na gestão dos acervos da biblioteca. Ele patenteou a CDD - *Dewey Decimal Classification* e Bliss desenvolveu um sistema de classificação bibliográfica, o BBC - *Bliss Bibliographic Classification*. Em geral, a abordagem tradicional está em vigor e alguns de seus princípios, como o princípio da organização do geral para o específico, ainda são muito utilizados.

A **abordagem analítica facetada** (ii) surgiu com o sistema de classificação de dois pontos, a *Colon Classification* (CC) desenvolvida pelo Dr. Shiyali Ramamrita Ranganathan que acreditava que os sistemas de classificação existentes foram projetados para classificar as coleções existentes nas bibliotecas, mas não eram adequados para classificar títulos que poderiam chegar à biblioteca com temas diferentes dos que já eram conhecidos. Ranganathan apontava para a necessidade de um sistema que pudesse se expandir ao longo do tempo da mesma forma que o conhecimento, por isso desenvolveu a Classificação dos Dois pontos (ALFAYA LAMAS, 2012).

Na **abordagem de recuperação de informação** (iii) são importantes os experimentos do projeto Cranfield (realizados pelo bibliotecário Cyril Cleverdon) e do projeto TREC (*Text Retrieval Conference*), que concluíram que os sistemas de recuperação de texto são eficazes e quanto maior a precisão, menos completude e vice-versa. O modelo de Cranfield foi projetado para medir a relevância de elementos isolados em uma base documental reduzida (ALFAYA LAMAS, 2012).

A **abordagem cognitiva** (iv) é orientada para o usuário e nela encontramos as *folksonomias*, um sistema de classificação baseado no usuário e na classificação coletiva da informação por meio de rótulos, e não na indexação de bibliotecas (ALFAYA LAMAS, 2012).

A **abordagem bibliométrica** (v) é quantitativa e baseia-se em referências bibliográficas e análise de citação. É um método de pesquisa bibliográfica que tem, entre outros objetivos, fazer mapas dos campos da ciência. Ele mostra conexões reais e detalhadas entre documentos individuais (ALFAYA LAMAS, 2012).

A **abordagem analítica de domínio** (vi) é uma abordagem da organização do conhecimento que examina questões filosóficas que envolvem a teoria do conhecimento na prática. É uma abordagem sociológica e epistemológica, base para entender a subjetividade que envolve os sistemas de organização do conhecimento (ALFAYA LAMAS, 2012). Neste sentido, Alfaya Lamas (2012), para discutir a subjetividade referente às relações sociais de sexo, discute essa abordagem detalhadamente.

A subjetividade na organização do conhecimento se refere a pontos de vista, e, portanto, socialmente construídos, que podem levar a processos de menor qualidade e descrições não objetivas. O paradigma analítico de domínio propõe estudar domínios do conhecimento como *comunidades discursivas* para entender a informação na Ciência da Informação (ALFAYA LAMAS, 2012).

Após discorrer sobre as seis abordagens na Organização do Conhecimento de Hjørland (2008), Alfaya Lamas (2012) faz uma análise crítica do discurso, levando em consideração as relações sociais de sexo nos Sistemas de Organização do Conhecimento. Segundo a autora, do ponto de vista sociolinguístico, com as teorias atuais que sustentam que as relações sociais de sexo são aprendidas e não inerentemente biológicas (como já discutido nas subseções 3.2 e 3.6), os significados das palavras são inevitavelmente influenciados pelo discurso androcêntrico dominante e socialmente instituído. Os preconceitos e a exclusão social das mulheres em quase todos os campos são organizados e expressos através da linguagem, que reproduz os preconceitos e as crenças que se baseiam nos modelos sociais (ALFAYA LAMAS, 2012).

Influenciar, manipular e promover determinadas crenças e valores implica escolher, excluir e propor uma ordem naquilo que se pretende transmitir, enfatizar ou atenuar. Teun A. Van Dijk alude a essa capacidade do grupo dominante, o dos

homens, como um dos principais elementos da reprodução discursiva do poder (VAN DIJK, 1992¹³⁹ *apud* ALFAYA LAMAS, 2012).

Segundo Alfaya Lamas (2012) esse fato pode nos ajudar a compreender o pouco valor que foi dado às mulheres nas classificações bibliográficas ao longo da história, além disso, os autores acessados pelo usuário ainda são homens na maioria das vezes, enquanto as mulheres são a diferença, a alteridade e o objeto de análise, colocando os homens em uma posição de grupo dominante com também já mencionado por Woolf (2014) e Olson (2001, 2002). Desta forma, as diferentes abordagens de Organização do Conhecimento preservam a unidade do grupo e o isolamento da alteridade, estabelecendo valores que têm a ver com um *consenso* ou uma *hierarquia* social (ALFAYA LAMAS, 2012).

Hjørland (2008 *apud* ALFAYA LAMAS, 2012) acrescenta que cada sistema de Organização do Conhecimento é sempre tendencioso, em maior ou menor medida, não havendo neutralidade, como também já discutido nesta seção.

Alfaya Lamas (2012) menciona que as taxonomias estão embutidas na cultura e nos sistemas sociais e esta visão está relacionada com a **abordagem analítica de domínio** que enfatiza como a Organização do Conhecimento é um ato social. De acordo com a autora, os profissionais da Organização do Conhecimento podem determinar a estruturação de certos domínios e sua organização, inclusive influenciando na maneira como os usuários entendem cada domínio, tendo como um desafio, a avaliação correta de conhecimentos considerados adjacentes ou não importantes e que, na realidade, apenas não estão inseridos no que é considerado padrão e dominante.

Alfaya Lamas (2012) retoma as observações de Foskett (1971) sobre as classificações, seus limites e o que é excluído nelas, também menciona Richardson (2006¹⁴⁰) que aponta que ao se criar ou não determinadas listas, se pode minar ou potencializar uma área do conhecimento e lembra que isso já foi feito e continua sendo feito, devido à falta de cabeçalhos de assuntos apropriados que dificultam as buscas e tornam alguns materiais sobre, por exemplo, lésbicas, gays e afro-americanos difíceis de localizar. Esses fatos, de acordo com a autora, que são grandes entraves para a pesquisa, são também uma oportunidade de conquista de

¹³⁹ VAN DIJK, Teun Adrianus. Discourse, power and access. *In*: CALDAS, R. (ed.). **Critical Discourse Analysis**. Beverly Hills: Sage, 1992.

¹⁴⁰ RICHARDSON, M. **Black Queer Memory in Cherry Muhanji's Her**. San Francisco: Aunt Lute, 2006.

um compromisso ético por parte dos profissionais que lidam com os Sistemas de Organização do Conhecimento.

Qualquer Sistema de Organização do Conhecimento pode ser examinado atentando para o que exclui e o que prioriza, não havendo, portanto, neutralidade, reafirma Alfaya Lamas (2012), e questiona: Aquele que projeta o Sistema de Organização do Conhecimento deve escolher o ponto de vista dominante? A autora acredita que a organização social preconceituosa do conhecimento deve dar lugar a uma organização não apenas social, mas também intelectual e imparcial do conhecimento, e para isso é necessário estabelecer qualidade nos sistemas, buscando os elementos de aglutinação masculina e exclusão feminina, conhecendo as diferentes abordagens e não assumindo a visão androcêntrica, pois se assim não for feito, os objetivos dos Sistemas de Organização do Conhecimento valerão apenas para metade da população, os homens.

A autora discute algumas investigações representativas de sua tese que são os estudos de Hope A. Olson, de Nynne Koch na Biblioteca KVINFO e os Estudos de Hope A. Olson e Rose Schlegl sobre Cabeçalhos de Assunto da Biblioteca do Congresso (ALFAYA LAMAS, 2012). A seguir serão sintetizadas as discussões da autora, pois já discutimos o trabalho de Olson e já mencionamos o trabalho das unidades de informação sobre mulheres na subseção 3.15.

a) Hope A. Olson e Dennis Ward - Este estudo sobre as relações sociais de sexo nos Sistemas de Organização do Conhecimento emprestou termos de um vocabulário amplamente utilizado por feministas: *A Women's Thesaurus*¹⁴¹ (CAPEK, 1987) e os relacionou às notações da Classificação Decimal de Dewey. São examinadas as seguintes questões: (i) Que outros temas partilham a notação?, (ii) Como é descrito a notação?, (iii) Qual é o contexto hierárquico?, (iv) Que temas têm em ambos os lados? O resultado da junção dos termos de *A Women's Thesaurus* com a CDD é um índice para a CDD propõe mudanças nas notações de classificação para acomodar os problemas terminológicos encontrados (OLSON; WARD, 1997¹⁴² *apud* ALFAYA LAMAS, 2012).

¹⁴¹ Publicado em 1987 para descrever material bibliográfico escrito por mulheres ou sobre mulheres, já que sistemas tradicionais não executam essa tarefa com precisão.

¹⁴² OLSON, Hope. A.; WARD, Dennis B. Ghettoes and diaspora in classification: Communicating across the limits. In: Frohmann, B. (ed.) **Communication and Information in Context: Society, Technology and the Professions**. Toronto: Canadian Association for Information Science, 1997.

De acordo com Alfaya Lamas (2012), este projeto pretende vincular o marginal, isto é, o domínio do conhecimento marginal dos estudos sobre mulheres e do pensamento feminista, e a prioridade para criar uma espécie de rede, de interseções diferentes daquelas da Classificação Decimal de Dewey, e assim construir diferentes significados. Para Alfaya Lamas (2012), neste trabalho, Olson propõe um ato de responsabilidade ética com os excluídos pelas pessoas que controlam os Sistemas de Organização do Conhecimento, permeando os limites para que as vozes dos marginalizados, excluídos, colonizados e explorados/as possam ser ouvidas dentro do sistema.

b) Nynne Koch e a Biblioteca KVINFO - KVINFO é o Centro Dinamarquês de Pesquisa sobre Mulheres, fundado pela escritora e bibliotecária Nynne Koch, que desenvolveu um sistema de classificação para o tópico *estudos sobre mulheres*. Nynne Koch cunhou o termo *feminologia* ou ciência das mulheres (ALFAYA LAMAS, 2012).

Atualmente o KVINFO tem seu próprio sistema de classificação e indexação de assunto, o mesmo desenvolvido por Nynne Koch, mas aprimorado ao longo dos anos pela equipe da biblioteca. O Sistema foi adaptado às necessidades de uma biblioteca de pesquisa especializada em estudos sobre mulheres. A filosofia por trás desse sistema exclusivo é enriquecer cada registro no catálogo com palavras-chave, dando a cada um dos registros o maior número possível de entradas de pesquisa (HOLST, 2002).

O primeiro objetivo de Nynne Koch era criar um banco de dados de mulheres/especialistas relevantes para tornar visíveis as mulheres dinamarquesas e, assim, reforçar a influência das mulheres em uma sociedade androcêntrica. A primeira versão do banco de dados surgiu em 1995. O banco de dados Léxico Biográfico das Mulheres Dinamarquesas revelou-se extremamente útil e necessário, e atualmente é recomendado pela maioria das autoridades e organizações dinamarquesas, bem como por outras organizações internacionais (ALFAYA LAMAS, 2012). Em 2022 o Léxico Biográfico das Mulheres Dinamarquesas foi transferido para o *Lex.dk* que é a enciclopédia nacional da Dinamarca, marcando a inclusão dos produtos dos Estudos sobre Mulheres nos produtos de conhecimentos gerais (KVINFO, 2001-2022).

O exemplo de Nynne Koch (Copenhague, 1915-2001), conclui Alfaya Lamas (2012), demonstra que os sistemas classificatórios tradicionais não refletem uma realidade objetiva e que, à medida que se avança o progresso social e os direitos humanos, se fazem necessárias formas alternativas de organização do conhecimento para ser possível identificar obras relevantes para os usuários, independentemente de sexo.

c) Estudos de Hope Olson e Rose Schlegl sobre Cabeçalhos de Assunto da Biblioteca do Congresso - Hope Olson e Rose Schlegl contribuíram com suas pesquisas demonstrando que os cabeçalhos de assuntos da Biblioteca do Congresso (LCSH - *Library of Congress Subject Headings*) tornam invisíveis as comunidades marginalizadas. Olson e Schlegl (2001¹⁴³ *apud* ALFAYA LAMAS, 2012) apontam que esses cabeçalhos de assunto criam barreiras significativas ao acesso à informação e contribuem para a opressão: “as omissões e os preconceitos racistas, sexistas, xenófobos *etc.* nos são apresentados diretamente nas telas de nossos catálogos online¹⁴⁴”. As autoras também chamam a atenção para o fato de que as classificações podem obscurecer ou aumentar o acesso do pesquisador aos materiais: “Os vieses na classificação são mais sutis e muitos usuários de bibliotecas, assim como alguns bibliotecários, consideram a classificação simplesmente como um endereço na prateleira, desconsiderando as influências do contexto em como uma obra é percebida”¹⁴⁵ (*Ibiden*).

O estudo de Olson e Schlegl, segundo Alfaya Lamas (2012), mostra que as barreiras continuam a ser criadas e certos materiais, invisibilizados.

Alfaya Lamas (2012) conclui que sim, existe subjetividade nos Sistemas de Organização do Conhecimento e que somente as necessidades de um determinado grupo de usuários são refletidas. Segundo a autora, a teoria e a prática da Organização do Conhecimento aceitam a visão masculina e seus valores como *status quo* e, conseqüentemente, contribuem para a perpetuação da desigualdade entre homens e mulheres nas práticas institucionalizadas. Também afirma que as mulheres foram invisibilizadas ao longo da história e em diferentes campos do conhecimento e continuam a ser, (como discutidos nas subseções 3.11 a 3.15),

¹⁴³ OLSON, Hope A.; SCHLEGL, Rose. Standardization, Objectivity, and User Focus: A Meta Analysis of Subject Access Critiques. *Cataloging and Classification Quarterly*, v. 32, n. 2, p. 61-80, 2001.

¹⁴⁴ “the omissions and racist, sexist, xenophobic, etc., biases in subject headings are presented to us directly on the screens of our online catalogues”.

¹⁴⁵ “Biases in classification are more subtle and many library users, as well as some librarians, regard classification as simply a shelf address, disregarding the influences of context on how a work is perceived”

cabendo aos profissionais a colaboração com uma crítica prática que desenvolva Sistemas de Organização do Conhecimento mais igualitários.

Moraes (2014) - Linguagens documentárias e a construção do pensamento crítico: reflexões sobre o tesouro para estudos de gênero e sobre a mulher

Miriam Gontijo de Moraes é professora no Departamento de Processos Técnicos Documentais do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. O texto utilizado nesta pesquisa faz parte de seu projeto de pesquisa que revisita o Tesouro de Estudos de Gênero e sobre Mulheres que, dentre outros temas, aborda a organização e a representação do conhecimento em contextos inter, multi e transdisciplinares, o uso do conceito de Comunidade de Prática numa abordagem social e crítica da produção e organização do conhecimento.

Moraes (2014) faz uma análise crítica sobre o desenvolvimento do Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres - TEG (BRUSCHINI; ARDAILLON; UNBEHAUM, 1998). Para isso, discute as estratégias *top-down* e *bottom-up* para análise de domínio. Segundo Barité e Fernández-Molina (2012¹⁴⁶ *apud* MORAES, 2014), a análise de domínio é o conjunto de aproximações teórico-metodológicas que constituem a representação do campo temático compartilhado por uma comunidade de discurso. Moraes (2014) explica que a estratégia *top-down* utiliza o método dedutivo na construção da estrutura conceitual de um Sistema de Organização do Conhecimento, estratégia utilizada na construção de sistemas de classificação universais, que segue um processo de divisão lógica do conhecimento, indo do geral para o particular. No primeiro nível temos as disciplinas em uma sequência pré-estabelecida e no segundo nível se situam as subdisciplinas ou tópicos. Nos níveis seguintes estão os tópicos, que são os objetos de estudos específicos de cada disciplina. Este enfoque disciplinar e a subordinação de tópicos às disciplinas é consolidado e reconhecido na Organização do Conhecimento e as disciplinas são divisões tradicionais do conhecimento (MORAES, 2014).

¹⁴⁶ BARITÉ, M.; FERNÁNDEZ-MOLINA, C. Metodologías top--down y bottom--up de análisis de dominio: perspectiva desde la garantía literaria. In: GUIMARÃES, José Augusto Chaves; DODEBEI, Vera (Org.). **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. Marília: ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2012.

Já a estratégia *bottom-up* é indutiva, pois parte da análise dos termos utilizados na comunicação e na prática cotidiana de uma comunidade discursiva. Nesta abordagem, os estudos de caso são privilegiados e a organização/divisão do conhecimento utilizada nas classificações generalistas são ignoradas (MORAES, 2014). É feita uma tentativa de definição do domínio de referência e suas principais divisões para estabelecer critérios de inclusão/exclusão da terminologia e do *corpus* de fontes selecionado para análise (BARITÉ; FERNÁNDEZ-MOLINA, 2012¹⁴⁷ *apud* MORAES, 2014).

Após apresentar as estratégias *top-down* e *bottom-up*, Moraes (2014) aponta dois aspectos contraditórios na elaboração do Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres (TEG): o primeiro aspecto contraditório diz respeito ao que Barité e Fernández-Molina (2012) sugerem sobre a melhor maneira de construir linguagens documentárias em campos interdisciplinares. Neste caso, as categorias do primeiro nível de um SOC devem representar um conjunto de fenômenos do campo representado, não disciplinas do campo do conhecimento geral. Nessa perspectiva, os autores defendem a estratégia *bottom-up* como a mais adequada. A forma como foi concebida a estrutura conceitual do Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres (TEG), em 09 categorias temáticas, não atende à perspectiva crítica de representação de um novo campo de conhecimento, reproduzindo hierarquias próprias do conhecimento científico vigente (MORAES, 2014). Deve-se lembrar que a estratégia *bottom-up* de construção de uma estrutura conceitual, de acordo com Moraes (2014), é uma estratégia indutiva, uma vez que parte da análise dos termos usados na comunicação e prática cotidianas de uma comunidade para a representação de um determinado domínio.

O segundo aspecto contraditório na construção do TEG, apontado por Moraes (2014), é que apesar de ter sido desenvolvido para atender a uma comunidade de especialistas, não houve a participação da comunidade na sua estruturação. Segundo a autora, o método indutivo (*bottom-up*) seria o mais apropriado, pois se trata de uma abordagem crítica do conhecimento que não deveria repetir esquemas hegemônicos de representação da informação e do conhecimento.

Este trabalho de Moraes (2014) foi considerado essencial por ser o único encontrado na revisão integrativa que analisa um SOC específico sobre mulheres, sendo o trabalho e o SOC ambos brasileiros. Outro elemento que o torna essencial

¹⁴⁷ *Ibidem*

neste trabalho é que ele dialoga diretamente com o que se propõe aqui: um estudo de caso para verificar, a partir de uma comunidade de prática, parâmetros para a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento sobre mulheres.

Romero-Millán e Naumis-Peña (2017) - La terminología para indizar documentos en trabajo asalariado de la mujer

Camelia Romero-Millán é doutora em Biblioteconomia e Estudos da Informação, especialista em fontes de informação e linguagem controlada em Estudos de Gênero e bibliógrafa do Centro de Estudos de Gênero no *El Colegio de México*. Catalina Naumis Peña é graduada e Mestre em Biblioteconomia pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autónoma de México e Doutora pela Universidade Complutense de Madrid em Ciências da Informação. Suas principais linhas de pesquisa são Organização da informação e conhecimento e Análise e representação de conteúdo.

O trabalho das autoras discutido aqui, aborda a terminologia para indexação de documentos com o tema de trabalho assalariado da mulher. As autoras introduzem seu texto contextualizando o desenvolvimento dos Estudos sobre Mulheres no México, que se inicia como feminismo a partir da realidade da ação política, formam-se centros de documentação e pesquisa e adentra as universidades, como já discutido na subseção 3.15.

Foi feito no México em 1986 um balanço do impacto do campo Estudos sobre Mulheres na academia e naquele momento, já existiam 17 bibliotecas no Distrito Federal que possuíam acervos especializados no assunto (BUSTOS ROMERO, 1989¹⁴⁸ *apud* ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017). Em 1999, registou-se um aumento de 53% nos programas e centros de estudos sobre a mulher (CARDACI; GOLDSMITH; PARADA AMPUDIA, 2002¹⁴⁹ *apud* ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

No México em 2017 existiam 20 instituições em universidades e centros de pesquisa que mantinham a área de pesquisa sobre as relações sociais de sexo em seus programas de estudo. Para o desenvolvimento destas pesquisas, é necessário

¹⁴⁸ BUSTOS ROMERO, Olga. Los estudios sobre la mujer (y de género) en la UNAM: investigaciones y tesis. *In*: BEDOLLA MIRANDA, Patricia; FLORES PALACIOS, Fátima; GARCÍA Y GARCÍA, Blanca E. (comps.). **Estudios de Género y feminismo I**. México: Fontamara. p. 123-147, 1989.

¹⁴⁹CARDACI, Dora; GOLDSMITH, Mary Goldsmith; PARADA AMPUDIA, Lorena. Los programas y centros de estudios de la mujer y de género en México. *In*: GUTIÉRREZ CASTAÑEDA, Griselda (coord.). **Feminismo en México**: revisión histórico crítica del siglo que termina. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Programa Universitario de Estudios de Género, p. 247-261, 2002.

o acesso à acervo especializado e quando finalizadas, elas compõem este acervo, e precisam de tratamento temático adequado para recuperação. Assim, para ser possível tornar visível a terminologia da área emergente e propor termos a serem incorporados nas linguagens controladas, as autoras optaram por trabalhar apenas com o tema do trabalho remunerado de mulheres para realizar sua pesquisa, problema que consideram atual e também é um dos temas que os grupos feministas têm questionado desde suas primeiras investigações (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017). Essas reivindicações resultaram no movimento de reivindicação do pagamento do trabalho doméstico, denúncia da dupla jornada realizada e responsabilização pelos trabalhos de cuidados e exploração do trabalho de mulheres negras.

Segundo Romero-Millán e Naumis-Peña (2017), é a partir da década de 1970 que se inicia a publicação das primeiras investigações sobre a participação das mulheres na economia do país, mencionando que as mulheres, em sua atuação laboral fora de casa como assalariadas, enfrentam discriminação por engravidarem, pela necessidade de cuidar de filhos e de idosos ou doentes de sua família. As autoras mencionam Alberti Manzanares, Vázquez García e Zapata Martelo (2001¹⁵⁰) que apontam que as novas formas de abordar a realidade social são construídas a partir de novos conceitos, construídos por sua vez a partir do fato de que os Estudos sobre Mulheres tornaram visível a presença das mulheres nas diferentes esferas sociais, como educação e família.

Os procedimentos metodológicos utilizados pelas autoras são descritos a seguir: foram procurados trabalhos de pesquisa terminológica para selecionar a amostra documental, porém não haviam propostas nesse sentido. Frente a isto, foram consultados os catálogos de entidades acadêmicas mexicanas, que são as que possuem acervos especializados em estudos sobre mulheres e relações sociais de sexo e que contemplam a linha de pesquisa sobre trabalho remunerado da mulher. Uma estratégia de busca por assunto nos catálogos foi elaborada e 110 títulos foram obtidos pelo critério temático, os quais foram organizados em um banco de dados e transformados em formato legível por computador. A seleção dos documentos foi feita a partir de entrevistas com pesquisadores da área, apresentando-lhes o banco de dados com os registros bibliográficos dos

¹⁵⁰ ALBERTI MANZANARES, Pilar; VÁZQUEZ GARCÍA, Verónica; ZAPATA MARTELO, Emma. Introducción. In: _____. **Género, feminismo y educación superior**. Una visión internacional. México: Colegio de Posgraduados en Ciencias Agrícolas, Estado de México, British Council, ANUIES, p. 13-29, 2001.

documentos e solicitando que escolhessem os 10 mais representativos da terminologia do trabalho remunerado feminino. Por fim, dois *softwares* foram aplicados para recuperar a terminologia dos documentos selecionados e medições foram aplicadas para estabelecer a frequência desta terminologia (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

Para conhecer e analisar em que medida os documentos foram recuperados ou perdidos, foram realizadas buscas com as palavras gerais “estudos de gênero”, “mulher” e “trabalho”. Obtidos os resultados com esses termos, foram utilizadas expressões terminológicas da linguagem dos autores, como “estudos de gênero e trabalho”, “família e trabalho”, “discriminação sexual no trabalho”, “discriminação sexual no emprego”, “divisão de trabalho por sexo”, “papéis sexuais no trabalho”, “papéis de gênero no trabalho” e “violência no trabalho”. Esta segunda busca foi feita principalmente por frases, que incorporam palavras ou grupos de palavras de uma especialidade. As autoras observaram que quanto mais precisas as palavras, menos resultados são recuperados na busca e presumiram que isto poderia ser resultado de trabalho de indexação em que, além das listas de cabeçalhos de assunto, foram consultadas outras ferramentas linguísticas (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

Também foi observado que, em outros catálogos, esses mesmos poucos documentos recuperados com termos mais específicos receberam termos de indexação muito gerais que não os tornavam recuperáveis com o verdadeiro foco do conteúdo. Esse resultado pode ter ocorrido por erro de atribuição por parte do catalogador, mas em vários casos constatou-se a inexistência de termos que contemplassem os temas abordados, nem mesmo em tesouros especializados. Observou-se então a necessidade de sistematizar os dados na medida em que foram obtidos para analisá-los como um todo (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

Os 110 documentos selecionados foram digitalizados, transformados em arquivos de texto e então, foram selecionadas as palavras com maior recorrência. O software utilizado foi o *WordSmith*, que gera planilhas onde as palavras são ordenadas por frequência, desta forma localizam-se as palavras significativas utilizadas pelos pesquisadores. Foram removidas preposições, conjunções, artigos, nomes de pessoas e nomes geográficos. Nos arquivos Excel, foi aplicado o modelo

matemático de Zipf (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 1999¹⁵¹ *apud* ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017). A fórmula para calcular o ponto de transição de Goffman (PAO, 1978¹⁵² *apud* ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017) também foi aplicada aos mesmos arquivos (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO; RESTREPO ARANGO, 2001¹⁵³ *apud* ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017):

Para conhecer a lacuna entre a linguagem natural utilizada pelos autores dos documentos que formam o *corpus* da pesquisa das autoras e a linguagem controlada, foi feita a comparação com os cabeçalhos de assunto propostos para o tema na *Library of Congress Subject Headings* (LCSH), por serem os cabeçalhos utilizados como suporte nas bibliotecas acadêmicas para indexar documentos. Depois, foram buscados os cabeçalhos equivalentes em espanhol nas mesmas fontes utilizadas por essas bibliotecas. Nesta consulta aos cabeçalhos de assunto foi possível verificar a existência ou não dos termos nas ferramentas utilizadas na indexação (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

Para a realização de uma análise comparativa, foram consultados o *Gender Tesouro de género: lenguaje con equidad* (INSTITUTO NACIONAL DE LAS MUJERES, 2006), única edição até o momento e o *Tesouro de género* (RED DE CENTROS DE DOCUMENTACIÓN Y BIBLIOTECAS DE MUJERES, 2023). As autoras usaram a versão de 2014, mas esse tesouro foi atualizado em 2023. O primeiro foi levado em consideração porque as fontes utilizadas para sua construção incluíam termos utilizados pelo centro de documentação da instituição que o produziu, tesouros de relações sociais de sexo, enciclopédias e dicionários. O segundo foi selecionado por ser um documento atualizado, pelo idioma (espanhol) e por ser utilizado por uma rede de bibliotecas e centros de documentação especializados na Espanha (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

Os objetivos da consulta e comparação das fontes centraram-se em vários objetivos específicos:

- Primeiro, identificar os termos atribuídos aos documentos nos catálogos onde foram localizados;

¹⁵¹ URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, Rubén. Las posibilidades de la Ley de Zipf en la indexación automática. **B3: Revista Electrónica de Bibliotecología**, 1999.

¹⁵² PAO, Miranda Lee. Automatic text analysis based on transition phenomena of Word occurrences. **Journal of The American Society for Information Science**, v. 29, n. 3, p. 121-124, 1978.

¹⁵³ URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, Rubén; RESTREPO ARANGO, Cristina. La ley de Zipf y el punto de transición de Goffman en la indexación automática. **Investigación Bibliotecológica**, v. 25, n. 54, p. 71-92, 2001.

- Segundo, verificar a existência de termos adequados nas linguagens controladas para descrevê-los;
- Terceiro, encontrar a terminologia utilizada pelos autores que não apareciam nos títulos.

Os termos que hoje não fazem parte das línguas controladas poderiam ser candidatos à incorporação com base em dois elementos: a garantia literária e o uso da língua, de acordo com Svenonius (2003¹⁵⁴, p. 824 *apud* ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 1998).

As autoras apresentam dois exemplos nos resultados, lembrando que foram 110 os documentos analisados. Segue o primeiro exemplo:

a) ANTONIO ALONSO, José. **Maquila domiciliaria y subcontratación en México en la era de la globalización neoliberal**. [s.l.]: México Plaza y Valdés Editores; Colegio de Tlaxcala, 2002.

As autoras apresentam uma tabela com as palavras com maior frequência utilizadas pelo autor até o ponto de transição de Goffman. Também apresentam um gráfico com a aplicação do modelo matemático Zipf. Para reconstruir os termos do discurso dos autores, foi utilizado o software *Notepad*, que permite a busca por palavras e localização de frases terminológicas, mostradas em uma figura. A tabela, o gráfico e a figura não serão reproduzidos aqui, pois é possível compreender os resultados sem eles. A partir destas aplicações, foram selecionados os termos considerados relevantes para a indexação, com os quais foi elaborado o quadro comparativo, que incluiu como elementos de referência os cabeçalhos que foram atribuídos ao documento quando localizado no catálogo, os cabeçalhos de assunto da LC equivalente em espanhol e dois tesouros especializados. O Quadro 6 apresenta a comparação entre as linguagens controladas e a natural do autor.

¹⁵⁴ SVENONIUS, Elaine. Design of controlled vocabularies. *In*: **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Marcel Dekker, 2003, p. 822-838.

Quadro 6 - Comparação entre as linguagens controladas e a linguagem natural do autor

Encabezamientos asignados	Enc. de LC equivalentes en español	Tesouro de género de INM	Tesouro de género de la red española	Lenguaje del autor
Mujeres trabajadoras de la industria del vestido -- México	Industria del vestido (BX)	Industria textil	Industria textil	Industria del vestido Industria textil
Trabajo a domicilio – México Mujeres -- Empleo – México	Trabajo a domicilio (BX, NE, CS); sector informal (NE)	Trabajo a domicilio	Trabajo a domicilio	Trabajo domiciliario Trabajo a domicilio Trabajo por encargos
	Trabajadoras de maquiladoras (SF) Industria maquiladora (NE)			Maquila domiciliaria Talleres de maquila Mujeres en la actividad maquiladora Producción textil domiciliaria Producción artesanal

Fonte: (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017)

De acordo com as autoras, o exemplo mostra o seguinte:

- Existem alguns cabeçalhos de assunto para descrever com mais precisão o conteúdo, como *trabajadoras maquiladoras*.
- O tesouro de relações sociais de sexo não inclui a terminologia da *industria maquiladora*, enquanto na LC *trabajadoras de maquila* ela já faz parte da linguagem controlada.
- O idioma usado pelo autor é representado no vocabulário controlado, mas não é usado pela pessoa que indexou o item.

O outro exemplo dos resultados das autoras é apresentado a seguir.

b) BEJARANO CELEYA, Zenaida Margarita. **Los techos de cristal:** barreras de ascenso en la carrera laboral de las gerentas del sector privado en Hermosillo. Orientadora: Gabriela Grijalva Monteverde. 2005. 168 p. Dissertação (Mestrado en Ciencias Sociales en el Área de Relaciones Industriales) - El Colegio de Sonora, Hermosillo, 2005.

Também, neste exemplo, é apresentada uma tabela com as palavras com maior frequência utilizadas pelo autor até o ponto de transição de Goffman. Um gráfico com a aplicação do modelo matemático Zipf e uma figura com as palavras e localização de frases terminológicas. Novamente, a tabela, o gráfico e a figura não serão reproduzidos aqui, pois é possível compreender os resultados sem eles. O quadro 7 a seguir, mostra a comparação entre as linguagens controladas e a linguagem natural do autor.

Quadro 7 - Comparação entre as linguagens controladas e a linguagem natural do autor

Encabezamientos asignados	Encabezamientos de LC equivalentes en español	Tesouro de género de INM	Tesouro de género de la red española	Lenguaje del autor
Mujeres -- Empleo	Mujeres trabajadoras (NE, CS) Condiciones de trabajo (NE,CS) Trabajo y familia (NE, SF, QB)		Personal directivo Altos cargos de la administración Profesiones no tradicionales	Puestos de dirección Condiciones de trabajo
				Trayectorias laborales de mujeres
		Mujeres empresarias/ ejecutivas Techo de vidrio	Empresarias Techo de cristal	Mujeres en posiciones de dirección
Discriminación sexual en el trabajo		Discriminación en el trabajo Segregación en el trabajo/empleo Segregación vertical	División sexual del trabajo	Discriminación laboral de género Segregación ocupacional por sexo División sexual del trabajo
				Hostigamiento laboral
Discriminación sexual	Discriminación sexual contra las mujeres (QB)	Discriminación sexual		Discriminación por sexo Desigualdad de género
	Mujeres - Salarios (NE) Discriminación salarial de la mujer (NE) Salarios (BX, NE, CS, SF, QB)	Discriminación salarial	Salarios (UP discriminación salarial)	Discriminación salarial

Fonte: (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

O que as autoras observam está sintetizado a seguir:

- Os cabeçalhos pelos quais o documento foi localizado no catálogo permanecem na descrição geral da discriminação sexual no trabalho.
- O tema central, discriminação no trabalho contra mulheres em cargos de chefia, não é descrito.
- Em ambos os tesouros de relações sociais de sexo, constam os descritores *techo de vidrio* e *techo de cristal* ou *mujeres en posiciones de dirección*, que são termos cunhados especificamente para descrever as condições de trabalho de mulheres com essas características; quer dizer, suas capacidades não são reconhecidas e não são promovidas pelo fato de serem mulheres.
- Outro termo é o da *discriminación salarial de la mujer*, o problema é que apesar de existir um cabeçalho preciso não é utilizado pelos catalogadores.
- Não há termo para descrever as *trayectorias laborales de mujeres* (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

As autoras concluem, que na amostra de documentos examinados, constatou-se que existem frases terminológicas que não constam nos cabeçalhos de assunto. Em relação aos tesouros, mesmo que tenham sido consultados dois tesouros especializados, existem algumas lacunas nos termos de indexação. Outra constatação foi que apesar da existência de termos especializados, eles não são utilizados na indexação. Em alguns casos, os cabeçalhos de assunto são mais precisos do que os termos do tesouro ao representar o mesmo conteúdo conceitual (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

Sobre os procedimentos metodológicos, as autoras apontam que a aplicação do modelo Zipf para verificar a frequência com que as palavras aparecem no texto pode ser utilizada para deduzir os termos que contribuem para representar o conteúdo de um documento. Com relação ao cálculo do ponto de transição de Goffman, verificou-se que ele também é um indicador a partir do qual se pode identificar uma região de termos mais recorrentes e com maior probabilidade de serem utilizados na indexação. A identificação de termos simples não é problemática para o computador; no entanto, as frequências não fornecem, por si só, resultados definitivos. Para localizar frases é necessário recorrer ao software *Notepad* para recuperar as frases terminológicas, aproximar-se da linguagem dos autores e fazer propostas reais de indexação (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

Outra verificação que as autoras mencionam é que a análise humana é necessária antes e depois dos resultados para identificar os termos que descrevem o significado do conteúdo nos documentos. No caso da investigação sobre a participação das mulheres no trabalho assalariado, foi possível obter termos significativos para representar com mais precisão os documentos, o que comprova a importância e a possibilidade de replicar o processo em outros espaços de interesse em que as mulheres se aventuraram e foram objeto de investigação (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

Embora as linguagens controladas tenham sido atualizadas para responder ao desenvolvimento das ciências, não tem sido suficiente e confirma-se que ainda existem lacunas terminológicas a serem preenchidas diante do vertiginoso desenvolvimento dos estudos das relações sociais de sexo ou Estudos sobre Mulheres, razão pela qual uma revisão exaustiva e permanente é necessária. Este artigo, de acordo com as autoras, é uma pincelada do que pode ser aprofundado no campo da representação do conteúdo documental em Estudos sobre Mulheres (ROMERO-MILLÁN; NAUMIS-PEÑA, 2017).

Schenk (2016, 2018) - Desenvolvimento de um tesauro sobre mulheres

A autora do nosso oitavo trabalho essencial é Jasmin Schenk. Ela estudou história da arte e inglês, com foco interdisciplinar em estudos sobre mulheres e gênero (Universidade de Trier), é mestre pela Faculdade de Ciências da Informação e Comunicação pela Universidade de Tecnologia de Colônia e diretora acadêmica da *FrauenMediaTurm* (FMT), uma biblioteca e arquivo feminista alemão.

O trabalho de Schenk foi recuperado na revisão integrativa de literatura, e, ao buscar mais informações sobre o projeto discutido no artigo de 2016, encontramos a dissertação de mestrado da autora (SCHENK, 2018), que complementa a discussão, pois foi defendida dois anos depois da publicação do artigo.

O objetivo da dissertação de mestrado de Schenk (2018) é desenvolver um conceito para um tesauro interdisciplinar e sensível às relações sociais de sexo usando abordagens tecnológicas modernas para a criação, gerenciamento e publicação de vocabulários controlados para centros de informação sobre mulheres, bem como instituições de pesquisa de estudos sobre mulheres. O trabalho compara vocabulários existentes com base em critérios autodefinidos (apresentados na

subseção 4.3) e avalia uma seleção de sistemas de gerenciamento de tesouros para fornecer recomendações à organização guarda-chuva *i.d.a.*, uma organização alemã de bibliotecas, arquivos e centros de documentação para mulheres, bem como suas instituições cooperantes.

Para atingir tal objetivo, Schenk (2018) inicia seu texto falando sobre a informação sobre mulheres e a necessidade de tratamento desta informação. A autora estabelece como marco desta discussão a *Women, Information and the future: Collecting and Sharing Resources Worldwide*, a segunda conferência internacional de bibliotecas de mulheres e instituições de informação, organizada em 1994 pela *Schlesinger Library no US American Radcliffe College* em Cambridge (Mass.), na qual reuniram-se mais de 200 participantes de 46 países e seis continentes para discutir a participação informacional das mulheres diante da revolução digital. De acordo com Schenk (2018), as participantes estavam conscientes de que o acesso à informação significa poder e que a humanidade só poderia se desenvolver em todo o seu potencial se as mulheres fossem tratadas de forma igualitária em todos os âmbitos da sociedade.

Marieke Kramer do IIAV de Amsterdã contribuiu neste evento falando do tesouro das mulheres holandesas publicado em 1992 (DRENTHE; SOMMEN, 1992¹⁵⁵ *apud* KRAMER, 1995¹⁵⁶ *apud* SCHENK, 2018) e criado em formato eletrônico desde o início para uso cooperativo por todas as instituições de informação das mulheres holandesas. Sua criação foi precedida por um estudo de viabilidade que chegou à conclusão de que as classificações gerais disponíveis na biblioteca e as listas de cabeçalhos de assunto não eram adequadas para tornar o conteúdo relevante visível e acessível para as mulheres (KRAMER, 1995¹⁵⁷ *apud* SCHENK, 2018).

No prefácio do primeiro tesouro feminista em língua alemã, publicado pela *FrauenMediaTurm* (FMT) em Colônia em 1994, Alice Schwarzer explica a necessidade de um vocabulário feminista da seguinte forma:

¹⁵⁵ DRENTHE, Gusta; SOMMEN, Maria van der. **Vrouwenthesaurus**: lijst van gecontroleerde termen voor het ontsluiten van informatie over de positie van vrouwen en vrouwenstudies. Amsterdam: Internationaal Informatiecentrum en Archief voor de Vrouwenbeweging, Anna Maria van Schuurman Centrum van de Rijksuniversiteit Utrecht, 1992.

¹⁵⁶ KRAMER, Marieke. The Dutch Women's Thesaurus. In: MOSELEY, Eva Steiner (Hrsg.). *Women, information, and the future: Collecting and sharing resources worldwide*. Schlesinger Library on the History of Women in America Conference, Radcliffe College, 17-20 June 1994. **Proceedings** [...] Fort Atkinson: Highsmith Press, 1995.

¹⁵⁷ Idem.

As linguistas feministas provaram, o mais tardar, como nossa linguagem é 'masculina' e que muitas vezes torna impossível pensar nas mulheres, porque muitas vezes nem mesmo há palavras para suas sensibilidades e interesses. Em um mundo dominado pelos homens, os homens têm poder de nomeação, o poder de definição (SCHWARZER; SCHEU; GLÖCKLHOFER, 1994¹⁵⁸ *apud* SCHENK, 2018, nossa tradução).

De acordo com Schenk (2016), um tesouro sobre mulheres não é apenas um vocabulário de acesso para pesquisa em acervos interdisciplinares e tematicamente específicos de instituições de informação sobre mulheres, mas também um instrumento político de crítica feminista nestas instituições em particular, e de linguagens de documentação de bibliotecas em geral, que acabam tendo uma perspectiva androcêntrica.

Schenk (2018) menciona Hope A. Olson nos EUA, bem como Dagmar Jank e Karin Aleksander na Alemanha como pesquisadoras que demonstraram claramente que assimetrias, lacunas flagrantes ou atribuições problemáticas ainda podem ser encontradas nas listas de cabeçalho de assunto e nas classificações de assuntos de biblioteca que são baseados em estereótipos das relações sociais de sexo dicotômicos e comprovam o princípio do masculino genérico.

Como já mencionado nesta seção, no artigo intitulado *The power to name*, Olson (2001) criticou a suposta universalidade de listas de cabeçalho de assunto e classificações em catálogos de bibliotecas, usando como exemplo o *Library of Congress Subject Headings* (LCSH) e o *Dewey Decimal Classification* (DDC), Olson conclui que estas ferramentas não levam em consideração as vozes das mulheres e outras minorias. Sua recomendação é que os padrões existentes deveriam ser "esticados", tecnologias de ponta deveriam ser usadas de forma inovadora e subversiva, e posições ativas deveriam ser tomadas para se moldar os próprios espaços.

Karin Aleksander criticou o padrão alemão existente do Arquivo Comum de Autoridade (*Gemeinsamen Normdatei* - GND) em seu ensaio *Die Frau im Bibliothekskatalog* [A mulher no catálogo da biblioteca] (ALEKSANDER¹⁵⁹ *apud* SCHENK, 2018) e repetidamente pediu correções à Biblioteca Nacional Alemã (*Deutsche Nationalbibliothek* - DNB). Alguns desses termos técnicos no GND

¹⁵⁸ SCHWARZER, Alice; SCHEU, Ursula; GLÖCKLHOFER, Monika (Hg.). **Feministischer Thesaurus**. Köln: Frauenmediaturm, 1994.

¹⁵⁹ ALEKSANDER, Karin. Die Frau im Bibliothekskatalog. **Libreas**. Library Ideas, v. 25, 2014.

obviamente foram aprimorados pela Biblioteca Nacional Alemã nesse meio tempo, mas sem documentação transparente. Por exemplo, foi introduzido o termo política de gênero, ao qual a política das mulheres e a política dos homens (também recentemente introduzida) estão igualmente subordinadas. O termo política de igualdade, antes subordinado exclusivamente à política de mulheres, passou a ser utilizado como sinônimo de política de gênero. A classificação do termo homem maltratado foi, entretanto, implementada da mesma forma que a mulher maltratada (SCHENK, 2018).

Um exemplo de uma aplicação simétrica no GND, que de acordo com Shenk (2018) é impreciso, diz respeito à Mutilação Genital Feminina - MGF, no GND, a mutilação genital que é reconhecida como circuncisão <mulher> análoga à circuncisão <homem>. Embora a mutilação genital seja dada como sinônimo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) deixa claro que a MGF é uma violação dos direitos humanos, além de ser objeto de luta das feministas que entendem como uma forma de violência sexual com consequências dramáticas para a saúde de meninas e mulheres, diferente da circuncisão para homens. Um exemplo alternativo que mostra a quão política pode ser a decisão de atribuir termos pode ser encontrado no Tesouro Feminista da *FrauenMediaTurm* (FMT¹⁶⁰) (ver figura 10). Ali, o termo preferencial mutilação genital é classificado poli-hierarquicamente em violência sexual contra mulheres e violência sexual contra meninas:

Figura 10 - O termo Mutilação genital no *FrauenMediaThesaurus*

8 Gewalt / Gewalt gegen Frauen

- 8.5 Sexuelle Gewalt
 - 8.5.4 Sexuelle Gewalt gegen Frauen
 - 8.5.4.1 Genitale Verstümmelung **i**
 - 8.5.4.2 Massenvergewaltigung **i**
 - 8.5.4.3 Sexuelle Belästigung **i**
 - 8.5.4.4 Vergewaltigung **i**
 - + 8.5.5 Sexuelle Gewalt gegen Mädchen
 - 8.5.6 Sexuelle Gewalt gegen Jungen **i**
 - 8.5.4.4 Vergewaltigung **i**
- + 8.6 Pornografie **i**
- + 8.7 Prostitution **i**
- + 8.8 Gewalt von Frauen **i**
- + 8.9 Gewaltprävention **i**

8.5.4.1 Genitale Verstümmelung

- OB:
 - Sexuelle Gewalt gegen Frauen
 - Sexuelle Gewalt gegen Mädchen
- BF:
 - Sexuelle Verstümmelung
 - FGM
 - Genitalverstümmelung
 - Weibliche Genitalverstümmelung
 - Klitorisbeschneidung
- VB:
 - Folter
 - Geschlechtsorgane
 - Sexuelle Selbstbestimmung

Fonte: FRAUENMEDIATURM. Genitale Verstümmelun. *In*: FrauenMediaThesaurus, 2023.

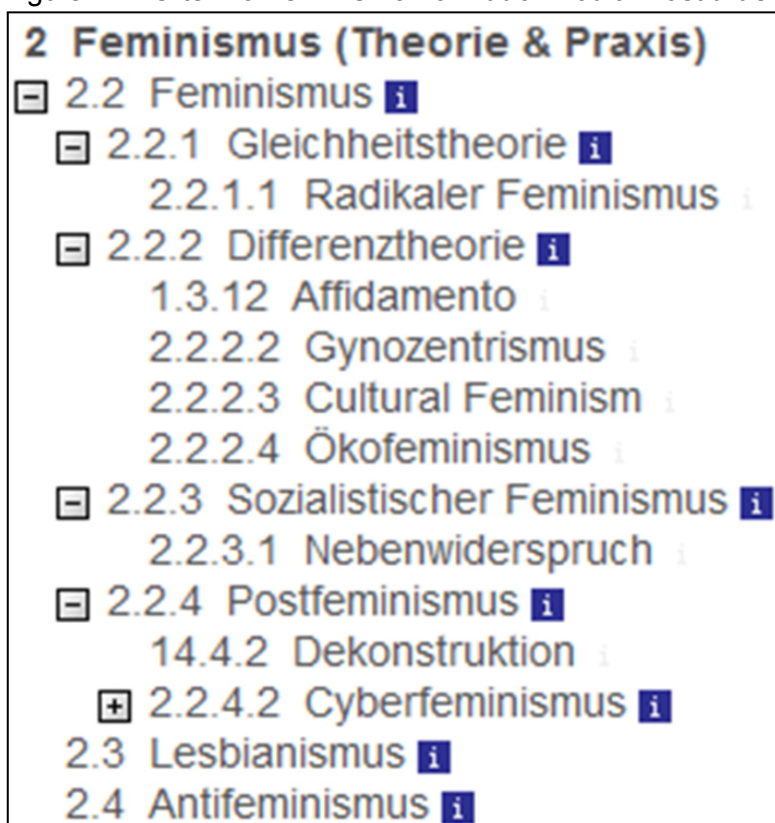
Legenda: O que é mostrado nessa figura é o desdobramento de assunto em que a mutilação genital está subordinado à violência, violência contra a mulheres e violência sexual. Segue a

¹⁶⁰ Disponível em: <https://frauenmediatum.de/feminis-tisches-archiv/feministischer-thesaurus/>

tradução: Gewalt / Gewalt gegen Frauen - Sexuelle Gewalt - Sexuelle Gewalt gegen Frauen - Genitale Verstümmelung = Violência / Violência contra a mulher - Violência sexual - Violência sexual contra mulheres - Mutilação genital.

Outro exemplo de problema na indexação de assunto apresentado por Schenk (2018) é o termo *feminismo*, que no Arquivo Comum de Autoridade Alemão (GND) é equiparado à teoria feminista como "teoria e ensino do movimento das mulheres". A autora pesquisou o termo no catálogo da Biblioteca Nacional Alemã (DNB) resultando em 1.355 publicações. Na busca por texto completo para *feminismo* são recuperados 3.553 itens e para a *teoria feminista*, 1.432. O *ecofeminismo* é dado como exemplo; como conjuntos de dados subordinados há *Linguística Feminista*, *Estudos Literários Feministas* e *Mitologia Feminista*. Em comparação, no tesauro feminista (FMT) fica claro que o *feminismo* é um termo coletivo para diferentes correntes na teoria e na prática, como podemos observar na figura a seguir:

Figura 11 - O termo Feminismo no *FrauenMediaThesaurus*

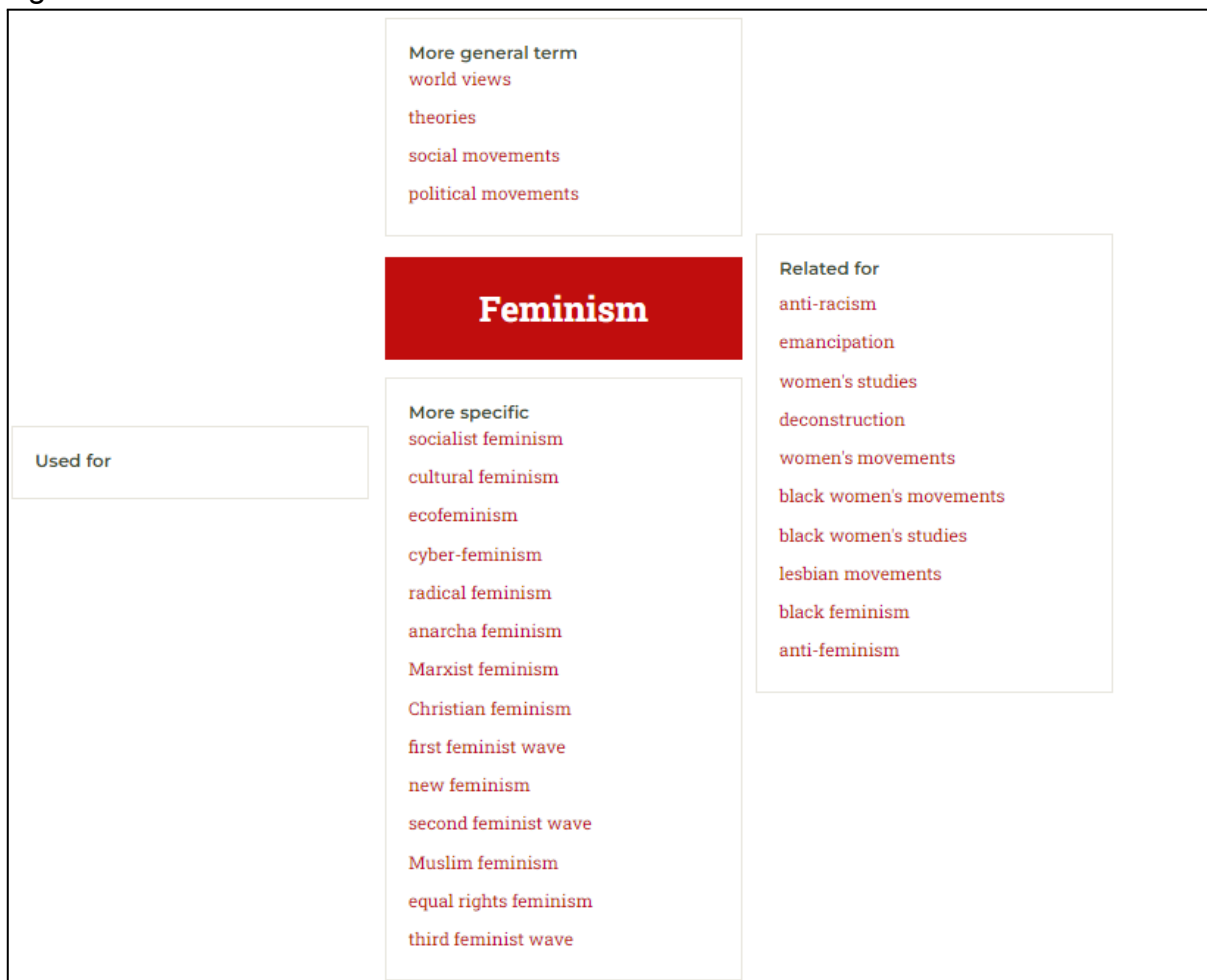


Fonte: FRAUENMEDIATURM. Feminismus. In: FrauenMediaThesaurus, 2023.

No Thesaurus de Mulheres de língua inglesa do Instituto Holandês para Igualdade de Gênero e História das Mulheres Atria, antigo IIAV (Amsterdã), o

descritor *feminismo* é polihierarquicamente localizado e conceitualmente ainda mais diferenciado com 14 subtermos e 10 termos relacionados. Conforme figura:

Figura 12 - O termo Feminismo no Women's thesaurus da ATRIA



Fonte: ATRIA. Feminism. *In*: women's thesaurus, 2023.

Em uma pesquisa no catálogo META¹⁶¹, a pesquisa de texto completo para *Feminismus* resulta em 14.364 itens e a busca por palavra-chave recupera-se 10.600 itens. Segundo Schenk (2018), estes exemplos mostram que os arquivos e bibliotecas feministas especializadas ainda não são capazes de indexar seus acervos de maneira satisfatória usando apenas os cabeçalhos de assunto do GND. De acordo com Schenk (2018), para indexar assuntos em catálogos de bibliotecas de língua alemã de forma adequada utilizando o GND, seriam necessárias extensas análises que "apontassem as lacunas, armadilhas e erros nos sistemas e

¹⁶¹ O catálogo META é o catálogo unificado das bibliotecas e arquivos sobre mulheres da Alemanha, a i.d.a.-Dachverband: META-Katalog. Disponível em: <https://www.meta-katalog.eu/>.

classificações anteriores com base nos resultados de pesquisas feministas" (ALEKSANDER¹⁶², 2014 *apud* SCHENK, 2018).

No que diz respeito às recomendações de Olson (2001), segundo Schenk (2018), as instituições de informação predominantemente autônomas sobre a história das mulheres e das relações sociais de sexo que dependem do financiamento de projetos enfrentam um grande desafio. A autora faz uma retrospectiva do desenvolvimento do tratamento desses acervos, iniciando com a catalogação auxiliada por computador e a indexação de assuntos feministas que foram discutidos na década de 1990 e implementados mais ou menos de acordo com os padrões profissionais. Seguiu-se a publicação de catálogos feministas na Internet, os catálogos de acesso público online - OPACs, nos últimos anos, até a substituição dos primeiros OPACs por sistemas de busca modernos. Agora está pendente a digitalização dos acervos em maior escala, bem como a padronização cooperativa dos metadados/catalogação. Não há como evitar o fornecimento de acervos digitais e a participação nos portais digitais de instituições culturais e de conhecimento em nível nacional (*German Digital Library*) e europeu (*Europeana*) para garantir visibilidade permanente e atender as expectativas dos usuários. Para isso, os profissionais e os recursos tecnológicos necessários só podem ser angariados e disponibilizados de forma sustentável e em cooperação (SCHENK, 2018).

Na área de língua alemã, a organização *i.d.a. Dachverband deutschsprachiger Frauen/Lesbenarchive, -bibliotheken und -dokumentationsstellen* (i.d.a associação guarda-chuva de arquivos, bibliotecas e centros de documentação de lésbicas/mulheres de língua alemã), fundada em 1994, publicou o **catálogo META = META-Katalog** em 2015. O META-Katalog é um catálogo online de movimentos de mulheres com registros do acervo de mais de 30 instituições membros da organização guarda-chuva *i.d.a* (SCHENK, 2016; 2018)

Com base nessas experiências e resultados, a organização guarda-chuva *i.d.a.* tornou-se o patrocinador do projeto do **Digital German Women's Archive** (*Digitalen Deutschen Frauenarchivs - DDF*) em 2016 e desde então coordenou projetos de digitalização e indexação das instituições membros. O DDF fornece a base para o trabalho de pesquisa, educação e informação e, portanto, faz uma

¹⁶² ALEKSANDER, Karin. Die Frau im Bibliothekskatalog. *Libreas*. Library Ideas, v. 25, 2014.

contribuição única para a política de igualdade e relações sociais de sexo na Alemanha (SCHENK, 2018).

O DDF coopera com o **GenderOpen**¹⁶³ que tem sede em Berlim desde dezembro de 2017, o GenderOpen é um repositório de acesso aberto para pesquisas sobre mulheres e relações sociais de sexo financiado pela Fundação Alemã de Pesquisa (*Deutschen Forschungsgemeinschaft* - DFG). Este é um projeto conjunto do Centros de pesquisa de relações sociais de sexo das três universidades de Berlim, o Centro Margherita von Brentano da Universidade Livre, o Centro de Estudos Transdisciplinares de Gênero da Universidade Humboldt e o Centro de Estudos Interdisciplinares de Mulheres e Gênero da Universidade Técnica.

A autora menciona iniciativas anteriores com a mesma proposta de coletar, tratar e disponibilizar materiais de pesquisas sobre relações sociais de sexo e aqueles produzidos no seio do movimento feminista:

- *WINE - Women's Information Network of Europe*, uma organização guarda-chuva de língua alemã, inclui instituições da Alemanha, Áustria, Luxemburgo, Itália e Suíça.
- *ATGENDER - The European Association for Gender Research, Education and Documentation*, uma associação profissional internacional de organizações de pesquisa sobre mulheres.
- *EIGE - European Institute for Gender Equality*, é uma instituição da UE com sede na Lituânia, com seu próprio Centro de Recursos e Documentação. Esse centro de documentação recebe dados de recursos bibliográficos sobre o tema de interesse de instituições pertencentes a WINE, da Universidade Humboldt e outras (SCHENK, 2016).

Essa atuação em rede, de maneira cooperativa, evidenciou a necessidade da criação de um tesouro especializado (SCHENK, 2016).

Schenk (2018) acredita que os tesouros modernos, desenvolvidos de acordo com o padrão internacional vigente em um formato intercambiável por máquina, podem ser utilizados em vários sistemas, podem ser publicados na Internet e, assim, tornar os conteúdos e conceitos da história do movimento de mulheres e pesquisas de relações sociais de sexo visíveis. De acordo com a autora, combinar estes e outros projetos com base no desenvolvimento conjunto de tesouros é uma oportunidade de longo prazo para desenvolver um padrão próprio e adequado que atenda aos requisitos da *Web Semântica*, contribuindo para que a recuperação da

¹⁶³ GENDEROPEN REPOSITORY. Disponível em: <https://blog-genderopen.de/ueber-uns/projektziele>

informação na pesquisa transdisciplinar sobre mulheres e relações sociais de sexo possa ser otimizada e vinculada a outros vocabulários já estabelecidos.

Schenk (2018) mostra o que constitui um tesouro feminista em detalhes, quais são os desafios e quais soluções foram desenvolvidas até o momento.

No prefácio da publicação impressa do *European Women's Thesaurus*, a editora escreve em 1998 que desenvolver um tesouro sobre mulheres é um projeto interdisciplinar, enquanto os tesouros são geralmente de disciplinas específicas, tornando a construção de um tesouro sobre a posição das mulheres e dos estudos sobre as mulheres um processo complicado por sua complexa estrutura temática (BOERE, 1998¹⁶⁴ *apud* SCHENK, 2018).

O *European Women's Thesaurus* foi precedido em 1992 pelo **Vrouwenthesaurus** neerlandês, também publicado pelo IIAV em Amsterdam. O tesouro da **FrauenMediaTurm** (FMT) foi o primeiro tesouro feminista em língua alemã, compilado entre 1990 e 1994 pela equipe da FMT com base nos acervos e em tesouros feministas em língua estrangeira (SCHENK, 2018).

Frida, a associação para a promoção e formação de uma rede de informação e documentação específicas para mulheres na Áustria, publicou o **ThesaurA** em 1996 - um tesouro feminista específico da Áustria, desenvolvido cooperativamente (KLÖSCH-MELLIWA; ZACH, 1996¹⁶⁵ *apud* SCHENK, 2018). A Associação Frida foi fundada em 1992 com a intenção de promover a cooperação estrutural e de conteúdo entre os centros de informação e documentação de mulheres autônomos e institucionalizados na Áustria¹⁶⁶. Hoje, porém, o ThesaurA, não é mais desenvolvido cooperativamente, mas individualmente e localmente modificado por alguns dos membros da associação em seus respectivos sistemas de biblioteca e arquivo. A forma como o vocabulário pode ser oferecido aos usuários para pesquisa também depende do respectivo sistema local, alguns dos quais são sistemas de rede que permitem mapear um tesouro apenas de forma limitada (SCHENK, 2018).

O Instituto Europeu para a Igualdade de Género (**European Institute for Gender Equality - EIGE**) é uma instituição autónoma da União Europeia fundada em 2010 e com sede em Vilnius (Lituânia). O EIGE conta com seu próprio Centro de

¹⁶⁴ BOERE, Marianne (ed.). **European women's thesaurus**: a structured list of descriptors for indexing and retrieving information in the field of the position of women and women's studies. Amsterdam: Internationaal Informatiecentrum en Archief voor de Vrouwenbeweging, 1998.

¹⁶⁵ KLÖSCH-MELLIWA, Helga; ZACH, Angelika. **ThesaurA**: österreichischer Frauenthesaurus (Materialien zur Förderung von Frauen in der Wissenschaft). Wien: Österr. Staatsdr, 1996.

¹⁶⁶ Discussão sobre sobre centros de informação sobre mulheres, Seção 3.15.

Recursos e Documentação, que compilou mais de 500.000 recursos sobre relações sociais de sexo em cooperação com bibliotecas e centros de documentação europeus sobre mulheres e relações sociais de sexo, incluindo os membros da organização i.d.a. (Luxemburgo). O **Glossário e Thesaurus da Igualdade de Relações Sociais de Sexo** (*Gender Equality Glossary and Thesaurus*) foi publicado pelo EIGE em 2016 e serve, por um lado, como um recurso *online* para procurar definições de termos no domínio da política de igualdade nas relações sociais de sexo e, por outro, como um vocabulário de indexação disponível gratuitamente (SCHENK, 2018).

Desde 2013, o **Gender Glossar** está disponível ao abrigo de uma licença *Creative Commons* (CC BY-NC-ND 3.0 DE)¹⁶⁷ como obra de referência transdisciplinar *online* com contribuições académicas sobre termos, tópicos, pessoas e instituições no domínio dos estudos das relações sociais de sexo (DRINCK; NAGELSCHMIDT, [s.d.]¹⁶⁸ *apud* SCHENK, 2018).

O repositório **GenderOpen** de acesso aberto para pesquisas sobre mulheres e relações sociais de sexo tem uma lista de palavras-chave que os autores podem usar para indexar seus trabalhos de pesquisa e os usuários podem usar para pesquisas. A lista de palavras-chave (**Schlagwortliste**) foi publicada em 2017, tornando-se o desenvolvimento mais recente no campo de vocabulários sensíveis às relações sociais de sexo, compilada por especialistas na área de estudos sobre mulheres, bem como em biblioteconomia e Ciência da Informação (SCHENK, 2018).

O projeto de publicação do Catálogo de Palavras-chave Teológicas para Pesquisa de Gênero (**Theologischen Schlagwortkatalogs für Genderforschung - TSG**) como *Linked Open Data* foi interrompido devido à falta de financiamento, de acordo com Schenk (2018). O projeto foi dirigido pela Professora Doutora Ute Gause e era um banco de dados com um dicionário de sinônimos com palavras-chave publicado na Faculdade Teológica Protestante da Universidade Ruhr Bochum como

¹⁶⁷ "A Creative Commons é uma organização global sem fins lucrativos que permite o compartilhamento e a reutilização da criatividade e do conhecimento por meio do fornecimento de ferramentas legais gratuitas". Com a licença mencionada, você tem o direito de: "Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença. De acordo com os termos seguintes: Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso. Não Comercial — Você não pode usar o material para fins comerciais. Sem Derivações — Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado. Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita" (CREATIVE COMMONS, [2023]).

¹⁶⁸ DRINCK, Barbara; NAGELSCHMIDT, Ilse; Voß, Heinz-Jürgen. **Gender Glossar**. [s.d]. Disponível em: <http://gender-glossar.de/>

parte de um projeto modelo até 2014, que ainda está disponível, mas não será mais desenvolvido.

A variedade de exemplos de diferentes vocabulários controlados no campo da pesquisa sobre mulheres e relações sociais de sexo mostra que a necessidade de definir termos sensíveis ao tema e uma indexação apropriada foram reconhecidas e várias abordagens foram desenvolvidas para dar conta da questão, Schenk (2018) identifica as peculiaridades e diferenças desses vocabulários controlados a partir de uma lista de critérios de comparação de Sistemas de Organização do Conhecimento que já foram elencados na subseção 4.3 e a comparação desses SOCs estão no ANEXO A.

A agregação de diferentes posições feministas, acervos especializados e o conteúdo interdisciplinar dos estudos sobre mulheres e relações sociais de sexo em um sistema central de organização do conhecimento, segundo Schenk (2018) é tanto um desafio quanto uma oportunidade. Segundo a autora, um tesouro sensível às relações sociais de sexo e modelado de forma interoperável poderia ser usado em diferentes sistemas de informação, melhoraria a recuperação de informações nos bancos de dados e poderia ser oferecido aos usuários para navegação em uma forma visualmente atraente.

A questão avaliação e comparação de tesouros já foi colocada na subseção 4.3. Após a revisão detalhada da literatura e a comparação de tesouros e listas de assuntos para servir como base para um tesouro específico de relações sociais de sexo, comum para instituições de pesquisa e informação, a autora concluiu que, com os vocabulários específicos das instituições, as diferentes posições feministas de cada um deles e as diferentes capacidades profissionais das instituições, dificultam o projeto de padronização. Para a autora, tomar um tesouro feminista existente como base provou ser tão inútil quanto o demorado desenvolvimento conjunto de uma nova versão. Assim, a autora desenvolve uma solução alternativa: gerar um tesouro simplificado com base no que os vocabulários existentes têm em comum (SCHENK, 2016).

O primeiro passo para a criação do tesouro base simplificado foi a importação dos dados de acervo das instituições membros da *i.d.a.* para comparar as palavras-chave existentes. Como os métodos de indexação e a qualidade dos dados são muito heterogêneos, as máscaras de entrada¹⁶⁹ individuais foram

¹⁶⁹ Erfassungsmasken - máscaras de entrada, em inglês pode ser *screen entry, data entry, input mask*

analisadas pela equipe do projeto com antecedência e importadas para o *VuFind*¹⁷⁰ sem formatos padronizados de troca de biblioteca (MARC21¹⁷¹) apenas na linguagem de marcação XML¹⁷² por meio de conversão de dados usando XSLT¹⁷³. A modelagem de dados de dados XML ocorreu de acordo com um formato de trabalho especialmente desenvolvido para o projeto (formato de trabalho META), que se destina a possibilitar a saída subsequente em formatos de troca padronizados (MARC21, DublinCore) (SCHENK, 2016).

Os seguintes campos do formato de trabalho META são relevantes para o desenvolvimento de um tesauro: assuntoTópico/assuntoPessoa/assuntoGeográfico. Listas alfabéticas desses campos podem ser geradas para cada instituição envolvida, servindo como base para reconciliação automática de dados e modelagem do tesauro comum. Esse procedimento não envolve um mapeamento de vocabulários controlados entre si, mas apenas a comparação de listas de palavras-chave, que servem como uma espécie de "coleção/coleta de vocabulário" para a criação de um tesauro. Quanto maior o nível de concordância ao comparar as listas de palavras, mais adequado é um termo como descritor para o tesauro de relações sociais de sexo. Estes descritores podem então ser modelados usando um *software* de gerenciamento de tesouros adequado para formar um tesauro das relações sociais de sexo, que, devido à sua natureza interdisciplinar, inevitavelmente terá um alto grau de relações poli-hierárquicas (SCHENK, 2016).

Para Schenk (2016), seria interessante verificar o grau de correspondência entre os tesouros já existentes nas instituições participantes da *i.d.a* através de um

¹⁷⁰ O VuFind é uma ferramenta de descoberta e entrega em software livre de código aberto, mantida pela biblioteca *Falvey Memorial Libray* pertencente à Universidade Villa Nova, com a finalidade de apoiar a criação de portais integrados de informações geridas pelas bibliotecas. O VuFind é capaz de integrar: Sistemas gerenciadores de bibliotecas (catálogos online), Bibliotecas Digitais, Repositórios Institucionais, Portais de Periódicos, Portais de eventos, outras fontes de informação, entre outras fontes abertas de informação. Por operar de forma modular, o VuFind pode ser implementado de forma completa ou apenas alguns módulos. Com o código fonte aberto, pode-se ajustar às necessidades da instituição, modificando ou adicionando facilidades. Altamente customizável, possibilita se ajustar a diversas finalidades facilmente. O VuFind opera por meio de coleta (harvesting) automática de metadados, utilizando o protocolo Open Archives Initiative - Protocol for Metadata Harvesting (OAI-PMH). Com isso, pode integrar todos os tipos de sistemas que interoperam por meio desse protocolo. Com isso, criar um portal de busca único para esses sistemas.

¹⁷¹ MARC21 é o nome de um sistema desenvolvido pela Library of Congress em parceria com a British Library. A sigla significa Machine Readable Cataloging, ou "catalogação legível para computadores". Esse mecanismo foi criado para possibilitar um intercâmbio virtual de publicações.

¹⁷² XML (Extensible Markup Language) é um tipo de linguagem de marcação da W3C, derivada da linguagem SGML, utilizada para compartilhamento fácil de informações por intermédio da internet, através da criação de documentos com dados organizados hierarquicamente para ser usado por diferentes sistemas informatizados (portabilidade); ou seja, tem objetivo de garantir que documentos codificados de acordo com suas regras possam ser transportados de um ambiente de hardware e software para outro sem perda de informação, usando a potencialidade e flexibilidade da SGML de forma simplificada.

¹⁷³ XSL Transformations, ou XSLT, é uma linguagem de marcação XML usada para criar documentos XSL que, por sua vez, definem a apresentação dos documentos XML nos browsers e outros aplicativos que os suportem.

mapeamento e comparação dos resultados conforme procedimento descrito acima. Com a comparação, surgiria uma concordância cruzada entre os respectivos tesouros. As concordâncias cruzadas são relações de avaliação de relevância entre termos de dois tesouros ou classificações. Eles permitem que você traduza termos de consulta de seu sistema descritivo para outro (SCHENK, 2016).

Shenk (2016) diz ser esperado encontrar diferenças conceituais nesse procedimento. O ThesaurA¹⁷⁴ austríaco, por exemplo, tem mais descritores pré-coordenados do que seu antecessor, o Tesouro Feminista da *FrauenMediaTurm*¹⁷⁵. Além disso, discussões políticas sobre designações preferidas são esperadas em algumas áreas temáticas (por exemplo, prostituição *versus* trabalho sexual - subseção 3.10).

A criação de concordâncias também pode resultar em um tesouro multilíngue, como por exemplo, em 1992, o então *Informatiecentrum en Archief voor de Vrouwenbeweging* (IIAV) em Amsterdã, hoje ATRIA - *Institute of Gender Equality and Women's History*, publicou o *Vrouwenthesaurus* holandês¹⁷⁶. Com base nisso, o *European Women's Thesaurus* (EWT) foi criado em 1998 em cooperação com outras quatro instituições: *KVINFO Centre for Information on Women and Gender* em Copenhague, *RoSa Documentation Centre* em Bruxelas, *Bibliotheca/Centro di Documentazione delle Donne* em Bolonha e o *Nordic Institute for Women's Studies and Gender Research* (NIKK) em Oslo (SCHENK, 2016).

Ambos os tesouros (*Vrouwenthesaurus* e *European Women's Thesaurus*) são mantidos pela Atria e estão disponíveis online para pesquisa. Embora possam parecer dois tesouros diferentes, o EWT é na verdade uma tradução do *Vrouwenthesaurus*, que é publicado em um sistema separado. Ele é mantido e adaptado às exigências das respectivas instituições de cooperação. Há um "tesouro básico" comum baseado em XML na Atria, que não é administrado centralmente para todas as instituições, mas pode ser expandido nacionalmente conforme necessário. Na realidade alemã, de onde a autora fala, a ligação de um tesouro em

¹⁷⁴ KLÖSCH-MELLIWA, Helga; ZACH, Angelika. **ThesaurA**: Österreichischer Frauenthesaurus. Wien: Österr. Staatsdr. Materialien zur Förderung von Frauen in der Wissenschaft, 1996.

¹⁷⁵ SCHWARZER, Alice; SCHEU, Ursula (Hrsg.). **Feministischer Thesaurus**: Das Feministische Archiv und Dokumentationszentrum Köln legt den ersten feministischen Thesaurus auf Deutsch vor. Köln: FrauenMediaTurm, 1994.

¹⁷⁶ DRENTHE, Gusta; SOMMEN, Maria van der; BOERE Marianne. **Vrouwenthesaurus**: Lijst van gecontroleerde termen voor het ontsluiten van informatie over de positie van vrouwen en vrouwenstudies. Amsterdam: Internationaal Informatiecentrum en Archief voor de Vrouwenbeweging (IIAV); Anna Maria van Schuurman Centrum (AMSC), 1992.

alemão com o EWT em inglês seria útil para a cooperação com Atria ou a WINE e ganharia mais atenção profissional devido à ampla disseminação (SCHENK, 2016).

A criação de um tesouro básico comum serviria para constituir a base das listas de palavras-chave das instituições que compõem a *i.d.a.* e também poderiam ser disponibilizadas para pesquisa no catálogo, as palavras-chave avulsas que não constituem o tesouro. Assim, promove-se a padronização e oferece-se aos usuários um vocabulário sem perda de informações, uma vez que também são mantidas as especificidades da indexação de assuntos de cada instituição envolvida. Seria desejável que a padronização das palavras-chave não acontecesse apenas no catálogo META, mas também nos diferentes vocabulários das instituições locais. A lista de palavras-chave e o tesouro básico podem servir como base para o grupo de pesquisa de terminologia da *i.d.a* nas discussões de problemas terminológicos. Do ponto de vista técnico, a equipe da META pode se valer de extensos resultados de pesquisas sobre a interoperabilidade de metadados, sobre o tratamento da heterogeneidade na indexação de assuntos por meio de concordâncias cruzadas e sobre o desenvolvimento de modelos de dados para a *Web Semântica*. A discussão técnica atual está ocorrendo em um nível avançado (SCHENK, 2016).

O fornecimento do tesouro básico como dados abertos vinculados com base no modelo de dados SKOS proporciona a vinculação a outros projetos. A autora também menciona a importância de se levar em consideração os chamados documentos nascidos digitais desde o início e que as instituições internacionais também estejam envolvidas em um projeto de tesouro básico interdisciplinar e interoperável (SCHENK, 2016).

Para Schenk (2018) é possível presumir que a digitalização dos acervos de arquivos e bibliotecas de mulheres progredirá rapidamente nos próximos anos e que as coleções poderão ser totalmente pesquisadas em texto completo, mas, questiona, isso eliminaria a necessidade de um tesouro específico? A longo prazo, as instituições ainda terão recursos para indexação de assuntos intelectuais?

Sobre a questão da pesquisa de texto completo e pesquisa baseada em tesouro, Schenk (2018) argumenta que a experiência na indexação de textos de movimentos de mulheres e teoria feminista mostra que termos diferentes têm sido repetidamente usados para conceitos comparáveis ou o significado dos termos mudou ao longo do tempo. De acordo com a autoria, o uso de tesouro nos possibilita ter acesso à definições, referências a sinônimos e termos relacionados em uma base

de dados de texto completo, impedindo que se perca o acesso ao conhecimento de tais processos de mudança por parte do usuário. Caso contrário, corre-se o risco de perder o conhecimento sobre a continuidade histórica dos debates feministas e prevenir isso é uma das principais intenções das Bibliotecas e Arquivos feministas.

Schenk (2018) usa um exemplo diretamente relacionado com este trabalho que é o atual debate sobre a prostituição e o chamado modelo nórdico de punição de *johns* (cafetões e consumidores de prostituição). Ao pesquisar contextos históricos, seria útil conhecer o termo abolicionismo ou ser referido a ele. Em linguagem geral, isso é frequentemente entendido como a abolição da escravatura, mas no movimento de mulheres, o abolicionismo também representa a luta contra o sistema de prostituição. Se apenas os termos *trabalho sexual* e *profissional do sexo* fossem usados em um texto em vez de prostituição/mulheres prostituídas, essa posição seria ignorada em debates mais atuais sem referência apropriada e a perspectiva histórica seria perdida. Neste sentido, o conhecimento da pesquisa interdisciplinar sobre mulheres com uma terminologia em constante mudança não pode ser transmitido adequadamente apenas com base em pesquisa de texto completo ou métodos de indexação totalmente automáticos (SCHENK, 2018).

Sobre os cenários de desenvolvimento e aplicação de tesouros, Schenk (2018) menciona que o Centro de Informações Leibniz para Pesquisa Econômica (*Leibniz-Informationszentrum Wirtschaft - ZBW*), que também pesquisa no campo da automação (parcial) da gestão de tesouros e métodos de indexação, publicou o Tesouro padrão de economia (*Standard-Thesaurus Wirtschaft - STW*) na *Linked Open Data Cloud* e o vinculou a outros vocabulários por meio de concordâncias cruzadas. Dessa forma, o STW pode ser reutilizado e é usado em todo o mundo por universidades, instituições de pesquisa, instituições públicas e empresas para organizar o conhecimento. A aplicação não se limita a portais de pesquisa, o STW também é usado em repositórios de dados de pesquisa.

Conclui Schenk (2018) que a organização do conhecimento por meio de tesouros não está perdendo sua relevância, mas está se tornando mais versátil graças às novas tecnologias, podendo ser gerenciada de maneira mais econômica graças aos métodos automatizados. Apesar das tendências de mudança, os princípios da organização da informação e do conhecimento podem contribuir para a navegabilidade e a capacidade de pesquisa de ambientes emergentes baseados na

Web, como bibliotecas digitais, sistemas de gerenciamento de conteúdo, repositórios institucionais e ambientes virtuais de aprendizado.

Outra questão apontada pela autora é que a indexação de assuntos não estará mais apenas nas mãos de especialistas: autores e usuários também atribuiriam palavras-chave (por exemplo, ao enviar textos para repositórios ou em projetos de *crowdsourcing* para bens culturais digitais), o que torna o controle de terminologia ainda mais importante nesses contextos. Schenk (2018) considera as vantagens dos tesouros multilíngues na recuperação da informação indispensáveis. Por fim, a autora vislumbra que o uso de um tesouro sensível às relações sociais de sexo de acordo com padrões interoperáveis com identificadores universais e sua publicação como dados abertos vinculados contribuiria para uma maior rede, permitiria o uso subsequente e, assim, também aumentaria a visibilidade do tópico comum.

De acordo com Gruber (2022), o conceito de um tesouro de relações sociais de sexo de Schenk (2016) ainda não foi implementado.

Esse trabalho é essencial para esta pesquisa pois é um dos mais recentes que aborda a Organização do Conhecimento sobre mulheres para atender bibliotecas, arquivos e centros de informação sobre mulheres, fornece um instrumento para avaliação de SOCs (subseção 4.3) e avalia SOCs sobre mulheres (ANEXO A). Outra questão de importância neste trabalho é que ele mostra que a discussão de SOCs sobre mulheres não se esgotou.

Gruber (2022) - On weaving a web of feminist terms: ariadne's thread & gender-sensitive authorities

Andrea Gruber é graduada em Ciências Políticas e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Vienna. É bibliotecária no projeto Ariadne, um portal de conhecimento específico sobre mulheres da Biblioteca Nacional Austríaca e uma sala de leitura virtual. O projeto incorpora o princípio da historiadora austríaca/americana Gerda Lerner (1920–2013): “a história das mulheres é a principal ferramenta para a emancipação das mulheres”.

Neste trabalho, Gruber (2022) fala da realidade austríaca, ela toma como tema central a migração de tesouro de relações sociais de sexo/mulheres e aborda questões adjacentes à essa migração. Assim como Schenk (2016, 2018), Gruber afirma que os vocabulários controlados também são um instrumento político para

mulheres e centros de informação e documentação específicos de relações sociais de sexo: tesouros feministas são uma crítica ativa da linguagem.

Ao falar de tesouro em um contexto feminista, Gruber (2022) menciona que desde o final da década de 1970, as bibliotecárias feministas vêm notando o caráter androcêntrico e o sexismo do conteúdo e das estruturas das listas de autoridade e dos conjuntos de regras que estipulam seu desenvolvimento e uso. Neste ponto, deve ser mencionado como exemplo Dagmar Jank, que sugeriu no Dia dos Bibliotecários Alemães em Kassel em 1991 revisar o *Regeln für den Schlagwortkatalog* = Regras para o catálogo de palavras-chave (RSWK) e do *Schlagwortnormdatei* = Lista de autoridade do assunto (SWD) do ponto de vista da igualdade de tratamento entre mulheres e homens na língua. As discussões a partir de suas sugestões se caracterizaram pela incompreensão e indignação e Jank reagiu a isto, com uma carta aberta (JANK, 1991 *apud* GRUBER, 2022). Mesmo 30 anos depois, os problemas apontados no RSWK e do SWD incluídos no *Gemeinsamen Normdatei* = Lista de Autoridade Comum (GND) ainda estão pendentes de revisão (ALEKSANDER, 2014 *apud* GRUBER, 2022). De acordo com Jank (1991, p. 4 *apud* GRUBER, 2022), as lacunas conceituais, exclusões e discriminações estruturais identificadas refletem valores sociais e relações de poder.

Gruber (2022) chama a atenção para a questão que listas de cabeçalho de assuntos como o *Common Authority File* (GND) ou o *Library of Congress Subject Headings* (LCSH) não são adequados para retratar discursos especializados em profundidade, até porque, menciona, eles não se destinam a isso: existem tesouros especializados para isso. O que as bibliotecárias feministas apontam são exclusões linguísticas, estereótipos de sexo e discriminação em lista de cabeçalho de assunto de autoridade convencionais. Com uma variedade de exemplos, elas ilustram termos ausentes, designações discriminatórias, não nomeação até a omissão de grupos ou tópicos inteiros. Essas publicações mostram como exclusões e discriminações são mantidas por meio do uso das listas de autoridade nos catálogos de bibliotecas. Essas exclusões se consubstanciam entre opressão de mulheres, negros etc.

A pesquisa sobre mulheres e relações sociais de sexo, de acordo com Gruber (2022), se desenvolve no mundo de língua alemã no contexto do movimento de mulheres da década de 1970. Tal pesquisa, segundo a autora, tem característica interdisciplinar: a partir da pesquisa sobre mulheres com foco nas ciências humanas

e sociais, as perspectivas estão se expandindo para outras disciplinas, incluindo ciências naturais e tecnologia ou medicina.

Para ter acesso às fontes e aos resultados da investigação, são desenvolvidas ferramentas de documentação específicas sensíveis às relações sociais de sexo. Sandra Sparber as chama de “intervenções feministas” (SPARBER 2013, p. 8 *apud* GRUBER, 2022, p. 266, nossa tradução), pois, “as normas linguísticas devem ser entendidas como atos políticos que precisam ser analisados de um ponto de vista social e crítico da linguagem”. Assim, os vocabulários feministas, enfatiza novamente Gruber (2022), também são instrumentos políticos para mudar a ciência e a sociedade. Eles visam explicitamente mudar a prática documental, levando as relações sociais de sexo em consideração nos títulos e classificações.

Já em 1977, Joan K. Marshall publicou *On Equal Terms*, a primeira lista de palavras-chave feminista como um suplemento Lista de palavras-chave da biblioteca do Congresso/Library of Congress Subject Headings - LCSH (MARSHALL, 1977¹⁷⁷ *apud* GRUBER, 2022). Uma década depois, *A Women's Thesaurus* (CAPEK, 1987¹⁷⁸ *apud* GRUBER, 2022), também publicado nos EUA, oferecia entrada de busca sistemática além da alfabética. Outros projetos se seguiram no Canadá, *Canadian Feminist Thesaurus/Thesaurus féministe du Canada* (CWIG, 1990¹⁷⁹ *apud* GRUBER, 2022) e na Europa, onde o primeiro tesouro sobre mulheres foi publicado na Espanha em 1988, o *Thesaurus d'història social de la dona* (SEBASTIÀ I SALAT, 1988¹⁸⁰ *apud* GRUBER, 2022), seguido pelo italiano *Linguaggiadonna* (RABISSI E PERUCCI, 1991¹⁸¹ *apud* GRUBER, 2022) e pelo holandês *Vrouwenthesaurus* (DRENTHE; VAN DER SOMMER, 1992¹⁸² *apud* GRUBER, 2022). E, em 1994 o primeiro tesouro feminista em língua alemã é publicado: o *Der FrauenMediaTurm*

¹⁷⁷ MARSHALL, Joan K. **On equal terms**: a thesaurus for nonsexist indexing and catalogin. New York: Neal-Schuman, c1977.

¹⁷⁸ CAPEK, Mary Ellen S. **A Women's Thesaurus**: An Index of Language used to Describe and Locate Information by and about Women. New York: HarperCollins Publishers, 1987.

¹⁷⁹ CWIG - Canadian Women's Indexing Group (Hg.). **Canadian Feminist Thesaurus/Thesaurus féministe du Canada**. Toronto: Ontario Institute for Studies in Education, 1990.

¹⁸⁰ SEBASTIÀ I SALAT, Montserrat. **Thesaurus d'història social de la dona**. Barcelona: Generalitat, Comissió Interdepartamental de Promoció de la Dona, 1988.

¹⁸¹ RABISSI, Adirana Perrotta; PERUCCI, Maria Beatrice. **Linguaggiadonna**: Primo thesaurus di genere in lingua italiana. Milano: Centro studi storici sul movimento di liberazione della donna in Italia, 1991. Disponível em: <https://www.fondazionebadaracco.it/wp-content/uploads/2021/05/Linguaggiadonna.pdf>

¹⁸² DRENTHE, Gusta; SOMMEN, Maria van der; BOERE Marianne. **Vrouwenthesaurus**: Lijst van gecontroleerde termen voor het ontsluiten van informatie over de positie van vrouwen en vrouwenstudies. Amsterdam: Internationaal Informatiecentrum en Archief voor de Vrouwenbeweging (IIAV); Anna Maria van Schuurman Centrum (AMSC), 1992.

(SCHWARZER; SCHEU, 1994¹⁸³ *apud* GRUBER, 2022), dois anos depois o thesaurA surge na Áustria (KLOESCH-MELLIWA; ZACH, 1996¹⁸⁴ *apud* GRUBER, 2022). Esses vocabulários estão listados no BARTOC¹⁸⁵, o Registro Básico de Tesouros, Ontologias e Classificações, que atualmente lista um total de 23 vocabulários com referência explícita ao sexo feminino. Os vocabulários feministas são criados conjuntamente em associações de centros de documentação feministas, em cooperação com pesquisa ou como desenvolvimentos independentes de uma instituição (GRUBER, 2022).

Na Áustria, o thesaurA foi iniciado no começo dos anos 1990 por uma associação para a promoção e *networking* de serviços de informação e documentação específicos para as mulheres¹⁸⁶ sediada na Áustria, a frida¹⁸⁷. Entre 1994 e 1995, o thesaurA foi desenvolvido por duas documentaristas científicas: Helga Klösch-Melliwa e Angelika Zach sob a direção da linguista Ursula Doleschal e publicado em 1996¹⁸⁸ (GRUBER, 2022).

Para a autora, um tesouro específico sobre sobre mulheres e relações sociais de sexo é vantajoso tanto para os centros de documentação quanto para as pesquisas sobre mulheres e relações sociais de sexo. Portanto, uma atuação cooperativa desses agentes é benéfica para todos. Para mostrar a realidade na língua alemã, a autora apresenta as seguintes iniciativas já apresentadas por Schenk (2016): o *META-Katalog*, o *Gender Open*, o *Gender Thesaurus* e o *Gender Equality Glossary and Thesaurus*. O *Ariadne Faden - SAR Index* não é mencionado por Schenk, portanto será detalhado a seguir:

De acordo com Gruber (2022), Ariadne é um sistema usado pela Biblioteca Nacional da Áustria (*ÖNB - Österreichische Nationalbibliothek*) para indexar e categorizar a literatura relevante para estudos das relações sociais de sexo usando

¹⁸³SCHWARZER, Alice; SCHEU, Ursula (Hg.). **Feministischer Thesaurus**. Köln: Frauenmediaturm, 1994.

Disponível em: <https://frauenmediaturm.de/feminis-tisches-archiv/feministischer-thesaurus/>

¹⁸⁴KLÖSCH-MELLIWA, Helga; ZACH, Angelika. **ThesaurA: österreichischer Frauenthesaurus** (Materialien zur Förderung von Frauen in der Wissenschaft). Wien: Österr. Staatsdr, 1996.

¹⁸⁵BARTOC: <https://bartoc.org/>. Os termos de busca "women", "gender", "feminist*", "frau", "donna" e "femme" podem ser encontrados no título e/ou na descrição. Pesquisa feita em 15 de outubro de 2021" (GRUBER, 2022, p. 285, nossa tradução).

¹⁸⁶ Verein zur Förderung und Vernetzung frauenspezifischer Informations- und Dokumentations Einrichtungen in Österreich.

¹⁸⁷ <https://frida.at/>

¹⁸⁸ O projeto thesaurA foi financiado pelo Jubilee Fund do Austrian National Bank (Projeto No. 5125) e pelos Ministérios Federais para Assuntos da Mulher, Educação e Assuntos Culturais, bem como para Ciência, Pesquisa e Arte. O grupo de trabalho frida, que preparou a candidatura do projeto, apoiou a equipe do projeto thesaurA como uma comissão de especialistas (KLOESCH-MELLIWA; ZACH, 1996, p. 11-13). ThesaurA foi publicado como Volume 11 da série "Materials for the Promotion of Women in Science" publicado pelo Ministério Federal da Ciência, Pesquisa e Artes (GRUBER, 2022, p. 285).

o tesauro feminista **SAR-Index**, que foi criado e mantido continuamente desde o início da década de 1990, nele, 15.500 entradas, dentre cabeçalhos de assuntos padronizados, entradas sobre pessoas e entidades corporativas estão ligadas por relações hierárquicas, equivalentes e associativas.

A categorização da literatura no catálogo da Biblioteca Nacional da Áustria, é realizada por meio da utilização da Lista de Autoridade Comum (*Gemeinsamen Normdatei* - GND). O sistema de categorização empregado em Ariadne está situado nos campos locais do catálogo da Biblioteca Nacional da Áustria e não está diretamente conectado à Lista de Autoridade Comum (*Gemeinsamen Normdatei* - GND). Embora as categorias da Lista sejam observáveis em toda a rede de bibliotecas, as categorias especializadas utilizadas em Ariadne são visíveis apenas no catálogo da Biblioteca Nacional da Áustria. Uma avaliação foi conduzida para verificar a viabilidade da transição do *SAR-Index* para a Lista de Autoridade Comum, mas houve preocupações com a perda de informações e a redução da visibilidade e acessibilidade do conteúdo específico de relações sociais de sexo e a mudança não teve continuidade. Gruber (2022) sinaliza a importância em migrar o *SAR-Index* para um *software* de gerenciamento de tesouros para que ele seja editável, exportável, acessível e compartilhável para fins de pesquisa.

Assim, para essa migração ser possível, de acordo com Gruber (2022), foram observados três aspectos: as normas e especificações básicas para tesauro, interoperabilidade e possíveis ferramentas para implementação técnica.

Sobre as normas e especificação, de acordo com Gruber (2022), tesouros separam conceitos abstratos de suas designações linguísticas e podem representar relações hierárquicas e não hierárquicas entre termos. Existem várias diretrizes compatíveis para definir a estrutura de um tesauro, incluindo ISO 25964, FRASAD¹⁸⁹ e SKOS. Essas diretrizes fornecem recomendações para construir e manter tesouros, bem como descrever suas estruturas de dados, processos e ferramentas, e são recursos valiosos para entender a aplicação prática de vocabulários controlados.

Sobre interoperabilidade, Gruber (2022) aponta várias possibilidades que podem ser implementadas em paralelo que permitem ou facilitam o uso automático de um tesauro. Como, por exemplo, fornecer dados do tesauro em formatos

¹⁸⁹ O padrão de biblioteca FRASAD (Functional Requirements for Subject Authority Data), que ampliou o mundo FRBR/FRAD (a base original do padrão internacional de indexação RDA) para incluir a indexação de assuntos, bem como seu sucessor integrado IFLA LRM. Isso aproxima a catalogação e a indexação e as apresenta como um todo. Um conjunto de regras útil e disponível gratuitamente também para compreender o uso de vocabulários controlados no trabalho da biblioteca (GRUBER, 2022).

padronizados, oferecer interfaces de consulta automatizadas e criar concordâncias cruzadas entre vocabulários controlados. Sobre as ferramentas, aponta a autora, resumidamente se usa um *software* de gerenciamento de tesouros que utiliza modelos de dados comuns e estabelece-se as relações padrões de tesouro, contribui-se para o tópico anterior, na interoperabilidade e no trabalho conjunto no desenvolvimento do Sistema de Organização do Conhecimento.

Gruber (2022) conclui que é necessário um tesouro feminista cooperativo que permita verificar pontos em comum e diferenças. A infraestrutura técnica e as ferramentas de código aberto podem ajudar a superar as diferenças e acelerar os processos editoriais com um modelo de cooperação descentralizada para apoiar o desenvolvimento contínuo e a integração de vocabulários. Além disso, a autora enfatiza a necessidade de um tesouro especializado para que os estudos sobre mulheres e relações sociais de sexo acompanhem as mudanças na terminologia e reflitam com precisão a realidade. Um ponto importante que Gruber (2022) menciona é que as intervenções feministas na documentação e nas classificações convencionais podem ser aprimoradas com um tesouro especializado, porém isto exige compromisso político e recursos sustentáveis.

Este artigo de Gruber (2022) é um dos mais recentes dentre os essenciais, mostrando que por mais que haja desenvolvimento na área, há ainda um percurso a ser caminhado. O artigo não sugere explicitamente nenhum trabalho futuro, mas destaca a necessidade de esforços contínuos no desenvolvimento e manutenção de tesouros feministas e na correção de exclusões específicas nos vocabulários gerais. Também enfatiza a importância dos esforços cooperativos no desenvolvimento de tesouros e o uso do modelo de dados SKOS para criar e gerenciar esses vocabulários controlados.

Teixeira e Souza (2020) - O uso de figuras de linguagens do domínio da lesbiandade no acervo fotográfico do Lesbian Herstory Archives: uma proposta de taxonomia

Raquel Da Silva Teixeira é bacharel em Biblioteconomia pela UNIRIO e mestranda no IBICT. Brisa Pozzi De Sousa é doutora em Ciência da Informação pela UFMG e docente de Biblioteconomia na UNIRIO.

Teixeira e Souza (2020) discutem o uso de figuras de linguagens do domínio da lesbiandade no acervo fotográfico do *Lesbian Herstory Archives* (LHA) para

realizar uma proposta de taxonomia. O *Lesbian Herstory Archives* é “uma fundação americana, criada na década de 1970, em Nova York, detentora do maior acervo do mundo sobre a comunidade lésbica, e, portanto, também tem como público-alvo tal comunidade” (TEIXEIRA, SOUSA, 2020, p. 2).

Este centro de informação foi fundado quando um grupo de mulheres envolvidas na *Gay Academic Union* percebeu que a história das lésbicas estava desaparecendo tão rapidamente quanto estava sendo feita, sua missão é “reunir e preservar registros das vidas e atividades das lésbicas para que as gerações futuras tenham acesso imediato a materiais relevantes para suas vidas” (LESBIAN HERSTORY ARCHIVES, c2023).

Teixeira e Sousa (2020) falam das figuras de linguagem como afirmação da uma identidade lesbiana e exemplificam com uma fala de uma personagem: “Eu sou sapatão, eu sou sargento, fanchona, lésbica...” - trecho de filme *A Partilha*, de 2001, dirigido por Daniel Filho¹⁹⁰. De acordo com as autoras, a fala é de Laura, personagem interpretada pela atriz Paloma Duarte, que usa metáforas para se denominar lésbica ao revelar sua orientação sexual às irmãs; esta cena, demonstra como o universo semântico da lesbianidade se vale de metáforas para se autoneoear.

O objetivo deste trabalho de Teixeira e Sousa (2020) é explorar os termos metafóricos empregados na representação temática (assunto) em uma amostra de fotografias do *Lesbian Herstory Archives*, no intuito de organizá-los semanticamente para o ambiente *web*. Os termos do *corpus* desta pesquisa fazem parte da lista de assuntos do acervo fotográfico do LHA, denominada pela instituição de *Subject-Topics* que compõem a estrutura de metadados descritivos das fotografias, caracterizando-se como um campo que recebe o termo ou frase que melhor represente o assunto/tema abordado no documento, pode ser entendido como o assunto principal do documento.

A coleta de dados foi realizada no catálogo do LHA, a partir dos *Subject-Topics* que estavam estruturados, até o momento da conclusão do levantamento das autoras (abril/2020), em 100 termos organizados por número de ocorrência. O termo *writer* (escritora) é o primeiro da lista, com 88 fotografias disponíveis sobre este assunto, *feminism* (feminismo), ocupa a oitava posição na

¹⁹⁰ A PARTILHA. Direção de Daniel Filho. Produção de Valéria Costa Amorim. Brasil: Columbia TrisTar, 2001. 1 DVD.

lista, em 23 fotografias. Destes 100 termos, a autoras identificaram a ocorrência de 4 figuras de linguagem, são elas:

- *Butch/femme* (ativa/passiva),
- *Dyke* (lésbica; sapatão),
- *Leather* (couro)
- *Passing Woman* (pessoa do sexo masculino que se identifica como mulher transgênero ou andrógina).

Para a análise destes dados, as autoras categorizaram as figuras de linguagem no metafiltro proposto por Orrico (2001¹⁹¹). Este metafiltro se baseia nas teorias de Ranganathan e sua classificação multifacetada, “[...] a qual objetiva a estruturação do conhecimento, através da organização dos conceitos e das relações entre eles, permitindo o mapeamento de uma área de assunto e a inclusão de novos conceitos.” (PINHO, 2014¹⁹² *apud* TEIXEIRA, SOUZA, 2020). A aplicação deste metafiltro é propícia nesta pesquisa, segundo as autoras, pois é explorado o universo léxico de uma comunidade discursiva específica, selecionando termos metafóricos e eufêmicos que a represente, os validando e os organizando conceitualmente para construir uma taxonomia para recuperação da informação na *web*. Para a modelagem da estrutura taxonômica as autoras utilizaram a ferramenta *on-line Mindomo*¹⁹³ onde é possível elaborar mapas mentais.

Teixeira e Sousa (2020) identificaram inconsistências entre os termos empregados na representação das fotografias, ou seja, nos *Subject-Topics*. De acordo com as autoras, a ausência de padronização terminológica gera ruídos na recuperação da informação, denotando a necessidade de seleção e padronização dos termos levando em consideração não só o aperfeiçoamento deste instrumento para o acesso à informação, mas também a representação da comunidade lesbiana.

O principal resultado de Teixeira e Sousa (2020) foi, a partir das figuras de linguagem selecionadas - *Butch/femme* (ativa/passiva), *Dyke* (lésbica; sapatão), *Leather* (couro) e *Passing Woman* (andrógina), submetidas ao teste do metafiltro, deram origem às categorias da proposta de taxonomia. A categorização dos termos

¹⁹¹ ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. **Binômio linguística - ciência da informação**: abordagem teórica para elaboração de metafiltro de recuperação da informação. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia / Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001b. Disponível em: <https://is.gd/oNM6n9>. Acesso em: 04 dez. 2022.

¹⁹² PINHO, Fábio Assis. Metafiltro para controle terminológico de metáforas no domínio da homossexualidade masculina. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 41 n. 1, p.120-133, jan./abr., 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1422>. Acesso em: 04 dez. 2022.

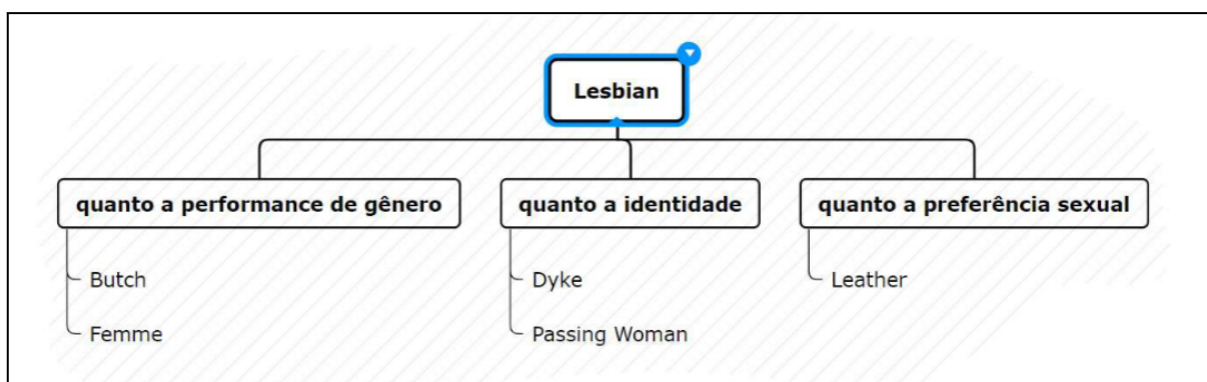
¹⁹³ Disponível em: <https://www.mindomo.com/pt/>

evidenciou três características que dão origem aos renques da proposta de taxonomia, são elas:

- Performance de gênero,
- Identidade
- Preferência sexual

Estas três características são abrangidas pelo termo geral escolhido para representar o domínio: *Lesbian* (Lésbica). As propostas de taxonomia de figuras de linguagem foram representadas na figura 13 a seguir:

Figura 13 - Proposta de taxonomia de figuras de linguagem *Lesbian Herstory Archives*



Fonte: Teixeira e Sousa (2020).

A principal contribuição de Teixeira e Sousa (2020) é o uso de ferramentas de representação temática para visibilizar memórias lésbicas e a discussão do uso de metáfora na representação do conhecimento. A proposta de pesquisas futuras das autoras é que a investigação das terminologias no domínio da lesbiandade poderiam se estender ao recorte brasileiro, que possui pluralidade nas vivências de mulheres lésbicas sendo considerado pelas autoras, um ambiente fértil para explorações mais profundas pela Organização do Conhecimento na perspectiva da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Como contribuição para esta tese, esse artigo é essencial pois parte da análise da organização do conhecimento de um acervo surgido no seio do movimento de libertação das mulheres.

Sousa e Tolentino (2017) - Aspectos machistas na organização do conhecimento: a representação da mulher em instrumentos documentários

Brisa Pozzi De Sousa já foi apresentada e Vinicius de Souza Tolentino é mestre e doutor pela UFMG e docente na Escola de Biblioteconomia da UNIRIO.

Sousa e Tolentino (2017) analisam a representação com foco na mulher, em três diferentes instrumentos: o Tesouro para Estudos de Gênero e Sobre Mulheres (TEG), o Tesouro Jurídico do Superior Tribunal de Justiça (TJ STJ) e o *Anglo American Cataloguing Rules*, 2ª edição (AACR2r).

No **Tesouro para Estudo de Gênero e sobre Mulheres (TEG)**, a análise centrou-se em 4 descritores: *cidadania, cidadania das mulheres, direitos das mulheres e participação política*. Estes descritores não outorgam, de acordo com os autores, o direito de a mulher ocupar cargos políticos. Na análise do **Tesouro Jurídico do Superior Tribunal de Justiça (TJSTJ)**, os autores buscam por *mulher*, e constata a limitação de representação para este descritor, ao total foram encontrados 6 termos principais: *delegacia da mulher, mulher, mulher casada, mulher honesta, mulher virgem e proteção do mercado de trabalho da mulher*. A análise dos autores não é sobre os 6 descritores e sim no descritor *mulher* em relação ao Termo Relacionado (TR) *homem*. Ao selecionar o TR *homem* os descritores que resultam são: *Declaração Universal dos Direitos do Homem e homem*. Os autores observam que o TR *direitos humanitários e direitos humanos* estão vinculados apenas ao TR *homem*, porém, deveriam estar atrelados ao descritor *mulher*, o que, de acordo com os autores, singulariza a complexidade histórica que envolve os direitos das mulheres em direitos universais do homem ou da humanidade, apagando a mulher e reverberando a condição de subalternação em relação ao homem. Em uma pesquisa feita no **AACR2r** foi possível recuperar 12 ocorrências vinculadas à mulher. As ocorrências no AACR2r quando direcionadas ao termo mulher (es) fazem destaque a forma de tratamento para as que são casadas e para construção de pontos de acesso de mulheres que mudaram de nome também a partir do matrimônio e que adotaram o sobrenome do marido (SOUSA; TOLENTINO, 2017).

Para Sousa e Tolentino (2017), os Sistemas de Organização do Conhecimento analisados reforçam o sentido de superioridade do homem sobre a mulher e a afirmação do papel feminino único enquanto esposa, dona de casa e mãe, além de apagar as mulheres com uso do masculino como genérico. As

mulheres são dominadas coletiva e individualmente pelo masculino, conforme foi possível constatar no recorte do Tesouro para Estudos de Gênero e Sobre Mulheres (TEG), no Tesouro Jurídico do Superior Tribunal de Justiça (TJ STJ) e no *Anglo American Cataloguing Rules*, 2ª edição (AACR2r). Os autores concluem que as agendas de pesquisa no escopo da Organização do Conhecimento devem incluir mulher e machismo em suas discussões, possibilitando inclusive uma abordagem participativa entre sociedade e academia, para fundamentar novas perspectivas que rompam com categorias predominantes e discriminatórias.

Souza e Saldanha (2017) - Dossiê organização do conhecimento & gênero - Apresentação: dos colóquios de organização do conhecimento ao dossiê organização do conhecimento & gênero

Rosali Fernandez de Souza e Gustavo Silva Saldanha são pesquisadores titulares do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT. Eles escreveram a apresentação do Dossiê *Organização do conhecimento & Gênero: dimensões epistemológica, aplicada e sociocultural*. Nesta apresentação, os professores mencionam o aumento da produção de publicações formais e informais da temática das relações sociais de sexo. O dossiê é o resultado de três anos de trabalho de apreensão, discussão e avaliação de teorias e de métodos tecidos nas abordagens da Organização do Conhecimento que colocam em cena as relações conflituosas entre ciência e sociedade, em que as práticas de organização e de representação do conhecimento não estão descoladas da realidade, não sendo, portanto naturais ou neutras, mas sim, “uma máquina de produção e de reprodução de tais tensões que habitam a fronteira nebulosa entre a barbárie e a luta pela justiça social” (SOUZA, SALDANHA, 2017, p. 10).

Esta apresentação foi incluída na revisão integrativa por apresentar uma extensa publicação que discute especificamente as relações sociais de sexo e a área da Organização da Informação e do Conhecimento. É importante mencionar, primeiro, que a revisão integrativa, diferente da revisão sistemática de literatura, aceita a inclusão de artigos apresentados em eventos e outras tipologias de publicações como uma apresentação de um dossiê como este. Depois, é possível observar que os autores afirmam o crescimento da produção sobre o tema nos últimos anos, modificando o cenário afirmado por muitos anos de que é escassa literatura sobre as relações sociais de sexo na área de Ciência da Informação.

Para ilustrar essa afirmação da escassez de literatura, Espírito Santo (2008, 2008a¹⁹⁴ *apud* XAVIER, 2018), faz um levantamento das pesquisas com enfoque nos Estudos de Mulheres realizadas pelas diversas linhas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil e no mundo. A autora apresentou essa pesquisa no IX ENANCIB e publicou o artigo no periódico *Em Questão*, de Porto Alegre, também em 2008, sempre enfatizando que são poucas as pesquisas que abordam o tema. Francisca Rosimere Alves de Lima e Karla Cristina Oliveira Dias apresentam um levantamento das pesquisas sobre mulheres publicadas em periódicos da Ciência da Informação no período de 1972 a 2011 que, de acordo com as autoras, apesar de avanços, principalmente a partir da década de noventa, constatou-se que há poucos estudos sobre a temática (LIMA; DIAS, 2013¹⁹⁵ *apud* XAVIER, 2018).

Almeida, San Segundo Manuel e Martínez Ávila (2021) - Epistemología feminista y organización del conocimiento en el contexto de ISKO Ibérico

Carlos Cândido de Almeida é docente do Departamento de Ciência da Informação da UNESP, Rosa San Segundo Manuel é professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Faculdade de Letras, Comunicação e Documentação da Universidade Carlos III de Madrid (UC3M) e Diretora do Instituto Universitário de Estudos de Gênero da mesma universidade e Daniel Martínez Ávila é Professor Assistente Doutor na UNESP.

Almeida, San Segundo Manuel e Martínez Ávila (2021) mencionam que no campo científico, a luta teórica das mulheres continua viva e é objeto de várias áreas do conhecimento e que a responsabilidade de contribuir com propostas teóricas nesse sentido também recai sobre a Biblioteconomia, a Documentação, a Ciência da Informação e a Organização do Conhecimento. De acordo com os investigadores, as contribuições epistemológicas na organização do conhecimento no âmbito da ISKO Espanha e da Ibéria foram frutíferas nas últimas décadas, porém, afirmam que há uma falta de interesse pela epistemologia feminista entre especialistas no campo da

¹⁹⁴ ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul. /dez. 2008.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9, 2008. São Paulo, *Anais...* São Paulo, USP, 2008a.

¹⁹⁵ LIMA, Francisca Rosimere Alves de; DIAS, Karla Cristina Oliveira. O Levantamento das produções sobre mulheres e relações de gênero nos artigos de periódicos em ciência da informação. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/21302>. Acesso em: 30 out. 2017.

Organização do Conhecimento, apesar do crescente interesse em estudos críticos que visam promover o debate epistemológico dentro da ciência. Os autores argumentam que uma epistemologia feminista poderia combinar explicações críticas na teoria da Organização do Conhecimento e contribuir para o desenvolvimento de uma linha coerente de estudos socioculturais nesse campo.

De acordo com Serret Bravo (2020¹⁹⁶ *apud* ALMEIDA; SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ ÁVILA, 2021), a epistemologia feminista destaca os fracassos e inconsistências da epistemologia tradicional. A autora identifica várias ideias fundamentais que sustentam a teoria feminista do conhecimento, incluindo a noção de que a teoria tradicional falha em capturar a realidade da experiência humana ao ignorar as perspectivas de metade da população, e que a linguagem, os conceitos e as perspectivas invisibilizam a maioria dos seres humanos, particularmente as mulheres. A autora também observa que a ideia do que significa ser humano geralmente está centrada em homens brancos heterossexuais, e que a teoria feminista busca fornecer uma compreensão mais precisa da realidade humana. A autora sugere que uma epistemologia feminista poderia ajudar a abordar a construção da memória por meio do exame de termos, classes e categorias, e contribuir para uma abordagem mais inclusiva e equitativa da organização do conhecimento.

A epistemologia do feminismo e sua relação com a Organização do Conhecimento no contexto da ISKO Ibérico, é o foco de Almeida, San Segundo Manuel e Martínez Ávila (2021), que pretendem entender como o feminismo tem sido pesquisado como uma resposta epistemológica para ajudar a mudar a forma como pensamos sobre os objetos da Organização do Conhecimento. A ISKO Espanha e Ibérico refere-se ao capítulo espanhol e ibérico da Sociedade Internacional para Organização do Conhecimento, que se dedica ao avanço da teoria e prática da Organização do conhecimento. Ao incorporar a epistemologia feminista em seu trabalho, a ISKO Espanha e Ibérico pode contribuir para uma abordagem mais inclusiva e diversificada da organização do conhecimento, afirmam Almeida, San Segundo Manuel e Martínez Ávila (2021).

É realizada, então, uma revisão de todos os anais dos capítulos da ISKO Espanha e Ibéria publicados, que incluíram 14 edições de 1993 a 2019. O objetivo

¹⁹⁶ SERRET BRAVO, Estela. Epistemología feminista. *In*: COBO BEDIA, R.; RANEA TRIVIÑO, B. (eds.). **Breve diccionario de feminismo**. Madrid: Editorial Catarata, 2020. p. 85-87.

da revisão era identificar estudos que abordassem questões feministas. Os investigadores analisaram os títulos de 548 artigos apresentados nas conferências e procuraram palavras-chave como "feminismo", "gênero" e "mulher" em espanhol, inglês e português. Do total de 782 artigos publicados, apenas 7 cumpriram os critérios de inclusão no estudo, o que representa 0,89% dos artigos. Em termos gerais, a metodologia envolveu uma revisão sistemática das atas das conferências para identificar artigos relevantes com base em critérios específicos relacionados com temas feministas (ALMEIDA; SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ ÁVILA, 2021).

Destes sete artigos selecionados pelos autores, dois deles não falam exatamente de gênero do ponto de vista das relações sociais de sexo: Izquierdo Alonso (2003¹⁹⁷) embora indique a expressão análise de gênero no título, o trabalho aborda o estudo do conteúdo documental, em que a análise de gênero é uma ferramenta linguística que relaciona forma e função textual. Aqui temos um exemplo de que a categoria gênero não é adequada, como discutido em 3.6. Hull e Broady-Preston (2005¹⁹⁸), discutiram as influências da classe social e sexo no âmbito de um programa de literacia da informação na Universidade de Teesside e a Universidade do País de Gales (Aberystwyth).

Os trabalhos que abordaram relações sociais de sexo nos eventos da ISKO nos países ibéricos são discutidos por Almeida, San Segundo Manuel e Martínez Ávila (2021) em ordem cronológica: Martín Garcia, Modejar Medina e Santos Sierra (1997¹⁹⁹) abordando a Classificação Decimal Universal (CDU), a perspetiva das relações sociais de sexo e a discriminação de minorias, inauguram as preocupações com o tema propondo uma discussão sobre a rejeição dos esquemas universais de classificação e promovendo o debate sobre a importância da perspectivadas relações sociais de sexo na área. Os autores entendem que a revisão dos sistemas é o primeiro passo para promover uma representação mais justa da realidade.

¹⁹⁷ IZQUIERDO ALONSO, M. El análisis de género como metodología para la organización y representación del conocimiento. *In*: TRAVIESO RODRÍGUEZ, C.; FRÍAS MONTOYA, J. A. (eds.). Congreso ISKO Espanha-Portugal. Tendencias de investigación en organización del conocimiento, 6., 2003. Salamanca. **Actas** [...] Salamanca: Universidad de Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2003. p. 747-754.

¹⁹⁸ HULL, B.; BROADY-PRESTON, J. Social class and gender as predictors of information literacy skills: report of research in progress. *In* GASCÓN, J.; BURGUILLOS MARTÍNEZ, F.; PONS I SERRA, A. Congreso del Capítulo Español de ISKO. La dimensió humana de l'organització del coneixement, 7., 2005. **Actas** [...] Barcelona: Universitat de Barcelona, Facultat de Biblioteconomia i Documentació, 2005. p. 309-325

¹⁹⁹ MARÍN GARCÍA, T.; MONDÉJAR MADINA, A.; SANTOS SERRA, R. CDU: perspectivas de género y discriminación de minorías. *In*: GARCÍA MARCO, F. J. (eds.). Congreso ISKO Espanha-Portugal. Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación, 3., 1997, Madrid. **Actas** [...] Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1997.

Na edição de 2001 da ISKO Ibérico, a CDU novamente é tema de discussão, desta vez por Rodríguez Bravo e Morán Suárez²⁰⁰ que abordam a imagem das mulheres na CDU, assumindo a ideia geral de que as classificações são criações sociais compostas por conceitos com uma intenção de universalidade e neutralidade. Como resultado, concluíram que ainda existe uma dominação androcêntrica que se manifesta na invisibilidade das mulheres através do uso do masculino genérico, apesar de ser comumente justificada pela chamada economia da linguagem. "Percebemos que a presença do feminino nessa classificação é escassa, inadequada e assimétrica em relação ao masculino. As mulheres são raramente mencionadas e, quando o são, estão associadas a poucos domínios da realidade" (RODRÍGUEZ BRAVO; MORÁN SUÁREZ, 2001, p. 3 *apud* ALMEIDA; SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ ÁVILA, 2021).

Na edição de 2003, Hope Olson discutiu a desconstrução na Organização do Conhecimento a partir de uma perspectiva pós-colonial. De acordo com Almeida, San Segundo Manuel e Martínez Ávila (2021), Olson (2003²⁰¹) propõe a desconstrução de Derrida como um método adaptado a duas linhas que considera transgressoras: a feminista e a pós-colonial. Ambas as linhas têm apontado as limitações da Organização do Conhecimento. Em conclusão, Olson (2003, p. 739 *apud* ALMEIDA; SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ ÁVILA, 2021) argumenta que as desconstruções pós-coloniais oferecem a oportunidade de rever as oposições binárias impostas de universalidade-diversidade. Assim, os sistemas CDD, OCLC, CDU, *etc.* devem ser analisados e deve entender-se que "o trabalho mais importante da desconstrução no domínio da organização do conhecimento é revelar a especificidade da nossa *universalidade*" (OLSON, 2003, p. 739 *apud* ALMEIDA; SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ ÁVILA, 2021).

As relações sociais de sexo foi novamente o foco de um artigo na edição de 2011. A neutralidade de gênero na prática da organização do conhecimento foi estudada por Alfaya Lamas (2012²⁰²), que fez uma extensa revisão do trabalho de

²⁰⁰ RODRÍGUEZ BRAVO, B; MORÁN SUÁREZ, M. A. La imagen de la mujer en la Clasificación Decimal Universal (CDU). In: EXTREMEÑO PLACER, A. I. (eds.). Congreso ISKO Espanha-Portugal. La representación y organización del conocimiento: metodologías, modelos y aplicaciones, 5., 2001, Madrid. **Actas** [...] Madrid: Universidad de Alcalá, 2001.

²⁰¹ OLSON, H. Transgressive deconstructions: feminist/postcolonial methodology for research in knowledge organization. In: TRAVIESO RODRÍGUEZ, C.; FRÍAS MONTOYA, J. A. Congreso ISKO Espanha-Portugal. Tendencias de investigación en organización del conocimiento, 6., 2003. Salamanca. **Actas** [...] Salamanca: Universidad de Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2003.

²⁰² ALFAYA LAMAS, Elena. La asunción del género neutro en la teoría y práctica de la organización del conocimiento. In: CONGRESO ISKO-ESPAÑA, 10, 2011, Ferrol. **Actas del** [...]. Ferrol: Universidade da Coruña, Servizo de Publicacións, 2012. p. 249–263.

Hope Olson. Este trabalho já foi discutido aqui e está incluído nos artigos essenciais desta revisão.

Após algumas edições sem trabalhos recuperados segundo os critérios utilizados na pesquisa, em 2019, Fioravanti, Nascimento e Sabbag apresentaram os resultados de uma pesquisa realizada no Brasil sobre o uso de termos de indexação para representar crimes contra a mulher no Estado de São Paulo. Foi constatado que, devido à falta de atenção dada a esses crimes, eles não estavam representados na classificação de feminicídio, que é uma classificação legal recente no Brasil. Com isso, a maioria dos crimes que resultaram na morte de mulheres foi classificada e indexada como homicídio qualificado e não como feminicídio, o que dificulta a visibilidade e a recuperação de informações sobre esses crimes, inclusive para elaboração de políticas públicas. O estudo destaca a importância de rever os sistemas de classificação e os termos existentes, não apenas nas bibliotecas, para aumentar a consciencialização e a visibilidade dos crimes contra as mulheres em geral (FIORAVANTI; NASCIMENTO; SABBAG, 2020²⁰³ *apud* ALMEIDA; SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ ÁVILA, 2021). Este artigo também está incluído nesta revisão, na categoria de relacionados, pois trata da organização do conhecimento com a perspectiva feminista, porém, por ter sido apresentado em congresso, não fornece elementos suficientes para discussão, além de tratar uma amostra específica em seu estudo. No entanto, este estudo, segundo Almeida, San Segundo Manuel e Martínez Ávila (2021) sugere que as questões relacionadas com a prevenção de todos os tipos de violência contra as mulheres podem fazer parte das preocupações de uma epistemologia feminista aplicada ao contexto da organização do conhecimento.

Os autores concluem que são necessárias mais pesquisas sobre o assunto a partir de um ponto de vista mais integrado que não apenas estude empiricamente esquemas, tabelas de classificação e o uso de termos de indexação, mas que também reconheça o assunto como uma discussão mais ampla (ALMEIDA; SAN SEGUNDO MANUEL; MARTÍNEZ ÁVILA, 2021).

²⁰³ FIORAVANTI, D. C. B.; NASCIMENTO, F. A.; SABBAG, D. M. A. A contribuição da organização de conhecimento no procedimento de classificação e indexação e nos processos crime com perspectiva de gênero: interpelações acerca dos feminicídios no Estado de São Paulo – Brasil. *In*: TRAMULLAS, J.; GARRIDO-PICAZO, P.; MARCO-CUENCA, G (eds.). Congresso ISKO Espanha-Portugal. 14., 2019. *Actas* [...] Zaragoza: Capítulo Ibérico, 2020.

Hjørland (2020) - Political Versus Apolitical Epistemologies in Knowledge Organization - Political Versus Apolitical Epistemologies in Knowledge Organization

Birger Hjørland é professor de Organização do Conhecimento na *Royal School of Library and Information Science* em *Copenhagen*. Neste trabalho, ele discute se os sistemas e processos de organização do conhecimento são neutros ou de natureza política e se a neutralidade é um ideal desejável. Também explora os pressupostos e metodologias epistemológicos por trás da construção de tais sistemas e processos, com um exemplo específico de estudos feministas.

De acordo com Hjørland (2020), a epistemologia é um ramo da filosofia que trata do estudo do conhecimento e da crença que não se limita apenas à filosofia, mas também se desenvolve em paralelo com a ciência e outros fenômenos culturais. Cientistas como Albert Einstein, Niels Bohr e Thomas Kuhn contribuíram para a epistemologia no século XX, junto com o movimento feminista. A qualidade de um Sistema de Organização do Conhecimento depende de como ele foi construído e precisa incluir argumentos epistemológicos. A epistemologia e as discussões epistemológicas não devem se limitar aos periódicos de filosofia, mas devem ser incluídas em nossos próprios discursos. Questões relacionadas à epistemologia e neutralidade são importantes na Organização do Conhecimento em dois níveis, segundo Hjørland (2020):

- Nível 1: As reivindicações de conhecimento, conceitos e documentos a serem classificados/organizados foram produzidos por pessoas influenciadas por certas visões, como uma visão positivista de que os dados falam por si mesmos ou uma posição explícita, como a epistemologia do ponto de vista.
- Nível 2: Quando os documentos são classificados, a classificação pode ser baseada em uma suposição positivista de que a classificação é neutra ou não neutra, independentemente de ser baseada em computador ou em humanos.

As posições epistemológicas básicas discutidas em Hjørland (2020) são empirismo, racionalismo, historicismo e pragmatismo. O empirismo enfatiza a importância das observações, enquanto o racionalismo enfatiza o papel do pensamento racional. Hjørland (2020) apresenta brevemente cada uma dessas posições: empirismo, racionalismo, empirismo e racionalismo combinados,

historicismo com hermenêutica, pragmatismo com teoria crítica e construtivismo social. O estudo desdobra a epistemologia feminista, que, de acordo com o autor, é uma versão especial do pragmatismo.

Empirismo de acordo com Hjørland (2020), é uma escola de pensamento que concorda com a crença de que todo conhecimento é derivado da experiência sensorial, sua metodologia enfatiza a importância de observar e relatar observações. Essa abordagem é considerada não política e afirma que a observação é essencial para compreender qualquer fenômeno no mundo. A especulação, por outro lado, é considerada insuficiente para fornecer informações adequadas sobre o mundo. Apesar de seus méritos, o empirismo não é isento de falhas: em primeiro lugar, as observações são inerentemente singulares. Em segundo lugar, para cumprir os princípios do empirismo, a seleção e descrição das observações devem ser feitas teórica e apoliticamente. No entanto, isso é visto como impossível do ponto de vista de outras escolas de pensamento, como o pragmatismo. Os procedimentos estatísticos numéricos, baseados na filosofia empirista, são fundamentais na organização do conhecimento. A taxonomia numérica, por exemplo, pode ser percebida como baseada no empirismo radical (HJØRLAND, 2020).

O racionalismo é uma metodologia epistemológica que presume que todo conhecimento é derivado dos princípios fundamentais da razão, como lógica e matemática, e é desprovido de influências históricas e políticas. Sobre o racionalismo, de acordo com Hjørland (2020), vários epistemólogos consideram o racionalismo uma posição extinta, indicando que não é mais uma abordagem amplamente aceita do conhecimento. No entanto, o racionalismo alcançou importância durante a revolução cognitiva do século XX, que foi desencadeada pela teoria da computação e da informação. Várias metodologias de classificação e Organização do Conhecimento são categorizadas como racionalistas, pois não dependem de dados empíricos, análises históricas ou análises pragmáticas, duas abordagens predominantes baseadas principalmente no racionalismo são a divisão lógica e a análise de facetas. A técnica fundamental da análise de assuntos nas teorias racionalistas é a “analítico-sintética”, que envolve a identificação de um conjunto de categorias básicas por meio da análise e, em seguida, a construção do assunto de qualquer documento combinando essas categorias de acordo com algumas regras por meio de síntese. A visão racionalista da análise de assuntos engloba a aplicação de regras como a divisão lógica (HJØRLAND, 2020).

O empirismo e racionalismo combinados, de acordo com Hjørland (2020), resultam no positivismo, sendo que o empirismo afirma que o conhecimento provém de experiências sensoriais e o racionalismo postula que o conhecimento surge da razão e da intuição. Essa mistura de empirismo e racionalismo é considerada um ideal apolítico, pois adere às normas objetivistas. No entanto, o positivismo não é considerado uma postura política por si só. O empirismo e o racionalismo continuam sendo as epistemologias dominantes em vários domínios do conhecimento, com alguns estudiosos os vendo como as únicas opções possíveis. No entanto, o historicismo, que surgiu durante o Iluminismo, desafiou os pressupostos do empirismo e do racionalismo (HJØRLAND, 2020).

No contexto da Organização do Conhecimento, Desale e Kumbhar (2017²⁰⁴ *apud* HJØRLAND, 2020) criaram uma metodologia que emprega a teoria analítica facetada, que funde empirismo e racionalismo, para classificar a física. No entanto, essa metodologia carece de uma perspectiva hermenêutica e pragmática, pois não leva em conta as estruturas conceituais do domínio da física. A metodologia proposta presume que o conhecimento em Biblioteconomia e Organização do Conhecimento é suficiente para classificar qualquer domínio, o que implica uma neutralidade que pode ser imprecisa (HJØRLAND, 2020).

Sobre o historicismo com hermenêutica, segundo Hjørland (2020) o historicismo é uma abordagem filosófica que surgiu após o período do Iluminismo e representou um desafio tanto para o empirismo quanto para o racionalismo. Enquanto os racionalistas acreditavam em princípios eternos de razão e beleza, o historicismo argumentava que essas categorias só foram desenvolvidas historicamente. Da mesma forma, o ponto de vista empirista do observador individual universal foi transformado em uma perspectiva do observador como culturalmente formado e de observações carregadas de teoria. De acordo com Hjørland (2020) o livro de Kuhn (1962²⁰⁵) *A Estrutura das Revoluções Científicas* teve um impacto significativo na posição historicista e na filosofia da ciência no qual ele diz que a ciência não é determinada apenas por dados lógicos e observacionais ou pelo método científico como um conjunto de regras estritas, novos problemas são identificados à luz dos resolvidos, e novas soluções são consideradas legítimas de forma semelhante. A revolução kuhniana na filosofia da ciência levou ao surgimento

²⁰⁴ DESALE, Sanjay; KUMBHAR, Rajendra. **Methodology to Develop Depth Classification Scheme for Physics**. Saarbrücken: LAP Lambert Academic Publishing, 2017.

²⁰⁵ KUHN, Thomas S. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

da epistemologia social, que considera o conhecimento desenvolvido a partir de uma perspectiva social e cultural. A contribuição de Kuhn para a filosofia da ciência foi interpretada como uma visão hermenêutica da ciência, enfatizando a importância de compreender o contexto histórico e cultural no qual o conhecimento é desenvolvido (HJØRLAND, 2020).

As teorias hermenêuticas da indexação em relação à Organização do Conhecimento, de acordo com Hjørland (2020), propõem que a indexação deve refletir as necessidades de um discurso ou domínio específico. A hermenêutica argumenta que um documento é sempre escrito e interpretado a partir de um horizonte específico, o que afeta o processo de indexação, assim, a relevância de um documento é subjetiva e depende do contexto da pesquisa o que traz implicações para os Sistemas de Organização do Conhecimento, que devem considerar diferentes horizontes e possíveis conflitos. Esses fatores devem ser considerados no projeto e no uso de Sistemas de Organização do Conhecimento (HJØRLAND, 2020).

A combinação de pragmatismo e teoria crítica acredita que o conhecimento é sociocultural. Ao contrário de outras epistemologias, essa abordagem prioriza objetivos, valores, ética, consequências e interesses. Esta família contém várias teorias, incluindo o pragmatismo americano clássico, o neopragmatismo, a epistemologia feminista, a filosofia marxista e a teoria crítica. O grupo pragmático/crítico acredita que o empirismo, o racionalismo e a neutralidade do positivismo são falsos e que a pesquisa tem implicações políticas, argumentando que a neutralidade se baseia em premissas erradas e leva a conclusões incorretas. A teoria pragmática/crítica valoriza as condições sociais na criação de conhecimento. Enquanto alguns desse grupo veem as ciências naturais como neutras, outros acreditam que elas são motivadas por interesses ou políticas, um conceito presente no construtivismo social (HJØRLAND, 2020).

O construtivismo social, afirma Hjørland (2020) propõe que o conhecimento e a realidade são socialmente construídos, não objetivos ou independentes. Nas ciências naturais, desafia a visão tradicional da ciência e argumenta que fatores sociais e políticos moldam o conhecimento científico. Hacking (1999²⁰⁶ *apud* HJØRLAND, 2020) identifica três princípios do construtivismo social: X não precisava ter existido, X geralmente é problemático e X pode ser alterado por meio

²⁰⁶ HACKING, Ian. **The Social Construction of What?** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

de ação social. O construtivismo social visa desafiar as estruturas de poder dominantes e capacitar grupos marginalizados. No entanto, nem todos os construtivistas sociais compartilham as mesmas visões políticas. Os críticos argumentam que o construtivismo social mina a objetividade e leva ao relativismo, enquanto os proponentes argumentam que ele fornece uma compreensão contextualizada e desafia preconceitos e injustiças (HJØRLAND, 2020).

As alternativas ao construtivismo social, aponta Hjørland (2020), incluem pragmatismo, teoria crítica, epistemologia feminista, epistemologia de pontos de vista e epistemologia social. A epistemologia feminista defende uma “forte objetividade” que considera o viés do pesquisador e as experiências de vida, em contraste com a “objetividade fraca” da suposta pesquisa de valor neutro.

De acordo com Hjørland (2020), as teorias pragmáticas e críticas da indexação se alinham com a perspectiva historicista de que os sujeitos são relativos a discursos específicos. Estas teorias também ressaltam que a indexação não pode ser neutra, e tentar indexar de forma neutra é impossível. Hjørland esclarece que a indexação é um ato, e a indexação baseada em computador é um reflexo das intenções do programador. Essas ações atendem aos objetivos humanos, e as bibliotecas, os serviços de informação e as classificações também atendem aos objetivos humanos. Portanto, sua indexação deve ser realizada de forma alinhada a esses objetivos. Hjørland (2020) aborda a noção de que a teoria feminista poderia ser empregada para demonstrar como a suposta neutralidade da pesquisa pode representar visões subjetivas disfarçadas de ciência objetiva, implicando que mesmo pesquisas que parecem neutras podem conter preconceitos subjacentes e visões subjetivas que precisam ser consideradas na Organização do Conhecimento.

As mulheres tiveram que lutar por seus direitos, incluindo votar, concorrer a cargos públicos e conseguir educação e empregos. No passado, os campos acadêmicos davam suporte aos privilégios dos homens, as acadêmicas feministas contestaram essas teorias, mas não foram consideradas científicas o suficiente. Assim, as mulheres desenvolveram suas próprias posições epistemológicas, como “epistemologia do ponto de vista”. Bibliotecas, Sistemas de Informação e Sistemas de Organização do Conhecimento tendem a reforçar ideologias e epistemologias dominantes, tornando-os um campo para batalhas feministas (HJØRLAND, 2020).

Hjørland (2020) examina algumas questões epistemológicas nas áreas: história, psicologia, organização do conhecimento e a própria epistemologia a partir de uma perspectiva feminista.

O desenvolvimento da história como ciência nos EUA, de acordo com Hjørland (2020) se fundamenta na ideia de objetividade, com historiadores se esforçando para coletar e organizar os fatos de maneira neutra e empírica. Esta abordagem permitiu um progresso constante e uma grande síntese da história, com a personalidade e a subjetividade do pesquisador sendo desconsideradas. No entanto, desafios posteriores a essa abordagem universalista, particularmente de historiadoras feministas e negras, destacaram as limitações dessa visão.

O desenvolvimento da História e seu impacto, principalmente para as mulheres, já foi discutido na subseção 3.11.

Na psicologia, área que estuda a mente e o comportamento humanos, Hjørland (2020) aponta que os testes de inteligência são controversos. O investigador menciona o artigo de Nyborg (2005²⁰⁷) que conclui que os homens têm uma vantagem na inteligência geral, o que leva pesquisadoras feministas à discordar: o estudo de Flynn e Rossi-Case (2011²⁰⁸ *apud* HJØRLAND, 2020) encontrou igualdade na inteligência entre os sexos e afirmam que pesquisas psicológicas que descobriram disparidades entre os sexos são baseadas em amostras suspeitas.

Hjørland (2020), sobre o processo de organização da informação, conhecido como Organização do Conhecimento (OC), afirma que este é sistemático e estruturado. O pesquisador menciona Olson e Fox (2012²⁰⁹), duas acadêmicas feministas no campo da Organização do Conhecimento que dizem que as bibliotecas têm a capacidade de moldar a cultura das comunidades que atendem por meio do desenvolvimento, catalogação e programação de coleções, para elas, é essencial reconhecer ideologias que refletem uma voz masculina que reforça o *mainstream* e evitar considerá-las como representando a norma, segundo as pesquisadoras, a agenda da biblioteca é revelada por meio de julgamentos de valor que envolvem ferramentas de biblioteconomia, como listas de seleção, compra de

²⁰⁷ NYBORG, Helmuth. Sex-related Differences in General Intelligence g, Brain Size, and Social Status. **Personality and Individual Differences**, v. 39, n. 3, p. 497-509, 2005.

²⁰⁸ FLYNN, James R.; ROSSI-CASE, Lilia. Modern Women Match Men on Raven's Progressive Matrices. **Personality and Individual Differences**, v. 50, p. 799-803, 2011. doi:10.1016/j.paid.2010.12.035

²⁰⁹ FOX, Melodie J; OLSON, Hope A. Feminist epistemologies and knowledge organization. In: HUR-LI, L.; SMIRAGLIA, R. (Org.). **Cultural frames of knowledge**. Wurzburg: Ergon Verlag, p. 79-98, 2012.

obras, organização, exposição e descarte de coleções. A ideologia é moldada pelo trabalho de catalogadores, desenvolvedores de padrões e catálogos bibliográficos que nomeiam tópicos e os colocam em uma hierarquia, afirmando valor e adicionando bagagem conotativa. Consequentemente, de acordo com as pesquisadoras, a Organização do Conhecimento não é neutra, mas de natureza política, e é imperativo considerar os interesses que um SOC, algoritmo ou sistema de informação específico serve nos estudos da informação e na Organização do Conhecimento.

O estudo de Samuelsen (2008²¹⁰²¹¹ *apud* HJØRLAND, 2020) examina a organização da pesquisa feminista em catálogos bibliográficos suecos e analisa dois sistemas universais de organização do conhecimento e um sistema disciplinar específico sobre mulheres para determinar sua capacidade de articular perspectivas feministas. O estudo constata que os sistemas universais marginalizam as perspectivas feministas e privilegiam o conhecimento disciplinar. O sistema de assuntos específicos é inadequado para lidar com a pesquisa feminista. A autora conclui que as premissas e diretrizes para a prática da organização do conhecimento também são pouco desenvolvidas ou não estão bem definidas. A organização bem-sucedida do conhecimento feminista precisa, em vez disso, basear-se em uma compreensão do conhecimento e da organização do conhecimento como contextualmente moldados (e moldando). A literatura feminista é, antes de tudo, a expressão do discurso feminista como tema, perspectiva e parte da tradição feminista - uma observação que precisa ser refletida na Organização do Conhecimento.

É demonstrado que também o campo da Organização do Conhecimento foi dominado por pressupostos epistemológicos que alegaram neutralidade, mas que podem ter fornecido sistemas e serviços que contrariam, entre outros interesses, a luta das mulheres por libertação. Os pontos criticados não se referem apenas ao conhecimento sobre as mulheres, mas são relevantes como base geral da Organização do Conhecimento (HJØRLAND, 2020).

A epistemologia feminista desafia as epistemologias tradicionais ao contextualizar o conhecimento e enfatizar a agência epistêmica socialmente

²¹⁰ SAMUELSEN, Jenny. *På väg från ingenstans. Kritik och emancipation av kunskapsorganisation för feministisk forskning*. PhD diss., Umeå University, 2008.

²¹¹ FLYNN, James R.; ROSSI-CASE, Lilia. Modern Women Match Men on Raven's Progressive Matrices. *Personality and Individual Differences*, v. 50, p. 799-803, 2011. doi:10.1016/j.paid.2010.12.035.

responsável. Existem três correntes principais da epistemologia feminista: empirismo feminista, teoria do ponto de vista feminista e pós-estruturalismo feminista. Acadêmicas feministas da informação usam técnicas como epistemologia de pontos de vista para enriquecer o gerenciamento e a pesquisa da informação. Estratégias para nomear informações de forma a permitir espaço para a voz do outro em sistemas de informação devem ser contextualizadas localmente (HJØRLAND, 2020),

Em conclusão, Hjørland (2020) afirma que o objetivo da Organização do Conhecimento não é a neutralidade, mas sim ser útil para metas e atividades específicas. Classificar um domínio exige tomar partido em disputas teóricas dentro do campo. A construção de um Sistema de Organização do Conhecimento requer a avaliação de argumentos de ambos os lados e envolve atividades acadêmicas. Nossas metodologias devem ser reflexivas e rejeitar epistemologias que ignoram questões éticas, políticas e ideológicas na pesquisa.

Perpinyà-Morera (2020) - El legado documental desde la perspectiva de género: Igualdad, diversidad e inclusión

Remei Perpinyà-Morera é professora em *Universitat Autònoma de Barcelona*, sua investigação se concentra na área do arquivo e da gestão documental. Seus trabalhos são sobre acesso e recuperação de informações de arquivos e arquivos e relações sociais de sexo.

Perpinyà-Morera (2020) discute o legado de documentos a partir de uma perspectiva das relações sociais de sexo, enfatizando igualdade, diversidade e inclusão, destacando a necessidade de eliminar preconceitos em arquivos e bibliotecas e promover uma representação mais plural e justa da memória da sociedade. De acordo com a investigadora, a noção convencional de arquivos e bibliotecas como refúgios neutros e objetivos da realidade está sendo desafiada devido à ausência de representação do trabalho e das contribuições das mulheres. Incorporar uma perspectiva das relações sociais de sexo em organizações culturais pode ajudar a combater esse preconceito e promover igualdade, diversidade e inclusão. Neste sentido, grupos feministas buscaram abordagens alternativas para manifestar sua presença em meio ao vazio documentado, e esforços estão em andamento para corrigir essa situação (PERPINYÀ-MORERA, 2020).

Perpinyà-Morera (2020) questiona o porquê as mulheres estarem ausentes dos registros arquivísticos, afirmando que os arquivos não são neutros e foram

moldados pela memória hegemônica, uma razão disto é que estes registros são produtos de uma sociedade patriarcal em que uma hierarquia entre os sexos resulta na ausência ou invisibilização das mulheres em áreas como história, ciência e cultura. Essa ausência é aceita como natural devido ao ponto de vista androcêntrico, que transforma o masculino com padrão, neutro e único. A suposta falta de pesquisas das relações sociais de sexo em registros arquivísticos se deve a dados parciais e a nenhum estudo global que contabilize a presença ou não de mulheres nos registros. Uma outra explicação para o ocultamento das mulheres no arquivamento é explicada pela “arquivilização”, que é a decisão consciente ou inconsciente de arquivar algo valioso, influenciada por fatores sociais e culturais. Esse conceito se aplica a arquivos, bibliotecas e museus e explica por que certos legados são preservados em detrimento de outros. Os arquivos refletem as instituições que tinham os recursos para preservar a documentação, e até mesmo as leis de propriedade atribuem a responsabilidade de preservar as informações públicas aos arquivos e bibliotecas. No entanto, arquivos e bibliotecas são um reflexo da sociedade e da época que os constitui, resultando na atual ausência de coleções sobre mulheres e comunidades marginalizadas, devido à desvalorização histórica de suas contribuições e experiências (PERPINYÀ-MORERA, 2020).

Como amplamente discutido na subseção 3.15 sobre bibliotecas e centros de informação sobre mulheres e por Xavier (2018) e Xavier e Kobashi (2017; 2018), Perpinyà-Morera (2020) tras à tona a ação do movimento feminista de criar centros para preservar sua documentação e lutar contra o esquecimento, estes centros são híbridos de ativismo, pesquisa, documentação e arquivos. Em conclusão, Perpinyà-Morera (2020) sugere trabalhos futuros que poderiam ser realizados para promover a igualdade e diversidade de sexo na gestão da memória coletiva. Isso inclui:

- Iniciativas legislativas para eliminar preconceitos em arquivos e bibliotecas e promover igualdade e diversidade em termos de sexo, raça, etnia e orientação sexual.
- A criação de um observatório para coletar indicadores de desigualdade.
- A incorporação do gerenciamento de documentos e da memória preservada como elementos de análise nos planos de igualdade promovidos pelas administrações.

- O desenvolvimento de planos de igualdade por arquivos e bibliotecas para contribuir para uma memória mais plural e justa da sociedade.
- Repensar os valores do que é “arquivável” em termos de igualdade, diversidade e inclusão.
- Mudar as políticas de admissão de documentos em arquivos, bibliotecas e museus para incorporar o legado de grupos oprimidos e marginalizados.
- Incorporar uma perspectiva feminista e uma perspectiva consubstancial de sexo no trabalho profissional como uma ferramenta analítica para compreender, visualizar e abordar as desigualdades entre homens e mulheres, cruzando-as com outros eixos de desigualdade, como raça, etnia ou classe social (PERPINYÀ-MORERA, 2020)

Fox (2016) - "Priorities of Arrangement" or a "Hierarchy of Oppressions?": Perspectives on Intersectionality in Knowledge Organization.

Melodie J. Fox é professora de Organização do Conhecimento na *Milwaukee School of Engineering*. Seus interesses de pesquisa incluem epistemologia e ontologia relacionadas à organização do conhecimento, classificação e relações sociais sexo e abordagens críticas à Organização do Conhecimento.

Fox (2016) inicia seu texto com a seguinte citação: *“For the master’s tools will never dismantle the master’s house. They may temporarily allow us to beat him at his own game, but they will never enable us to bring about genuine change”*. (Pois as ferramentas do mestre nunca desmantelarão a casa do mestre. Elas podem nos permitir, temporariamente, vencê-lo em seu próprio jogo, mas nunca nos permitirão promover uma mudança genuína) (LORDE, 1984, p. 112²¹² *apud* FOX, 2016, p. 373).

De acordo com a investigadora, na Organização do Conhecimento, Hope Olson não só foi fundamental para identificar as vigas e os pilares que compõem a casa do mestre, como também aplicou um conjunto diferente de ferramentas analíticas - humanísticas, linguísticas e filosóficas - para mostrar que, ao sequestrar e subverter as ferramentas do mestre, podemos “renovar a casa do mestre para abrir espaço para as vozes de outros excluídos” (OLSON, 2001a, p. 660). O trabalho de Olson ajudou a ver o cenário da Organização do Conhecimento de forma diferente, identificando as barreiras sistêmicas incorporadas em nossos sistemas:

²¹² LORDE, Audre. *The Master’s Tools Will Never Dismantle the Master’s House*. In: LORDE, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*, 110-114. Berkeley, CA: Crossing Press, 1984, p. 110-114.

nosso pensamento ocidental, aristotélico e hierárquico (OLSON, 1999; 2007); a linguagem sexista e o etnocentrismo (OLSON, 1998, 1999); a bagagem cultural que acompanha os conceitos (OLSON, 2001c, 2004); nossas metáforas masculinas (OLSON, 2001b, 2004); as regras estruturais que levam a becos sem saída e guetos de tópicos (OLSON, SCHLEGL, 2001; OLSON 2001b), tudo a serviço de aumentar o acesso às vozes marginalizadas e, ao mesmo tempo, tentar minimizar a opressão conceitual e estrutural. Sem o trabalho de Olson, afirma Fox (2016), muitos casos de opressão teriam passado despercebidos, incorporados em normas, hábitos e símbolos inquestionáveis, nas suposições subjacentes às regras institucionais e nas consequências coletivas de seguir essas regras.

O trabalho de Olson demonstra claramente o valor da investigação filosófica e ética na pesquisa da área de biblioteconomia e Ciência da Informação, trazendo não apenas o estudo da epistemologia para a Organização do Conhecimento (OLSON, 1996), mas também a noção de diferentes formas de pensar a partir de perspectivas humanísticas e feministas. Sua preocupação, de acordo com Fox (2016) não é apenas o "o quê" do que aflige os Sistemas de Organização do Conhecimento, mas também o "como"

Olson (1997, p. 234) reconhece que "as classificações são criadas pelos discursos mais poderosos da sociedade" e que esses métodos "descobrem os processos pelos quais os discursos poderosos e privilegiados moldam as informações". É nesses processos que, segundo Fox (2016), Olson adota posturas criativas e éticas para incentivar novas formas de pensar e abordar essas barreiras sistêmicas a fim de levar a mudanças substanciais. O trabalho de Olson sempre foi ressaltado pela questão de saber se queremos uma classificação útil ou uma classificação precisa, com o reconhecimento de que nenhuma delas é uma classificação perfeita, e o melhor que podemos buscar, em última análise, será uma combinação das duas, que exigirá manutenção constante nos níveis sistêmico e local.

Esta questão de Olson se relaciona com a pergunta de livre docência de Nair Kobashi (2006): classificar para quem?

Olson menciona Trinh Min-ha (1989, p. 94²¹³, nossa tradução), "apesar de todas as nossas tentativas desesperadas e eternas de separar, conter e consertar,

²¹³ TRINH, Minh-ha T. *Woman, Native, Other: Writing Postcoloniality and Feminism*. Bloomington, IN: Indiana UP, 1989.

as categorias sempre vazam". Essa citação, de acordo com Fox (2016), exemplifica a instabilidade da realidade e o conseqüente desafio sísifo da Organização do Conhecimento. Olson dedicou sua carreira a lidar com o problema das "categorias vazadas", que se refere ao fato de que as categorias ou classificações usadas para organizar o conhecimento nem sempre são claras e podem se sobrepor ou ser ambíguas. Quando essas categorias com vazamento resultam em *instanciações aberrantes* ou instâncias que não se encaixam perfeitamente em uma categoria, Olson se preocupou com as conseqüências de tentar forçá-las a entrar em um contêiner preexistente. Esse processo de "limpar" essas *instanciações aberrantes* de volta para seus contêineres pode ter conseqüências negativas, como apagar diferenças ou nuances importantes. Em vez de simplesmente tentar encaixar tudo em categorias preexistentes, Olson buscou alternativas que pudessem acomodar melhor a complexidade e a diversidade do conhecimento. Um dos principais obstáculos a esse objetivo foi a presença de *discursos limitantes padrão*, ou formas dominantes de pensar sobre a Organização do Conhecimento que tendem a reforçar conceitos mutuamente exclusivos (FOX, 2016).

Uma preocupação de categorização que Olson abordou na Organização do Conhecimento mencionada por Fox (2016) e que também está presente nos estudos feministas é a interseccionalidade, ou seja, a noção de pertencer a uma ou mais categorias de identidade, especialmente aquelas que resultam em opressão ou marginalização. Embora não a tenha chamado pelo nome, Olson abordou especificamente as manifestações da interseccionalidade na Organização do Conhecimento, o que, devido à linearidade implacável das prateleiras das bibliotecas, resulta em categorias que vazam, se sobrepõem ou desaparecem. A interseccionalidade está relacionada a qualquer complexidade conceitual com a qual a Organização do Conhecimento se debate; no entanto, devido à sensibilidade de classificar grupos humanos, ela tem o potencial não apenas de deturpar, mas também de marginalizá-los.

Fox (2016) descreve algumas maneiras pelas quais os estudiosos dos estudos de identidade tentaram abordar a interseccionalidade e como suas ideias se relacionam com a Organização do Conhecimento e, por fim, conclui com recomendações de ação, extraídas do legado de Olson sobre o compromisso ético com a pesquisa e a prática da organização do conhecimento.

Salvai (2013) - Tratamento da investigação científica sobre os estudos de mulher, gênero e feminismo

María Eugenia Salvai é graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Nacional de Córdoba e responsável pela biblioteca Ing. Jorge Domínguez - Centro Regional do INTI de Córdoba.

Salvai (2013) discute o tratamento da investigação científica sobre os estudos de mulher, relações sociais de sexo e feminismo. Seu objetivo de pesquisa foi analisar a situação da produção científica sobre estudos feministas na Universidade Nacional de Córdoba - UNC. Para a investigadora, conhecer a produção de estudos sobre relações sociais de sexo e mulheres é importante para estabelecer prioridades e políticas, pois sem informação não há visibilidade e sem visibilidade não há prioridades, assim, afirma, é necessário investigar a realidade para propor estratégias para documentar a presença ou ausência de estudos sobre mulheres e feminismo. Especificamente a autora analisa a pesquisa científica realizada na Universidade Nacional de Córdoba na primeira década do século XXI sobre estudos de mulher, relações sociais de sexo e feminismo e identifica as diferentes fontes de produção neste contexto.

Para Salvai (2013) estudar fenômenos com uma perspectiva das relações sociais de sexo envolve questionar estruturas estabelecidas e naturalizadas, levando a uma nova compreensão do assunto analisado, reconhecendo a existência de formas de cultura sexuada. A produção de literatura relacionada a mulheres e feminismo é diversificada e inclui ONGs, agências governamentais, pesquisadores e associações de mulheres. A Universidade de Córdoba tem vários grupos de pesquisa dedicados ao estudo das mulheres, gênero e feminismo.

A metodologia utilizada por Salvai (2013) é descritiva e exploratória. A autora usou termos de pesquisa padronizados relacionados com estudos das mulheres e feminismo retirados do *Tesouro UNESCO* e do *Tesouro de género: lenguaje con equidad*, elaborado pelo *Instituto Nacional de las Mujeres de México*. Com estes termos, foi pesquisado nos catálogos de todas as bibliotecas afiliadas à Universidade Nacional de Córdoba. No quadro 8 a seguir há a comparação dos termos buscados nos dois tesouros:

Quadro 8 - Comparação de descritores Tesouro Unesco e *Tesouro de género: lenguaje con equidad*

Término buscado	Tesouro UNESCO	Tesouro de género
GÉNERO	Género humano (Use Especie humana*) *Se eliminó de la búsqueda posterior por su amplitud	Género* *Se eliminó de la búsqueda posterior por su amplitud
ESTUDIOS DE GÉNERO	Sin repuesta	Estudios de género
TEORÍA DE GÉNERO	Sin respuesta	Teorías de género
PERSPECTIVA DE GÉNERO	Sin respuesta	Perspectiva de género
FEMINISMO	Feminismo (Use Movimiento de liberación femenina)	Feminismo
ESTUDIOS DE LA MUJER	Sin respuesta	Estudios de la mujer
MUJER	Mujer	Sin respuesta
MUJERES	Sin respuesta	Mujeres
DISCRIMINACIÓN DE GÉNERO	Sin respuesta	Discriminación de género
DISCRIMINACIÓN SEXUAL	Discriminación sexual	Discriminación sexual
VIOLENCIA DE GÉNERO	Sin respuesta	Violencia de género
VIOLENCIA CONYUGAL	Violencia conyugal (Use Violencia doméstica)	Sin respuesta
VIOLENCIA FAMILIAR	Violencia familiar (Use Violencia doméstica)	Sin respuesta

Fonte: Salvai (2013).

A unificação dos termos resultou na seguinte lista:

- *Estudios de género*
- *Estudios de la mujer*
- *Teorías de género*
- *Perspectiva de género*
- *Feminismo*
- *Teoría Feminista*
- *Movimiento de liberación femenina*
- *Organización femenina*
- *Mujer/Mujeres*
- *Discriminación de género*
- *Discriminación sexual*
- *Discriminación contra la mujer*
- *Derechos de la mujer*
- *Violencia de género*
- *Violencia contra las mujeres*
- *Violencia doméstica*

Estes termos foram pesquisados em todas os catálogos da universidade em questão, e, para que um documento fosse incluído na investigação era preciso conter um dos descritores selecionados, fosse produzido pela UNC, ou seja, que a

Universidade aparecesse no campo autor, autor institucional ou editor e que se enquadrasse no período limitado de tempo entre 2000 e 2009.

Do total de catálogos de bibliotecas analisados, não foram encontrados resultados em 13, o que significa que 50% dos catálogos não continham nenhuma informação relacionada aos estudos sobre mulheres produzidos pela UNC entre 2000 e 2009. A autora observou que grande parte dos resultados positivos (entendendo-se por resultado positivo cada achado que correspondeu aos termos da pesquisa) foi encontrada em bibliotecas com perfil mais próximo das ciências sociais ou humanas, enquanto que nas chamadas bibliotecas de ciências exatas, as correspondências foram escassas. Percebeu-se uma grande variedade de fontes de informação: livros, anais de congressos, teses de graduação e pós-graduação, periódicos, entre outros (SALVAI, 2013).

Foi agrupado sob o conceito de escritos acadêmicos todos os trabalhos de pesquisa exigidos pelas faculdades para a obtenção de um diploma de graduação ou pós-graduação, resultando em 81 trabalhos, 62% da produção, de acordo com Salvai (2013), esse alto percentual é positivo por vários motivos: observa-se que há alunos interessados no assunto a ponto de optar desenvolver seu trabalho de pesquisa nessa disciplina, é uma evidência da presença de futuros profissionais (e possíveis professores ou pesquisadores) na universidade com um claro interesse no tema.

A UNC realiza pesquisas sobre mulheres e relações sociais de sexo, mas, segundo Salvai (2013) existem obstáculos para acessar e divulgar os documentos relacionados, segundo a investigadora, a falta de circulação e o desconhecimento do tema dificultam a recuperação e o acesso aos documentos. Salvai (2013) sugere que, para melhorar a acessibilidade, políticas devem ser implementadas para garantir a conservação e o tratamento adequado dos documentos, e ferramentas apropriadas devem ser usadas para descrevê-los.

A contribuição mais importante do trabalho de Salvai (2013) para esta pesquisa é sua discussão sobre os Sistemas de Organização do Conhecimento. De acordo com Salvai (2013), o campo de Estudos sobre Mulheres é específico, multidisciplinar e emergente, o que torna necessário realizar uma análise e descrição completas dos materiais bibliográficos usando termos apropriados para garantir sua identificação e recuperação pelas partes interessadas. O movimento feminista, de acordo com a autora, tem como objetivo demonstrar que o

conhecimento tradicionalmente aceito é baseado em uma concepção patriarcal do universo, portanto, para neutralizar essa impressão, é necessário gerar novos conhecimentos, que é outra característica significativa do movimento feminista: questionar e substituir o conhecimento existente para construir uma nova concepção, assim, é essencial garantir que as unidades de informação estejam preparadas para receber e manusear documentos sobre mulheres, relações sociais de sexo e feminismo para garantir sua disseminação e posterior criação de novos conhecimentos. Assim, para a autora, o primeiro passo é identificar, localizar e tornar o material acessível, e, para isso, é crucial ter SOCs apropriadas para análise de documentos, como o uso de tesouros especializados ou listas de cabeçalhos de assuntos para garantir o tratamento correto dos documentos. Outra opção enriquecedora é consultar pesquisadores especialistas na disciplina para garantir que os documentos recebam o tratamento adequado. A autora retoma o Tesouro da UNESCO, por exemplo, que conforme Quadro 6, oferece poucos termos de descrição do assunto, e, os que aparecem são muito genéricos. Em uma disciplina em constante crescimento e evolução, afirma Salvai, é necessário usar SOCs que atendam às demandas dos documentos.

Esses foram os artigos essenciais que foram discutidos em profundidade, os artigos considerados relacionados estão no Apêndice A. A seguir apresentamos a pesquisa de campo feita em uma organização política de mulheres.

5 PESQUISA PARTICIPANTE NA ASSOCIAÇÃO AGENTES DA CIDADANIA - MULHERES DA LUZ (BRASIL).

A observação participante foi realizada na Associação Agentes da Cidadania - Mulheres da Luz (Brasil). O objetivo desse procedimento é partir de organizações atuantes politicamente para discutir os Sistemas de Organização do Conhecimento, a pesquisa e a atuação política de e sobre mulheres.

Como descrito na seção 2 de metodologia e procedimentos metodológicos, a observação participante foi dividida em quatro fases: a entrada, a coleta de dados, classificação e análise final dos dados.

5.1 ENTRADA

Nesta subseção descrevemos como foi feita a entrada no grupo, relacionando com os “dez mandamentos” da observação participante de Valladares (2007). O primeiro mandamento diz que a observação participante é um processo longo, que muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para “negociar” sua entrada na área. Uma fase exploratória é necessária para a entrada e é necessário tempo para entender a evolução do comportamento, observando indivíduos e grupos por um longo período, em vez de um único momento (VALLADARES, 2007).

Minha atuação junto ao coletivo começou em 2017 em uma campanha de Natal para presentear os filhos das mulheres em situação de prostituição. Havia os dados das crianças como sexo, idade, tamanho de roupa ou sapato que precisavam ser retirados no espaço do Parque da Luz. Muitas pessoas que trabalhavam e não podiam comparecer pessoalmente gostariam de contribuir, assim, entrei em contato com a fundadora do grupo e sugeri juntar as informações *online* para que não fosse necessário que as pessoas estivessem presencialmente no parque. Assim, passei os dados para uma planilha na nuvem e as pessoas com interesse em presentear escolhiam as crianças e acessavam as informações por lá. Após essa ação, participei de campanhas para realizar o principal evento do coletivo, na época: o almoço de Natal, que requer angariar uma alta quantidade de recursos financeiros em curto espaço de tempo.

Neste primeiro momento de entrada, em contato com a fundadora para auxiliar a campanha, também segui o quinto “mandamento”, que diz que uma:

observação participante não se faz sem um "Doc", intermediário que "abre as portas" e dissipa as dúvidas junto às pessoas da localidade. Com o tempo, de informante-chave, passa a colaborador da pesquisa: é com ele que o pesquisador esclarece algumas das incertezas que permanecerão ao longo da investigação. Pode mesmo chegar a influir nas interpretações do pesquisador, desempenhando, além de mediador, a função de "assistente informal" (VALLADARES, 2007, p. 154).

Minha "Doc" foi a fundadora do coletivo, Cleone Santos, que autorizou a primeira atuação junto ao grupo. A segunda "Doc" foi a Gabriela, uma voluntária que estava no Coletivo há muitos anos. Ninguém foi "assistente informal", todas me ensinaram muito. A atuação no Coletivo de forma mais ativa foi uma decisão tomada após comparecer na *Women Deliver Conference 2019*²¹⁴. A participação e atuação no Coletivo foi política e social com a população vulnerável, local de pesquisa, divulgação científica e colaboração internacional, apresentado a seguir.

Em 2020, houve a necessidade de pessoas que ficassem presencialmente no porão da entidade, aos sábados. Criei uma agenda *online* com as voluntárias que se alternavam nessa tarefa. Com a pandemia, a atuação passou a ser diária, porém, de maneira *online*. Após o aluguel de uma casa, a participação foi presencial na casa. Com essa atuação, cumprimos o oitavo "mandamento" da observação participante: "desenvolver uma rotina de trabalho é fundamental. O pesquisador não deve recuar em face de um cotidiano que muitas vezes se mostra repetitivo e de dedicação intensa". Sua presença constante contribui para gerar confiança na população estudada (VALLADARES, 2007, p. 154).

Em 29 de agosto de 2020 participei de um evento *online* sobre prostituição, a *Live - Prostituição em tempo de pandemia e regulamentação*. Representei o Coletivo Mulheres da Luz juntamente com a Presidente do Coletivo, Cleone Santos. A *live* se propunha a discutir prostituição, partindo do pressuposto de que a exploração sexual é negligenciada quando o tema é violência sexual. Além ser um momento para ouvir pessoas que participam de coletivos e organizações que lutam contra violações dos direitos das mulheres em situação de prostituição (MORAIS, 2020).

²¹⁴ A *Women Deliver 2019 Conference* foi realizada em Vancouver - Canadá de 2 a 7 de junho de 2019. As conferências *Women Deliver* têm foco na igualdade entre os sexos e na saúde, direitos e bem-estar de meninas e mulheres. A edição de 2019 da conferência fez um esforço para receber pessoas da América Latina e do Caribe, por isso, aceitaram pedidos de bolsas de estudo que incluíram taxa de inscrição, passagem aérea, hotel, transporte e despesas diárias. Recebi uma dessas bolsas, que cobria despesas de passagem, visto, estadia e alimentação. Fui selecionada para uma das 120 bolsas à qual concorreram mais de 6000 pessoas.

Figura 14 - Arte de divulgação da Live



Fonte: Morais (2020).

A participação na *live* foi minha primeira aparição em público como representante do Coletivo. Foi um exercício de falar sobre assuntos controversos, polêmicos, em público.

No dia 25 de novembro de 2020 participei juntamente com a Presidente do Coletivo Mulheres da Luz da abertura do evento realizado pelo *Vancouver Rape Relief & Women Shelter* denominado *Montreal Massacre Memorial 2020: A Series of Video Conversations*.

Figura 12 - Arte de divulgação do evento Montreal Massacre Memorial 2020: A Series of Video Conversations.

WEDNESDAY, NOVEMBER 25 • 11AM PST
International Day for the Elimination of Violence Against Women

**Supporting and
 Advocating
 for Women in
 Prostitution**
*with Cleone Santos
 from Mulheres da
 Luz, Brazil*



**Montreal
 Massacre
 Memorial
 2020**



12 virtual conversations
 NOVEMBER 25th ~ DECEMBER 6th
 Live via @VancouverRapeRelief
 Facebook page and via Zoom.
 Info at rapereliefshelter.bc.ca

Fonte: Vancouver (2020).

O evento é em memória do *Montreal Massacre* que, de acordo com verbete na *Wikipedia*, “foi um tiroteio em massa em Montreal numa escola de engenharia afiliada à *Université de Montréal*. Catorze mulheres foram assassinadas e dez mulheres e quatro homens ficaram feridos” (MASSACRE..., 2021).

Em 1986, Mark Lepine entrou na *École Polytechnique da Universidade de Montreal* e separou os alunos por sexo e gritou: "Vocês são um bando de feministas e eu odeio feministas!" E atirou nas mulheres. A motivação misógina foi culpar as mulheres por seu fracasso em entrar no curso de engenharia.

O evento rendeu uma grande doação para o Coletivo e também foi o início de um plano de elaboração de pesquisa sobre prostituição para divulgação

internacional. O vídeo do evento está disponível no facebook do *Vancouver Rape Relief & Women Shelter* (2020a).

Entre 2020 e 2022 fui responsável por responder aos *e-mails* e mensagens nas redes sociais (*instagram* e *facebook*). Fui responsável pelo brechó, que demandava muito tempo de triagem das doações, fotografar, publicar online, negociar e entregar. Foi decidido que as doações seriam triadas por outras voluntárias e enviadas para um site que faz todo o trabalho de publicação, venda e entrega das peças. O site fica com uma porcentagem e deposita o dinheiro na conta da associação. Também fui responsável pelo grupo de estudos, pela submissão de projetos para editais de fomento, emendas parlamentares e escrever os textos publicados nas redes sociais, combinar demandas e tarefas com as voluntárias e verificar a venda e entrega dos livros e a produção, venda e entrega do sabão produzido na Casa do Povo. Houve uma tentativa de elaborar um organograma com cargos, responsabilidades e também um fluxo de atividades padronizado com as documentações necessárias para mapear as ações e padronizá-las. É importante mencionar que nunca recebi remuneração da organização.

As inúmeras tarefas vão ao encontro do segundo mandamento: “que o pesquisador não sabe de antemão onde está “aterrissando”, caindo geralmente de “pára-quadras” no território a ser pesquisado” (VALLADARES, 2007, p. 154). Quando havia uma demanda, eu sempre estava pronta para encontrar uma resposta ou solução.

O terceiro mandamento tem o seguinte teor: “a observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo” (VALLADARES, 2007, p. 154). A presença no coletivo contribuiu para estabelecer essa relação com o grupo, sempre levando em consideração o quarto e o sexto mandamentos. O quarto mandamento diz que devemos mostrar-nos diferentes do grupo pesquisado, pois não esperam que sejamos iguais, e tentar sê-lo é artificial e pior para a relação estabelecida alí. O sexto mandamento nos lembra que o pesquisador é um observador que está sendo todo o tempo observado.

Nos momentos em que eu estava no Parque da Luz, o sétimo e o nono “mandamentos” fizeram muito sentido. O sétimo diz que a “observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender

quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa”. Muitas vezes, “com o tempo os dados podem vir ao pesquisador sem que ele faça qualquer esforço para obtê-los” (VALLADARES, 2007, p. 154). Nos dias em que eu ficava presencialmente no Parque da Luz, sempre havia café e bolachas para as mulheres em situação de prostituição que passassem pelo espaço. Foi nestes momentos do café que muitas das informações presentes nesta seção foram obtidas, apenas estando lá.

O nono “mandamento”, diz que se aprende com os erros cometidos durante o trabalho de campo e deve-se tirar proveito deles, na medida em que os passos em falso fazem parte do aprendizado da pesquisa. “Deve, assim, refletir sobre o porquê de uma recusa, o porquê de um desacerto, o porquê de um silêncio” (VALLADARES, 2007, p. 154). Há, entre a mulheres em situação de prostituição uma grande desconfiança, por isso, respeita-se o nome que elas se dão na rua, o chamado “nome de guerra”. Em um momento no Parque da Luz, uma pessoa perguntou de qual cidade eram os pais de uma delas. Ela me chamou de canto para reclamar que essas coisas não se perguntam na presença de outras pessoas, pois, mesmo que seja uma cidade longínqua, do nordeste do Brasil, existe o medo de a família saber que ela vive de prostituição em São Paulo.

O décimo “mandamento” diz que “o pesquisador é, em geral, “cobrado”, sendo esperada uma “devolução” dos resultados do seu trabalho. ‘Para que serve esta pesquisa?’ ‘Que benefícios ela trará para o grupo ou para mim?’” (VALLADARES, 2007, p. 154). É uma realidade. Mesmo não estando ativa no coletivo, periodicamente recebo mensagens das mulheres em situação de prostituição que têm meu contato. De acordo com Valladares (2007, p. 154) “só uns poucos consultam e se servem do resultado final da observação. O que fica são as relações de amizade pessoal desenvolvidas ao longo do trabalho de campo”.

Como mencionado nos procedimentos metodológicos, o primeiro nível usado na interpretação, o método hermenêutico-dialético envolve determinações fundamentais, que incluem conjuntura socioeconômica e política, história do grupo e política que corresponde ao passo (a), da ordenação dos dados obtidos na **coleta dos dados**: todos os dados de campo obtidos são mapeados por meio de transcrição, releitura, organização de relatórios e dados de observação participante (GOMES, 2004). Esses dados são apresentados na seguinte ordem: apresentação do Coletivo Mulheres da Luz, do início até 2019, separadamente falamos da atuação

do coletivo durante a pandemia, pois foi o momento em que atuamos com constância do coletivo; os dados do que aconteceu durante a pandemia estão divididos em: saúde, produção científica e literária, distribuição de cestas básicas e outros itens de necessidade e formação de voluntariado e grupos de estudos. Depois disso, apresentamos duas parcerias com o setor público e por último as respostas de algumas mulheres em situação de prostituição a duas perguntas de um questionário aplicado durante um dia de distribuição de cestas básicas.

5.2 COLETA DE DADOS - TRAJETÓRIA E ATUAÇÃO - COLETIVO MULHERES DA LUZ

O Coletivo Mulheres da Luz foi uma das organizações políticas escolhidas para a realização da pesquisa de campo pelas seguintes motivações: por ter atuado em diversas frentes da organização desde 2017 até junho de 2022; a organização ser composta por mulheres de diversas classes sociais, etnias, credos e ter uma proposta política divergente de grande parte de outras organizações com temática semelhante, e por ser alvo de exclusão e desinformação acerca de seus posicionamentos.

Os dados apresentados nesta subseção foram coletados durante a atuação junto ao Coletivo.

5.2.1 Trajetória - de 2017 até 2019

O Coletivo Mulheres da Luz atua desde 2013 na garantia de direitos a mulheres em situação de prostituição no Parque da Luz e entorno, na região central de São Paulo. Tem a participação de voluntárias, que proporcionam assistência social, assessoria jurídica, alfabetização, atendimentos de saúde, odontológico e psicológico, além de cursos e oficinas para promover o bem-estar e prover alternativas de renda para as mulheres.

São acolhidas, diariamente, cerca de 20 mulheres, entre 40 e 70 anos, em sua maioria negras, moram longe da região central de São Paulo, com baixo nível de escolaridade, muitas delas analfabetas. São as principais provedoras de suas famílias, sustentando maridos, filhos, netos e bisnetos. Recorrem à prostituição como último recurso para garantir seu sustento e o de sua família e, muitas vezes, por vergonha e medo do estigma, escondem de seus familiares e conhecidos a

prostituição. Entendem a prostituição como um lugar de passagem e esperam, em sua maioria, conseguir sair desta situação. Por isso, o coletivo usa o termo “em situação de prostituição” ao invés de “trabalhadoras do sexo”, “garotas de programa” e análogos.

Em entrevista à Carta Capital, em 2021, Cleone Santos falou sobre a transitoriedade na atividade e no desejo de sonhar da mulher em situação de prostituição:

Elas não querem, elas não veem como profissão. E isso não foi tirado das nossas cabeças, foi muito discutido. Começou em 2000, com as mulheres lá na Pastoral da Mulher Marginalizada, ainda. Depois, os grupos foram se juntando e fechou com esse nome, essa nomenclatura, em final de 2005, quando teve o “Encontrão”, com cento e poucas mulheres, de todas as regiões. A Pastoral que puxou, de todas as regiões do Brasil, e foi que saiu: “Mulheres em situação de prostituição”. Elas decidiram, e todas colocavam: “Olha, eu estou aqui porque trabalho na roça e não consigo manter minha família. Então, três dias da semana eu vou à capital para ganhar um dinheiro”. E assim foram feitas as falas, todas muito parecidas, e daí se tirou a conclusão do nome. Tinha “mulheres marginalizadas”, vários nomes, e elas escolheram esse: “mulheres em situação de prostituição”. E, assim... a gente sonha muito, sabe? Aliás, o que me move é sonhar, então... (TARDELLI, 2021).

Ao ser questionada se já encontrou mulheres sem sonhos, Cleone responde:

Sim. Algumas, algumas. E, assim, é muito triste, né? Quando a gente vê que a pessoa fala assim... às vezes, a gente senta, está conversando, e a pessoa... não é nada. O sonho dela é o quê? É no fim do mês a gente dar a cesta básica para ela, é a gente pegar essa mulher e, quando ela sente uma dor de dente, levar ela ao dentista, sabe? Esse é o sonho dela, sabe? E não pensa em mais nada. Mas o que é? É de tanto apanhar, é de tanto sofrer, ali na rua (TARDELLI, 2021).

Cleone, esteve na militância sindicalista; depois, foi para o movimento de moradia. E, acabou na prostituição por quase vinte anos. Saiu em 2005, mas não queria virar as costas para as mulheres que continuavam naquela situação. De acordo com Cleone, nessa época discutia-se o “projeto Gabeira”, quando questionou porque as freiras discutiam a questão sem a presença das mulheres em situação de

prostituição, foi desafiada a ir até essas mulheres. Assim, começou seu percurso em atuar com as mulheres em situação de prostituição.

As fundadoras, Cleone e Irmã Regina, se conheceram nesse contexto da Pastoral da mulher marginalizada e se aproximaram anos depois devido ao envolvimento mútuo com a prostituição nessa região.

Ambas compartilhavam o desejo de fazer algo pelas mulheres que estavam em situação de prostituição no parque a fim de tentar minimizar as consequências da baixa auto-estima e ocupar, de forma construtiva, o tempo livre entre os programas.

O primeiro projeto conduzido foi o da bicicleteca, em 2013, que disponibilizava livros para as mulheres no parque da Luz, em um baú numa bicicleta. A iniciativa ganhou notoriedade e a partir daí surgiu a necessidade de ter uma biblioteca fixa, que se tornou a porta de entrada para ficarem de forma permanente no parque.

Uma rotina foi instalada: as duas mulheres começaram a visitar o parque todas as quartas-feiras, a biblioteca passou a ser conhecida por todos que passavam pelo parque e incentivou a troca de livros e doações, uma forma de todos se beneficiarem daquela iniciativa. Esse foi o ponto de partida da aproximação com as mulheres, criando laços e vínculos.

Nesse ano, foi se solidificando o contato com as mulheres no parque com distribuição de bombons e panetones que, além de auxiliarem nesta aproximação de Cleone e Irmã Regina das mulheres, também ajudaram a contabilizar a quantidade de mulheres que estavam em situação de prostituição, apenas durante o dia, na região. O resultado foi de aproximadamente 150 mulheres.

Em 2014, iniciaram-se rodas de conversa localizadas na Casa de Chá (patrimônio histórico tombado no Parque) que abordavam temas como experiências, alternativas de mudanças de vida, autoconhecimento, elevação de auto-estima, conhecimento das políticas públicas, entre outros assuntos escolhidos.

O dia 25 de março desse ano foi marcante pois foi a primeira roda de conversa com uma pedagoga, Vanda Nunes, e uma psicóloga, Jacir Gallo, que trabalharam com as mulheres através de dinâmicas sobre auto-estima. Foram realizadas diversas rodas de conversas, com temas como: regulamentação da prostituição, realização do Cadastro Único²¹⁵, saúde mental, violência, Lei Maria da

²¹⁵ "O Cadastro Único é um conjunto de informações sobre as famílias brasileiras em situação de pobreza e extrema pobreza. Essas informações são utilizadas pelo Governo Federal, pelos Estados e

Penha, ações sociais dentro do parque com testagem, encaminhamento para mamografias e cadastramento para bolsas família e renda Cidadã. Neste ano também foi feito o primeiro bazar com o intuito de arrecadar dinheiro para cobrir os custos de alimentação e transporte para as mulheres.

Em 2015, foram realizadas reuniões na Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres e discutiu-se cuidados especiais de saúde, uso de anticoncepcionais, testagens e exames para detecção soropositivo e sífilis, prevenção das ISTs em geral (com a distribuição de preservativos femininos, masculinos e gel lubrificante) e cuidados ginecológicos. Para potencializar o trabalho, foram criadas parcerias com postos de saúde e com uma clínica particular, no bairro da Liberdade, onde foi oferecida a mediação para o uso do diafragma fornecido pela Secretaria de Saúde.

As mulheres também foram incentivadas a cuidar da saúde mental ao discutir a dependência química, medo e violência e exercitar seus conhecimentos realizando visitas a museus.

Foi feita uma parceria com a Rede de Discussão de Prostituição de SP (todas as secretarias estavam presentes e a rede atuou de 2014 a 2017), com o Conselhos Comunitários de Segurança²¹⁶ e com o CIM - Centro Informação Mulher²¹⁷ no projeto *Mulheres em busca da cidadania*.

Nesse ano, assumiu-se a Associação Agentes da Cidadania como pessoa jurídica para a melhor organização do Coletivo Mulheres da Luz.

Em 2016, foram realizadas oficinas com temas variados sobre saúde, enfermagem e alfabetização. O encaminhamento médico para várias especialidades continuou, assim como testagens, distribuição de preservativos para prevenção de ISTs e gravidez indesejada, acompanhamento psicológico, assistência social e jurídica. Foram realizados bazares, reuniões com organizações públicas e com a Prefeitura.

A preocupação com os laços continuou através da comemoração de datas festivas e confraternizações, aulas de alfabetização e artesanato.

pelos municípios para implementação de políticas públicas capazes de promover a melhoria da vida dessas famílias" (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, 2022).

²¹⁶ "Os Consegs foram criados por meio de um Decreto Estadual de 1985, pelo então governador André Franco Montoro. Conferem o direito da população de se encontrar face a face com os chefes de polícia de sua região, onde podem ouvir esclarecimentos, apresentar sugestões, solicitações, elogios e desenvolver campanhas e projetos com o objetivo de alcançar melhoria de qualidade de vida e segurança da comunidade" (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2016).

²¹⁷ "O CIM surgiu em 1981 da iniciativa de algumas mulheres que, participando ativamente do movimento feminista, sentiam a falta de um centro de informação e documentação que subsidiasse o movimento e, ao mesmo tempo, registrasse a história de suas lutas" (XAVIER, 2018).

Em 2017, foram oferecidas aulas de alfabetização, de artesanato e oficinas sobre temáticas variadas. A saúde foi pauta, novamente, com oficinas especializadas em enfermagem, prevenção de infecções transmissíveis, testagens e distribuição de preservativos. Houve acompanhamento psicológico e aconselhamento jurídico.

Especialmente nesse ano, foram realizadas oficinas de fotografia, de setembro a dezembro. Além de festas para angariar fundos, brechós, reuniões para futuras parcerias e a confraternização de Natal, em que foram distribuídas sacolinhas que continham uma peça de roupa, um calçado e um brinquedo para os filhos das mulheres que participam do Coletivo.

O Coletivo, representado por Cleone Santos foi reconhecido pelo Prêmio Carolina Maria de Jesus²¹⁸ - 2017 pela luta contra o racismo.

Em 2018, foi firmada parceria com a UNINOVE²¹⁹ em diversas atividades e foram realizadas aulas de alfabetização.

Nesse ano, iniciou-se um trabalho de campo noturno para a distribuição de insumos, na região da Luz. Um *Dia da Beleza* foi organizado, onde foram realizadas oficinas de maquiagem e tiradas fotografias oferecidas como presente de dia das mães. O *City Tour* foi um evento que organizou passeios com as mulheres por lugares turísticos e históricos de São Paulo. Ocorreram rodas de conversa com um grupo de alunos e alunas do SENAC onde foram abordados diversos temas relacionados à Educação Financeira. Nesse ano, quatro mulheres começaram a trabalhar como cuidadoras e uma como cabeleireira.

No final do ano, arrecadaram-se 150 cestas de Natal, 1.5kg de pernil e um presente para as mulheres para a, já tradicional, festa de Natal das Mulheres da Luz.

A psicóloga clínica Mariana Luciana Afonso teve premiado o Trabalho - *Mulheres da Luz: Nota de intervenção psicossocial com mulheres negras em situação de vulnerabilidade, prostituição e exclusão social* tendo recebido o Prêmio Jonathas Salathiel de Psicologia e Relações Raciais - 2018 - Categoria redes e articulações

²¹⁸ Prêmio promovido pelo Setorial Racial de Combate ao Racismo do Partido dos Trabalhadores de São Bernardo do Campo (PT-SBC). Em 2017, foi a 8ª edição do Prêmio Carolina Maria de Jesus.

²¹⁹ “A Universidade Nove de Julho (UNINOVE) é uma instituição de ensino superior privada brasileira, sediada em São Paulo, com cursos de técnico, graduação, pós-graduação, residência multiprofissional em saúde, residência médica, mestrado e doutorado, em diversas áreas” (UNIVERSIDADE, 2022).

Em 2019, novas parcerias foram firmadas e outras continuadas. No caso, a UNINOVE continuou com ações voluntárias em áreas da saúde como aferição de pressão arterial, fisioterapia e atividades com dois psicólogos clínicos e com a Coordenadoria de IST/Aids da Secretaria Municipal da Saúde.

Em 23 de março houve um encontro com almoço para celebrar a luta das mulheres, na qual estiveram presentes cerca de 140 pessoas, em sua maioria mulheres que frequentam o parque da Luz. No fim deste evento, houve um sorteio de seis cestas básicas e três limpezas de pele. Também foi oferecido para cada mulher uma pequena bolsa contendo brincos, sabonetes, presilhas de cabelo e pincel facial.

Em março de 2019, Cleone Santos recebeu o Prêmio Heleieth Saffioti na Câmara Municipal de São Paulo. Este prêmio é concedido à mulheres e entidades que combatem a discriminação social, sexual e racial.

5.2.2 Pandemia - Atuação do Coletivo de 2020 em diante

Com a pandemia, a principal ação se tornou a arrecadação de doações para garantir a saúde e a alimentação das mulheres e de suas famílias. Houve a tentativa de prover alimentos, medicamentos, produtos de higiene e limpeza, fraldas, material escolar, roupas, móveis e eletrodomésticos a partir das demandas das mulheres.

A maioria das atividades presenciais foram suspensas para preservar a saúde de todas em relação à COVID-19, mas foi dada continuidade ao trabalho de orientação para facilitar o acesso a políticas públicas, o atendimento psicológico e a assessoria jurídica de forma virtual.

Uma conquista para o Coletivo, almejada desde o seu início, foi o aluguel de uma sede na Rua Carminé Forte, número 69, no Bom Retiro.

Figura 15 - Primeiro encontro na casa alugada durante a pandemia.



Legenda: Foto tirada na abertura da casa alugada em 2020. Da esquerda para direita Cleone, Gabriela, Lúcia, Mariana Xavier, Gláucia, Gil e Sol (agachada). **As mulheres com o rosto borrado estão em situação de prostituição e é política de ética e segurança do coletivo preservar suas identidades e nomes verdadeiros.**

Fonte: Perfil instagram coletivo

O Coletivo compõe a Rede Cuide do Bom Retiro com quem tem construído uma vizinhança solidária. Desta relação foi possível a concretização do Sabão do Povo²²⁰, iniciativa para geração de renda alternativa durante a pandemia que continua em atividade, composto, dentre outras parcerias, por quatro Mulheres da Luz. O grupo produz sabão com óleo reciclado na Casa do Povo e se tornou uma fonte de renda alternativa à prostituição.

Um grupo discreto, composto pelo Senhor Salvador, tem sido, desde então, um suporte essencial na doação de 300 cestas básicas mensais. O Grupo de

²²⁰ MARIA, Glória. Coletivo de SP faz sabão para população de rua e ajuda mulheres na pandemia. **UOL**, São Paulo, 12 jul. 2021. ECOA UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/07/12/coletivo-faz-sabao-para-populacao-de-rua-se-higienizar-durante-a-pandemia.htm?cmpid=copiaecola>.

Estudos Espírita Fraternal (GEEF)²²¹ oferece o *Curso de Cuidadoras de Idosos às Mulheres da Luz* e *kits* de higiene e limpeza todos os meses do ano e, nos meses de dezembro, nos acrescentam azeite e panetões. São doadoras fixas de absorventes e lenços umedecidos o grupo *Elas Também Sangram* e Projeto *Absorver*²²²; importantes apoios para o combate à pobreza menstrual. O grupo *Mulheres Unidas SP*²²³ realiza doações periódicas de itens de higiene que complementam as cestas básicas.

Um grupo de educadores da Escola Eliana Silva, mobilizado pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), montou uma turma de educação de jovens e adultos e aulas preparatórias para o vestibular com a participação das *Mulheres da Luz*. A Casa de Oração do Povo de Rua acolheu e forneceu refeições diárias à turma, cujas aulas tiveram que ser adiadas por conta da Covid-19 com previsão de retorno em 2022.

A organização *Gerando Falcões* disponibilizou 190 cartões para realização de compras em mercados em duas parcelas de 150 reais, o Coletivo entende que esse tipo de doação dá autonomia para as mulheres escolherem o que mais necessitam e gostam.

²²¹ <https://www.instagram.com/geef.contato/>

²²² https://www.instagram.com/_projetoabsorver/

²²³ <https://www.instagram.com/mulheresunidas.sp/>

Figura 13 - Cadastro cartão de compras Gerando Falcões



Legenda: Mulheres esperando em frente à sede do Coletivo Mulheres da Luz para realização de cadastro para cartão pré-pago doado pela Gerando Falcões.

Fonte: Perfil rede social Coletivo Mulheres da Luz

Em uma parceria chamada Projeto Reluz, a Merceria Bijoux²²⁴ transforma sobras de produção e bijuterias danificadas em peças novas, pois o Coletivo acumula bijuterias danificadas que foram recebidas de doações. Além de consertar as bijuterias, as donas da loja, vendem as peças e revertem a verba totalmente para o Coletivo.

Entre 2020 e 2021 o grupo Efeito Sanduíche foi de suma importância para a realização das ações na rua. O grupo doou sanduíches em dias de ação educativa, porque, muitas vezes, as mulheres em situação de prostituição não se alimentam durante o dia todo.

O Coletivo também participa dos *Encontros com vizinhos do Museu da Língua Portuguesa*. Nessa articulação, as mulheres ativas e voluntárias foram cadastradas e receberam o cartão de acesso gratuito ao Museu da Língua Portuguesa.

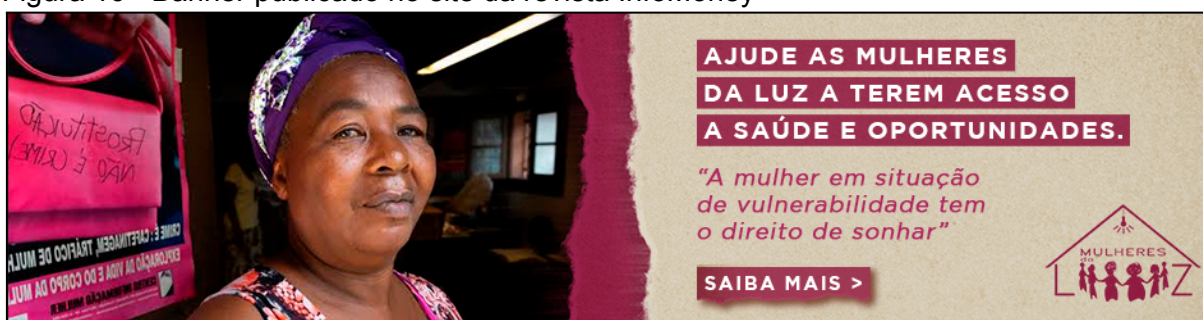
²²⁴ https://www.instagram.com/_merceria/

A organização social Mulheres da Luz foi uma das vencedoras do Prêmio SuperAção 2020. O prêmio se baseou no fato de que o Terceiro Setor foi especialmente afetado pela pandemia e, apesar de todas as dificuldades impostas (as quais não são poucas), o Coletivo continuou impactando a vida de centenas de pessoas, de acordo com o prêmio, “essa é a verdadeira ‘super-ação’” (AGÊNCIA DO BEM, 2020).

Em 2021 a atriz e apoiadora Ana Hikari²²⁵ concedeu seu prêmio da Infomoney na categoria Empreendedora Cultural do Ano no Prêmio Mulheres Que Transformam 2021, do Grupo XP. O prêmio foi um pacote de anúncios na plataforma InfoMoney para divulgação do trabalho do Coletivo, com isso decidiu-se por lançar uma campanha²²⁶ para compra da sede permanente. A justificativa para aquisição de uma sede foi pensada porque garantiria:

- Espaço seguro, acolhedor e sigiloso para mulheres em situação de prostituição;
- Formação profissional para geração de renda alternativa à prostituição;
- Alfabetização, educação e cursinho pré-vestibular para as mulheres;
- Atendimentos de saúde física e psicológica de acordo com as necessidades específicas das mulheres;
- Atividades para promover bem-estar e autoestima (oficinas de arte, dança e beleza) (COLETIVO MULHERES DA LUZ, 2021).

Figura 16 - Banner publicado no site da revista InfoMoney



Legenda: Banner da Campanha de Compra da Casa para o Coletivo mostra Cleone Santos, mulher negra fundadora do Coletivo Mulheres da Luz na frente da porta do porão do prédio da administração do Parque da Luz. Na porta tem um cartaz com a imagem de uma bolsa cor de rosa escrito “Prostituição não é crime”. Ao lado da fotografia está escrito Ajude as Mulheres da Luz a terem acesso à saúde e oportunidades. Entre aspas está escrito “As mulheres em situação de prostituição tem direito de sonhar”. Abaixo há uma faixa escrita *saiba mais*.

Fonte: LABMONEY, 2021.

²²⁵ https://www.instagram.com/_anahikari/

²²⁶ <https://apoia.se/casamulheresdaluz>

A campanha não chegou próximo da meta para ser possível adquirir um imóvel. As voluntárias Nina e Inaiá se esforçaram na coordenação da campanha, assim como Beatriz, Helena B., Helena K., Letícia H. Letícia S., Marjorie e Nathalia C.

5.2.2.1 Saúde

É oferecido desde 2017 e durante a pandemia foi dada continuidade aos atendimentos de psicologia coordenados pela psicóloga Tainah Lobo. A partir de fevereiro de 2022 foram selecionadas três assistentes sociais e três psicólogas que fazem plantão no espaço do Parque de quarta a sexta feira das 14h às 18h.

Em 2021 foi estabelecida parceria com a disciplina de Infectologia do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Foram organizadas três ações educativas: uma sobre medidas de proteção contra a COVID-19, outra sobre prevenção a Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e a última sobre Tuberculose.

Todas as ações educativas contaram com a distribuição de materiais educativos elaborados pelos alunos da Faculdade em parceria com a equipe de comunicação do Coletivo e estão disponíveis para consulta e livre reprodução com os devidos créditos. Também foi elaborado um material sobre a vacinação contra a COVID-19 para distribuição. Os títulos dos materiais listados abaixo estão disponíveis na nuvem (COLETIVO MULHERES DA LUZ, 2021a).

- *Como se proteger do coronavírus?*
- *Como se proteger de ISTs?*
- *Como se proteger da tuberculose?*
- *Vacinação contra a COVID-19*

Segue algumas imagens das ações educativas de saúde realizadas em parceria com a Santa Casa.

Figura 17 - Ação educativa Coronavírus Faculdade da Santa Casa



Legenda: Fotografia de duas mulheres retratadas do peito para baixo, uma de frente para outra, estão com as mãos estendidas, uma entregando uma cartilha de *Como se proteger do coronavírus?* para outra. Uma é negra e veste avental branco e outra é branca e veste blusa preta.

Fonte: Acervo Mulheres da Luz

Figura 18 - Ação educativa Coronavírus Faculdade da Santa Casa



Legenda: Grupo de voluntários e alunos da Santa Casa com máscaras e *faceshield* posando para fotografia na Rua Mauá de frente à Estação da Luz.

Fonte: Acervo Mulheres da Luz

Figura 16 - Ação educativa Coronavírus Faculdade da Santa Casa



Legenda: Voluntária usando máscara azul PFF2 segura com cartilha aberta.
Fonte: Acervo Mulheres da Luz

Figura 19 - Ação educativa_ISTs_Faculdade da Santa Casa



Legenda: Voluntários usando máscara azul PFF2 conversando sobre ISTs próximos à entrada da Estação da Luz do metrô.

Fonte: Acervo Mulheres da Luz

Além de ações educativas de saúde, o Coletivo também esteve envolvido com produção científica.

5.2.2.2 Produção Científica e literária

No âmbito de aplicação de pesquisas, durante a primeira ação educativa em 2021, nos dias 27, 28 e 29 de maio, foi aplicada uma pesquisa sobre o impacto da pandemia na vida de mulheres em situação de prostituição da região da Luz. A pesquisa foi elaborada por um grupo de professoras e alunas da Faculdade com o intuito de mapear a necessidade de vacinação prioritária das mulheres da Luz. A pesquisa resultou em artigo científico publicado na Revista de saúde Pública denominado *Mulheres em situação de prostituição e covid-19: por que excluídas dos grupos vulneráveis?* (CHIANG et al., 2022).

Figura 18- Pesquisa Impacto da COVID-19 na vida de mulheres em situação de prostituição



Legenda: Grupos de estudantes da Santa Casa usando máscaras e *faceshield* entrevistam mulheres em situação de prostituição na calçada próximo à Estação da Luz.

Fonte: Acervo Mulheres da Luz

No dia 16 de junho de 2021, a voluntária Ana Carolina Braga Azevedo realizou entrevistas com 10 mulheres da Luz como parte da pesquisa *Eu Quero é Mais! Impacto da COVID-19 na vida das profissionais do sexo*, projeto lançado pelo Núcleo de Pesquisa em Direitos Humanos e Saúde LGBT+ (NUDHES), da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo em parceria com o Coletivo de Antropologia, Artes e Saúde Pública (CPaS-1), da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Não tivemos acesso ao resultado desta pesquisa.

Figura 20 - Pesquisa *Eu Quero é Mais!*



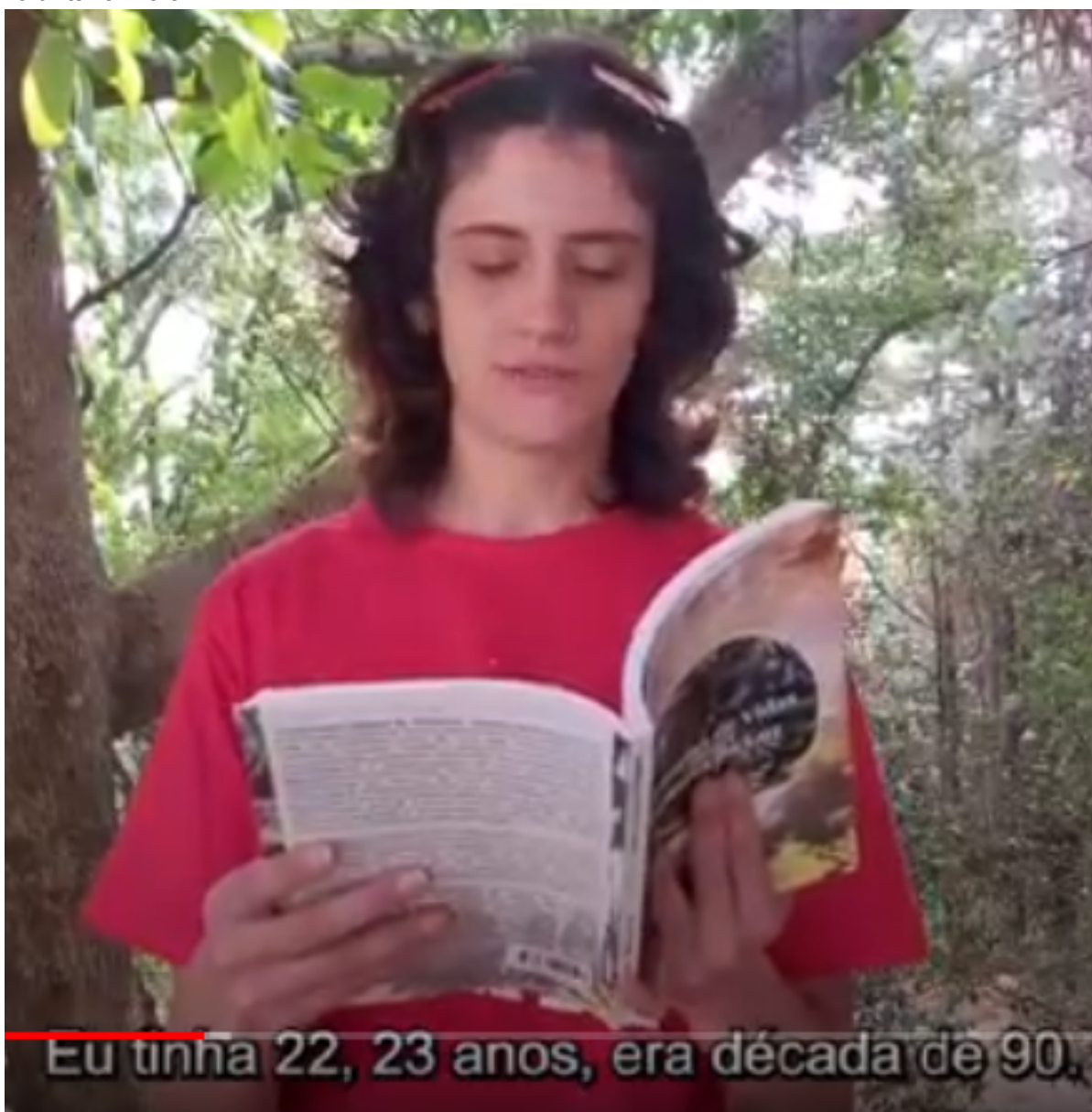
Legenda: Grupos de estudantes da Santa Casa usando máscaras e *faceshield* entrevistam mulheres em situação de prostituição na calçada próximo à Estação da Luz.

Fonte: Acervo Mulheres da Luz

Além de pesquisas acadêmicas, o Coletivo também esteve envolvido com produção literária.

O livro *Trajetórias de Vidas, Mulheres da Luz* foi organizado pelo Coletivo e lançado em 2019 (SANTOS, 2019). Conta com depoimentos de 9 mulheres que viveram ou vivem em situação de prostituição. O valor da venda é destinado integralmente às atividades do Coletivo.

Figura 20 - Vídeo de leitura de trechos do livro *Trajetórias de Vidas, Mulheres da Luz* - voluntária Inaiá.



Legenda: Voluntária segurando o livro *Trajetórias de Vidas, Mulheres da Luz* vestida com camiseta vermelha. Atrás há árvores.

Fonte: Acervo Mulheres da Luz

As mulheres que estão em situação de prostituição fornecem dados e participam de pesquisas e são multiplicadores dos conhecimentos promovidos nas ações educativas. São mulheres, como já mencionado, que vivem em situação de vulnerabilidade. Portanto, mesmo que o Coletivo não seja uma instituição de caridade, não é possível atuar junto a esta população e ignorar a situação emergencial de fome e outras necessidades.

5.2.2.3 Distribuição de cestas básicas e outros itens de necessidade

Desde 2020 são distribuídas cerca 300 cestas básicas complementadas com doações de produtos de limpeza e higiene, incluindo absorventes. Foram ofertadas máscaras PFF2, álcool 70% e inúmeros preservativos femininos, masculinos e lubrificantes. Além de pacotes de leite em pó, fraldas (infantis e geriátricas) e enxovais de bebês recém-nascidos às Mulheres da Luz, amparando também familiares e crianças cuidados por elas.

Todos os meses surgem mulheres que não estão cadastradas, quando isso acontece, são entregues cestas que chegam via doação direta.

No período de distribuição de cestas, é realizado um bazar de doação de roupas. Durante o ano de 2021, foram doadas cerca de 2000 peças femininas, masculinas, de bebês, crianças e adolescentes. Lembrando que as Mulheres da Luz sustentam filhos e toda família estendida, até vizinhos e parentes de outros estados recebem ajuda quando elas conseguem enviar.

Figura 21 - Bazar de roupas



Legenda: Duas mulheres em pé seguram peças de roupa, outra mulher está agachada olhando itens no bazar em uma caixa no chão. Elas estão dentro de um cômodo com caixas em prateleiras e roupas penduradas em cabides numa arara presa à parede.

Fonte: Acervo Mulheres da Luz

5.2.2.4 Formação de voluntariado e grupos de estudos

Nos dias 19 e 29 de setembro de 2021, 35 mulheres participaram de uma conversa apresentando o Coletivo, a atuação, alinhamento político e principais demandas. Após esse encontro foi iniciado um grupo de estudos, revisitando todo o percurso de Cleone e Irmã Regina desde a criação do coletivo até a pandemia*. Depois, foi discutido o texto *Prostituição: uma abordagem feminista* da SOF (2013). A formação de pessoas para atuarem nas ações do coletivo e também politicamente, fortalece o estabelecimento de parcerias e elaboração de propostas para aumentar o acesso das mulheres em situação de prostituição às políticas públicas. Algumas parcerias com o setor público já estão concretizadas.

5.2.3 Parcerias com o setor público

Até 2022, o Coletivo mantinha as seguintes parcerias com o setor público.

5.2.3.1 SAE Campos Elíseos

O projeto *Tudo de Bom* é um projeto municipal de prevenção ao HIV e IST ligado ao SAE dos Campos Elíseos - São Paulo.

5.2.3.2 Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal da Saúde/Coordenadoria de IST/Aids

O projeto denominado Coletivo Mulheres da Luz tem como objetivo geral realizar ações de prevenção à ISTs com mulheres atuantes no projeto Coletivo Mulheres da Luz e específicos garantir o acesso aos insumos de prevenção com intervenção territorial três vezes por semana nas ruas, levando insumos de prevenção e informação às mulheres e incentivando a participação nos serviços oferecidos pela RME. Também visa fomentar a discussão da prevenção através de oficinas com pautas voltadas para mulheres negras, lésbicas/bissexuais e acima de 50 e realizar campanha de prevenção com as mulheres em situação de prostituição e clientes fornecendo material informativo, e insumos de prevenção. A distribuição de insumos sempre acompanha diálogo e convite para outras ações.

Os eixos de atuação são os seguintes:

- Prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST);

- Promoção das estratégias de prevenção combinada ofertados pelos serviços de saúde, com ênfase em novas tecnologias, sobretudo na PrEP (Profilaxia pré Exposição);
- Incentivo ao diagnóstico e tratamento das IST.

A principal importância desse projeto é que ele emprega mulheres que estão em situação de prostituição, numa tentativa de reintegração ao trabalho formal, aumento de estima e geração de renda alternativa à prostituição.

5.2.4 O que dizem as mulheres situação de prostituição

Havia um cuidado muito grande com identidade das mulheres em situação de prostituição, já havia ocorrido de pessoas adentrarem os territórios, gravarem documentários mostrando o rosto destas mulheres e uma delas ter que mudar de Estado pois foi reconhecida e atacada na sua vizinhança. Porém, para ter acesso à editais de fomento, emendas parlamentares e parcerias com setores públicos e privados muitas vezes precisávamos do número de mulheres em situação de prostituição que passavam pelos espaços do coletivo, idade, situação de moradia, aposentadoria, mas como mencionado, nem o nome real muitas vezes não sabíamos. O trabalho desde o início do Coletivo foi ter esse cuidado e entender o momento das mulheres em confiar no Coletivo e nas pessoas envolvidas individualmente. Assim, com a distribuição de cestas básicas iniciada durante a pandemia, foi uma abertura para conseguir o telefone de muitas para avisar da retirada da cesta, em um determinado momento houve a tentativa de colher dados de nascimento, moradia e outros para formar um banco de dados. Houve um período durante a pandemia que haviam 680 mulheres cadastradas, depois, após triagem, ficaram 270 que realmente estavam em situação de prostituição contínua. Destas 270, 74 responderam algumas perguntas em dia de distribuição de cestas.

As perguntas foram as seguintes:

1 - Para você, qual o papel do Coletivo Mulheres da Luz?

2 - Vamos organizar alguns encontros para discutir certos temas, você gostaria que nós abordássemos algum tema em especial?

Para a pergunta 1 - *Para você, qual o papel do Coletivo Mulheres da Luz?, as resposta foram as seguintes:*

Acha importante. Acha maravilhoso. Acha muito bom a cesta. Acha muito importante. Acha o trabalho satisfatório. Acha ótimo o apoio. Acha que ajuda bastante. Ajuda. Ajuda as pessoas. Ajuda bastante, arrumar serviços, vagas de emprego. Ajuda bastante, cursos. Ajuda bastante, precisamos muito, queria fazer curso de cozinha, queria emprego fixo, vagas. Ajuda bem as cestas básicas. Ajuda bem com a cesta. Ajuda quando precisa. Poderia oferecer alguma atividade para fazer em casa que seja remunerada. Ajuda muito. Ajuda muito com a cesta. Ajuda muito com as cestas básicas, saúde. Ajuda muito com as cestas básicas, cursos profissionalizantes. Poderia vir mais "mistura", leite e sabão em pó. Ajuda muito com as cestas, poderia ajudar mais na questão da moradia (moradia social- inscrição). Ajudar as mulheres da vida, dar uma força, já ajuda bem dando alimentos, gostaria de fazer curso técnico. Ajudar com cesta básica, emprego. Ajudar, orientar. Ajudou muito com as cestas, já ajuda bem. Ajudou muito, deu muita assistência. Alguns projetos para ter renda extra. Cesta básica, cursos técnicos - poderia oferecer atendimento psicológico para a família, tipo filhos. Cesta básica, psicólogo, curso profissionalizante. Conseguir emprego para as meninas que fazem programa. Cuidado com a alimentação, a cesta alimenta muito bem. Alimentação é ótimo, mas deveria desenvolver outras maneiras de fazer cursos para promover a geração de renda (tipo lojinhas). Curso de costura. Curso para filhas. Cursos, costura (fazer vestido). De anjo. Diz ser muito grata, que ajudam muito ela. É fundamental, pois ajuda bastante. Gosta do tratamento, da ajuda. Poderia oferecer curso de panificação e confeitaria. Gosta muito, acha que poderia oferecer mais cursos pois ajuda bastante. Gostaria de fazer curso de vigilância. Gostaria de fazer cursos de cuidadora, no que mais der. Muito boa! Poderia oferecer cursos técnicos e outras oportunidades de emprego. Muito bom ajuda bem, colocar o "chip". Não pare de oferecer os cursos. O papel em ajudar as mulheres da luz. Papel maravilhoso. Com curso para tirar as meninas da rua. Papel social. Poderia ajudar com documentos, e a sair da prostituição, e ajuda com as cestas básicas. Assistência médica, atenção à saúde sexual. Se NÃO fosse a ONG, sentiríamos muita fome, quando precisei a ONG me ajudou. Sonho com uma cooperativa de reciclagem só para mulheres. Tendo cursos, dentista.

Para a pergunta 2 - *Vamos organizar alguns encontros para discutir certos temas, você gostaria que nós abordássemos algum tema em especial?* As respostas foram as seguintes:

Agressão contra mulher, abuso sexual contra crianças e melhorias de doenças sexualmente transmissíveis. Assuntos sobre a prostituição. Camisinha, covid. Coleguismo entre as prostitutas. Conversa sobre direitos, por exemplo de conseguir benefícios do INSS, orientações. Conversar sobre depressão (percebe que aumentou o caso de depressão principalmente após a pandemia). Cursos. Direitos humanos, abuso sexual de crianças. Doença sexualmente transmissíveis (saúde da mulher), teste rápido. Educação. Falar sobre a luz, roda de conversa sobre as coisas desagradáveis (tipo roubos e furtos que elas sofrem). Falar sobre estar na prostituição. Falar sobre saúde, DST. Gostaria de fazer cursos profissionalizantes, temas de filhos (anticoncepcional, injeção, muita gente tem 10 filhos). Não quer mais filho, quer "chip". Igualdade, respeito, gênero. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Problemas familiares. Propostas de vagas de emprego. Referente à profissão. Saúde. Saúde da Mulher e Ist's. Cursos profissionalizantes. Prevenção. Saúde e curso. Saúde Mental. Saúde, camisinha. Saúde, como se proteger em relação aos homens. Saúde, cuidados pessoais, cuidados da pandemia, saúde mental. Saúde, educação. Segurança pessoal. Segurança pessoal, respeito. Sexualidade, ISTs. Sobre a prostituição em geral, o respeito a mulheres que exercem a profissão. Sobre a saída da prostituição, porque tão difícil. Sobre assédio sexual no trabalho, violência doméstica. Sobre o ser humano. Sobre saúde da mulher.

A partir destas respostas é possível perceber as principais necessidades destas mulheres em situação de prostituição. A seguir iremos criar as categorias de análise deste trabalho de campo.

5.3 CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

Para a **classificação dos dados**, terceira etapa da observação participante, serão usadas categorias. Retomando o que está na seção de procedimentos metodológicos (seção 2): a palavra categoria é um conceito usado para agrupar elementos relacionados na pesquisa qualitativa. Antes do trabalho de campo, as categorias são definidas pelo pesquisador e depois formuladas novamente após a

coleta de dados e comparadas às categorias abstratas iniciais. Três princípios devem ser usados para criar conjuntos de categorias: classificação única, exaustiva e mutuamente exclusiva.

A apresentação das atividades e observações nas subseções anteriores possui uma categorização prévia: *Trajetória e atuação, Trajetória - Início até 2019, Pandemia - Atuação do Coletivo de 2020 em diante, Saúde, Produção Científica e literária, Distribuição de cestas básicas e outros itens de necessidade, Formação de voluntariado e grupos de estudos, Parcerias com o setor público e O que dizem as mulheres situação de prostituição.*

Começando pelo último elemento, e, o mais representativo, pois é a voz das mulheres em situação de prostituição, podemos perceber a preocupação com a formação profissional, a busca por trabalho, a preocupação com os filhos, com moradia, com documentação e acesso à atendimento médico e dentário. A partir das respostas da segunda pergunta, vemos o tema violência contra a mulher, tanto na prostituição quanto doméstica e violência contra crianças. Muitas mencionaram saúde, se desdobrando em preocupação com saúde sexual devido à prostituição, ao momento da resposta, portanto, muitas falam de COVID-19, à prevenção contra ISTs e filhos, então elas falam de camisinha e *chip*, que é um implante contraceptivo oferecido pelo SUS. Também mencionam a Saúde Mental e Depressão. Também manifestam interesse em conversar sobre Direitos Humanos, o ser humano, respeito, sobre a vida na Luz, sobre como se defender dos homens, a relação entre elas e sobre a dificuldade de sair da prostituição.

A análise e discussão final será realizada na próxima seção.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, iniciaremos com a descrição do que foi pesquisado que dará subsídio para responder ao objetivo de pesquisa. Será elencado o que foi encontrado no campo e o que esses dados (tabelas, números, falas, trechos de documentos) querem dizer. Aqui, é feita uma tentativa de categorização desses dados e uma discussão interpretando o que foi encontrado, dialogando com a literatura do referencial teórico e sinalizando como essa pesquisa contribui para a área.

Lembrando que este estudo tem como ponto de partida a questão de como contribuir, no âmbito da Ciência da Informação, para que o conhecimento produzido por e para mulheres seja armazenado, organizado e acessado, evitando que percursos teóricos e políticos tenham que ser percorridos uma e outra vez. O objetivo geral é propor parâmetros para a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs) sobre mulheres que reflitam as pautas contemporâneas de luta das organizações e grupos de mulheres, e que os objetivos específicos *a* e *b* propõem, respectivamente, definir uma base referencial para a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento e sistematizar as reivindicações atuais dos movimentos de mulheres. Retomemos o que foi pesquisado partindo desta questão e desse objeto geral e específicos.

Sobre o conhecimento produzido por e para mulheres, na Seção 3 em que discutimos os conceitos desenvolvidos a partir do Movimento de Libertação de Mulheres pudemos verificar que, primeiro este Movimento é dinâmico e conflituoso, vemos que há pesquisas que demonstram que a opressão das mulheres é mais antiga que todas as opressões discutidas na atualidade e mesmo assim, não há uma lei, por exemplo no Brasil, que puna misoginia, somente em 2023 que ~~tem~~ sido acatado como projeto de Lei 2023 e está em discussão com forte contrariedade da sociedade (CRIMINALIZAÇÃO..., 2023).

Quando na seção 2, ao falar de classe sexual, em que Lerner (2020) menciona que em registros da antiguidade, do feudalismo, de famílias burguesas na Europa durante os séculos XIX e XX e na complexa relação entre sexo e raça entre mulheres de países colonizados e homens colonizadores, *todos* fornecem evidências da exploração sexual de mulheres de classes mais baixas por homens de classes mais altas. A autora também menciona que para um homem de uma classe

social explorar uma mulher de outra classe social mais baixa, ele exerce esse poder primeiro com as mulheres de sua própria classe social. Neste sentido, a autora afirma que, para as mulheres, a exploração sexual é um aspecto definitivo de sua exploração de classe. Vimos a exploração sexual escancarada na organização em que a observação participante foi realizada, essa exploração sexual é possível ser detectada tanto nas histórias que as mulheres em situação de prostituição contam, quanto na resposta das perguntas que estão na subseção 5.2.4.

Além de considerarmos a prostituição em si como exploração sexual, é possível conter abuso sexual, dentro desta exploração. Para exemplificar, no livro com história de vida narrada por elas tem o seguinte trecho: “Eu já fui abusada. Já fizeram abuso comigo, ~~seu~~ sem eu querer. Aí eu tive que chamar o rapaz do hotel. Aí eu tomei uma raiva de homem, tomei raiva de tudo. Eu não faço mais isso não. Falar pra você, que se eu vejo um homem entrando eu tenho nojo, sabe?” (SANTOS, 2019, p. 122).

Também vemos sinais de exploração sexual nas seguintes respostas apresentadas na seção 5.2.4, sobre quais temas gostariam de discutir:

Saúde, como se proteger em relação aos homens.

Segurança pessoal, respeito.

Sobre assédio sexual no trabalho, violência doméstica.

A divisão sexual do trabalho, discutida na subseção 3.5 que é separação de trabalhos de homem e trabalhos de mulheres, sendo que os trabalhos de homem vale mais que trabalho de mulher, cabendo às mulheres responsabilidade com o trabalho doméstico e de cuidados, se relacionado com a discussão consubstancialidade (subseção 3.9) que discute as relações de raça, sexo e classe social, sendo que “as três relações são inseparáveis e não somente se reforçam, mas se co-produzem mutuamente” (KERGOAT, 2010, p. 13). Vemos isso acontecendo com o fato de como mencionado na subseção 5.2.1: “São mulheres entre 40 e 70 anos, em sua maioria negras, moram longe da região central de São Paulo, com baixo nível de escolaridade e muitas, analfabetas. São as principais provedoras de suas famílias, sustentando maridos, filhos, netos e bisnetos. Recorrem à prostituição como último recurso para garantir o seu sustento e o de sua família e, muitas vezes, por vergonha e medo do estigma, escondem de seus familiares e conhecidos a prostituição. Entendem a prostituição como um lugar de passagem e esperam, em sua maioria, conseguir sair desta situação. Por isso, o

coletivo usa o termo “em situação de prostituição” ao invés de “trabalhadoras do sexo”, “garotas de programa” e análogos.

Neste trecho, vemos as relações de classe social, raça e sexo, além de idade e nível de escolaridade emaranhadas na história de vida dessas mulheres. A divisão sexual do trabalho se mostra ao estar em situação de prostituição para prover sustento para a família e família estendida. A esperança na transitoriedade da exploração sexual também transparece nas respostas ao questionário (subseção: 5.2.4) quando dizem o que esperam do Coletivo e quais temas gostariam de discutir:

*Com curso para **tirar as meninas da rua**.*

*Poderia ajudar com documentos, e a **sair da prostituição**, e ajuda com as cestas básicas.*

Sobre a saída da prostituição, porque tão difícil.

Partindo para falar sobre as questões sobre mulheres e Sistemas de Organização do Conhecimento, a questão de não considerar a prostituição como trabalho e sim como exploração sexual, e, portanto, como violência contra a mulher também é discutido por Schenk (2016, 2018) na subseção 4.4 que argumenta sobre uma possível não necessidade elaboração de tesouros, dada a existência da pesquisa de texto completo.

A perspectiva de Schenk (2018) sobre pesquisa de texto completo e pesquisa baseada em tesouro sugere que a indexação de textos de movimentos de mulheres e da teoria feminista revelou o uso repetido de termos diferentes para conceitos comparáveis ou mudanças no significado de certos termos ao longo do tempo. A autora argumenta que remover o uso de um tesouro, que fornece definições, sinônimos e termos relacionados em um banco de dados de texto completo, pressupõe que o usuário possua conhecimento dessas mudanças. No entanto, essa suposição corre o risco de perder informações valiosas sobre a continuidade histórica dos debates feministas, e é exatamente isso que os Arquivos e Bibliotecas feministas pretendem evitar como já discutido nas subseções de 2.12 a 2.15. Para ilustrar esse ponto, Schenk (2018) faz referência ao debate atual sobre prostituição e ao modelo nórdico de punição de *Johns* (cafetões e consumidores da prostituição), destacando a importância de conhecer o termo abolicionismo da prostituição (2.10) e reconhecer seu uso na luta contra o sistema de prostituição. O não uso desse termo pode resultar na perda da perspectiva histórica e no desrespeito por sua relevância nos debates atuais. Portanto, a pesquisa interdisciplinar sobre mulheres, com sua

terminologia em constante mudança, não pode ser totalmente transmitida apenas por meio de pesquisas de texto completo ou de métodos de indexação totalmente automáticos (SCHENK, 2018).

Quando falamos a partir da subseção 2.11 sobre mulheres e produção de conhecimento e fontes de informação sobre mulheres, podemos relacionar com as discussões de Olson (2001, 2002), Fox (2016), López Huertas e Torres Ramírez (2005), Almeida, San Segundo Manuel e Martínez Ávila (2021) e outros que apontam o caráter androcêntrico da Ciência e da Linguagem que não distingue a humanidade do homem, refletindo em omissões e preconceitos nos SOCs tradicionais e até nos especializados como vimos em López Huertas e Torres Ramírez (2005) e Romero-Millán e Naumis-Peña (2017).

Podemos notar, na revisão de literatura, que autoras como Fox (2011, 2012, 2016) e Olson (2001, 2002, 2007) usam conceitos do pós-estruturalismo para analisar os Sistemas de Organização do Conhecimento apontando omissões, mas se falamos de democratização do acesso ao conhecimento e denunciarmos a omissão da produção de mulheres uma e outra vez, é preciso expandir o conceito de análise feminista para além das pós-modernas e mencionar feministas com perspectiva materialista, que realmente consideram a opressão que mulheres de todas classes e raças vivenciam.

Uma questão seminal verificada nesta pesquisa é a partir de Moraes (2014) é sobre o aspecto contraditório na construção do TEG - Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres, que apesar de ter sido desenvolvido para atender uma comunidade especialista, não houve a participação da comunidade na sua estruturação. Segundo a autora, o método indutivo (*bottom-up*) seria o mais apropriado por ser uma abordagem crítica do conhecimento que não deveria repetir esquemas hegemônicos de representação da informação e do conhecimento.

Neste sentido, este trabalho foi uma tentativa de, a partir da comunidade, que seriam o movimento organizado de mulheres, no caso, o Coletivo Mulheres da Luz, a fim de entender as lutas e discussões para pensar não na Organização do Conhecimento, mas também na sua produção.

Assim, vamos verificar termos discutidos nas seções 2, 3 e 4 no TEG - Tesouro para Estudos de Gênero e Sobre Mulheres (BRUSCHINI, ARDAILLON, UNBEHAUM, 1998), que apesar de todas as críticas e problemas, é o único

especializado brasileiro e em três dos cinco SOCs avaliados no Schenk (2018; Anexo A). O **ThesaurA** (KLÖSCH-MELLIWA; ZACH, 1996) não está disponível para acesso e o **GenderOpen** (GENDEROPEN REPOSITORY, c2023) é uma lista de palavras sem relacionamentos entre elas e sem definições. Os que serão analisados, além do TEG são:

- O **EWT - European Women's Thesaurus** (INTERNATIONAL INFORMATION CENTER AND ARCHIVES FOR THE WOMEN'S MOVEMENT, 1998);
- O **FMT Thesaurus** - Feministischer Thesaurus (SCHWARZER; SCHEU; GLÖCKLHOFER, 1994) e
- o **EIGE Thesaurus** - Gender Equality Glossary and Thesaurus (EIGE, 2023).

Os termos são Prostituição, Divisão Sexual do Trabalho, Sexo e gênero.

Prostituição

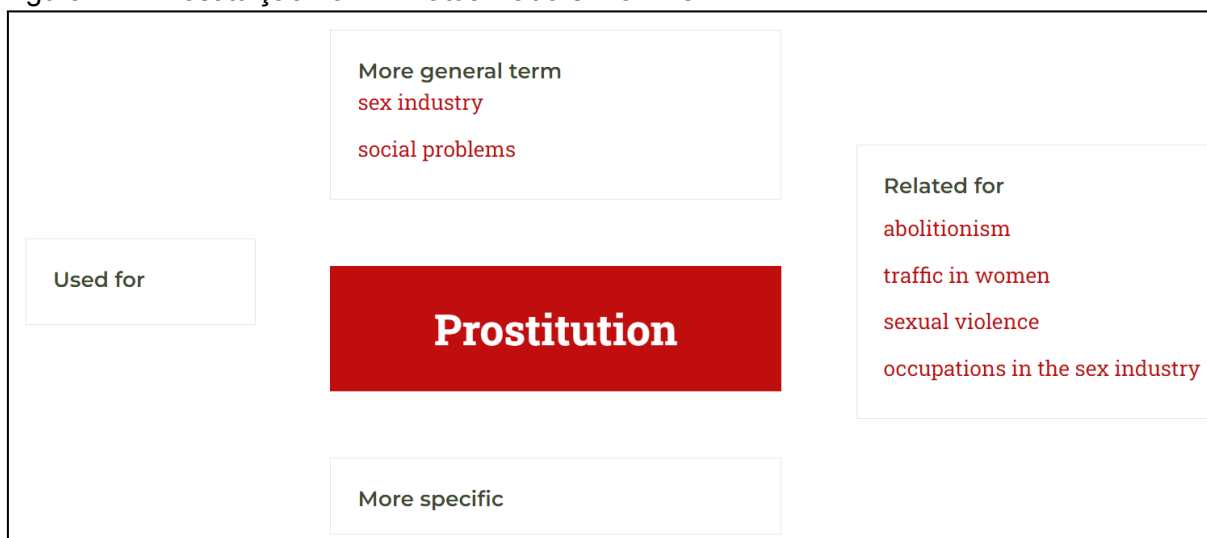
Inicialmente ilustraremos como os cinco SOCS representam o termo prostituição e faremos uma breve discussão.

Figura 21 - Prostituição e Prostitutas no TEG

prostituição	
SG	Ciências Naturais e Saúde Ciências Sociais e Cultura Economia e Emprego
RT	bordéis crime organizado crimes contra crianças crimes contra mulheres doenças sexualmente transmissíveis pornografia
prostitutas	
SG	Ciências Sociais e Cultura Economia e Emprego
BT	mulheres ocupações

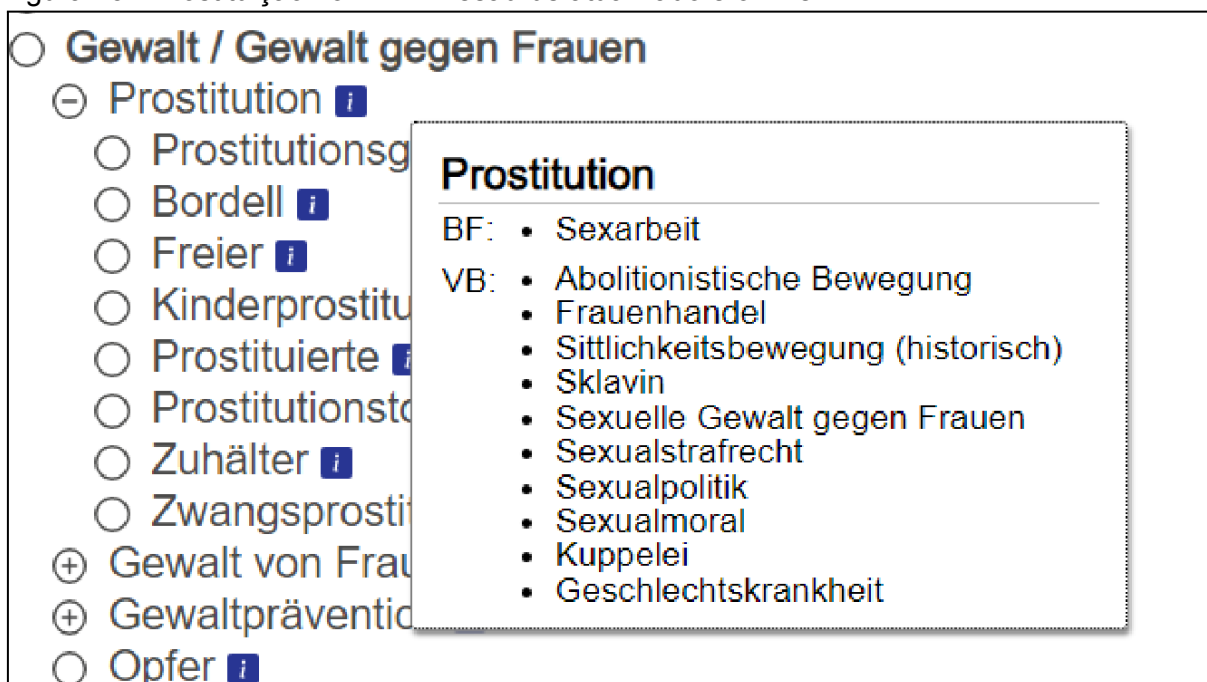
Fonte: Bruschini, Ardaillon E Unbehaum (1998, p. 139)

Figura 22 - Prostituição no EWT atualizado em online



Fonte: European Women's Thesaurus atualizado em online - ATRIA. **Women's Thesaurus**. Amsterdam: ATRIA, c2023.

Figura 23 - Prostituição no FMT Thesaurus atualizado e online



Legenda: Título: Violência / Violência contra a mulher. Descritor: Prostituição. BF (usado para): Trabalho sexual. VB (termos relacionados): Movimento abolicionista; Tráfico de mulheres; Movimento moral (histórico); Escravo; Sexual; Violência contra a mulher; Direito penal sexual; Política sexual; Moralidade sexual; Cafetão/Bordel; Doença venérea.

Fonte: FMT Thesaurus atualizado e online – FRAUENMEDIATURM. **Der Thesaurus**. Köln: FMT, 2018.

No **EIGE Thesaurus** - Gender Equality Glossary and Thesaurus (EIGE, 2023), não tem o termo *prostituição* tampouco *trabalho sexual*, mas tem os termos

comércio sexual, tráfico sexual, exploração sexual e escravidão sexual. A seguir é reproduzido a lista em ordem alfabética a partir de sex:

sex	sex-disaggregated	sexual identity
sex bias in data collection	statistics	sexual orientation
sex discrimination	sex-role stereotype	sexual rights
sex stereotype	sexism	sexual slavery
sex trade	sexual abuse	sexual stereotype
sex trafficking	sexual assault on women	sexual violence
sex- and gender-based	sexual division of labour	sexual violence referral
discrimination	sexual exploitation	centre
sex-disaggregated data	sexual harassment	sexualit
	sexual health	

Ao verificar a definição de **sexual exploitation** que diz o tipo predominante de tráfico de seres humanos documentado é o da exploração sexual. Abrangendo a utilização de outras pessoas para fins de prostituição ou outros tipos de exploração sexual, incluindo prostituição de rua; prostituição em vitrines e bordéis; clubes/bares de strip; indústria pornográfica; serviços de acompanhantes, agências de modelos e casas de massagem. É uma exploração que tem um sexo distinto, com mulheres e meninas constituindo a grande maioria (EIGE, 2023). Foi verificado que dentre os termos relacionados, havia prostituição forçada:

RELATED TERMS

commercial sexual exploitation of children

forced prostitution

sex trade

sexual abuse

trafficking in human beings

violence against women and girls in armed conflict

Podemos concluir que o **EIGE Thesaurus - Gender Equality Glossary and Thesaurus** segue a política liberal discutida em 2.10 Prostituição, oposta aos abolicionistas da prostituição ao diferenciar prostituição forçada de uma prostituição livre, visto que abolicionistas da prostituição consideram qualquer prostituição uma violência. A definição de prostituição forçada é a seguinte no GenderOpen: uma forma de escravidão que é incompatível com a noção de dignidade humana e direitos humanos fundamentais, está intrinsecamente ligada à desigualdade de sexo na sociedade e tem um impacto profundo no status de mulheres e homens, bem

como na percepção de suas relações mútuas e sexualidade (EIGE, 2023). O tesouro não tem nenhum outro termo com a palavra prostituição.

Como *prostitutas* aparecem na sequência de *prostituição* no TEG, mantivemos os dois termos na figura 21, o descritor é prostituição e os termos relacionados são *bordéis*, *crime organizado*, *crimes contra crianças*, *crimes contra mulheres*, *doenças sexualmente transmissíveis* e *pornografia*. No EWT o termo preferido também é *prostituição* e está subordinado à *Indústria do Sexo* e à *Problemas Sociais*. No FMT o termo preferido é *prostituição* e é indicado que é usado para *Trabalho Sexual*, ele está subordinado ao título *Violência/Violência contra a mulher* e os termos relacionados são: *Movimento abolicionista*; *Tráfico de mulheres*; *Movimento moral (histórico)*; *Escravo*; *Sexual*; *Violência contra a mulher*; *Direito penal sexual*; *Política sexual*; *Moralidade sexual*; *Cafetão/Bordel*; *Doença venérea*.

Nos relacionamentos deste termo, em todos os SOCS conseguimos perceber que eles não foram desenvolvidos inteiramente por concepções próprias do feminismo liberal, o termo “prostituição” é relacionado com os diversos crimes que perpassam pelo Sistema de Prostituição, além de relacionar com pornografia, que nos “feminismos” pós-modernos de hoje é visto como libertação. É possível afirmar que o discurso de cafetinagem que tomou os Estudos Gênero aparentemente não ainda não refletiu nos SOCS, pois a visão abolicionista ainda é majoritária, pois não se encontra “trabalho sexual, nem “trabalhadoras do sexo” como termos preferidos. É possível identificar nos termos relacionados com o resultado da observação participante na Luz que, nas respostas das mulheres em situação de prostituição, mencionam IST's, múltiplas violências e violência contra crianças. Também é possível relacionar com o que se discutiu na subseção 3.10 sobre prostituição, que ela está diretamente relacionada com a pornografia, além de ser uma violência.

Divisão sexual do trabalho

Nas figuras 24, 25 e 26 a seguir, vemos os termos “divisão sexual do trabalho” nos SOCS TEG, EWT e FMT. Conforme vimos na seção 3, gênero significa muita coisa, dentre elas divisão sexual do trabalho, como podemos ver pelos termos relacionados, lembrando que a divisão sexual do trabalho é a separação do trabalho entre trabalho para homens e trabalho para mulheres baseados nas relações sociais

de sexo, ou seja, não são tarefas naturais, nem essenciais de cada sexo, mas sim, criadas socialmente. A divisão sexual do trabalho também é hierárquica, onde o trabalho do homem, vale mais que o trabalho da mulher.

No **EIGE Thesaurus**, encontramos *sexual division of labour* que não tem definição, mas tem como sinônimo *gender division of labour*, que tem a seguinte definição: "atribuição de diferentes empregos ou tipos de trabalho a mulheres e homens". O termo *gender division of labour* tem como sinônimos *division of labour*, *gender-based division of labour* e *sexual division of labour*. Na figura 27 temos uma sequência de termos que estão relacionados com a divisão sexual do trabalho (EIGE, 2023).

Figura 24 - Divisão sexual do trabalho no TEG

divisão sexual do trabalho	
SG	Ciências Sociais e Cultura Economia e Emprego
BT	divisão social do trabalho
NT	divisão sexual do trabalho doméstico
RT	articulação trabalho/família casais dupla jornada gênero igualdade de salários papéis de gênero parentalidade

Fonte: Bruschini, Ardaillon E Unbehaum (1998, p. 65)

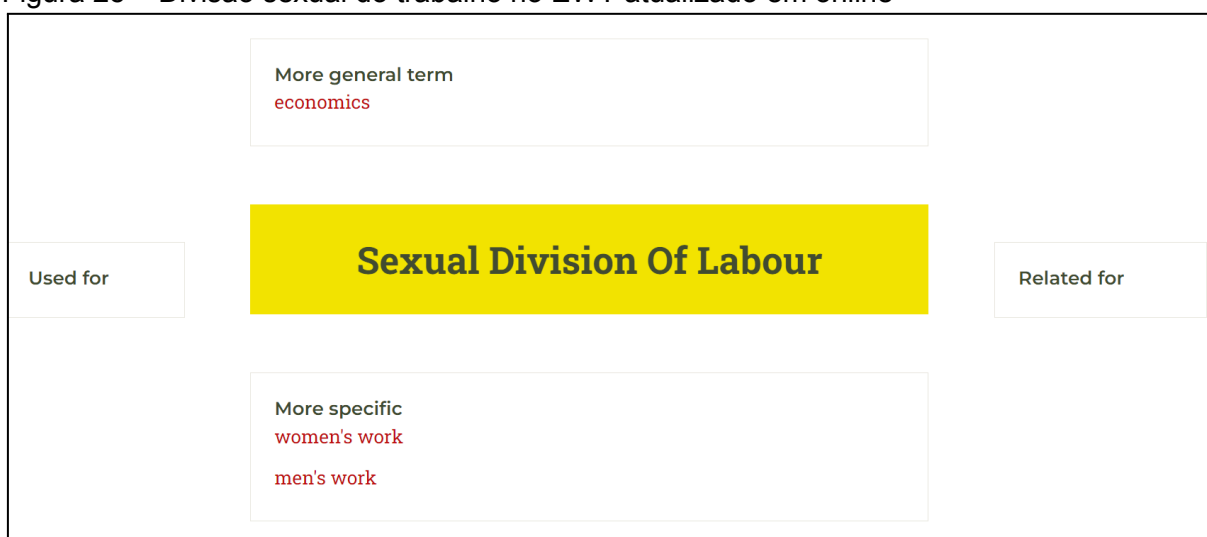
Também vemos na figura 24 (TEG) e 26 (FMT), termos relacionados que remetem ao trabalho doméstico e de cuidados, como “articulação trabalho/família”, “dupla jornada” e “parentalidade” que estão na esfera privada, que além muitas vezes serem executados gratuitamente, sendo a manutenção do sistema de dominação masculina e do sistema capitalista, perpassa pela relação com raça e classe, que como já discutido, os trabalhos domésticos muitas vezes são transferidos para mulheres imigrantes de países mais pobres e negras. Muito parecido com o FMT que inclui a hierarquia de sexo e as questões de trabalhos

tradicionalmente masculinos ou femininos. O termo no FMT é *Mercado do Trabalho, Hierarquia de Genero* que se divide em:

- Divisão de trabalho, hierarquia de gênero
- Os subtítulos mostram as condições de trabalho
- Os subtermos mostram o local de trabalho
- Discriminação indireta
- Trabalho infantil
- Discriminação salarial
- Conciliação entre família e trabalho

O EWT é mais simples, com termos específicos a divisão entre trabalhos de homens e mulheres:

Figura 25 – Divisão sexual do trabalho no EWT atualizado em online



Fonte: European Women's Thesaurus atualizado em online - ATRIA. **Women's Thesaurus**. Amsterdam: ATRIA, c2023.

Figura 26 - Mercado de trabalho, hierarquia de gênero no FMT

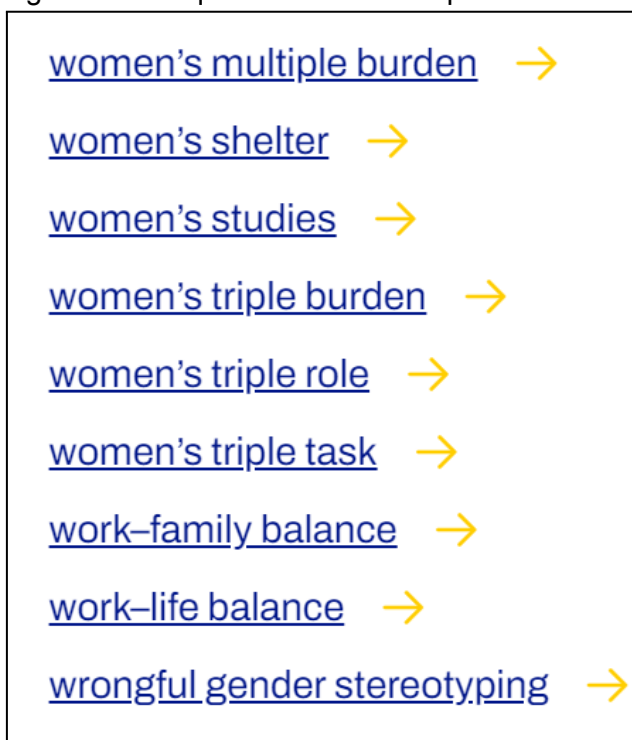


Legenda: Título: Trabalho / Economia. Descritor: Mercado de trabalho, hierarquia de gênero. BF (usado para): Mercado de trabalho; Mercado de trabalho hierárquico de gênero; Mercado de trabalho específico de gênero. VB (termos relacionados): Política do mercado de

trabalho; Emprego remunerado; pensão; Hierarquia de gênero; Mercado mundial; Trabalho em tempo parcial; discriminação salarial; divisão do trabalho, hierarquia de gênero; Mulheres em ocupações tradicionais; ocupações femininas tradicionais; Mulheres em ocupações tradicionalmente masculinas.

Fonte: FMT Thesaurus atualizado e online – FRAUENMEDIATORM. **Der Thesaurus**. Köln: FMT, 2018.

Figura 27 - Sequência de termos que estão relacionados com a divisão sexual do trabalho



Fonte: **EIGE Thesaurus** - Gender Equality Glossary and Thesaurus (EIGE, 2023).

Como mencionado em 2.5 sobre divisão sexual do trabalho que atribui tarefas domésticas às mulheres, que podem delegar tarefas às mulheres mais pobres, mas os homens da família não são responsáveis por essa exploração. As mulheres carregam a carga mental de organizar e executar as tarefas domésticas, mesmo quando delegam a seus parceiros. Além disso, as mulheres que trabalham fora de casa ainda são responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos acumulando tarefas que chamado de dupla jornada e carga mental. A seguir vamos verificar sexo e gênero.

Sexo e gênero

A seguir, colocamos as figuras para fazer a comparação entre os termos *sexo* e *gênero* no TEG, EWT, FMT e *EIGE Thesaurus*. É possível observar que o termo *gênero* é onipresente. Pelas figuras vemos que *gênero* é o termo preferido para o

que aqui chamamos de relações sociais de sexo (2.2). O termo sexo no TEG é usado no sentido de relação sexual.

Figura 28 - Gênero no TEG

gênero	
SN	<i>Princípio que transforma as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres. Usar “gênero” para todas as referências de ordem social ou cultural, e “sexo” para aquelas de ordem biológica.</i>
SG	Ciências Sociais e Cultura História e Mudança Social
RT	construção social da realidade divisão sexual do trabalho estudos de gênero, classe e raça estrutura social ideologia de gênero organização social relações de gênero sexo socialização

Fonte: Bruschini, Ardaillon E Unbehaum (1998, p. 89).

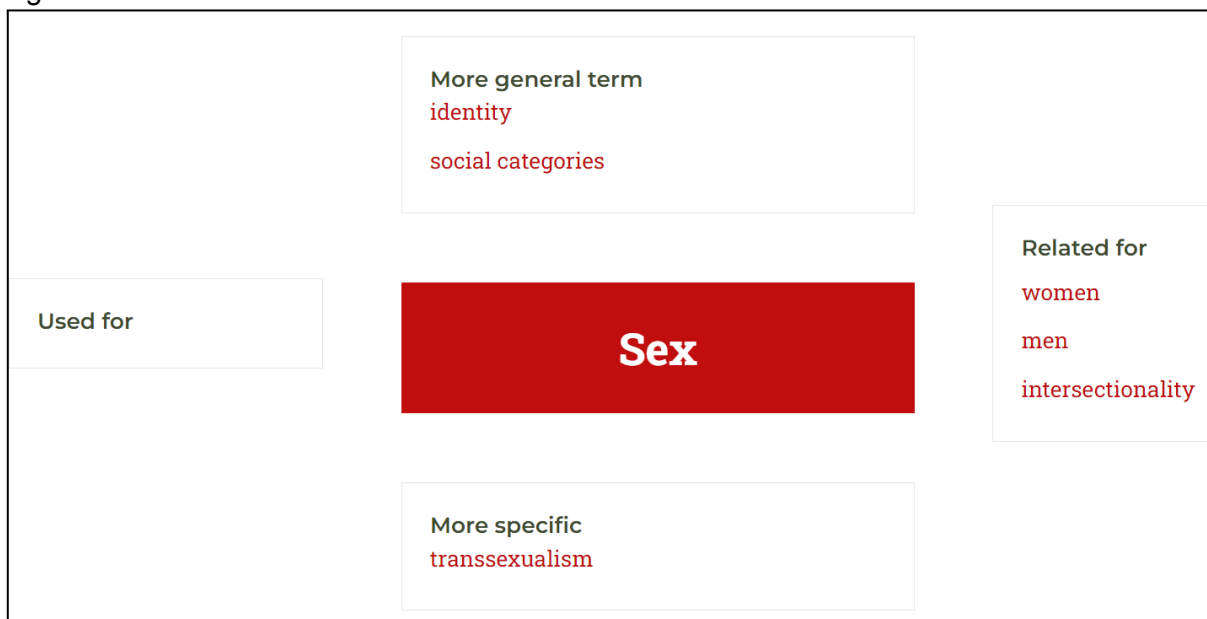
Figura 29 - Sexo no TEG

sexo	
SG	Ciências Naturais e Saúde Ciências Sociais e Cultura
NT	sexo seguro
RT	comportamento sexual emoções gênero prazer relações sexuais sexualidade

Fonte: Bruschini, Ardaillon E Unbehaum (1998, p. 152).

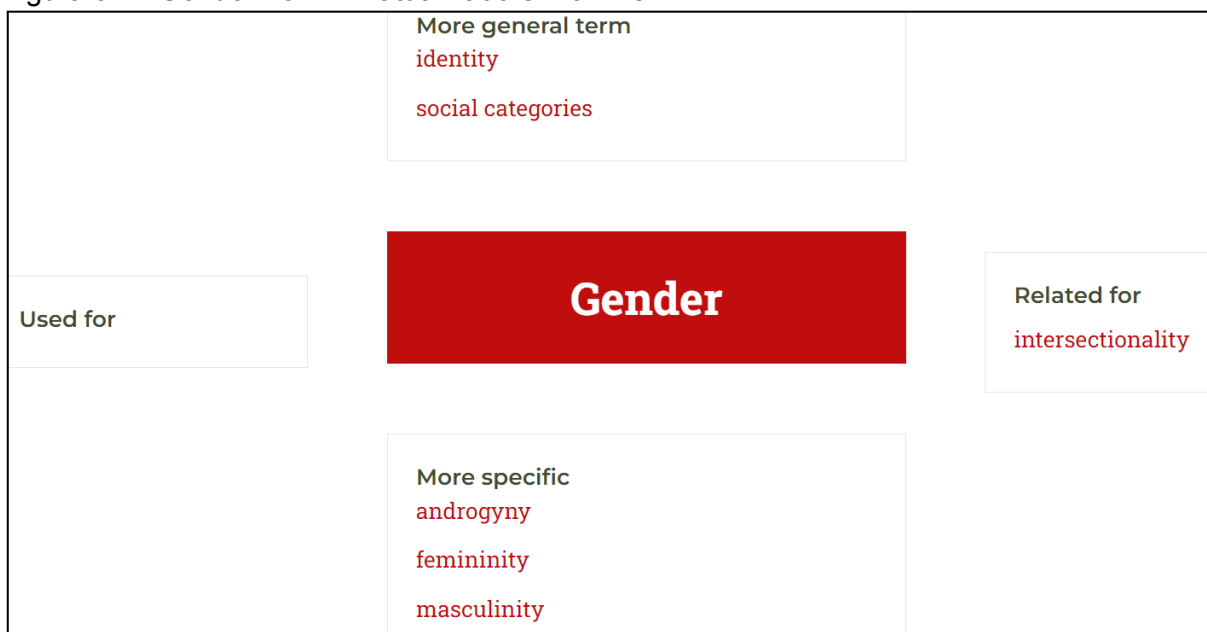
No EWT, sex é dividido entre homem e mulher mais interseccionalidade e *gender* tem como termos específicos: masculinidade, feminilidade e androginia. O EWT separa então sexo como uma categoria biológica e gênero como os comportamentos ditos masculinos ou femininos, os socialmente construídos.

Figura 30 – Sex no EWT atualizado em online



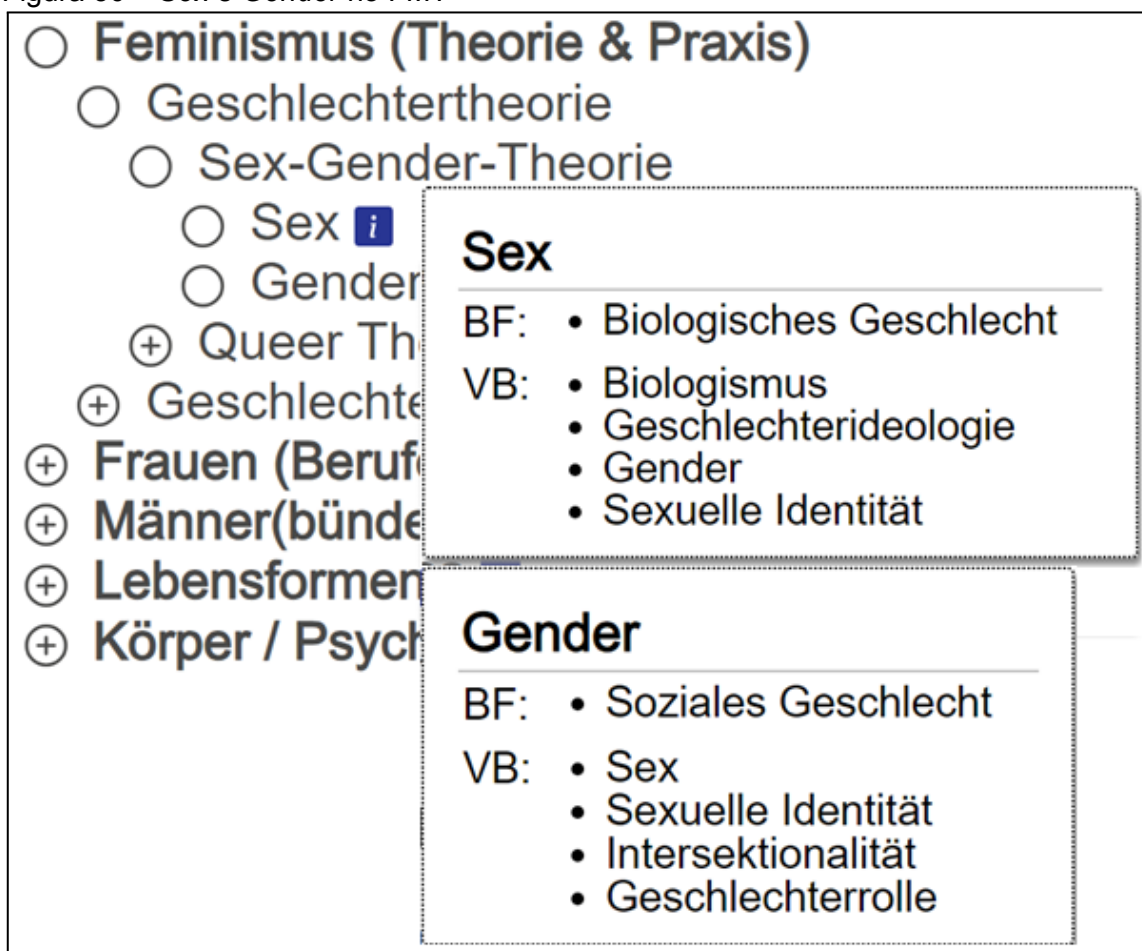
Fonte: European Women's Thesaurus atualizado em online - ATRIA. **Women's Thesaurus**. Amsterdam: ATRIA, c2023.

Figura 31 – Gender no EWT atualizado em online



Fonte: European Women's Thesaurus atualizado em online - ATRIA. **Women's Thesaurus**. Amsterdam: ATRIA, c2023.

Figura 30 – Sex e Gender no FMT



Legenda: Título: Feminismo (teoria e prática) - Teoria de gênero - Teoria de sexo e gênero. Descritor: Sex. BF (usado para): Sexo biológico. VB (termos relacionados): Biologismo, Ideologia de gênero e Identidade sexual.

Descritor: Gender. BF (usado para): Gênero social. VB (termos relacionados): Sexo, Identidade sexual, Interseccionalidade e Papel de gênero.

Fonte: FMT Thesaurus atualizado e online – FRAUENMEDIATURM. **Der Thesaurus**. Köln: FMT, 2018.

Gender no *EIGE Thesaurus* é definido como “atributos sociais e oportunidades associados ao fato de ser mulher ou homem e às relações entre mulheres e homens, meninas e meninos, bem como às relações entre mulheres e entre homens”. Já *Sex* é definido como “características biológicas e fisiológicas que definem os seres humanos como femininos ou masculinos”. Eles não estão relacionados entre si no tesauro (EIGE, 2023).

Fica evidente no FMT que *Sex* e *Gender* são tratados como elementos distintos pois estão subordinados ao título *Feminismo (teoria e prática)* e a *Teoria de sexo e gênero* que propõe a separação entre sexo e gênero, diferente do proposto pelas feministas materialistas francesas que propõem que o sexo é tão artificial

quanto o que o que chamam de gênero, conforme discutido em 2.2 e 2.6. Também é possível observar que o FMT também coloca o sexo como algo biológico e gênero como relacionado com a construção social do sexo, assim como o EWT, o TEG e o *EIGE Thesaurus*.

Em nenhum deles existe *relações sociais de sexo* (2.2), tampouco *classe sexual* (2.3) ou *casta sexual* (2.4).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção dialogaremos com a literatura do referencial teórico sinalizando como esta pesquisa pode contribuir para a área. Serão indicados autores do diálogo, os resultados e as implicações do que foi discutido ao longo do trabalho.

O objetivo geral deste trabalho foi propor parâmetros para a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs) sobre mulheres que reflitam as pautas contemporâneas de luta das organizações e grupos de mulheres. Para propor esses parâmetros, foi definida uma base referencial para a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento (Seção 3) com discussões sobre os temas relativos ao Movimento de Libertação das Mulheres e na Seção 4, com um instrumento de comparação e avaliação de SOCS especializados em mulheres e revisão integrativa de literatura que abordam SOCS e relações sociais de sexo.

Na análise e discussão dos resultados foi discutida a sistematização das reivindicações atuais por meio da técnica de Observação participante em um Coletivo político de mulheres em relação com o quadro teórico de referência das seções 2 e 3.

O principal questionamento levantado na Seção 3, de maneira muito resumida é que existe uma vasta produção científica sobre mulheres e a sua libertação que não está sendo utilizada para avançar no processo de criação de consciência e libertação das mulheres. O que podemos verificar nos descritores analisados na Seção 6, em que não aparecem informações discutidas na Seção 3 como abolicionismo da prostituição, relações sociais de sexo e a problemática do uso do conceito de gênero em que tudo é gênero e nada é gênero, apagando o sujeito do movimento, que como discutido por Cisne (2014, p. 67), “não podemos, em nenhuma situação ocultar o seu sujeito político central: a mulher. Sem esse sujeito, o movimento feminista perde seu sentido e dilui o seu propósito”.

A proposta inicial desta pesquisa seria debruçar nos sistemas de organização da informação e conhecimento especializados em informação sobre mulheres. Porém, ao realizar a pesquisa bibliográfica, foi observado que há substancial produção científica abordando os instrumentos de organização da informação generalistas do ponto de vista ético e feminista. A partir desta descoberta, achamos pertinente realizar uma revisão bibliográfica neste sentido, também pelo fato de Lerner (2020) abordar a história compensatória. Adaptando-a para a área da

organização da informação e do conhecimento, podemos ter excelentes instrumentos especializado na área de produção de mulheres, porém, continuaríamos em um nicho específico sem atingir maior número de pessoas sobre a participação das mulheres na produção do conhecimento, da arte, cultura, atuação política como seres completos e atuantes na sociedade.

Embora os SOCS tenham sido atualizados para responder ao desenvolvimento das ciências, a atualização não tem sido suficiente. Confirma-se que ainda existem lacunas terminológicas a serem preenchidas diante do vertiginoso desenvolvimento dos estudos das relações sociais de sexo ou Estudos sobre Mulheres, razão pela qual uma revisão exaustiva e permanente é necessária, não só sobre o tema relações sociais de sexo, mas em todos os SOCS.

Um exemplo da necessidade de se levar em consideração os estudos sobre relações sociais de sexo, as reivindicações do movimento de mulheres e suas conquistas na Organização do Conhecimento é o trabalho de Fioravanti, Nascimento e Sabbag (2020) sobre o uso de termos de indexação para representar crimes contra a mulher no Estado de São Paulo. Os autores constataram que a falta de atenção dada a esses crimes acarretava uma subnotificação de feminicídios em que a maioria dos crimes que resultaram na morte de mulheres foi classificada e indexada como homicídio qualificado e não como feminicídio, o que dificulta a visibilidade e a recuperação de informações sobre esses crimes, inclusive para a elaboração de políticas públicas. O estudo destaca a importância de rever os sistemas de classificação e os termos existentes, não apenas nas bibliotecas, para aumentar a consciencialização e a visibilidade dos crimes contra as mulheres em geral.

São necessárias mais pesquisas sobre o assunto a partir de um ponto de vista mais integrado que não apenas estude empiricamente esquemas, tabelas de classificação e o uso de termos de indexação, mas que também reconheça o assunto como uma discussão que requer aprofundamento.

Sobre os SOCS específicos sobre mulheres, especificamente em coleções especializadas, podemos lembrar que a catalogação auxiliada por computador e a indexação de assuntos feministas foram discutidos na década de 1990 seguido da publicação de catálogos feministas na Internet, os catálogos de acesso público online - OPACs, nos últimos anos, até a substituição dos primeiros OPACs por sistemas de busca modernos. Agora está pendente a digitalização dos acervos em

maior escala, bem como a padronização cooperativa dos metadados/catalogação. Não há como evitar o fornecimento de acervos digitais e a participação nos portais digitais de instituições culturais e de conhecimento em nível nacional e por continentes para garantir visibilidade permanente e atender as expectativas dos usuários. Para isso, os profissionais e os recursos tecnológicos necessários só podem ser efetivos e disponibilizados de forma sustentável, em cooperação (SCHENK, 2018).

Sobre o desenvolvimento de um SOC sobre mulheres, no prefácio da publicação impressa do *European Women's Thesaurus*, a editora escreve em 1998 que desenvolver um tesouro sobre mulheres é um projeto interdisciplinar, enquanto os tesouros são geralmente de disciplinas específicas, tornando a construção de um tesouro sobre a posição das mulheres e dos estudos sobre as mulheres um processo complicado por sua complexa estrutura temática (BOERE, 1998 *apud* SCHENK, 2018). Pudemos perceber pela comparação dos descritores na Seção 5 que a complexidade continua e pode ter aumentado.

A variedade de exemplos de diferentes SOCS no campo da pesquisa sobre mulheres e relações sociais de sexo mostra que a necessidade de definições de termos sensíveis ao tema e de indexação apropriada foi reconhecido e várias abordagens foram desenvolvidas para dar conta da questão. São iniciativas recentes, demonstrando a pertinência ainda hoje do tema.

Sobre a necessidade de se criar e manter SOCS sobre mulheres, enfatizamos o que foi apontado por Schenk (2016) sobre os termos diferentes usados para conceitos comparáveis na teoria feminista, e a pesquisa de texto completo em um banco de dados pressupõe conhecimento dos processos de mudança. Sem um SOC, o conhecimento sobre debates feministas poderia ser perdido, como por exemplo a prostituição e o debate sobre prostituição e trabalho sexual, abolicionismo e prostituição forçada que precisam constar nas relações dos termos e nas notas explicativas para ilustrar a importância da terminologia apropriada na pesquisa histórica. Pesquisas interdisciplinares sobre mulheres com terminologia em constante mudança não podem ser transmitidas adequadamente com base apenas na pesquisa de texto completo ou em métodos de indexação automática.

Sobre as disputas discursivas, Hjørland (2020) enfatiza que a intenção da Organização do Conhecimento não é permanecer imparcial, mas sim servir a um propósito específico para objetivos e empreendimentos específicos. Categorizar um

determinado domínio implica adotar uma postura nas controvérsias teóricas dentro da disciplina. A formação de um Sistema de Organização do Conhecimento exige a avaliação de argumentos de ambas as perspectivas e envolve atividades acadêmicas. Nossas metodologias devem ser ponderadas e descartar epistemologias que desconsideram as implicações éticas, políticas e ideológicas na pesquisa.

De acordo com Schenk (2016), tesouros feministas não são apenas vocabulários controlados para o tratamento de acervos tematicamente específicos de instituições de informação sobre mulheres. São também instrumentos políticos de crítica feminista da linguagem.

Já mencionado, mas é importante enfatizar que na pesquisa de Moraes (2014), surge uma questão significativa em relação ao aspecto conflitante no desenvolvimento do TEG - Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres. Apesar de ser destinada a uma comunidade especializada, a comunidade não esteve envolvida em sua criação. A autora sugere que o método indutivo (*bottom-up*) seria o mais adequado, pois é uma abordagem crítica do conhecimento que não deve replicar os esquemas estabelecidos de representação da informação e do conhecimento.

Por fim, este trabalho representa um esforço em discutir a Organização do Conhecimento a partir do movimento organizado de mulheres, neste caso, o Coletivo Mulheres da Luz, para compreender as lutas e debates em torno não só da Organização do Conhecimento, mas também de sua produção.

Há limitações nos resultados aqui apresentados. Seria ideal a realização de pesquisas que replicassem as metodologias discutidas na revisão integrativa de literatura na subseção 4.4 como as de López-Huertas e Torres Ramírez (2005), Rodríguez Bravo (2007), Romero-Millán e Naumis-Peña (2017), Teixeira e Souza (2020) e Salvai (2013). Com uma quantidade significativa de dados retirados dos textos da área, das organizações políticas e dos SOCS, seria possível ter um *corpus* para a elaboração de um SOC sobre mulheres com parâmetros efetivos para sua construção e avaliação.

Outro trabalho necessário seria sistematizar as bibliotecas e centros de informação sobre mulheres, inicialmente no Brasil para verificar se as elencadas por Xavier (2018) estão ativas, se as coleções estão tratadas e buscar maneiras de preservar esse conhecimento e difundi-lo. A atuação cooperativa em rede é uma

possível solução para o movimento de mulheres no Brasil, não só para conquista de direitos, mas também para produção e preservação de conhecimentos e memória.

O aprofundamento nas tecnologias de criação e gerenciamento de SOCS, inclusive de ontologias é necessário, assim como nas questões sobre a interoperabilidade. É também urgente o desenvolvimento de material didático sobre os temas aqui discutidos, tanto para a educação básica, quanto técnica e superior.

O fato concreto é que a exploração do tema sobre os Movimentos de Mulheres, suas ações e produção científica, permitiu conhecer as diversas facetas e concepções sobre os instrumentos de organização e difusão do conhecimento.

Pretendemos, portanto, continuar as pesquisas sobre os Movimentos de Mulheres, tendo como norte as questões urgentes apontadas pelas autoras e autores que revisitamos. As soluções propostas e os caminhos apontados pelas pesquisadoras e pesquisadores são imprescindíveis para prosseguir.

REFERÊNCIAS

- ACERVO SUELI CARNEIRO. **Sobre o projeto**. c2022. Disponível em: <https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/sobre>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AFONSO, Mariana Luciano. **Regulamentar para quê(m)?** As representações sociais de prostitutas sobre a regulamentação da profissão. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- AGÊNCIA DO BEM. **Resultado Prêmio SuperAção 2020**. 16 nov. 2020. Disponível em: <https://www.agenciadobem.org.br/resultado-premio-superacao-2020/>. Acesso em: 17 out. 2021.
- ALFAYA LAMAS, Elena. La asunción del género neutro en la teoría y práctica de la organización del conocimiento. *In*: CONGRESO ISKO-ESPAÑA, 10, 2011, Ferrol. **Actas** [...]. Ferrol: Universidade da Coruña, Servizo de Publicacións, 2012. p. 249–263.
- ALMEIDA, Carlos Cândido De; SAN SEGUNDO MANUEL, Rosa; MARTÍNEZ ÁVILA, Daniel. Epistemología feminista y organización del conocimiento en el contexto de ISKO Ibérico. *In*: SILVA, Carlos Guardado da, REVEZ, Jorge; CORUJO, Luís (eds.). Congresso ISKO Espanha-Portugal, 5., 2021, Lisboa. **Atas** [...] Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, Colibri, 2021
- ARDAILLON, Danielle; RIDENT, Sandra. A criação de um tesouro para estudos de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 97, p. 73–78, 1996. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/805>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- ARGENTE JIMÉNEZ, Montse; CABÓ CARDONA, Anna. European Women's Thesaurus, **Métodos de información**, v. 7, n. 35–36, p. 42–51, 2000. Disponível em: <http://www.metodosdeinformacion.es/mei/index.php/mei/article/view/478/498>. Acesso em: 25 mar. de 2018.
- ARQUIVO LÉSBICO BRASILEIRO. **Quem somos**. c2023. Disponível em: <https://www.arquivolesbicobrasileiro.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- ARQUIVO LÉSBICO BRASILEIRO. **Sobre nós**. c2023a. Disponível em: <https://www.arquivolesbicobrasileiro.org.br/>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- ATRIA. **Women's Thesaurus**. Amsterdam: ATRIA, c2023. Disponível: <https://institute-genderequality.org/library-archive/collection/thesaurus/https%3A%2F%2Fdigitaalergoed.poolparty.biz%2FVrouwenthesaurus%2Fprostitutie/>.

BARRY, Kathleen Barry. Pornography and the Global Sexual Exploitation of Women. *In*: BELL, Diane; KLEIN, Renate. **Radically Speaking: Feminism Reclaimed**. North Melbourne: Spinifex Press, 1997. p. 448-455.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIAGETTI, Maria Teresa. Ontologies as knowledge organization systems. **Knowledge Organization**, v. 48, n. 2, p. 152-176, 2021.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Os sistemas de organização do conhecimento nas perspectivas atuais das normas internacionais de construção. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2, n. 1, p. 165-192, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 98, de 19 de fevereiro de 2003**. Dispõe sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e suprime os arts. 228, 229 e 231 do Código Penal. Brasília: Câmara dos Deputados, 2003. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=114091. Acesso em: 17 out. 2021.

BRAVO RODRÍGUEZ, Blanca. La integración de la mujer en los lenguajes documentales: una utopía necesaria en la sociedad del conocimiento. **BiD: Textos universitarios de biblioteconomía i documentació**, n. 18, p. 5, 2007.

BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle; UNBEHAUM, Sandra G. **Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Ed. 34, 1998.

BURGOS FRESNO, J. L.; FERNÁNDEZ PÉREZ, M.; MASEDA GARCÍA, R.; VILLANUA BERNUES, L. **Tesouro "Mujer"**. 6ª ed. Madrid: Instituto de la Mujer, Centro de Documentación, 2002. Disponível em: http://www.mtas.es/mujer/servicios/centro_documentacion/cendoc.htm.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. Cadastro Único. Cadastros e Serviços. 2022. Disponível em: <https://www.caixa.gov.br/servicos/cadastro-unico/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 17 out. 2021.

CAMPBELL, D. Grant; CHAVES GUIMARÃES, Jose Augusto; PINHO, Fabio Assis; MARTINEZ-AVILA, Daniel; NASCIMENTO, Francisco Arrais. The terminological polyhedron in LGBTQ terminology: Self-Naming as a power to empower in knowledge organization. **Knowledge Organization**, p. 586-591, 2017.

CAMPOS, Maria Luiza Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Metodologia de elaboração de tesauro conceitual: a categorização como princípio norteador. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 11, p. 348-359, 2006.

CAPEK, Mary Ellen S. **A Women's Thesaurus: An Index of Language used to Describe and Locate Information by and about Women**. New York: Harper Collins, 1987.

CASA SUELI CARNEIRO. **Sobre a casa**. São Paulo: Casa Sueli Carneiro, c2023. Disponível em: <https://casasuelicarneiro.org.br/sobre-a-casa/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

CHIANG, M. I. *et al.* Women engaged in prostitution and COVID-19: why are they excluded from socially vulnerable groups?. **Revista de Saúde Pública**, v. 56, p. 3, 2022. DOI: 10.11606/s1518-8787.2022056004229. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/195521>. Acesso em: 31 dez. 2022.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2014.

CLEAVER, Eldridge. **Soul on ice**. New York: Dell, 1968.

COLETIVO MULHERES DA LUZ. Casa Mulheres da Luz: Saúde e oportunidades para mulheres em situação de vulnerabilidade. 2021. Disponível em: <https://apoia.se/casamulheresdaluz>. Acesso em: 17 out. 2021.

COLETIVO MULHERES DA LUZ. Materiais educativos. 2021a. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1vMa2tjgYIV3c6tqo8cqhBjHiFe0k1aPn>. Acesso em: 17 out. 2021.

CREATIVE COMMONS. **FAQ**. Disponível em: <https://creativecommons.org/faq/>.

CRIMINALIZAÇÃO da misoginia será analisada no Senado. Agência Senado, 15 mai. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/05/17/criminalizacao-da-misoginia-a-sera-analisada-no-senado>

CURIEL, Ochy; FALQUET, Jules. Introdução. *In*: ABREU, Maira *et al.* (orgs.). **O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas**: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu. Recife: SOS Corpo, 2014.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 217-235.

DELPHY, Christine. O inimigo principal: a economia política do patriarcado. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 99-119, 2015.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). *In: HIRATA, Helena et al. (orgs.). Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DEXTRE CLARKE, Stella G. The Information Retrieval Thesaurus. **Knowledge Organization**, v. 46, n. 6, p. 439-459, 2019.

DRENTHE, Gusta; SOMMEN, Maria van der. **Vrouwenthesaurus**: lijst van gecontroleerde termen voor het ontsluiten van informatie over de positie van vrouwen en vrouwenstudies. Amsterdam: Internationaal Informatiecentrum en Archief voor de Vrouwenbeweging, Anna Maria van Schuurman Centrum van de Rijksuniversiteit Utrecht, 1992.

EIGE. **Gender Equality Glossary and Thesaurus**. [s. l.]: European Institute for Gender Equality, c2023. Disponível em: <https://eige.europa.eu/publications-resources/thesaurus/overview>.

FALUDI, Susan. **Backlash**: The undeclared war against American women. New York: Crown, 2009.

FIORAVANTI, D. C. B.; NASCIMENTO, F. A.; SABBAG, D. M. A. A contribuição da organização de conhecimento no procedimento de classificação e indexação e nos processos crime com perspectiva de gênero: interpelações acerca dos feminicídios no Estado de São Paulo – Brasil. *In: TRAMULLAS, J.; GARRIDO-PICAZO, P.; MARCO-CUENCA, G (eds.). Congresso ISKO Espanha-Portugal. 14., 2019. Actas [...]* Zaragoza: Capítulo Ibérico, 2020.

FOSKETT, Antony Charles. Misogynists all: A study in critical classification. **Library Resources & Technical Services**, v. 15, p. 117–121, 1971.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Le féminisme des années 1970. *In: FAURÉ, Christine (ed.). Encyclopédie politique et historique des femmes*. Paris: PUF, 1997, p.729-70.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos feministas. *In: HIRATA, Helena et al. (orgs.). Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FOX, M.J; OLSON, H.A. Feminist epistemologies and knowledge organization. *In: HUR-LI, L.; SMIRAGLIA, R. (Org.). Cultural frames of knowledge*. Wurzburg: Ergon Verlag, p. 79-98, 2012.

FOX, Melodie J. “Priorities of Arrangement” or a “Hierarchy of Oppressions?": Perspectives on Intersectionality in Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, v. 43, n. 5, p. 373-383, 2016.

FOX, Melodie J. Prototype theory: An alternative concept theory for categorizing sex and gender?. **NASKO**, v. 3, n. 1, p. 151-159, 2011.

FOX, Melodie J.; REECE, Austin. Which ethics? Whose morality?: an analysis of ethical standards for information organization. **Knowledge Organization**, v. 39, n. 5, p. 377-383, 2012.

FRAUENMEDIATURM. **Der Thesaurus**. Köln: FMT, 2018. Disponível em: https://frauenmediaturm.de/wp-content/uploads/2018/07/FemThesaurus_sys_2018.pdf.

GENDEROPEN REPOSITORIUM. c2023. Disponível em: <https://www.genderopen.de/browse?type=subject>.

GERHALTER, Li. Frauen–Information–Dokumentation–Archiv. Das feministische Netzwerk frida. **Mitteilungen der Vereinigung Österreichischer Bibliothekarinnen und Bibliothekare**, v. 75, n. 1, p. 17-36, 2022. Disponível em: <https://journals.univie.ac.at/index.php/voebm/article/view/7118/7231>

GÖDERT, Winfried; HUBRICH, Jessica; NAGELSCHMIDT, Matthias. **Semantic Knowledge Representation for Information Retrieval**. Berlin: De Gruyter. 2014.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Conselhos Comunitários de Segurança. Ações de Segurança. 2016. Disponível em: <https://www.ssp.sp.gov.br/acoes/leAcoes.aspx?id=33361>. Acesso em: 17 out. 2021.

GREGO, Maurício. O enigma do acidente envolvendo pai e filho que ganhou a internet. **Exame**, São Paulo, 9 de mar. 2017. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/o-enigma-do-acidente-envolvendo-pai-e-filho-que-ganhou-a-internet/>. Acesso em: 8 set. 2021.

GRUBER, Andrea. On weaving a web of feminist terms: ariadne's thread & gender-sensitive authorities [vom knüpfen feministischer begriffsnetze: ariadnes faden & geschlechtersensible normdaten]. **VOEB-Mitteilungen**, v. 75, n. 1 (Archive, library and documentation policies. Women* and gender-specific approaches), p. 262–288, 2022

GUILLAUMIN, Colette. Prática do poder e ideia de natureza. In: ABREU, Maira *et al.* (orgs.). **O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas**: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu. Recife: SOS Corpo, 2014.

GUIMARÃES, J. A. C.; MILANI, S. O.; PINHO, F. A. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento (ORC): uma análise preliminar de valores e problemas a partir da literatura internacional da área. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 13, n. 25, p. 124-135, 2008. DOI: 10.5007/1518-2924.2008v13n25p124. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n25p124>. Acesso em: 30 ago. 2021.

GUIMARÃES, J. A.; PINHO, F. A.; MILANI, S. O. Theoretical Dialogs About Ethical Issues in Knowledge Organization: García Gutiérrez, Hudon, Beghtol, and Olson. **Knowledge Organization**, v. 43, n. 5, p. 338–350, 2016. DOI 10.5771/0943-7444-2016-5-338. Disponível em: <https://search-ebSCOhost-com.ez67.periodicos.capes.gov.br/login.aspx?direct=true&d b=iih&AN=116362593&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 30 ago. 2021.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; PINHO, Fabio Assis; MILANI, Suellen Oliveira. Theoretical dialogs about ethical issues in knowledge organization: García Gutiérrez, Hudon, Beghtol, and Olson. **Knowledge Organization**, v. 43, n. 5, p. 338-350, 2016.

GUIMARÃES, Katia; MERCHAN-HAMANN, Edgar. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 13, n. 3, p.525-544, set./dez. 2005.

HANISCH, Carol. The personal is political. *In*: FIRESTONE, Shulamith; KOEDT, Anne (edits.). **Notes from the Second Year: Women's Liberation: Major Writings of the Radical Feminists**. New York, 1970.

HILDENBRAND, Suzanne (ed.). **Women's Collections: Libraries, Archives & Consciousness**. New York: The Haworth Press, 1986.

HIRATA, Helena *et al.* **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595–609, 2007.

HJØRLAND, Birger. Political versus apolitical epistemologies in knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 47, n. 6, p. 461-485, 2020.

HJØRLAND, Birger; GNOLI, Claudio (Eds.). **ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization (IEKO)**. [s. l.]: ISKO, c2016-2022.

HOLST, Line. KVINFO – The Danish Centre for Information on Women and Gender. **The European Journal of Women's Studies**, v. 9, n. 4, p. 485–489, 2002.

INSTITUTE ON GENDER EQUALITY AND WOMEN'S HISTORY. **The Women's Thesaurus**. Amsterdam: ATRIA, c2020. Disponível em: <https://institute-genderequality.org/library-archive/collection/thesaurus>.

INTERNATIONAL INFORMATION CENTER AND ARCHIVES FOR THE WOMEN'S MOVEMENT. European Women's Thesaurus: list of controlled terms for indexing information on the position of women and women's studies. Amsterdam: IIAV, 1998.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 25964-1**: information and documentation - Thesauri and interoperability with other vocabularies - part 1: Thesauri for information retrieval. Genebra, 2011.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 25964-2**: information and documentation - Thesauri and interoperability with other vocabularies - part 2: Interoperability with other vocabularies. Genebra, 2013.

ISAAC, Antoine; PHIPPS, Jon; RUBIN, Daniel. **SKOS use cases and requirements**. [s.l.]: World Wide Web Consortium, c2009.

ISIS INTERNACIONAL. **Listado de descriptores en el tema de la mujer**. Santiago de Chile: ISIS Internacional, 1994.

JEFFREYS, Sheila. **Gender hurts**: A feminist analysis of the politics of transgenderism. New York: Routledge, 2014.

JEFFREYS, Sheila. **The idea of prostitution**. Melbourne: Spinifex, 1997.

JORNET I BENITO, Núria; TUSET PÁEZ, Núria. Construyendo la memoria de los feminismos: archivos, bibliotecas y centros de documentación. Una mirada al pasado, una reflexión para el futuro. **BiD**: textos universitaris de biblioteconomia i documentació, n. 36, Juny, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1344/BiD2016.36.10>. Acesso em: 11 out. 2020.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 86, 2010, p. 93–103. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002010000100005>. Acesso em 14 fev. 2022.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, Helena *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

KLÖSCH-MELLIWA, Helga; ZACH, Angelika. **ThesaurA**: österreichischer Frauenthesaurus (Materialien zur Förderung von Frauen in der Wissenschaft). Wien: Österr. Staatsdr, 1996.

KNOWLEDGE ORGANIZATION: ISKO, 1974-2022. ISSN online 0943-7444. Disponível em : <https://www.nomos-elibrary.de/zeitschrift/0943-7444>. Acesso em: 25 dez. 2022.

KVINFO. **Dansk Kvindebiografisk Leksikon**. 2001-2022. Disponível em: <https://kvindebiografiskleksikon.lex.dk/>.

KWAŚNIK, B. H. The Web and the Pyramid: Hope Olson's Vision of Connectedness in a World of Hierarchies. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 43, n. 5, p. 367–372, 2016. Disponível em: DOI 10.5771/0943-7444-2016-5-367. Acesso em: 28 ago. 2021.

LABMONEY. Coletivo que luta por direitos para mulheres vulneráveis no centro de SP pede apoio para manter atividade. **Infomoney**, 22 nov. 2021. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/negocios/coletivo-que-luta-por-direitos-para-mulheres-vulneraveis-no-centro-de-sp-pede-apoio-para-manter-atividade/>. Acesso em: 17 out. 2021.

LEGARDINIER, C. Prostituição I. *In*: HIRATA, Helena *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2020.

LERNER, Gerda. Placing women in history: Definitions and challenges. **Feminist Studies**, v. 3, n. 1/2, 1975.

LESBIAN HERSTORY ARCHIVES. **Our Herstory**. c2023. Disponível em: <https://lesbianherstoryarchives.org/about/a-brief-history>. Acesso em: 04 Dez. 2022.

LÓPEZ-HUERTAS, María José, BARITÉ, Mario; TORRES RAMIREZ, Isabel de. Terminological Representation of Specialized Areas in Conceptual Structures: the case of Gender Studies. *In*: MCILWAINE, la Cecilia (Ed.). ISKO Conference, 8., 2004, London, 13-16 July 2004. **Proceedings** [...] Würzburg: Ergon Verlag, 2004. p. 263-268.

LÓPEZ-HUERTAS, María José. La terminología como método de análisis de dominios interdisciplinarios: repercusiones en la representación y organización del conocimiento. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 7., 2006, Marília. 2006. **Anais** [...] Marília: ANCIB, 2006.

LÓPEZ-HUERTAS, María José. Thematic map of interdisciplinary domains based on their terminological representation: the gender studies. *In*: BUDIN, G.; SWERTZ, C.; MITGUTSCH, K. (Ed.). ISKO Conference, 9., 2006, Vienna, Austria, 4-7 July 2006. **Proceedings** [...] Würzburg: Ergon Verlag, 2006. p.331-337.

LÓPEZ-HUERTAS, María José; TORRES RAMÍREZ, Isabel de. Terminología de género. sesgos, interrogantes, posibles respuestas. **DataGramZero**, v. 6, n. 5, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5796>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MARÍN SANTOS, Teresa; MONDÉJAR MADINA, Aitziber; SANTOS SERRA, Rosaura. CDU: perspectivas de género y discriminación de minorías. GARCÍA MARCO, Francisco Javier (coord.). Encuentro de ISKO-España Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación, 3., 2004, Getafe, 19 al 21 de noviembre de 1997. **Actas** [...]. p. 103-118, 1997.

MARSHALL, Joan K. **On equal terms**: a thesaurus for non-sexist indexing and cataloging. New York: Neal-Schuman, 1977.

MASSACRE da Escola Politécnica de Montreal, 2021. *In*: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_da_Escola_Polit%C3%A9cnica_de_Montreal. Acesso em: 16 maio 2021.

MATHIEU, Nicole-Claude (éd.). **L'arraisonnement des femmes**. Essais en anthropologie des sexes. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences sociales, (Cahiers de l'Homme, 24), 1985.

MATHIEU, Nicole-Claude. 'Matriarcat' ou résistance? Mythes et réalités. **Espace lesbien**, n. 4, 2004.

MATHIEU, Nicole-Claude. Bourdieu ou le pouvoir auto-hypnotique de la domination masculine. **Les Temps modernes**, n. 604 "Sur la domination masculine: réponses à Pierre Bourdieu", 1999.

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e Gênero. *In*: HIRATA, Helena *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MAZZOCCHI, Fulvio. Knowledge organization systems (KOS). *In*: HJØRLAND, Birger; GNOLI, Claudio (Eds.). **Encyclopedia of knowledge organization**. [s.l.]: ISKO, 2018.

MCTAVISH, Jill R.; NEAL, Diane Rasmussen; WATHEN, C. Nadine. Is what you see what you get? Medical Subject Headings and their organizing work in the violence against women research literature. **Knowledge Organization**, v. 38, n. 5, p. 381-397, 2011.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758–764, 2008.
<https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

MILANI, Suellen Oliveira. Biases na representação de assunto: uma perspectiva a partir da literatura internacional de biblioteconomia e ciência da informação. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 9, n. 1, 2015. DOI: 10.5016/brajis.v9i1.5213 Acesso em: 30 ago. 2021.

MILANI, Suellen Oliveira. Uma discussão de oposições binárias nos functional requirements for subject authority data (frsad). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, n. 2, p. 29-53, 2017. DOI: 10.1590/1981-5344/2732. Acesso em: 30 ago. 2021.

MILES, Alistair; BECHHOFFER, Sean (eds.). **SKOS Simple Knowledge Organization System Reference**. [s.l.]: W3C, c2009.

MORAES, Míriam Gontijo. Tensão Identitária e Organização do Conhecimento. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 11, n. 2, 2018.

MORAES, Miriam Gontijo. Linguagens documentárias e a construção do pensamento crítico: reflexões sobre o tesouro para estudos de gênero e sobre a mulher. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 7, n. 1, 2014.

MORAIS, Amanda de Oliveira. **Prostituição em tempos de pandemia e regulamentação**, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEabmQjDizh/>. Acesso em: 16 maio 2021.

MUÑOZ-MUÑOZ, Ana M.; ARGENTE JIMÉNEZ, Montserrat. La formación de las bibliotecarias y las bibliotecas de mujeres en España. **Revista general de información y documentación**, v. 25, n. 1, p. 47–68, 2015. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/48983/45699>. Acesso em: 09 Nov. 2021.

MUÑOZ-MUÑOZ, Ana-María. Representación de los Estudios de Género en los índices temáticos. **El Profesional de la Información**, v. 13, n. 1, p. 47-60, 2004.

MUSEU DAS MULHERES. **Arquivo e Memória**. c2022a. Disponível em: <https://www.museudasmulheres.com.br/arquivo-e-mem%C3%B3ria>. Acesso em: 13 jan. 2023.

MUSEU DAS MULHERES. **Pesquisa**. c2022b. Disponível em: <https://www.museudasmulheres.com.br/inicio-pesquisa>. Acesso em: 13 jan. 2023.

MUSEU DAS MULHERES. **Sobre o Museu DAS**. c2022. Disponível em: <https://www.museudasmulheres.com.br/sobre-o-museu-geral>. Acesso em: 13 jan. 2023.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

OCLC. **Dewey Decimal Classification and Relative Index**. v. 1-4. 21 ed. New York: Forest Press, 1996.

O'HARA, Maureen; JEFFREYS, Sheila; EVANS, Heather Brunksell. **Declaration on Women's Sex Based Rights**. Mildenhall: Women's Declaration International, 2019.

OLSON, Hope A. A potência do não percebido: Hegel, Dewey e seu lugar na corrente principal do pensamento classificatório. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2, n. 1, p. 3-15, 2011b.

OLSON, Hope A. How we construct subjects: A feminist analysis. **Library trends**, v. 56, n. 2, p. 509-541, 2007.

OLSON, Hope A. Sameness and difference. **Library resources & technical services**, v. 45, n. 3, p. 115-122, 2011a.

OLSON, Hope A. The feminist and the emperor's new clothes: Feminist deconstruction as a critical methodology for library and information studies. **Library & information science research**, v. 19, n. 2, p. 181-198, 1997.

OLSON, Hope A. The power to name: Representation in library catalogs. **Signs: journal of women in culture and society**, v. 26, n. 3, p. 639-668, 2001.

OLSON, Hope A.; FOX, Melodie J. Gayatri Chakravorty Spivak: Deconstructionist, Marxist, feminist, postcolonialist. *In*: LECKIE, Gloria J.; GIVEN, Lisa M.; BUSCHMAN, John (eds.). **Critical theory for library and information science: Exploring the social from across the disciplines**. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2010. p. 295-310.

OLSON, Hope A.; SCHLEGL, Rose. Standardization, objectivity, and user focus: A meta-analysis of subject access critiques. **Cataloging & classification quarterly**, v. 32, n. 2, p. 61-80, 2001.

OLSON, Hope. **The Power to Name: Locating the Limits of Subject Representation in Libraries** Dordrecht: Springer Science+Business Media, 2002.

OLSON, Hope. Transgressive Deconstructions: Feminist/ Postcolonial Methodology for Research in Knowledge Organization. ANTONIO FRÍAS, José; TRAVIESO, Crispulo. *In*: **Tendencias de investigación en organización del conocimiento**. Salamanca: Universidad de Salamanca. 2003. p. 731-40.

PERPINYÀ-MORERA, Remei. El legado documental desde la perspectiva de género: Igualdad, diversidad e inclusión. **BiD**, n. 44, 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.1344/BiD2020.44.18>.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005. (Coleção História).

PERROT, Michelle. História das mulheres. *In*: HIRATA, Helena *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set., 1989.

PINHO, Fábio Assis. **Fundamentos da organização e representação do conhecimento**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

PINHO, Fábio Assis. **Organização e Representação do Conhecimento Engajadas**. Olinda: Livro Rápido, 2010.

PINHO, Fábio Assis. Os aspectos éticos da atuação do bibliotecário na representação do conhecimento. Canal youtube CRB - 8. Transmitido ao vivo em 25 de set. de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/sYR4Possnco>.

PINHO, Fabio Assis. Percurso investigativo para contextualização de metáforas relativas à gênero e sexualidade em linguagens documentais. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 117-143, 2017.

PINHO, Fabio Assis; MILANI, Suellen Oliveira. Ética em Organização do Conhecimento: categorização de termos fronteirios em relação a gênero e sexualidade. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 6, n. 2, p. 84-103, 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro).

QUINTERO VELÁSQUEZ, Ángela M. Acerca del tesoro colombiano en familia y género. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, v. 24, n. 1, p. 137–145, 2001. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/RIB/article/view/7886>. Acesso em: 15 nov. 2022.

QUINTERO VELÁSQUEZ, Ángela María. El diccionario especializado en familia y género: investigación terminológica y documental. **Revista Interamericana de Bibliotecología** (Colombia), v. 29, n. 2, p. 61-78, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/84201>. Acesso em: 15 nov. 2022.

RAYMOND, Janice G. **Not a choice, not a job**: Exposing the myths about prostitution and the global sex trade. Washington: Potomac Books, 2013.

RED DE CENTROS DE DOCUMENTACIÓN Y BIBLIOTECAS DE MUJERES. **Tesouro de género**: Tesouro de la Red de Centros de Documentación y Bibliotecas de Mujeres. 2023. Disponível em: https://www.juntadeandalucia.es/iam/catalogo/doc/web/tesouro_genero.pdf. Acesso em: 30 jan. 2023.

REDE ARQUIVO DE MULHERES. **Conheça as histórias de mulheres através dos arquivos**. c2021. Disponível em: <https://redearquivosdemulh.wixsite.com/website-2>. Acesso em: 13 jan. 2023.

REDE ARQUIVO DE MULHERES. **Quem somos**. Rio de Janeiro, nov. 2021. Disponível em: <https://redearquivosdemulh.wixsite.com/website-2/hist%C3%B3ria>. Acesso em: 13 jan. 2023.

REDE ARQUIVO DE MULHERES. **Sobre nós**. c2021a. Disponível em: <https://redearquivosdemulh.wixsite.com/website-2/objetivos>. Acesso em: 13 jan. 2023.

RIBEIRO, A. R. P.; DECOURT, B.; ALMEIDA, T. A representação do domínio “gênero” no âmbito das linguagens documentárias: um mapeamento conceitual em instrumentos terminológicos. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 208-234, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p208 Acesso em: 10 nov. 2022.

RICH, Adrienne. **Sobre mentiras, secretos y silencios**. Barcelona: Icaria, 1983.

RODRÍGUEZ BRAVO, Blanca ; SUÁREZ, María Antonia Morán. La imagen de la mujer en la Clasificación Decimal Universal (CDU). *In*: Congreso ISKO-España La representación y organización del conocimiento: metodologías, modelos y aplicaciones, 5., 25-27 de abril de 2001. **Actas** [...]. Madrid: Universidad de Alcalá, 2001. p. 27.

RODRÍGUEZ BRAVO, Blanca. La integración de la mujer en los lenguajes documentales una utopía necesaria en la sociedad del conocimiento. **BiD: Textos Universitaris de Biblioteconomia i Documentació**, n. 18, 2007.

RODRÍGUEZ BRAVO, Blanca. The visibility of women in indexing languages. *In*: BUNDIN, G.; SWERTZ, C.; MITGUTSCH, K. (ed.). ISKO International Conference, 9., Vienna, 2006. **Proceedings** [...] Würzburg: Ergon Verlag, p. 413-422, 2006.

ROMERO-MILLÁN, Camelia.; NAUMIS-PEÑA, Catalina. La terminología para indizar documentos en trabajo asalariado de la mujer. **Investigacion Bibliotecologica**, v. 31, n. 73, p. 191–211, 2017. <https://doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2017.73.57853>

SALVAI, María Eugenia. Tratamento da investigação científica sobre os estudos de mulher, gênero e feminismo. **Biblios** (Peru), n. 50, p. 15-26, 2013. DOI: 10.5195/biblios.2013.81 Acesso em: 13 nov. 2022.

SAMUELSSON, Jenny. Knowledge organization for feminism and feminist research: A discourse oriented study of systematic outlines, logical structure, semantics and the process of indexing. **Knowledge Organization**, v. 37, n. 1, p. 3-28, 2010.

SANTOS, Cleone. **Trajetórias de vida: mulheres da luz**. Santo André: Coopacesso, 2019.

SCHENK, Jarmin. Konzept gender thesaurus: zur bedeutung einer gemeinsamen dokumentationssprache für forschung und informationseinrichtungen. **Mitteilungen Der VÖB**, v. 69, n. 2 (Gender & Diversity), p. 221–235, 2016.

SCHENK, Jasmin. **Konzept zur Entwicklung eines gendersensiblen Thesaurus [Conceito para o desenvolvimento de um tesouro sensível ao gênero]**. Orientadora: Haike Meinhardt. 2018. 87 p. Dissertação (Masterarbeit Bibliotheks- und Informationswissenschaft) - Fakultät für Informations- und Kommunikationswissenschaften, Technische Hochschule Köln, Köln, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/210538700>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SCHWARZER, Alice; SCHEU, Ursula; GLÖCKLHOFER, Monika (Hg.). **Feministischer Thesaurus**. Köln: Frauenmediaturm, 1994.

SEBASTIÀ I SALAT, Montserrat. **Thesaurus d'història social de la dona**. Barcelona: Generalitat de Catalunya. Departament de la Presidència. Comissió Interdepartamental de Promoció de la Dona, 1988.

- SICILIANO, Mell.; SOUZA, Cleiton da Mota de; METH, Clara de Mello e Souza. Sobre o que falamos quando falamos em gênero na ciência da informação? **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 144–165, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p144. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31447>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- SIMÕES, M. da G.; BRAVO, B. R.; PESTANA, O. Representação do conceito de mulher na Classificação Decimal Dewey (CDD) a na Classificação Decimal Universal (CDU): duas perspectivas sobre o mesmo conceito? **Liinc em Revista**, v. 14, n. 2, 2018. DOI: 10.18617/liinc.v14i2.4340. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4340>. Acesso em: 24 jan. 2023.
- SMIT, J.W. (coord.). **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília : IBICT, 1987.
- SOF. **Prostituição: uma abordagem feminista**. São Paulo: Pigma, 2013.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres. *In*: CARDOSO, Ciro Flanarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 275-296.
- SOUSA, Brisa Pozzi; TOLENTINO, Vinicius de Souza. Aspectos machistas na organização do conhecimento: a representação da mulher em instrumentos documentários. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 166-207, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p166 Acesso em: 10 nov. 2022.
- SOUZA, Marcela Tavares de Souza; SILVA, Michelly Dias da Silva; CARVALHO, Rachel de Carvalho. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, pt. 1, p. 102-6, 2010.
- SOUZA, R. F. de; SALDANHA, G. PARTE I - Dossiê organização do conhecimento & gênero - Apresentação: dos colóquios de organização do conhecimento ao dossiê organização do conhecimento & gênero. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 07–10, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p07. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31440_ Acesso em: 12 nov. 2022.
- SPENDER, Dale. **Women of ideas and what men have done to them: From Aphra Behn to Adrienne Rich**. London: Routledge & Kegan Paul, 1982.
- SVENONIUS, Elaine. **The intellectual foundation of information organization**. Cambridge: The MIT Press, 2000
- SWAIN, Tania. Banalizar a naturalizar a prostituição: violência social e histórica. **Labrys**, études féministes/estudos feministas, n. 8, jul/dez 2005.
- SWAIN, Tania. Prostituição: não, não é um trabalho, não é uma profissão! **Labrys**, études féministes/estudos feministas, n. 24, p. 1 – 13, jul/dez 2013.
- SZOSTAK, Rick; GNOLI, Claudio; LÓPEZ-HUERTAS, María. Domain Oriented Interdisciplinarity. Interdisciplinary Knowledge Organization *In*: SZOSTAK, Rick; GNOLI, Claudio; LÓPEZ-HUERTAS, María. **Interdisciplinary Knowledge Organization**. Cham: Springer, 2016. p. 131-150.

TARDELLI, Brenno. Cleone Santos: 'A mulher em situação de prostituição tem que poder sonhar'. Entrevistada: Cleone Santos. **Carta Capital**, São Paulo, 13 fev. 2021. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/cleone-santos-ulher-em-situacao-de-prostituicao-te-direito-de/>. Acesso em: 17 out. 2021.

TAVARES, Manuela. A importância da memória. *In*: _____. **Feminismos: percursos e desafios**. Alfragide: Texto, 2009. p. 29-33.

TEIXEIRA, Raquel Da Silva; SOUSA, Brisa Pozzi de. O uso de figuras de linguagens do domínio da lesbiandade no acervo fotográfico do Lesbian Herstory Archives: uma proposta de taxonomia. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [S. l.], v. 25, p. 01–21, 2020. DOI:

10.5007/1518-2924.2020.e72248. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72248>. Acesso em: 9 nov. 2022.

TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. **Da guerrilha à imprensa feminista**: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975 – 1980). São Paulo: Intermeios, 2013.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção tudo é história, v. 145).

TESAURO Mujer 1999. Madrid: Instituto de la Mujer. Centro de Documentación, 1999.

TURBIAU, Aurore. Libération des femmes: année zéro. Fonder une légitimité de la parole politique et littéraire des femmes. **Littératures engagées**, 2019. Disponível em: <https://engagees.hypotheses.org/880>. Acesso em 14 fev. 2022.

UNIVERSIDADE Nove de Julho. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Nove_de_Julho. Acesso em: 17 out. 2021.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, n. 63, p. 153–155, fev. 2007.

VANCOUVER RAPE RELIEF & WOMEN'S SHELTER. **Montreal Massacre Memorial 2020**: A Series of Video Conversations, 2020. Disponível em:

<https://rapereliefshelter.bc.ca/montreal-massacre-memorial-2020/>. Acesso em: 16 maio 2021.

VOGEL, Michely Jabala Mamede. A influência da Jean-Claude Gardin e a linha francesa na evolução do conceito de linguagem documentária. **Perspectivas Em Ciência da Informação**, v.14, p. 80–92, 2009.

VRIEND, Tilly. It's a Women's World in the Women's Thesaurus: on the history, development and use of the (European) Women's Thesaurus. *In*: TÜRE, D. Fatma; KEŞOĞLU, Birsen Talay (Eds.). **Women's Memory**: The Problem of Sources. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2011. Disponível em: <http://kadineserleri.org/wp-content/uploads/2020/04/Kad%C4%B1n-Belle%C4%9Fini-Olu%C5%9Fturmada-Kaynak-Sorunu.pdf>

VRIEND, Tilly. Women's Memory, Whose Memory?, 2011. In: TÜRE, D. Fatma; KEŞOĞLU, Birsen Talay (Eds.). **Women's Memory: The Problem of Sources**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2011. p. 2-5.

WITTIG, Monique. One is not born a woman. *In*: WITTIG, Monique. **The Straight Mind and Other Essays**. Boston: Beacon, 1992.

WITTIG, Monique. **The Straight Mind and Other Essays**. Boston: Beacon, 1992a.

W3C. **Making the Web work**. [s.l.]: World Wide Web Consortium, c2023. Disponível em: <https://www.w3.org/>

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

XAVIER, M.; KOBASHI, N. Y. Unidades de informação sobre mulheres: reflexões sobre sua constituição e desafios para sua consolidação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, 2017. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/27346>. Acesso em: 30 out. 2017.

XAVIER, Mariana. **Unidades de informação sobre mulheres: reflexões sobre sua constituição e desafios para sua consolidação**. 2018. 231 f. Dissertação de mestrado (Pós-graduação em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

XAVIER, Mariana; KOBASHI, Nair Yumiko. Estudos sobre Mulheres na Ciência da Informação. *In*: ENANCIB, Florianópolis, Brasil, **Anais....** Florianópolis: UFSC, out. 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1348>. Acesso em: 16 maio 2021.

XAVIER, Mariana; KOBASHI, Nair Yumiko. Unidades de informação sobre mulheres: reflexões sobre sua constituição e desafios para sua consolidação. *In*: CAMPOS, Maria Luiza de Almeida Campos; *et al.* (Org.). **Produção, tratamento, disseminação e uso recursos informacionais heterogêneos: diálogos interdisciplinares**. Niterói: IACS/UFF, 2018.

ZENG, Marcia Lei. Knowledge Organization Systems (KOS). **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2-3, p. 160-183, 2008.

APÊNDICE A - Artigos relacionados - Revisão bibliográfica

Idioma	Tipo (essencial ou relacionado)	Título	Autores	Ano de publicação
por	Relacionado	Sobre o que falamos quando falamos em gênero na ciência da informação?	Siciliano, Mell; Souza, Cleiton Da Mota De; Meth, Clara De Mello E Souza	2017
ale	Relacionado	Frauen–Information–Dokumentation–Archiv. Das feministische Netzwerk frida.	Gerhalter, Li	2022
por	Relacionado	Epistemologias, gênero e dogmatismo científico: desdobramentos na Organização do Conhecimento	Martínez-ávila, Daniel; Mello, Mariana Rodrigues Gomes	2022
por	Relacionado	O domínio da ética na organização e representação do conhecimento	Sánchez-tarragó, Nancy; Silva, Maria Clara Tavares Da	2022
por	Relacionado	Relações de gênero na constituição epistemológica da Biblioteconomia: Margaret Egan e Frances Henne na Escola de Chicago	Vieira, Keitty Rodrigues; Karpinski, Cezar	2022
eng	Relacionado	Confronting and Addressing Historical Discriminations through KOS: A Case Study of Terminology in the Becker-Eisenmann Collection.	Dobreski, Brian; Qin, Jian; Resnick, Melissa	2021
por	Relacionado	A rede epistêmica da informação gênero-sexualidade na Ciência da Informação	Santana, Sérgio Rodrigues; Costa, Levi Cadmiel Amaral Da; Melo, Maytê Luanna Dias De; Silva, Alzira Karla Araújo; Souza, Edivanio Duarte	2021
por	Relacionado	A justiça social na Arquivologia: uma revisão de literatura	Tognoli, Natália Bolfarini; Rocha, Gustavo Maçulo De Queiroz	2021
por	Relacionado	Epistemologias feministas e Ciência da Informação: estudos e implicações	Almeida, Carlos Cândido De; Manuel, Rosa San Segundo	2021
por	Relacionado	Feminismo e Ciência da Informação: uma abordagem a partir da análise do discurso	Scartassini, Veronica Barboza; Barros, Thiago Henrique Bragato	2021
eng	Relacionado	Depicting Historical Persons and Identities: A Faceted Approach	Dobreski, Brian; Qin, Jian; Resnick, Melissa	2020

Idioma	Tipo (essencial ou relacionado)	Título	Autores	Ano de publicação
eng	Relacionado	Centring LGBT2QIA+ Subjects in Knowledge Organization Systems.	Bullard, Julia; Dierking, Amber; Grundner, Avi	2020
por	Relacionado	A contribuição da organização do conhecimento no procedimento de classificação e indexação e nos processos crime com perspectiva de gênero: interpelações acerca dos feminicídios no Estado de São Paulo	Fioravanti, Denise Cristina Belan; Nascimento, Francisco Arrais; Sabbag, Deise	2020
por	Relacionado	Direitos das mulheres e a encontrabilidade da informação no portal da câmara dos deputados: perspectivas brasileiras rumo à Agenda 2030 das Nações Unidas	Viola, Carla Maria Martellote; Schneider, Marco	2020
por	Relacionado	Representação temática da violência contra mulheres em literatura ficcional: análise em OPAC bibliográficos	Silva, Bruna Daniele De Oliveira; Tolare, Jessica Beatriz	2020
por	Relacionado	Ética em organização do conhecimento: categorização de termos fronteiriços em relação a gênero e sexualidade.	Pinho, Fabio Assis; Milani, Suellen Oliveira	2020
eng	Relacionado	Analyzing the network structure and gender differences among the members of the Networked Knowledge Organization Systems (NKOS) community	Karimi, Fariba; Mayr, Philipp; Momeni, Fakhri	2019
eng	Relacionado	Knowledge Organization as Knowledge Creation: Surfacing Community Participation in Archival Arrangement and Description.	Bak, Greg; Allard, Danielle; Ferris, Shawna.	2019
esp	Relacionado	Fundamentación de Centro de Archivo de memoria del Movimiento Feminista	Codina Canet, María Adelina	2019
por	Relacionado	Política lingüística de uso del lenguaje inclusivo de género y las revistas científicas de la Universidad de Costa Rica (UCR)	Martínez Rocha, Eida; Rivera Alfaro, Silvia	2019
por	Relacionado	Uma estratégia para identificação de gênero em repositórios de dados abertos utilizando um modelo de rede neural artificial	Sousa, Sérgio José De; Santiago, Monique De Oliveira; Dias, Thiago Magela Rodrigues	2019
por	Relacionado	Intersecções entre memória e feminismo	Viana, Anna Raquel De Lemos; Rosa, Maria Nilza Barbosa; Lima, Izabel De França	2019
por	Relacionado	Tensão Identitária e Organização do Conhecimento: Olhar Epistemográfico	Moraes, Míriam Gontijo	2018

Idioma	Tipo (essencial ou relacionado)	Título	Autores	Ano de publicação
por	Relacionado	Identidade de gênero e diversidade sexual: proposta de elaboração de microtesauro	Bissoli, Bruna Da Silva; Covello, Lucas Gatto; Pisseli, Bianca Iris; Santos, Raphael Augusto Dos	2018
por	Relacionado	O ensino das práticas de organização e tratamento da informação étnico-racial e sobre diversidade de gênero frente à formação do(a) bibliotecário(a)	Santos, Raimunda Fernanda Dos; Valério, Erinaldo Dias; Santos, Raimunda Fernanda Dos	2018
por	Relacionado	Representação do conceito de mulher na classificação decimal dewey (cdd) a na classificação decimal universal (cdu): duas perspectivas sobre o mesmo conceito	Simões, Maria Da Graça; Bravo, Blanca Rodríguez; Pestana, Olívia	2018
por	Relacionado	Percurso investigativo para contextualização de metáforas relativas à gênero e sexualidade em linguagens documentais	Pinho, Fabio Assis	2017
eng	Relacionado	The Terminological Polyhedron in LGBTQ Terminology: Self-Naming as a Power to Empower in Knowledge Organization	Campbell, D. Grant; Guimarães, José Augusto Chaves; Pinho, Fabio Assis; Martínez-ávila, Daniel; Nascimento, Francisco Arrais.	2017
por	Relacionado	A representação do domínio “gênero” no âmbito das linguagens documentárias: um mapeamento conceitual em instrumentos terminológicos	Ribeiro, Ana Rosa Pais; Decourt, Beatriz; De Almeida, Tatiana	2017
eng	Relacionado	Domain Oriented Interdisciplinarity.	Szostak, Rick; Gnoli, Claudio; López-huertas, María. Domain Oriented Interdisciplinarity. In: Szostak, Rick; Gnoli, Claudio; López-huertas, María. Interdisciplinary Knowledge Organization. Berlin: Springer, 2016. Cap. 6, P. 131-150.	2016
eng	Relacionado	Methods, Theoretical Frameworks and Hope for Knowledge Organization	Martínez-ávila, Daniel; Beak, Jihee	2016
eng	Relacionado	Theoretical Dialogs About Ethical Issues in Knowledge	Chaves Guimarães, José	2016

Idioma	Tipo (essencial ou relacionado)	Título	Autores	Ano de publicação
		Organization: García Gutiérrez, Hudon, Beghtol, and Olson.	Augusto; Assis Pinho, Fabio; Oliveira Milani, Suellen	
eng	Relacionado	Marginalization and Exclusion: Unraveling Systemic Bias in Classification	Mai, Jens-erik	2016
por	Relacionado	A estrutura lógico-hierárquica de linguagens de indexação utilizadas por bibliotecas universitárias	Mariângela, Fujita Spotti Lopes; Santos, Luciana Beatriz Piovezan Dos	2016
por	Relacionado	Biases na representação de assunto: uma perspectiva a partir da literatura internacional de biblioteconomia e ciência da informação	Milani, S. O.	2015
por	Relacionado	Conceitos de indexação sobre o gênero feminino em jogo de cena	Silva, Marco Donizete Paulino Da	2014
por	Relacionado	Etiquetagem social: um modelo de representação da informação na blogosfera	Sanchidrián, Elaine Pérez; Posada, Raúl Campos; Posada, Gloria Elisa Campos	2014
eng	Relacionado	Researchers profile, co-authorship pattern and knowledge organization in information science in Brazil	Souza, Cristina Gomes; Ferreira, Marta Lucia Azevedo	2013
esp	Relacionado	Hacia la primacía de los conceptos sobre los términos en los vocabularios para la web semántica	Moreiro González, José Antonio	2013
por	Relacionado	A partilha de informação entre os diferentes níveis de redes e movimentos sociais internacionais a partir de dois estudos de caso	Fernandes, Judite Marieta Canha	2013
eng	Relacionado	Which Ethics? Whose Morality?: An Analysis of Ethical Standards for Information Organization	Fox, Melodie J.; Reece, Austin	2012
eng	Relacionado	Sameness and difference	Olson, Hope	2011
eng	Relacionado	Is What You See What You Get? Medical Subject Headings and their Organizing Work in the Violence Against Women Research Literature	Mctavish, Jill R.; Rasmussen Neal, Diane; Wathen, C. Nadine	2011
por	Relacionado	A potência do não percebido: Hegel, Dewey e seu lugar na corrente principal do pensamento classificatório	Olson, Hope	2011
eng	Relacionado	Gayatri Chakravorty Spivak: Deconstructionist, Marxist,	Olson, Hope	2010

Idioma	Tipo (essencial ou relacionado)	Título	Autores	Ano de publicação
		feminist, postcolonialist		
eng	Relacionado	Women's Documentation Centres and Libraries Network: cooperation between Spanish feminist libraries	Munoz-munoz, Ana M.; Argente-jimenez, Montse	2010
	Relacionado	The visibility of women in indexing languages	Rodríguez Bravo, Blanca	2007
esp	Relacionado	El diccionario especializado en familia y género: investigación terminológica y documental	Quintero Velásquez, Angela María	2006
por	Relacionado	Metodologia de elaboração de tesouro conceitual: a categorização como princípio norteador	Campos, Maria Luiza Almeida; Gomes, Hagar Espanha	2006
eng	Relacionado	Standardization, objectivity, and user focus: A meta-analysis of subject access critiques	Olson, Hope A.; Schlegl, Rose	2001
esp	Relacionado	La imagen de la mujer en la Clasificación Decimal Universal (CDU)	BRAVO RODRÍGUEZ, Blanca; MORÁN SUÁREZ, María Antonia	2001
esp	Relacionado	CDU: perspectivas de género y discriminación de minorías	Martín Santos, Teresa; Mondejar Madina, Aitziber; Santos Serra, Rosaura	1997

Referência	Objetivo do artigo	Técnicas de coleta de dados	Técnicas de análise de dados	Principais Resultados	Contribuições	Lacunas apontadas/Futuras pesquisas
FOSKETT, Antony Charles. Misogynists all: A study in critical classification. Library Resources & Technical Services , v. 15, p. 117-121, 1971.	Aponta misoginia e outros preconceitos em diversas classificações.	Não apresenta como selecionou os exemplos, mas mostra exemplos de releição, misoginia, preconceito com sexo e tipos de pessoas e sistemas de organização da sociedade	Apresenta os cabeçalhos das classificações e comenta cada um deles	Conclui que todos eram misoginos em alguma medida.	Artigo mais antigo encontrado e mencionado na literatura que aponta esses problemas nas classificações.	Não identifica uma solução, mas é o primeiro passo para uma linha de pesquisa em desenvolvimento até hoje.

Referência	Objetivo do artigo	Técnicas de coleta de dados	Técnicas de análise de dados	Principais Resultados	Contribuições	Lacunas apontadas/Futuras pesquisas
<p>OLSON, Hope A. The power to name: Representation in library catalogs. Signs: journal of women in culture and society, v. 26, n. 3, p. 639-668, 2001.</p>	<p>O objetivo do artigo é examinar os preconceitos e limitações na nomenclatura de informações para recuperação em catálogos de bibliotecas, particularmente em termos de sexo, sexualidade, raça, idade, habilidade, etnia, idioma e religião. Além de sugerir técnicas para melhorar a mudança para tornar permeáveis os limites dos sistemas de nomeação de informações.</p>	<p>Hope Olson traça a presunção de universalidade desde a sua adoção formal na prática bibliotecária no século XIX até à sua manifestação nas bibliotecas atuais, examinando três textos em cada um dos dois modos de prática: cabeçalhos de assunto, a representação verbal de tópicos em catálogos de bibliotecas; e classificação, a representação notacional de tópicos utilizada para a organização física e eletrônica de coleções de bibliotecas para consulta. Para cada modo, a autora lê e relê os textos da literatura fundamental, as normas atuais e as aplicações canônicas dessas normas.</p>	<p>A autora usa a minha abordagem, adaptada da filosofia do limite de Drucilla Cornell (1992), identifica os limites construídos dos sistemas de nomeação da informação e tenta tornar esses limites permeáveis.</p>	<p>Mostra assunções de universalidade no discurso de Cutter e Dewey e problemas na LCSH e CDD. Apresenta algumas soluções que não são criar novas classificações, mas sim tornar as existentes permeáveis.</p>	<p>Artigo extremamente importante, com ele Olson da continuidade ao trabalho de Foskett (1971) e ser torna autora seminal no tema.</p>	<p>Chama as pessoas que trabalham em bibliotecas para a prática, para resolver os problemas com as soluções já existentes. E para criar mais soluções.</p>
<p>LÓPEZ-HUERTAS, María José; RAMÍREZ, Isabel de TORRES. Terminología de género. sesgos, interrogantes, posibles respuestas. DataGramZero, v. 6, n. 5, 2005.</p>	<p>Analisar os preconceitos culturais e ideológicos, as dificuldades de adaptação após a tradução do European Women's Thesaurus (EWT) e a dispersão terminológica observada.</p>	<p>O estudo baseia-se numa terminologia selecionada a partir de um grande número de fontes em diferentes formatos e suportes, tais como a Internet, dicionários e vocabulários especializados, indexação de artigos de todas as revistas publicadas em espanhol sobre o tema, e principalmente do léxico contido nos tesouros dos Estudos sobre Mulheres. (European Women</p>	<p>Os dados foram analisados por meio de uma abordagem quantitativa, que envolveu a análise de documentos primários, dicionários e tesouros para identificar a frequência e a dinâmica da terminologia usada nos Estudos sobre Mulheres. As autoras usaram uma análise de frequência de citação para identificar os termos mais usados e uma análise de dispersão para identificar a</p>	<p>Os resultados da análise mostraram que há uma dispersão da terminologia nos Estudos sobre Mulheres, o que pode levar a dificuldades no gerenciamento da informação. As autoras também identificaram preconceitos na terminologia usada, que podem afetar a representação das relações sociais de sexo. O artigo fornece recomendações para melhorar o</p>	<p>É um dos artigos mais citados na área, fornece explicação detalhada dos problemas encontrados nos Sistemas de Organização do Conhecimento, inclusive em tesouro especializado em mulheres que ainda contém preconceito de cunho sexista.</p>	<p>A dispersão terminológica, segundo as autoras demonstra pouca garantia literária e terá de ser estudado mais de perto para se decidir se este vocabulário deve ou não ser considerado um vocabulário dos estudos das relações sociais de sexo, em qualquer caso, terá de ser estabelecido um filtro de controle terminológico, porque esta situação distorce os atuais tesouros e outros</p>

Referência	Objetivo do artigo	Técnicas de coleta de dados	Técnicas de análise de dados	Principais Resultados	Contribuições	Lacunas apontadas/Futuras pesquisas
		Thesaurus, 1998; Tesouro Mujer, 2002; Tesouro de la Dona, 1988)	diversidade da terminologia usada. Elas também analisaram a qualidade das fontes e a presença de conceitos em diferentes fontes para complementar a análise da frequência de citações. As autoras também discutiram as dificuldades em adaptar o EWT para o espanhol e propuseram soluções para esse problema.	gerenciamento da terminologia dos Estudos sobre Mulheres e para abordar os preconceitos presentes na terminologia.		instrumentos semelhantes de indexação e recuperação de informação.
OLSON, Hope A. How we construct subjects: A feminist analysis. Library trends , v. 56, n. 2, p. 509-541, 2007.	Este artigo examina a lógica tradicional/aristotélica e suas críticas feministas, juntamente com os princípios e padrões da organização da informação e suas críticas. É uma primeira tentativa de síntese desses conceitos.	O artigo não usa nenhum método ou dados específicos. É uma análise teórica das críticas feministas à lógica tradicional e sua aplicação na organização da informação.	Apresenta os cabeçalhos das classificações e comenta cada deles	O artigo não apresenta nenhum resultado específico no sentido tradicional. Em vez disso, ele fornece uma análise crítica da naturalização das relações sociais de sexo da lógica tradicional e sua aplicação na organização da informação. O artigo propõe explorar formas alternativas de organizar informações que sejam mais inclusivas e reflitam diversas perspectivas. Portanto, o artigo não tem nenhum resultado quantitativo ou empírico para relatar.	Autora seminal nas discussões sobre organização do conhecimento do ponto de vista feminista	O artigo sugere três possíveis trabalhos futuros: 1. Aprimorando a navegabilidade em comparação com a pesquisa linear. 2. Focando em relacionamentos não hierárquicos dentro dos padrões. 3. Aumentar a funcionalidade das relações sintagmáticas entre títulos de assuntos. O artigo propõe explorar elementos atuais e potenciais do conhecimento conectado no acesso ao assunto com foco nas relações, tanto paradigmáticas quanto sintagmáticas, entre conceitos. O artigo incentiva bibliotecários e profissionais da informação a examinarem criticamente as estruturas existentes e considerarem formas alternativas de organizar

Referência	Objetivo do artigo	Técnicas de coleta de dados	Técnicas de análise de dados	Principais Resultados	Contribuições	Lacunas apontadas/Futuras pesquisas
						informações que sejam mais inclusivas e reflitam diversas perspectivas.
BRAVO, Blanca Rodríguez. La integración de la mujer en los lenguajes documentales: una utopía necesaria en la sociedad del conocimiento. BiD: Textos universitarios de biblioteconomía e documentación , n. 18, p. 5, 2007.	Análise de listas de cabeçalho de assunto e tesouros, incluindo tesouros especializados para verificar como as mulheres estão representadas.	Rodríguez Bravo (2007) analisou três listas de cabeçalhos temáticas e quatro tesouros com foco na análise dos verbetes Hombre/Hombres e Mujer/Mujeres.	Comparação entre a abordagem sobre homens e mulheres.	O artigo examina o tratamento do sexo em linguagens documentais associativas e propõe soluções alternativas para incluir mulheres nessas linguagens. O artigo destaca a falta de representação adequada das mulheres em linguagens de uso geral e sugere soluções alternativas para resolver esse problema. As soluções possíveis incluem o uso de clarificadores ou qualificadores para distinguir entre referências masculinas e femininas.	A contribuição específica deste artigo é a discussão sobre a representação das mulheres nos diversos instrumentos analisados, mais enfaticamente na conclusão sobre a ainda deficiência em representar as mulheres de um modo geral.	O uso de linguagem discriminatória na representação de mulheres em tesouros em espanhol é um problema que precisa ser resolvido. Esforços devem ser feitos para eliminar estereótipos sexistas e alcançar o equilíbrio de sexo na documentação linguística.
ALFAYA LAMAS, Elena. La asunción del género neutro en la teoría y práctica de la organización del conocimiento. <i>In</i> : CONGRESO ISKO-ESPAÑA, 10, 2011, Ferrol. Actas del [...] . Ferrol: Universidade da Coruña, Servizo de Publicacións, 2012. p. 249–263.	O objetivo é contribuir para os estudos críticos sobre relações sociais de sexo e organização do conhecimento, com foco em saber se a estrutura de ambos é sexista ou não. O estudo tem como objetivo analisar a teoria e a prática da organização do conhecimento e sua relevância e implicações, bem como discutir se elas são masculinizadas. O artigo também destaca a importância de estar ciente da construção das relações sociais de sexo no desenvolvimento de	A autora usou uma abordagem crítica para analisar a teoria e a prática da organização do conhecimento e sua relevância e implicações para as relações sociais de sexo. Ela também conduziu uma análise de domínio para compreender a natureza e a qualidade dos processos e sistemas de organização do conhecimento usados para organizar documentos, representações de documentos e conceitos. A autora também revisou	A metodologia de pesquisa é qualitativa-explicativa, usando métodos de pesquisa linguística e análise teórica para demonstrar a natureza subjetiva e androcêntrica dos sistemas de organização do conhecimento.	Ao longo deste artigo, a autora tenta responder às seguintes perguntas: (i) existe subjetividade nos sistemas de organização do conhecimento e (ii) eles refletem as necessidades de um determinado grupo de usuários ou de todos os usuários? A resposta à primeira pergunta é sim, e a resposta à segunda pergunta é que as necessidades de todos os usuários não são refletidas. A teoria e a prática da organização do conhecimento	Os sistemas de organização do conhecimento refletem o domínio masculino e não atendem às necessidades de todos os usuários. Os bancos de dados digitais oferecem a possibilidade de criar vários índices, mas os problemas de seleção de domínio e terminologia androcêntrica permanecem.	Para o desenvolvimento futuro de novas teorias e práticas na organização do conhecimento, da cultura e das organizações, é necessário estar ciente da construção social do sexo. É necessário que as questões das relações sociais de sexo nessas áreas não sejam consideradas tão implícitas como têm sido até agora.

Referência	Objetivo do artigo	Técnicas de coleta de dados	Técnicas de análise de dados	Principais Resultados	Contribuições	Lacunas apontadas/Futuras pesquisas
	novas teorias e práticas na organização do conhecimento.	diferentes teorias sobre organização do conhecimento e suas implicações para a construção da relações sociais de sexo.		aceitam a visão masculina e seus valores como status quo e, conseqüentemente, contribuem para a perpetuação da desigualdade de sexo nas práticas institucionalizadas.		
MORAES, Miriam Gontijo. Linguagens documentárias e a construção do pensamento crítico: reflexões sobre o tesauro para estudos de gênero e sobre a mulher. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação , v. 7, n. 1, 2014.	O objetivo do artigo é refletir sobre a construção do Tesauro para Estudos de Gênero e Mulheres e relacionar as contribuições das estratégias metodológicas na construção de Categorias de Assuntos de Interesse (SOCs) de acordo com a literatura da área, bem como as contradições apresentadas na elaboração desse instrumento quanto à sua natureza crítica. O artigo também discute a necessidade de uma linguagem documental no campo da crítica feminista e os obstáculos que ainda existem na representação do domínio. Os autores propõem o uso de abordagens de baixo para cima e comunidades de prática para operacionalizar SOCs críticos e participativos.	Faz uma análise crítica sobre o desenvolvimento do Tesauro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres - TEG (BRUSCHINI; ARDAILLON; UNBEHAUM, 1998). Para isso, discute as estratégias top-down e bottom-up para análise de domínio.	Discute as estratégias top-down e bottom-up para análise de domínio.	O artigo propõe o uso de abordagens de baixo para cima e comunidades de prática para operacionalizar SOCs críticos e participativos.	Artigo seminal, pois discute o único tesauro sobre mulheres brasileiro e a importância do tema, escrito por autora da área brasileira.	Propõe o uso de abordagem <i>bottom up</i> e comunidades de prática para operacionalizar categorias de assuntos de interesse (SOCs) críticas e participativas no campo da crítica feminista.

Referência	Objetivo do artigo	Técnicas de coleta de dados	Técnicas de análise de dados	Principais Resultados	Contribuições	Lacunas apontadas/Futuras pesquisas
<p>ROMERO MILLAN, Camelia; NAUMIS PENA, Catalina. La terminología para indizar documentos en trabajo asalariado de la mujer. Investigación Bibliotecológica, v. 31, n. 73, p. 191-211, 2017.</p>	<p>O objetivo do trabalho é analisar a terminologia usada para indexar documentos relacionados à participação das mulheres no trabalho assalariado no campo dos estudos de gênero. O estudo visa determinar a precisão da indexação e a inclusão de termos especializados em linguagens controladas. A pesquisa também visa identificar mecanismos para tornar visível a terminologia da área emergente e propor termos a serem incorporados às linguagens controladas.</p>	<p>Bibliométrica e extração de dados do texto completo.</p>	<p>Comparação do termos encontrados no trabalhos com os utilizados no catálogo, em cabeçalhos de assunto e tesouros sobre mulheres.</p>	<p>As autoras concluem, que na amostra de documentos examinados, constatou-se que existem frases terminológicas que não constam nos cabeçalhos de assunto. Em relação aos tesouros, mesmo quando foram consultados dois tesouros especializados, existem algumas lacunas nos termos de indexação. Outra constatação foi que apesar da existência de termos especializados, eles não são utilizados pelos bibliotecários. Em alguns casos, os cabeçalhos de assunto são mais precisos do que os termos do tesouro ao representar o mesmo conteúdo conceitual.</p>	<p>No caso da investigação sobre a participação das mulheres no trabalho assalariado, foi possível obter termos significativos para representar os documentos de forma mais precisa, o que comprova a importância e a possibilidade de replicar o processo noutras áreas de interesse em que as mulheres tenham estado envolvidas e tenham sido objeto de investigação. As autoras falam da trajetória dos estudos das relações sociais de sexo no México sem mencionar a atuação política. Possível verificar a desconexão dos dois e a importância de dialogar com o movimento político. A metodologia utilizada é interessante e passível de ser replicada.</p>	<p>As autoras falam da trajetória dos estudos das relações sociais de sexo no México sem mencionar a atuação política. Possível verificar a desconexão dos dois e a importância de dialogar com o movimento político. A metodologia utilizada é interessante e passível de ser replicada.</p>
<p>SCHENK, Stephanie Jasmin. Konzept zur Entwicklung eines gendersensiblen Thesaurus. 2018. Tese de Doutorado. Institut für Informationswissenschaft der Technische Hochschule Köln. SCHENK, Jasmin. Konzept gender thesaurus: zur bedeutung einer gemeinsamen dokumentationssprache für forschung und informationseinrichtungen. Mitteilungen Der VÖB, v. 69, n. 2 (Gender & Diversity), p. 221–235, 2016.</p>	<p>O objetivo deste trabalho é desenvolver um tesouro interdisciplinar e sensível às relações sociais de sexo usando abordagens tecnológicas modernas para a criação, gerenciamento e publicação de vocabulários controlados para centros de informação sobre mulheres, bem como instituições de pesquisa de estudos sobre</p>	<p>O trabalho compara vocabulários existentes com base em critérios autodefinidos e avalia uma seleção de sistemas de gerenciamento de tesouros.</p>	<p>Comparação de tesouros e softwares de gerenciamento de tesouros.</p>	<p>A digitalização de arquivos e bibliotecas sobre levará à busca completa do texto completo, mas um tesouro específico ainda é necessário para evitar a perda de conhecimento sobre debates feministas históricos. Os tesouros ainda são relevantes na indexação de assuntos e podem ser usados em vários aplicativos</p>	<p>Esse trabalho, assim como o de Gruber (2022) mostra que a temática ainda não se esgotou.</p>	<p>O artigo não menciona explicitamente nenhum trabalho futuro sugerido na pesquisa. No entanto, pode-se inferir que o desenvolvimento de um tesouro interdisciplinar e sensível às relações sociais de sexo usando abordagens tecnológicas modernas para a criação, gerenciamento e publicação de</p>

Referência	Objetivo do artigo	Técnicas de coleta de dados	Técnicas de análise de dados	Principais Resultados	Contribuições	Lacunas apontadas/Futuras pesquisas
	mulheres. O trabalho compara vocabulários existentes com base em critérios autodefinidos e avalia uma seleção de sistemas de gerenciamento de tesouros para fornecer recomendações à organização guarda-chuva i.d.a., uma organização alemã de bibliotecas, arquivos e centros de documentação para mulheres, bem como suas instituições cooperantes.			baseados na web, como bibliotecas digitais e repositórios institucionais. Os tesouros podem contribuir para o acesso estruturado a grandes conjuntos de dados e coleções digitais, e os tesouros multilíngues são particularmente úteis na recuperação de informações. Um tesouro sensível às relações sociais publicado como Linked Open Data pode aumentar a visibilidade e facilitar o networking entre pesquisadores e instituições.		vocabulários controlados é um processo contínuo que requer avaliação e aprimoramento contínuos. Portanto, é provável que trabalhos futuros envolvam um maior refinamento do tesouro e a avaliação de sistemas adicionais de gerenciamento de tesouros para garantir que as recomendações fornecidas à organização guarda-chuva da i.d.a. e suas instituições cooperantes permaneçam atualizadas e relevantes.
HJØRLAND, Birger. Political versus apolitical epistemologies in knowledge organization. Knowledge Organization , v. 47, n. 6, p. 461-485, 2020.	Explorar a questão da neutralidade nos sistemas e processos da organização do conhecimento e se é um ideal desejável.	O artigo não menciona nenhum dado específico usado na pesquisa. Em vez disso, discute os pressupostos e metodologias epistemológicas por trás da construção de sistemas e processos de organização do conhecimento e apresenta e discute abordagens e epistemologias básicas e seu status em relação à neutralidade.	Revisão de literatura, análise crítica e argumentação.	O artigo conclui que os sistemas de organização do conhecimento (KOS) e os processos de organização do conhecimento (KOP) não devem ter como objetivo ser neutros, mas devem ser concebidos como sistemas que são frutíferos em relação a determinados objetivos e atividades. O estudo, as metas e os valores, assim como o estudo das consequências de diferentes abordagens e soluções, devem ter a maior prioridade. O artigo argumenta que metodologias que muitas vezes afirmam ser ou são consideradas apolíticas representam	Discussão específica sobre epistemologia feminista na Organização do Conhecimento.	O artigo sugere que trabalhos futuros se concentrem no estudo de nossas próprias suposições em KO e LIS.

Referência	Objetivo do artigo	Técnicas de coleta de dados	Técnicas de análise de dados	Principais Resultados	Contribuições	Lacunas apontadas/Futuras pesquisas
				<p>subjetividade disfarçada de objetividade, e que KOS, algoritmos ou sistemas de informação devem sempre ser avaliados em termos de quais interesses eles atendem. O artigo também destaca a natureza contestada dos rótulos epistemológicos e a importância de considerar as atitudes políticas dos pesquisadores e indexadores e seus paradigmas/indexação.</p>		
<p>GRUBER, Andrea. On weaving a web of feminist terms: ariadne's thread & gender-sensitive authorities [vom knüpfen feministischer begriffsnetze: ariadnes faden & geschlechtersensible normdaten]. VOEB-Mitteilungen, v. 75, n. 1 (Archive, library and documentation policies. Women* and gender-specific approaches), p. 262–288, 2022.</p>	<p>O objetivo do artigo é discutir o desenvolvimento e a migração de tesouros feministas, que são redes de termos e conceitos usados em estudos sobre mulheres e gênero para melhorar a indexação de assuntos da literatura relevante. Também explora a ideia de projetos cooperativos de dicionários de sinônimos e o uso de vocabulários controlados para corrigir exclusões específicas de gênero em vocabulários gerais.</p>	<p>O artigo discute o desenvolvimento e a migração de tesouros feministas, que são redes de termos e conceitos usados em estudos sobre mulheres e gênero para melhorar a indexação de assuntos da literatura relevante. Ele não menciona nenhum dado ou método específico usado no artigo.</p>	<p>O artigo não descreve nenhum método específico usado no desenvolvimento e migração de tesouros feministas. No entanto, ele discute o uso de vocabulários controlados e o modelo de dados SKOS (Simple Knowledge Organization System) para criar e gerenciar tesouros. Também menciona a importância de esforços cooperativos no desenvolvimento de tesouros e a necessidade de corrigir exclusões específicas de relações sociais de sexo nos vocabulários gerais.</p>	<p>O artigo conclui que há ferramentas e pessoas habilitadas para desenvolver socs sobre mulheres tecnologicamente modernos e conceitualmente corretos, mas falta investimento financeiro, principalmente.</p>	<p>É artigo mais recente dentre os essenciais, mostrando que por mais que haja desenvolvimento na área, há um percurso a ser caminhado.</p>	<p>O artigo não sugere explicitamente nenhum trabalho futuro, mas destaca a necessidade de esforços contínuos no desenvolvimento e manutenção de tesouros feministas e na correção de exclusões específicas nos vocabulários gerais. Também enfatiza a importância dos esforços cooperativos no desenvolvimento de tesouros e o uso do modelo de dados SKOS para criar e gerenciar esses vocabulários controlados.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

ANEXO A - Comparação de vocabulários feministas (KOS)

	Nome	1. European Women's Thesaurus	2. FMT Thesaurus	3. ThesaurA	4. EIGE Thesaurus	5. GenderOpen
A	URL	https://www.atria.nl/en/library-archive/womens-thesaurus	http://www.frauenmediaturm.de/recherche/thesaurus/	http://www.frida.at/thesaura.htm#Properties	http://eige.europa.eu/rdc/thesau-rus/about	https://www.gendropen.de/browse?type=subject
B	Tipo	Thesaurus	Thesaurus	Thesaurus	Thesaurus	Lista de palavras-chave
C	Idioma	Holandês. (WT) / Inglês (EWT)	Alemão	Alemão	Inglês - estará disponível em toda a UE Idiomas traduzido	Alemão
D	Ano de criação	1992 (nl) / 1998 (en)	1994 / 2005 (Revisão)	1996	2016	2017
E	Cobertura temática	Feminismo, movimentos de mulheres, mulheres e Pesquisa de relações sociais de sexo	Feminismo, movimentos de mulheres, mulheres e Pesquisa de relações sociais de sexo	Feminismo, movimentos de mulheres, mulheres e Pesquisa de relações sociais de sexo	Política de igualdade, relações sociais de sexo	Pesquisa sobre mulheres e relações sociais de sexo
F	Disseminação	Holanda e versões modificadas na Bélgica, Itália, Dinamarca e Noruega (desenvolvidas cooperativamente, institucionalizadas).	Alemanha (institucional)	Rede FRIDA Áustria (desenvolvida cooperativamente, adaptada institucionalmente)	UE (desenvolvida cooperativamente, administrada institucionalmente)	Alemanha (desenvolvido de forma cooperativa)
G	Publicação	1) Drenthe, Gusta; Sommen, Maria van der; Boere Marianne (1992): Vrouwenthe-saurus. Amsterdã: IIAV; Anna Maria van Schuurman Centrum (AMSC). 2) Boere, Marianne (1998): European women's thesaurus. Amsterdã: IIAV.	Schwarzer, Alice; Scheu, Ursula (1994): Feminist Thesaurus. Colônia: FrauenMediaTurm.	Klösch-Melliwa, Helga; Zach, Angelika (1996): Thesaura. Österreichischer Frauenentheseaurus. Viena: Ministério Federal da Ciência, Pesquisa e Artes.	Publicação parcial: Instituto Europeu para a Igualdade de Gênero (2017): Glossário de definições de estupro, femicídio e violência por parceiro íntimo (Publicações da UE). Disponível em DOI 10.2839/918972, publicado em alemão. publicado em 06.06.2017	nenhum

	Nome	1. European Women's Thesaurus	2. FMT Thesaurus	3. ThesaurA	4. EIGE Thesaurus	5. GenderOpen
H	Acesso online	Catálogos on-line do Atria, Amsterdã, com visualização alfabética e esquemática	Catálogos on-line da FMT, Colônia, com visualização alfabética e hierárquica e entrada opcional no catálogo.	Atualmente sem acesso	Visualização alfabética, hierárquica e gráfica, função de pesquisa, download de cada termo. Possível em RDF/XML	Visualização em ordem alfabética de todas as palavras-chave (vocabulário controlado e livre)
I	Âmbito	2.991 Descritores	1.670 Descritores	2.386 Descritores	Mais de 400 descritores	Mais de 400 palavras-chave
J	Complexidade	Não há figura atual (em revisão), mas vários sinônimos são mostrados para quase todos os descritores.	600 relações de sinônimos	1.200 relações de sinônimos		nenhum
K	Listas Especiais	Formulários, geografias, títulos ocupacionais e cabeçalhos de tempo	Formas, corpos específicos de mulheres, nomes de ovos, regiões, etc.pessoas semelhantes	1.000 termos em listas especiais	nenhum	Manchetes da Time
L	Categorias	21	19	17	6 grupos de assuntos (próprio: Fazer-principal), 14 subcategorias (skos:ConceptScheme)	nenhum
M	Níveis hierárquicos	[quatro]	sete	dois	quatro	nenhum
N	Particularidades	Termos, em princípio, em plurais, com exceção de conceitos abstratos, Pré e pós-coordenação igualmente	Principalmente formas singulares, polihierarquias, pós- coordenação, Tempo e Palavras-chave de época incluídas no tesouro	Hierarquia plana, relações predominantemente associativas, frequentemente Pré-combinação, registro de permissão	Polihierarquias, pré-combinação, sempre com definições (Glossário) e Referências, link com a EuroVoc planejado	Em princípio, a abordagem é comum, com exceção de grupos pessoais, pós-coordenação e outros. de comunicação, envolvimento da comunidade (Usado por autores que fazem o upload da publicação)
O	Abordagem das relações sociais de sexo	formas neutras em termos de gênero Por exemplo, por termos	Explicitamente voltado para mulheres, sem simetria, títulos de cargos	Método de divisão para tornar as mulheres visíveis, esforço para a	formas neutras em termos de gênero	formas neutras em termos de gênero, designações para grupos de pessoas

	Nome	1. European Women's Thesaurus	2. FMT Thesaurus	3. ThesaurA	4. EIGE Thesaurus	5. GenderOpen
		com marcação *-(combinação de perspectiva com termo geral)	em formato feminino	simetria de gênero		(mulheres, homens, crianças) pode ser descrito com termos gerais ser combinados.
P	Padrões	ISO 25964-1:2011-08	DIN 1463 Parte 1: Criação e desenvolvimento de thesauri - Thesauri monolíngue, 1988	DIN 1463 Parte 1: Criação desenvolvimento de thesauri - Thesauri monolíngue, 1988	W3C (SKOS)	nenhum
Q	Multilinguismo	Sim -Traduções locais disponíveis em vários arquivos de mulheres europeias	não	não	sim	não
R	Sistema	Adlib / Pool Party	FAUST 8 Professional (Módulo Thesaurus)	Desenvolvimento com o PROTERM/Ilustração em Aleph (Ariadne) ²²⁷	VocBench ²²⁸	MS Excel / Integração no Dspace

²²⁷ O vocabulário ThesaurA foi usado nos catálogos do centro de documentação Ariadne da Biblioteca Nacional da Áustria e expandido como uma lista de palavras-chave. A Biblioteca de Solidariedade da Mulher em Viena também usa o ThesaurA em combinação com outros vocabulários para indexação.

²²⁸ Consulte SEMIC: Promoting Semantic Interoperability amongst the European Union Member States (2016.07), 8, disponível em: <https://ec.europa.eu/isa2/sites/isa/files/semic.pdf> [18.02.2018].